

ALÉM DA *Amizade*



CLARA ALVES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ALÉM DA Amizade

CLARA ALVES

Copyright © 2015 Clara Alves

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sejam eles mecânicos, eletrônicos, via cópia xerográfica ou outros, sem autorização prévia da autora.

CAPA

Clara Alves

Imagem de capa: © Elovich | Dreamstime.com

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

Clara Alves

“Além da Amizade” é um livro que foi escrito em 2008 e compartilhado pela primeira vez em uma comunidade do Orkut. Depois de reescrituras e revisões, ele está hoje em processo de publicação.

Visite a página oficial de “Além da Amizade” no Facebook e acompanhe as novidades do livro, além de mais informações sobre a história e contato com a autora:

<https://www.facebook.com/alemdaamizade1>

*Aos meus leitores que,
mesmo depois de tanto tempo,
persistiram e me motivaram
a continuar esse projeto.*

CAPÍTULO 1

Eu estava indo à Bagel's.

Eram oito da manhã de um sábado e eu estava indo à Bagel's comprar pão pro meu irmão idiota!

Não bastasse a hora – cedo demais para uma pessoa em sã consciência estar fora de casa – e minha sonolência, que causava grande parte de toda essa irritação, estava excessivamente frio naquela manhã. Minhas mãos congelavam mesmo que eu as mantivesse dentro do casaco preto de moletom e o vento gélido que batia em cada parte exposta e não exposta do meu corpo era parecido com os que eu imaginava existir na Antártida.

Isso tudo era um grande indicio de que meu dia não poderia ser pior, já que eu odiava o frio. Quero dizer, eu morava no Rio de Janeiro: a cidade do sol, da praia e do bronzado. Quem é louco o suficiente para gostar de frio em uma cidade como essa? Quem prefere ficar em casa para tomar um chocolate quente em vez de ir pra praia ver aqueles gatos de sunga enquanto pega um bronzado?

E, sabe, considerando que o Rio de Janeiro não é um dos lugares mais frios do mundo – nem mesmo chega perto disso –, a minha raiva era justificável.

Entretanto, pensando bem, talvez meu dia *pudesse* piorar. Graças ao pingo de sorte que ainda me restava, não estava chovendo. Então, assim que começasse a cair um temporal, seria o fim.

Instantaneamente olhei para o céu. As nuvens se moviam de forma quase imperceptível. Embora houvesse muitas delas, não estavam carregadas – em certas partes, podia até ver o céu azul e os raios do sol aproveitando brechas para se infiltrarem na cidade, clareando tudo o que conseguissem alcançar. Suspirei aliviada. Ainda assim, apertei o passo para que pudesse chegar o quanto antes à padaria e me livrar daquela sensação claustrofóbica.

Enquanto olhava para frente, quase correndo para alcançar a Bagel's, me lembrei da discussão que tive mais cedo com meu irmão.

Olha, eu queria entender: por que irmãos mais velhos são *tão* chatos? Quero dizer, eu tenho o mesmo sangue que ele! Compaixão seria pedir demais?

Bem, para Douglas... Seria.

Meu irmão tinha realmente que me obrigar a sair no frio às oito da manhã de um sábado para comprar pão para ele. Certo, admito que eu fiz o mesmo no dia anterior (e um *pouco* mais cedo, já que era sexta-feira e tínhamos aula), só que, ao contrário dessa manhã, a temperatura não estava baixa e o tempo não estava nublado. Estava um clima bem agradável para um passeio pela rua.

Ao que parecia, não para ele.

— Qual é, Douglas? Você sabe que eu odeio frio — falei com impaciência em uma tentativa frustrada de fazê-lo mudar de ideia.

É claro que ele estava se divertindo muito com tudo isso. Ele sabia o quanto me irritava e isso só o incentivava a continuar.

— Não interessa, é a sua vez.

Eu quis voar em seu pescoço, mas tinha acabado de acordar e não queria começar o dia com hematomas.

É. Você leu certo: hematomas. Além de tudo, meu irmão é um pouco troglodita. Ele faz musculação desde quatorze anos e hoje, com dezoito, é de colocar medo em qualquer criatura – seja de cinco ou vinte anos – que preze a própria vida.

Não me entenda errado... Douglas está entre os garotos mais desejados do nosso colégio, o Honório de Paula. Porém, como toda irmã normal, eu não conseguia ver esse outro lado dele, pois nada encobria sua completa lerdeza, ignorância e burrice constante – pelo menos no que se tratava de matérias escolares. Isso se devia ao fato de que eu era uma das pessoas que mais conhecia o verdadeiro Douglas. Principalmente, aquele Douglas impicante, que adorava me irritar até cansar ou que fazia porcarias tremendas – como arrotar na minha cara. E isso já era o suficiente para eu não querer ver mais lado nenhum.

— Eu compro amanhã e segunda também. — Tentar negociar é sempre bom quando se está desesperada.

— Anda logo, Anna. Eu tô com fome.

Só que isso não seria resolvido com negociações. Tudo o que ele queria era me ver irritada e vencida.

Posso acrescentar que estava conseguindo?

— Olha só, é você que quer o pão, sabia? Eu não tô com fome. — Completa mentira, é claro. Minha barriga soltou um ronco alto – quase um rugido, fazendo-o sorrir.

— Ah é? Então tá. Vou comprar só pra mim.

O que era um tremendo golpe baixo.

Talvez não fosse tão ruim, pensei, tentando me manter otimista. A casa de Davi ficava no final da rua e fazia tempo que não nos víamos fora dos muros do colégio. Logo no primeiro bimestre de aulas, sua atenção não foi uma das maiores, por isso ele levou bomba em várias matérias. Sinto dizer que sou culpada em grande parte. Nós somos da mesma sala, tornando difícil que nossa atenção se foque em alguma coisa do que a professora diz. Em geral, nos uníamos para acabar com o tédio conversando em voz baixa ou brincando de “detetive” ou “stop!” com nossos amigos. E, bem... Às vezes, apenas ficávamos nos beijando no meio da aula – o que já rendeu centenas de idas à diretoria, preciso acrescentar.

Ao contrário de mim, Davi não era tão apto a entender as matérias sem ajuda de um professor. Eu não prestava atenção em muitas aulas e raramente estudava para as provas, mas minhas notas eram sempre maiores do que a média ainda

assim. Maiores do que a média não queria dizer dez, mas sete ou oito é bastante aceitável para alguém que nem se preocupa em fazer o dever de casa.

Talvez você esteja se perguntando quem diabos é Davi... Bem, Davi Borges é um dos garotos mais lindos e simpáticos que já conheci. E, ah, claro... meu namorado.

De qualquer maneira, a mãe dele, Denise, não gostou muito do que encontrou em seu boletim, por isso o proibiu de sair até que as notas da recuperação chegassem com um resultado positivo, o obrigou a ter aulas particulares e a estudar mesmo quando não estivesse com os professores ou no colégio. Apesar de passar o dia inteiro no trabalho, gerenciando uma empresa de moda, Denise conseguia ser autoritária o suficiente para que Davi a temesse e fizesse o que fosse mandado. E, acredite, ela tinha esse poder. Ela o usou contra mim quando insisti em chamá-la de senhora mesmo após dizer que se sentia uma idosa assim.

Não que Denise fosse uma bruxa má! Ela era uma pessoa muito amável. Mas para se dirigir uma empresa – sobretudo uma que fazia tanto sucesso – era preciso voz firme e uma pitada de severidade. E era esse tom que ela usava quando seus filhos faziam algo errado.

Isso limitou bastante o tempo que Davi e eu ficávamos juntos – até mesmo no colégio, onde éramos inseparáveis. Ele agora prestava total atenção às aulas para que pudesse entender a matéria e tirar suas dúvidas e utilizava todo tempo livre lá para revisar alguma coisa. E eu podia não ser um exemplo de comportamento, mas respeitava e entendia a situação, fazendo com que só nos falássemos de verdade no caminho de ida e volta. E às vezes ao telefone, à noite. Mal podia esperar para que o boletim sáísse!

Por acaso eu sabia que, mesmo sendo oito da manhã, Davi estava acordado, se preparando para seu curso de inglês. Hoje seria o dia perfeito para visitá-lo: não provocaria uma grande distração, nem o atrasaria para a aula. Pensava nisso quando cheguei à Bagel's e me deparei com algo que, definitivamente, pioraria meu dia.

Acho que nós deveríamos escolher se teríamos irmãos ou não; assim eles não estariam correndo sérios riscos de vida. Quero dizer, o meu estava. Eu iria matá-lo assim que o encontrasse.

A fila que se formava tanto para pegar o pão quanto para pagar era enorme. Será que todo mundo resolvera ir à padaria na mesma hora que eu? Era uma conspiração? Para piorar o meu dia?

Eu odiava filas. E, sem sombra de dúvidas, odiava meu irmão.

Não só por me obrigar a comprar pão em uma situação daquelas (cedo demais, tempo ruim, padaria lotada), mas também porque ele se achava o maior por sempre conseguir o que queria. E eu não conseguia fazer isso mudar! Até *tentava*... O problema é que geralmente acabava com aqueles hematomas dos quais falei antes.

Não são hematomas de verdade, mas dá para sacar a ideia.

Por outro lado, também é boa essa história de ter um irmão troglodita. Se alguém mexe comigo quando ele está por perto, é bem fácil fazer essa pessoa se arrepender.

Eu suspirei derrotada antes de entrar e assegurei meu lugar na fila, agradecendo por *pelo menos* estar quente ali dentro.

— Bom dia, seu Carlos! — cumprimentei o padeiro, forçando um sorriso caloroso.

A Bagel's era uma daquelas padarias pequenas e aconchegantes em que os clientes são quase todos moradores — anciãos — do bairro. Como eu cresci ali, era de se esperar que conhecesse até os faxineiros do turno da noite.

— Anna! Que bom te ver. Não conseguiu enrolar seu irmão hoje, hein? — Entendem o que eu quis dizer? Até o padeiro já sabia dos meus problemas fraternais.

— Fazer o que, né? — Eu dei de ombros fazendo-o rir.

Quando enfim chegou a minha vez — depois do que me pareceram séculos —, eu estava mais do que impaciente.

— Me vê oito desses pães maravilhosos, por favor, seu Carlos! — pedi, com a voz mais calma que consegui, tentando não deixar transparecer minha irritação.

Ele sorriu encabulado.

— Quem dera, menina! E pode parando de ser puxa saco! Hoje não tem pãozinho de graça... — Ele colocou a mão na boca, segredando-me em tom mais baixo — O chefe tá aí, tá uma fera.

— Poxa vida! Vou ter uma conversinha com esse senhor Leandro depois! — falei com a expressão séria.

Seu Carlos riu e me entregou o pedido. Peguei a sacola de pães e segui para a fila do caixa, despedindo-me com um aceno.

O pensamento de que estava prestes a ter um momento junto a meu namorado me distraiu e fez o tempo voar. Já era a próxima quando percebi. Finalmente saí da padaria, virando à direita. Em menos de cinco minutos já me encontrava em frente à casa dele.

Peguei-me admirando aquele lugar que eu considerava um segundo lar por passar quase tanto tempo quanto em minha própria casa. Havia um pequeno jardim em frente, onde, ao meio, um caminho de pedras levava à varanda. As flores, sempre bem cuidadas — às vezes, até pela própria Denise —, eram de uma diversidade magnífica. Todas em uma estranha — e maravilhosa — combinação.

Andei até a varanda, em direção ao lugar onde estavam mais da metade das minhas lembranças felizes. Toquei a campainha com tamanha animação que ninguém imaginaria meu mau humor de minutos atrás. Quando a porta se abriu, não foi Davi quem vi parado ali no hall de entrada, mas outro cuja presença me era ainda mais importante. É claro que eu estava com saudades extremas do

meu namorado, mas não havia nada como rever meu melhor amigo.

— Oi, Nael.

Eu abri um sorriso alegre e pulei em seu pescoço para um abraço, pendurando-me nele.

A expressão de Natan parecia preocupada, mas ele não pôde evitar relaxar ao uso do apelido. Eu o dera quando ainda éramos pequenos. A princípio, usava-o por pura implicância: acostumada com o nome Natanael, perguntei se Natan era seu apelido e, quando respondeu que não, eu simplesmente comecei a chamá-lo de Nael, para “completar”. Ele se irritava com isso – o que, é óbvio, fez o apelido se perpetuar. Agora, tornara-se impossível não vê-lo como meu Nael em vez de Natan. Aos poucos, ele admitiu gostar.

Meu amigo riu em meu ouvido e jogou os braços ao meu redor. Meu coração bateu acelerado com a felicidade de vê-lo.

Não que estivéssemos há tempos sem nos ver. Ele também estudava no Honório de Paula e, apesar de não sermos do mesmo ano, nós sempre íamos juntos para a escola. Além disso, nos víamos durante quase todos os recreios (exceto quando Davi e eu resolvíamos nos isolar para aproveitar alguns minutos sozinhos).

Não... Minha felicidade era apenas porque não havia como *não* ficar feliz perto de Natan. Ele era uma pessoa maravilhosa (o melhor amigo que uma pessoa poderia ter) e, bem... Lindo.

Sério!

Eu não estava falando isso só porque era meu melhor amigo. Natan era, sinceramente, o garoto mais lindo da Urca. Talvez até do Rio de Janeiro inteiro.

Ele tinha 17 anos, era *bem* mais alto do que eu e herdara da mãe os olhos azuis mais fascinantes da face da Terra. Seu cabelo castanho claro, seus músculos (que, eu vou te contar, não eram nada pequenos), sua altura, seu sorriso sincero e sua covinha minúscula na bochecha direita faziam dele o garoto mais bonito do nosso colégio. Agora, juntando isso ao fato de que ele era super gentil, inteligente e engraçado, dava pra sacar por que se tornara o mais popular também.

É bem fácil compreender, então, o motivo de quase todos do colégio me invejarem por ser melhor amiga dele, de quererem me matar por nunca ter flertado com ele, nem agarrado, beijado ou algo do gênero, e, ainda por cima, em vez de fazer qualquer uma dessas coisas (ou todas), eu fui lá e fiquei com seu irmão.

Claro que Davi não era feio. Muitas garotas dariam tudo pra ficar com ele – até eu fiquei assustada quando ele me beijou. Mesmo assim, meu namorado não era nenhum... Natan Borges.

— Bom dia, Nina — disse após me soltar. Ele abriu o sorriso que eu tanto amava e eu precisei de alguns segundos para me recompor, sem evitar sorrir de

volta. Fazia dez anos que Natan e eu nos conhecíamos e eu ainda não conseguia resistir àquele sorriso.

Além disso, eu amava quando ele me chamava de “Nina”.

Ele me encarou por apenas dois segundos antes de o sorriso sumir e uma expressão confusa se formar em seu rosto.

— O que tá fazendo aqui tão cedo?

Eu franzi o cenho, sem entender sua seriedade.

— É que eu tava passando por perto — respondi, incerta. — Não vai me convidar pra entrar?

Ele hesitou antes de responder.

— Eu tava... É... Saindo — balbuciou.

Era impressão minha ou por trás da confusão havia receio?

Ergui uma sobancelha analisando sua roupa. Onde ele poderia estar indo de moletom e chinelo? Quero dizer, ele vestia uma calça velha e um casaco que só usava em casa.

Natan captou meus pensamentos com rapidez.

— Padaria.

— Você não vai querer ir lá agora. Tá um inferno.

Ele franziu os lábios, como se estivesse irritado. Sua expressão seguinte me deu certeza de que alguma coisa estava acontecendo. Era a que ele fazia quando estava tentando encontrar uma desculpa.

Eu dei um passo para trás, encarando-o com desconfiança.

— Nael, você não mente bem. O que tá acontecendo?

— Não tem nada acontecendo — respondeu rápido demais. Quanto mais tentava fugir, mais se denunciava.

— Natan! — Fiquei histérica. Meu coração pulou no meu peito e não foi de um jeito bom.

Enquanto ele tentava me mandar embora de todas as maneiras discretas que conseguiu pensar, um milhão de pensamentos ruins passou em minha cabeça. Um deles se ressaltou; busquei afastá-lo de todas as formas. Impossível. Ele rodeava minha mente como um mosquito irritante.

Parei, sem olhá-lo, decidindo o que fazer. Algo me dizia para ir embora, que não saber seria melhor. A ignorância pode muito bem ser uma dádiva em certas situações.

Mas minha curiosidade foi mais forte e eu atravessei o portal antes que Natan pudesse me impedir. Caminhei pelo corredor até a sala, procurando qualquer indicação de anormalidade.

Nada. Não havia ninguém lá.

Olhei para o segundo corredor, à direita da sala, depois para Natan, por cima do ombro, que me encarava em um pedido mudo. Ele não queria que eu continuasse. Mas eu não pude atender seu pedido. Corri até a porta do quarto de

Davi, parando com a mão direita na maçaneta.

— Nina! — gritou meu melhor amigo, como um último pedido. Ele segurou meu braço, após correr atrás de mim.

Prendi minha atenção nele por apenas uma fração de segundos.

— Merda! — ouvi a voz exasperada de Davi reclamar de dentro do quarto, seguida por um baque.

Girei a maçaneta sem nem ao menos pensar.

E o que eu vi quase me fez desejar nunca ter aberto aquela maldita porta.

CAPÍTULO 2

Meg Cabot e as mocinhas dos seus romances juvenis sempre me alertaram: garoto popular não vale nada. É claro que eu achava tudo isso uma grande besteira. Nas histórias americanas, os populares são uma elite adorada e isolada da “plebe”, enquanto no Brasil não existe uma distinção tão forte. Por isso, eu achava tudo um exagero. Por que garotos populares seriam diferentes?

Só que eram.

E, sendo nos Estados Unidos ou no Brasil, todos eram uns completos imbecis. Por serem populares, eram mais conhecidos, perseguidos, às vezes até idolatrados. Isso inflava seus egos a tal ponto que eles mal cabiam dentro das suas cabeças ocas. Aí a idiotice aumentava e eles pareciam não enxergar ninguém que não eles mesmos. Que pena que foi necessário presenciar aquela cena para finalmente entender!

Eu respirei fundo várias vezes antes de me permitir pensar.

Olhei estática para o interior do quarto de Davi. Podia sentir meu coração bater cada vez mais devagar e fiquei com medo de que, de repente, eu caísse ou desmaiasse por falta dessas importantes pulsações. Mas não consegui me mover. Não consegui parar de respirar fundo ou reagir. A única coisa que consegui fazer foi olhar Davi, imóvel ao chão, e a garota sentada na ponta da cama. Mas, quando meus olhos encontraram os dela – confusos e ingênuos –, eu não consegui desviar de volta para o meu (ex?) namorado.

Ela era ruiva. Foi a primeira coisa que reparei. Não era um ruivo natural daqueles em que o cabelo é quase laranja: era vermelho; um vermelho vivo e chamativo que acompanhava as ondulações agora-erichadas do seu cabelo de fogo.

Sua longa perna era notável. Ela estava à mostra devido ao short curto que usava. Sua blusa também destacava as curvas da cintura e levantava os peitos, que não eram nem tão grandes nem tão pequenos, embora suficientes para chamar a atenção. Ela parecia o tipo de garota que atraía olhares por onde passava.

Será que isso explicava? Eu nunca fui linda e certamente nunca fui de despertar olhares onde passava. Só recebia cantadas nojentas de homens que pareciam nunca ter visto uma mulher na vida. Eu tinha cabelos pretos e sem graça que caíam em ondas sem definição, entre o liso e o ondulado, e meu corpo era normal: eu não era alta, nem baixa, nem gorda, nem magra.

Eu era o exemplo magistral da garota comum.

Senti meu estômago dar uma reviravolta brusca e dei um passo para trás, tonta, esbarrando em Natan, que ainda me segurava. Ele escorregou os dedos até minha mão já há muito tempo livre da sacola de pão e a apertou com força.

Eu quis fugir. Queria sair correndo para não ter que ver mais nada, mas minhas pernas não obedeceram a meu comando.

Voltei meu olhar a Davi, sem conseguir evitar o ressentimento. Ele estava paralisado, assim como eu, ainda caído ao chão. Seu cabelo liso e dourado estava completamente bagunçado; seu forte e definido peitoral nu, subindo e descendo como se estivesse sem fôlego, e, entre sua mão direita e o piso, uma camisa de manga amassada.

Nós nos encaramos pelo que pareceram ser horas até que eu não aguentasse mais a perplexidade em seus olhos castanhos-quase-cor-de-mel e começasse a chorar.

Um nó apertado se formou na minha garganta e, mesmo não tendo comido nada, senti como se fosse vomitar. Eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Como ele podia ter feito isso comigo? Como ele podia estar me traindo?

A garota se levantou da cama, a expressão confusa transformando-se em irritada agora – mas foi com dificuldade que vi essa cena: as lágrimas embaçavam minha visão. Ela pegou uma pequena bolsa acima da escrivaninha e veio na minha direção. Não *na* minha direção, já que ela parecia envergonhada demais para sequer me olhar, mas em direção à porta que era onde eu estava.

Davi se levantou em um pulo, deixando a camisa caída ao chão e se apressou para chegar à porta a tempo de alcançá-la.

— May! — gritou em um tom frustrado.

Por um momento, achei que ela fosse continuar, fingindo não tê-lo ouvido, mas a garota parou no meio do caminho para a sala e girou nos calcanhares, com raiva expressa no seu rosto. Ela andou com firmeza até Davi e eu invejei seu autocontrole; ela parecia à beira de um ataque de raiva e eu pude perceber a quantidade de lágrimas querendo sair dos seus olhos. Mesmo assim, não se deixou abalar. Ela não chorou e, quando falou, sua voz saiu bastante calma.

— Você é um idiota. Eu não quero te ver na minha frente nunca mais! — Dito isso, ela foi embora.

Davi soltou um suspiro e pareceu relutante em me olhar. Ele encarava o irmão, atrás de mim, como se pedisse ajuda. Como este não fez nada, ele começou a falar.

— Anni... — A voz dele quebrou ao usar meu apelido. Ele fez uma pausa para recobrar a coragem. — Eu sinto muito. — Sua voz ficava cada vez mais baixa. — Eu ia te contar.

Ao terminar a frase, ele finalmente me encarou.

Eu estava em uma desesperada tentativa de imitar o autocontrole da garota com quem encontrara meu namorado me traindo, mas o olhar dele foi demais para mim. Mandeí tudo para o espaço e deixei minhas emoções tomarem conta do meu corpo, enquanto colocava para fora o que estava preso na minha

garganta.

Antes disso, porém, Natan soltou minha mão. Mas eu não olhei para trás para vê-lo sair. Eu não conseguia pensar em mais nada que não fosse o recente acontecimento.

— Você sente muito, Davi? — falei, tremendo de raiva. — SENTE MUITO?

As palavras pareciam jorrar da minha boca. Eu mesma me assustei com a hostilidade que se deixava à mostra a cada sílaba.

— Seu idiota! — Minha mão pareceu tomar vida própria ao acertar em cheio o rosto de Davi. — Filho da mãe! Você sente muito? É isso que você tem a dizer? Que você sente muito? Você é igual a todos os outros! Você é um miserável, traidor! COMO PÔDE FAZER ISSO COMIGO?

Eu fechei os olhos, deixando mais lágrimas jorrarem pelo meu rosto. Com as mãos fechadas em punho, soquei o tórax de Davi com toda força e rapidez que consegui. Eu queria me livrar daquele sentimento estranho que me dominava e essa foi a maneira mais eficaz em que consegui pensar.

Davi segurou meus pulsos, sem me machucar. Encostei minha cabeça em seu peito nu, abatida e cansada. Meus soluços tomaram conta do local enquanto ele me soltava e envolvia meu corpo com seus braços. Uma de suas mãos afagou minha cabeça ao mesmo tempo em que eu deixava todas as lágrimas caírem.

— Eu... — começou, parando em seguida. — Anni...

Mas a continuação não veio.

Eu respirei fundo de novo, de novo e de novo, até conseguir reabrir os olhos. Rapidamente, me afastei dele, encarando-o de frente. Davi me olhava cauteloso. Dei as costas sem dizer uma palavra e pude ouvir quando fez menção de me seguir.

— Não! — gritei, me virando de repente e pegando-o de surpresa. — Não tenta me seguir.

Não hesitei em sair correndo, atravessando a porta da sala mais rápido do que julgava possível.

Em menos de cinco segundos, já pude ouvir alguém gritar meu nome. Sabia que não era Davi, mas não consegui parar de correr. As lágrimas tinham voltado com tudo e minhas pernas tremiam tanto que eu sabia que desabaria a qualquer momento.

— Nina! — chamou novamente a voz, dessa vez mais próxima.

Quando Natan apareceu no meu campo de visão, me ultrapassando e parando na minha frente, eu colidi com seu corpo com força. Ele, no entanto, nem deu sinais de que aquilo o incomodava. Seus braços apenas envolveram meu corpo, abraçando-me com força, e de repente eu estava chorando e soluçando no seu peito.

Nunca houve um momento em toda minha vida em que eu me sentira tão mal quanto naquela hora. Era uma tristeza diferente, uma mistura de sentimentos

ruins... Que resultavam em decepção. Decepção pela confiança que depositara nele, pelas mentiras contadas e vividas. E medo. Medo do fim... E de um recomeço.

Não há nada mais complicado do que recomeçar.

O fim marca o término de um momento já vivido. Se esse momento foi bom, o fim deixará lembranças para a vida inteira. Se ele foi ruim, acabará com todo o sofrimento vivenciado, deixando para o futuro apenas os aprendizados. Mas recomeçar? Não é tão fácil quanto parece.

Ninguém pode prever o futuro e é exatamente por isso que temos tanto medo dele. Temos medo do que pode acontecer amanhã ou no minuto seguinte, porque esse acontecimento pode ser uma prévia de tudo o que ocorrerá em nosso recomeço. Ninguém quer sofrer; só queremos sorrir e viver a vida com felicidade, mas quando algo ruim acontece, nos esquecemos de correr atrás desse sonho. E isso pode tornar a vida um tremendo pesadelo.

Um arrepio percorreu meu corpo com esse pensamento e deslizei minhas mãos para as costas de Natan, abraçando-o de volta. Natan estaria comigo. Não importava o que acontecesse, ele tinha que estar. Eu precisava acreditar naquilo; tudo sempre era mais fácil quando Natan estava lá. Apertei-me ainda mais contra seu peito como se, caso eu o soltasse, ele fosse desaparecer e eu pudesse perdê-lo como acabara de acontecer com Davi.

Nem sei quanto tempo ficamos parados na calçada, abraçados. Na verdade, eu nem notei quando começamos a andar. Eu me sentia como se tivesse bebido demais e não conseguisse controlar meus movimentos. Mas lembro muito bem quando cheguei em casa. Lembro, pois a reação de Douglas não fora uma das melhores. Ele ficara furioso. Estava preocupado com a minha demora e, quando cheguei, se assustou por me ver chorando.

— Até que enfim! Eu já tava achando que você tinha sido assassinada na esquina ou algo parecido — disse antes de notar meus olhos. — O que aconteceu com você?

Fiz uma careta. Quão horrível meu rosto deveria estar para provocar essa pergunta?

Eu não consegui pronunciar uma palavra, ainda em choque com tudo o que tinha acontecido e com medo de trazer à tona aquelas lembranças ruins.

— Nina, por que você não sobe enquanto eu converso com seu irmão? — pediu Natan. Era incrível como ele sempre sabia o que eu estava pensando ou sentindo sem que eu pronunciasse uma palavra.

Eu concordei com a cabeça, olhei para Douglas, que mantinha uma expressão confusa, e subi para o meu quarto antes que Natan comesse a falar.

Abri a porta do cômodo e observei ao redor. Meus olhos pararam no mural de fotos acima da cama. Eu encarei minhas fotos com Davi e senti o nó na minha garganta apertar. Fiquei tentando entender por que aquilo tinha acontecido. Por

que Davi me traía? Por que me enganara daquele jeito? Ele sabia o que eu pensava sobre traições! Por que o fizera mesmo assim? Se queria ficar com outra garota, era só terminar comigo...

Certo, eu também não ficaria muito feliz com essa opção, mas fazer isso? Era mais do que baixaria. Era repugnante.

Perdida em meus pensamentos, me assustei quando Douglas entrou no meu quarto, tentando não parecer tão irritado, apesar de estar quase explodindo de raiva. Ele parou à minha frente e segurou meus ombros, estranhamente carinhoso para o brutamontes implicante que costumava ser.

— Você tá bem? — perguntou com a voz trêmula.

Eu dei de ombros, fungando, e desviei meus olhos dos dele. Não tive coragem de encará-los; me sentia humilhada.

— Você pode, por favor, convencer Natan a me deixar dar uma lição naquele idiota? — Douglas encarou Natan, debochado. — Até parece que se fosse irmã dele, ele não faria o mesmo.

Eu soltei uma risada fraca.

— Calma, Hulk — Ele voltou a olhar para mim, erguendo as sobrancelhas. Abaixei minha voz — Quando ele for embora, nós conversamos sobre essa possibilidade.

Douglas sorriu, como se quisesse transmitir confiança. Meu irmão me puxou para mais próximo de si, então, para um abraço. Afundei meu rosto em seu peito, correspondendo. Quis chorar mais uma vez, mas, agora, por sua atitude.

Eu poderia dizer o que quisesse do meu irmão: chamá-lo de ignorante, implicante, troglodita, mas nunca poderia dizer que ele não me amava a ponto de ir atrás de alguém que me magoasse para... Acertar as contas.

Eu agradecia demais por isso, mas preferia que ninguém se machucasse por minha causa — mesmo que, no fundo, eu até achasse que um sustinho não fosse má ideia.

Quebrando o abraço após alguns minutos, Douglas deu um passo para trás e disse:

— Chama se precisar de mim, certo?

Eu concordei com a cabeça enquanto o via sair do quarto, após depositar um beijo em minha testa.

Natan e eu ficamos em silêncio.

Voltei a encarar as fotos do meu mural, mas Natan segurou minha mão e me fez virar para ele. Depois, levou a mão direita à minha bochecha molhada e secou com os dedos as lágrimas que teimavam em cair.

— Eu não acredito que ele fez isso comigo, Nael — soltei, sem conseguir permanecer em silêncio por mais tempo.

— Ele foi um idiota, tá certo? Não fica assim.

Natan me puxou de novo para seu peito e reiniciei o choro, molhando

totalmente sua camisa. Ele começou um cafuné em mim.

— Como ele pôde? — funguei.

Sem soltar o abraço, Natan nos conduziu até a cama para sentarmos. Só sua presença ali já me aliviava de certa forma.

— Como ele pôde? — continuei repetindo, baixinho.

Meus olhos começaram a arder, forçando-me a fechá-los. Mas eu não queria dormir. Eu queria chorar e ficar ali para sempre. Ou talvez devesse dormir para sempre, assim não precisaria acordar e encarar a realidade.

Sem conseguir me decidir, meus olhos forçaram uma escolha. Eles se fecharam lentamente pouco depois de ouvir Natan falar baixinho:

— Vai ficar tudo bem. Você vai ver.

É... Até parece!

Abri os olhos, lembrando o terrível pesadelo que tivera. Mas não queria lembrar; doía como se tivesse acontecido de verdade. Pisquei os olhos para me acostumar com a claridade, mas não foi preciso muito tempo para isso. Olhei para o céu, através da fresta deixada pela cortina, e entendi. Não havia muita luz lá fora devido às nuvens no céu, que agora atingiam um tom de cinza mais escuro, fazendo-me supor que logo mais choveria.

A porta se abriu com um rangido, mas não desviei os olhos do céu nublado. Pela primeira vez, eu não estava triste com a possibilidade de chuva. Quem sabe ela não levava embora o sentimento ruim dentro de mim?

— Ei — ouvi a voz de Natan soar quase como um sussurro.

Algo no tom dele – ou talvez apenas a sua presença – me fez perceber que não fora um pesadelo. Davi tinha realmente me traído.

Desviei o olhar para Natan, sem vontade. Observei-o contornar a cama e se sentar bem ao lado de onde eu estava estirada. Ele estendeu o braço, segurando minha mão e eu soltei um suspiro alto.

— Como você se sente? — perguntou, analisando meu rosto.

— Traída, decepcionada, humilhada — listei.

O olhar de Natan era triste. Toda sua expressão era um reflexo da minha, como se seu humor dependesse do meu. Conhecendo-o do jeito que eu conhecia, isso não era exagero meu. Nossa amizade era tão incrível, tão especial. Não havia como não termos nossos sentimentos refletidos um no outro. Tínhamos essa estranha ligação que nos mantinha conectados a qualquer custo.

— Não quero te ver assim, Nina. — Os dedos dele acariciaram a palma da minha mão e eu dei um sorriso enquanto observava nossas mãos unidas. Mesmo com tudo o que acontecera, Natan ainda conseguia me fazer sorrir só por usar aquele apelido. Ou por estar ali. Tanto faz, Natan era Natan e sempre me fazia sorrir.

Eu não disse nada por alguns segundos, só fechei os olhos enquanto tentava

diminuir aquela dor no meu peito.

— Nael, posso te perguntar uma coisa? — pedi, abrindo os olhos de súbito ao me surgir um pensamento.

— Claro — respondeu, dando de ombros.

— Há quanto tempo o Davi tava... me traindo?

Ele levou alguns segundos para falar.

— Eu não sei ao certo... Mas faz algum tempo que ele a conheceu... — respondeu, relutante.

— Então, você sabia? — perguntei, temendo a resposta.

Ele hesitou, desviando o olhar de mim, e deu um suspiro alto antes de responder.

— Bem, mais ou menos.

— Como assim, “mais ou menos”? Ou você sabia ou não sabia!

Encarei-o com o coração partido. Eu estava sendo traída e ele nem me contara nada? Que tipo de amigo fazia isso?

Natan voltou o olhar para mim e tentou se explicar.

— Eu sabia que ele havia conhecido alguém, mas não sabia se ela era alguém com quem devia me preocupar.

— É claro que devia se preocupar! — exclamei, indignada. — Quando um cara tá saindo com outra garota que não é sua namorada, isso com certeza é algo pra se preocupar.

— Ah, qual é, Nina! Então, agora, um garoto não pode ter uma amiga mulher que é traição? — Ele parecia estar se sentindo injustiçado, mas não consegui ser sensata diante daquela situação. — Além do mais, mesmo que eu tivesse “me preocupado”, isso não ia mudar o que aconteceu!

— Claro que ia! — Não consegui controlar minha voz e, apesar de ter gritado, ela estava trêmula. Eu tinha me levantado durante meu surto e estava de joelhos, encarando-o frente a frente.

— O que ia acontecer? Você ia perdoar ele e tudo ia ficar bem? É assim que ia ser? Ou você ia se sentir do mesmo jeito que tá se sentindo agora, já que ele ia ter te traído do mesmo jeito?

Eu tremi e me surpreendi com as lágrimas inesperadas caindo pelo meu rosto. Eu nem tinha reparado que estava chorando. Tentei respirar fundo. Por que diabos eu estava brigando com Natan? Davi era culpado por aquilo, não ele.

Nós ficamos em silêncio por um tempo até eu me atrever a falar.

— Desculpa — murmurei em voz baixa, sem encará-lo.

— Tudo bem. Eu entendo... Você tá nervosa.

Respirei fundo e ergui a cabeça. Ele não chorava, como eu, mas parecia chateado com nossa recente briga. Arrastei-me até a ponta da cama, onde ele estava, sentindo-me estúpida por ter gritado. Abracei-o, descansando meu rosto em seu tórax. Alguns segundos após, suas mãos me rodearam.

— Eu tava achando que era só uma amiga nova — sussurrou sua explicação em meu ouvido. Estranhamente, eu me arrepiei com sua voz. — Eu fiquei furioso quando descobri; era a coisa mais estúpida que eu já tinha visto ele fazer. Como ele podia tá traindo *você*? — A ênfase que deu a esta última palavra, como se ninguém em sã consciência fosse me trair, me deixou sem graça, porém um tanto lisonjeada. — Nós discutimos hoje, quando ela chegou. Ele disse que tinha chamado ela para se explicar. Eu fiquei tão surpreso quanto você ao ver a cena do quarto.

Ficamos por quase cinco minutos abraçados enquanto eu deixava as lágrimas restantes escorrerem pelo meu rosto. Era maravilhosa a sensação que eu tinha quando o abraçava. Era como se nada mais pudesse me atingir. Como se nada existisse.

— Você dormiu demais — disse, quebrando o silêncio.

— Vou passar a noite em claro — afirmei, fazendo careta. Seria péssimo passar a noite inteira acordada sem o que fazer. Pensar e lembrar seriam minhas únicas saídas. — Você vai ficar aqui, não vai? — pedi com a voz manhosa.

Eu não queria ficar sozinha aquela noite. Precisava de alguém para me distrair e ninguém melhor do que ele para isso.

— Vou, né? Fazer o quê? — disse em tom de brincadeira.

Eu acertei uma fraca bofetada no seu braço.

— Como se fosse algum sacrifício para você! — Separei-me dele, quebrando o abraço e sorri. — Sou eu que vou ter que te aturar a noite inteira.

Natan ergueu as sobrancelhas, fazendo-se de ofendido.

— Ah, é? Você vai ter que me aturar a noite inteira? É isso mesmo que eu ouvi, garota? — perguntou, com uma risada baixa. Ele se aproximou devagar, com um sorriso de lado, revelando sua mini covinha, e eu entendi o que estava prestes a fazer. Tentei pular da cama, mas já era tarde demais. As mãos de Natan foram parar em minha barriga e, no segundo seguinte, eu estava me contorcendo e rindo sem controle.

— Para, Nael! — tentei gritar, em vão. Ele continuou a fazer cócegas em mim, deixando-me cada vez mais sem ar. — Para, para, para! Preciso de ar! — pedi. Ele me lançou um olhar de forjado desdém, mas parou.

Permaneci deitada, recuperando o fôlego e sorrindo de maneira idiota. Tentava pensar em alguma coisa para dar o troco nele. Cócegas não surtiriam efeito, já que ele até sentia mas era bem mais forte do que eu para permitir que elas durassem muito.

Virei meu rosto para o lado, para ver Natan rir de mim.

— Idiota — falei, antes de puxar o travesseiro acima da minha cabeça e acertar sua barriga com força.

Eu pulei da cama, preparada para fugir, enquanto Natan levantava também.

Abri a porta do meu quarto e desci as escadas correndo, ouvindo-o me seguir. Parei no último degrau, sem continuar a correr, ao ver minha mãe e meu irmão sentados no sofá, a televisão à frente ligada, porém, os olhares em mim.

— Oi, mãe — disse sorrindo. Eu imaginava o quanto meu rosto deveria estar inchado, mas ainda tinha esperanças de que minha mãe não percebesse. Não estava preparada para falar agora.

No entanto, o olhar dela era preocupado. Eu suspirei decepcionada. Era óbvio que Natan contara. Olhei para trás, lançando um olhar quase mortal para ele. O garoto sorriu como se não tivesse feito nada e desceu os últimos degraus, parando ao meu lado. Ele jogou o braço em volta do meu pescoço e bagunçou meu cabelo por pura implicância, puxando-me, em seguida, para a sala.

— Anna... — ouvi minha mãe começar, mas cortei logo. Não queria me lembrar de nada naquele instante.

— Tem algo para comer? Eu tô morrendo de fome.

Seu olhar relaxou um pouco e, por mais que ela quisesse falar sobre o ocorrido, mudou o assunto também.

— Tem sim, querida. Acabei de fazer café e tem pão no armário.

Natan e eu andamos até a cozinha. Ele se sentou à bancada enquanto eu seguia até um dos armários para pegar a sacola de pães e jogá-la para ele. Tirei duas xícaras de café do porta-copos e, levando-as até a cafeteira, enchi-as até a borda. Depois, voltei à bancada e sentei ao lado de Natan.

Preparamos nosso lanche com as coisas que já estavam ali separadas pela minha mãe e começamos a comer.

— Nael — chamei, após terminar de mastigar o primeiro pedaço, a voz um pouco mais dengosa do que eu pretendia. — Obrigada. Eu não sei o que seria de mim sem você.

— Besteira. Você sabe que eu faria qualquer coisa por você.

Olhei para ele e sorri internamente. Natan era o melhor amigo que eu poderia ter; só ele conseguia me ajudar em momentos como aquele. Ele e Jullie, é claro. Ela era minha melhor amiga também e era comum os dois se juntarem quando eu brigava com Davi ou quando acordava do avesso para me fazer rir.

Mas Natan... Natan me conhecia melhor do que ninguém. Nós nos tornamos amigos logo da primeira vez em que nos vimos.

Eu estava indo para um novo colégio, o Honório de Paula, que era onde meu irmão estudava. No dia em que fomos fazer minha matrícula, Natan estava lá. Ele já estudava no colégio e era do terceiro ano do fundamental, assim como meu irmão – apesar de não estarem na mesma turma. Estava acompanhando sua mãe na renovação de matrícula.

Eu sentei no banco ao lado dele e pude perceber seu olhar em mim. Quando me virei para olhá-lo, ele sorriu. Nessa época, sua covinha era muito mais evidente, o que deixava seu sorriso extremamente cativante.

— Oi — disse como se fosse normal falar com estranhos. Mas, bem, éramos crianças e tudo é normal para uma criança.

— Oi — cumprimentei de volta, com vergonha.

— Eu gosto de cebola — admitiu como se aquilo fosse a coisa mais esquisita do mundo. — Isso é ruim?

Eu sorri, solidária.

— Talvez... Mas tudo bem. Eu gosto de brócolis — confidenciei.

Ele riu abertamente, jogando a cabeça para trás e fechando os olhos enquanto sua gargalhada ecoava pelo local.

— É. Você venceu.

Na época, achei essa conversa super normal, mas hoje penso que Natan era muito esquisito, abordando criancinhas para dizer que gostava de cebola... Ainda assim, foi engraçado conhecê-lo desse jeito. Nossa amizade nunca foi o que se chamaria de normal, de qualquer jeito.

— Você vai estudar aqui? — perguntou, após se acalmar.

Eu confirmei com a cabeça, mas antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, sua mãe o chamou para ir embora. Natan olhou para ela, depois para mim novamente.

— Tchau, garota do brócolis!

Ele acenou para mim enquanto ia embora. Acenei de volta, feliz por ter conhecido meu primeiro amigo do colégio.

Quando as aulas começaram, lá estava ele, *esperando por mim*. Eu estava sentada na minha carteira quando o vi no corredor. Ele espiava em todas as salas do andar e ao chegar à minha acenou do mesmo jeito que fizera quando nos conhecemos. Eu soltei uma risadinha baixa. A professora o viu na porta e gritou:

— O que você está fazendo fora da sua sala, Natan? — O garoto olhou para a professora e riu, antes de sair correndo de volta para sua sala. E, desde então, nós somos inseparáveis.

Davi, por outro lado, morava em outro estado desde pequeno. Seus pais se separaram logo após o terem e o pai lutou pela sua guarda. Mas aos quatorze, Davi resolveu que queria voltar a morar com a mãe.

Seu pai era militar e vivia se mudando. Eles já haviam voado do Rio de Janeiro a Manaus, de Manaus a Recife e de Recife a Brasília. Então, quando Davi descobriu que mudariam para Santos, decidiu que estava na hora de passar algum tempo com sua mãe e seu irmão.

Nós já nos conhecíamos naquela época. Davi vinha para o Rio nos verões e seguia Natan para todo canto. Mas quando ele voltou definitivamente... Parecia que era a primeira vez que o via.

Era meu aniversário de quatorze anos e o garoto viera junto com sua mãe e o irmão para minha festa. Eu acho que foi amor à segunda vista ou algo assim. Ele estava muito mudado, tinha perdido os traços infantis e estava maior, mais forte.

Bom, eu me encantei por ele e acho que ele por mim também, pois me convidou para dançar e durante uma das músicas me beijou. Eu fiquei bem surpresa, mas foi um tremendo presente. Nós saímos várias vezes; dois meses depois, o namoro começou oficialmente.

Em meu aniversário de 15 anos, dois meses atrás, ele fora meu príncipe. Sempre tive o sonho de uma festa de debutante completa – e, claro, um namorado que entrasse e dançasse valsa comigo –, mas achava que estaria solteirona e arrasada com as decepções juvenis nessa época. No entanto, Davi apareceu e conseguiu realizar esse e vários outros sonhos meus.

E tudo tinha sido um conto de fadas... Até agora.

CAPÍTULO 3

— Anna, acorda.

A luz tentou penetrar meus olhos fechados logo após um barulho ecoar pelo quarto; era a cortina sendo aberta. Resmunguei baixo, virando para o lado oposto.

— Vamos lá, Nina. Acorda.

Resmunguei de novo e coloquei o travesseiro em cima da cabeça.

— Sai! Me deixa dormir! — Agitei os braços tentando alcançar alguém para bater. Só encontrando ar, desisti.

— Qual é, Anna? Acorda. Tá fazendo um dia bonito lá fora. Perfeito para sol, mar, praia. Depois daquele tempo horrível de ontem, você vai querer desperdiçar seu domingo dormindo? — Jullie disse, como se eu fosse maluca por preferir dormir. Mas malquise mesmo era acordar cedo num domingo para ir à praia.

Certo, eu não sabia que horas eram, mas ainda era cedo para mim. Mesmo que ir à praia fosse meu passatempo preferido.

— Não quero ir à praia — esperneeiei. — Só quero dormir.

— Anna. — Sua voz baixa e manhosa foi o suficiente para que eu amolecasse. Percebi, com isso, que não se tratava de ir à praia. Ela queria fazer aquilo... Por mim. Dava para notar que ela já sabia sobre o acontecimento de ontem. Natan provavelmente a contara e os dois queriam me arrastar para qualquer lugar, apenas para me fazer esquecer.

Sentei à cama, suspirando alto, e encarei meus dois amigos parados à minha frente. Natan era o mais próximo de mim, estando a apenas alguns centímetros da lateral da cama onde eu dormia. Ele mantinha os braços cruzados e vestia apenas uma bermuda praiana, à exceção dos chinelos. Mesmo assim, estava lindo como sempre.

Já Jullie parecia não lembrar que queria ir só à praia. Além do biquíni usual, rosa florido, cujo top ficava parcialmente à mostra por baixo da regata branca, ela vestia um short de renda, segurava uma maxibolsa, usava algumas dezenas de pulsezinhas e quatro cordões sobrepostos uns aos outros pendiam em seu pescoço.

Tive vontade de rir com a visão. Ela estava tão Jullie quanto era possível. O corpo alto e desengonçado cheio de apetrechos, o cabelo loiro escuro solto por sobre os ombros e o sorriso singelo habitual estampado à face.

Eu sabia que os dois só queriam ajudar. Podia ver isso naqueles rostos e era a única coisa que me impedia de ficar irritada. Mas eu não estava no humor de praia e eles tinham que compreender.

— Jullie. Nael — falei, cansada.

Querida não precisar explicar aquilo em palavras. Natan costumava saber

melhor do que eu tudo o que eu estava pensando, mas quando ele e Jullie apenas continuaram a me encarar, tive que continuar. — Eu agradeço muito o que vocês ‘tão fazendo. Mas, por favor, hoje não. Não tô pronta para sair e fingir que tô bem.

Natan deu uma risadinha enquanto encarava Jullie e foi para ela quem explicou o motivo da graça.

— Eu te avisei.

Jullie rolou os olhos antes de andar até o meu lado da cama e empurrá-lo com uma fingida irritação, se sentando, então, perto de onde eu ainda estava deitada.

— Nós não queremos que você saia e finja que tá bem. Nós queremos ver você bem, de verdade. — Dava para ver o quanto Jullie se segurava para não me dar um abraço. Ela me conhecia bem até demais para saber que, quando eu estava triste, pena era a última coisa que eu queria que sentissem por mim. E, naquele momento, eu sabia que seu abraço significaria exatamente aquilo.

— Eu sei que querem, mas hoje não. — E acrescentei, para tornar as coisas mais fáceis: — Agora não.

Ela bufou, deixando de lado a pose protetora. Mas foi Natan quem falou dessa vez.

— OK, Nina. Você venceu. Mas se quer ficar triste, teremos que ficar tristes juntos. — Então, ele se sentou na beirada da cama com os braços cruzados na altura do peito, quase em protesto.

Soltei uma gargalhada inevitável, o que fez meus dois amigos se entreolharem com um sorriso vitorioso estampado em cada rosto.

— E tem como ficar triste com vocês aqui?

— Ah! Que fofa! — soltou Jullie, engatinhando na cama para um abraço. Ela e Natan me apertaram com força, obrigando-me a estender a risada.

Quando eles enfim se afastaram, Natan falou:

— Tá bem, tá bem. Hoje é seu dia, então, e é você quem manda. Peça qualquer coisa e nós realizaremos vossa vontade, majestade.

— Ok. Tem uma coisa que eu preciso fazer e vocês podem me ajudar. — Sorri, carinhosa, antes de explicar o que pretendia. — Mas antes... Vamos comer, né! Tô morrendo de fome!

Eles riram e me ajudaram a levantar.

Com Natan e Jullie me ladeando, desci as escadas, em direção à sala de jantar, onde uma mesa arrumada com o café da manhã estava à minha espera. Ao passarmos pela sala, encontramos Douglas, que agora nos seguia até o cômodo.

— Cadê minha mãe? — perguntei a ninguém em particular, quando já estávamos todos sentados à mesa.

Não a tinha visto pela casa e, como era domingo, ela não estaria no trabalho — essa situação cabia mais a outra pessoa.

— Ela foi ao mercado, mas já deve voltar.

— Hm. E ele? — perguntei, virando-me para Douglas.

— Escritório.

— Qual foi a desculpa da vez? Ou ele já desistiu de fingir que faz algum sentido?

— Ele disse que precisava resolver algumas coisas. Como sempre. — Exatamente: como sempre.

Isso era bem típico do meu pai. Fazia meses que eu o ouvia dizer “tenho coisas a resolver, me desculpem” quando perguntávamos o porquê de estar trabalhando em pleno domingo.

Meu pai era um advogado muito respeitado, um dos mais renomados da cidade. Eu ficava feliz por conseguir ser tão bom e ter realizado seu maior sonho. Infelizmente, ele não sabia equilibrar trabalho e família. Era raro vê-lo em casa; em geral, isso só acontecia quando ele ficava tão doente que seus colegas o forçavam a ir embora. Mas meu pai era um homem com saúde de ferro. Ele quase nunca ficava doente. Assim como ele quase nunca estava presente.

Quando eu era menor, antes de ele conseguir todo o prestígio que tinha hoje, nós éramos como carne e unha. Ele sempre levava Douglas e eu para passear, tomar sorvete ou ir ao shopping, fazia sessões de cinema em casa com a família. Para mim, Marcelo Schwartz era o melhor pai do mundo.

Um dia ele descobriu que a empresa em que trabalhava estava prestes a falir. Meu pai sempre fora um ótimo advogado, ele só não tivera a chance de mostrar seu potencial.

— E essa é minha chance de provar minha capacidade. — Foram as palavras que ele usou pouco antes de sair de casa naquele dia.

O dono da empresa não sabia o que fazer e meu pai o ajudou a reerguê-la. Ele conseguiu se tornar sócio do dono e hoje é seu braço direito. Depois daquele dia, meu pai começou a se dedicar tanto ao trabalho que não sobrava tempo para nada. Nem para nós.

Forcei-me a parar de pensar nisso tudo. Eu odiava tanto aquela situação que preferia pensar em Davi o dia inteiro a lembrar que meu pai conseguira se tornar um estranho para mim em apenas alguns meses.

— Nina... — chamou Natan enquanto preparava seu sanduíche.

Eu pousei minha xícara e suspirei. Sabia o que vinha a seguir. Ele estava com aquele tom que usava quando precisava ser racional.

— Você tem certeza de que é isso que quer fazer?

— Olha, Nael, eu sei que isso não vai me ajudar por completo, mas ter que olhar todo dia para aquelas coisas... Será mil vezes pior. — Abaixei a cabeça. — Não é como se eu fosse tacar ovo nele ou coisa parecida. Apesar de não ser má ideia... — Natan riu baixinho. — Mas me livrar de todas as coisas que me lembrem dele pode me auxiliar nesse processo, você não acha?

Natan concordou.

— Eu só preciso da ajuda de vocês, porque... Tá cedo. Eu ainda tô com raiva. Eu não quero jogar tudo fora em um momento ruim e depois me arrepender. Apesar de tudo, meu ano com Davi foi muito importante. E mais tarde, quando tudo ‘tiver esquecido, eu posso querer relembrar certas coisas e não ter nada em que me apegar.

Meu amigo suspirou, acenando com a cabeça em confirmação.

— Você tá certa. Se é isso que você quer mesmo, então, é claro que a gente vai te ajudar. — Ele fez uma pausa. — Mas, me promete uma coisa?

— Claro. Qualquer coisa — falei, sem pensar.

— Quero fotos minhas no lugar das que você tirar.

— Nae! — exclamei, rindo. Eu achando que era algo sério e ele me vinha com uma dessa?

— Você prometeu — revidou, dando de ombros e sorrindo de lado. — Agora que não tem mais Davi no caminho, eu posso ser seu marido de verdade, sem me sentir um corno todo dia.

Eu fiz minha melhor expressão sapeca enquanto retrucava.

— Ih, querido! Tarde demais. — Natan riu, perplexo. — Já tenho até fila de espera. Ou você acha que tudo isso — contornei meu tronco com as mãos, exagerando nas curvas — ia ficar assim, dando bandeira?

Rindo, olhei para Natan, só então percebendo que ele paralisara seu olhar em meu corpo por alguns segundos. Ruborizei, desconfortável. Desde quando Natan olhava para mim daquele jeito só por causa de uma provocação zombeteira?

— Fecha a boca, Natan! — ouvi meu irmão dizer, deixando-me ainda mais envergonhada.

Foi a vez de Natan corar, algo bem raro. Ele era sempre muito confiante, mas raramente se envergonhava daquela forma.

Tentou, então, desconversar.

— Tava brincando, né, gente? — E riu nervoso. — Eu tava fazendo uma demonstração. É assim que esses marmanjos vão ficar quando souberem que você tá solteira. Não pode!

Respirando aliviada pelo rumo da conversei, mudei a tática da provocação, preferindo algo que não envolvesse meu corpo.

— Marmanjos?! Ah, sai daqui, seu velho.

— Velho é seu avozinho! — exclamou. E depois acrescentou: — Com todo respeito.

— Deixa meu avozinho fora da história — pedi, rindo. — Então, OK. Você já tá arcaico!

Ele me empurrou, como sempre fazia quando eu zombava dele.

— Espera só daqui a dois anos pra ver quem vai ser arcaica.

Eu sorri de lado.

— Até lá você já vai ser pré-histórico.

Natan revirou os olhos, tendo uma resposta na ponta da língua.

— Olha lá, hein, vou te puxar pelos cabelos! — Eu gargalhei.

Brincamos mais um pouco antes de levar tudo para a cozinha e Jullie, Natan e eu subirmos de volta para o meu quarto. Douglas resolvera ir à praia sem nós. Ele recebera uma ligação antes de revelar seus planos, por isso suspeitava que havia mulher na história.

Entretanto, qualquer pensamento que eu pudesse estar tendo fugiu de minha mente quando atravessei o portal do quarto. Havia tantas lembranças ali do meu recém-terminado relacionamento que chegava a ser sufocante. Fotos dele estavam espalhadas por todo o cômodo; presentes que me dera estavam colocados em cantos estratégicos para que eu pudesse sempre olhá-los e me lembrar do nosso amor...

Bem, eu não queria mais lembrar. O que eu queria era jogar tudo fora, no lixo, em qualquer lugar bem longe da minha vista. Mas é claro que era para me impedir justamente disso que Natan e Jullie estavam lá. Então, um canto qualquer do meu armário, guardados em um saco plástico, era o melhor lugar para essas lembranças.

Percebendo meu desânimo, Jullie começou seus gracejos.

— Vamos nos animar, minha *bitch*! Você tem que ficar feliz porque se livrou daquele encosto. Agora nós podemos sair para a balada juntas e beijar vários gatinhos.

Ela ergueu as sobrancelhas várias vezes, em uma insinuação.

Eu ri, tentando relaxar.

— Fofa, se eu sair com você, só vou conseguir pegar vento.

Ela pareceu ofendida, posicionando as mãos em sua cintura.

— Tá me chamando de feia, dona Anna?

— E se tiver? — provoquei.

Jullie deu um sorriso travesso de lado. Mas não tive tempo nem de me assustar, porque no segundo seguinte Jullie me jogou na cama e caiu em cima de mim.

— E agora? Eu ainda sou feia? Sou? — perguntou aos gritos, para se sobrepor às minhas risadas.

— Não. Agora você é gorda! — exclamei, sacudindo os pés. — Para de me esmagar, sua gorda! — pedi em voz alta por pura implicância.

— Gorda, é? — perguntou e, com um sorrisinho maldoso, começou a pular em cima de mim, me fazendo gritar. — Vai ver quem é a gorda aqui!

— GORDA! ORCA! ELEFANTE! — gritei, sentindo-a me amassar inteira na cama. — JULIANA, SUA GORDA, SAI DE CIMA DE MIM! É SÉRIO! JULIANA! PARA!

Ela rolou para o lado, caindo no chão, porém se apoiando com as mãos para

não se machucar. Olhou para mim enquanto ríamos e só então notamos que Natan estava sentando ao chão, se contorcendo de tanto rir com a cena. Ela abriu o sorrisinho divertido que só Jullie sabia dar – e que sempre me contagiava – e, apenas com uma expressão, conseguiu transmitir o que pensava.

Nós nos levantamos com cautela, andando até o garoto no chão. Ele percebeu nossa aproximação, mas fomos mais rápidas.

— Montinho no Natan! — Deixei Jullie pular primeiro para não morrer sufocada de novo e, então foi minha vez.

Natan gritou e nós rimos.

— Pede arrego, seu safado! Pede arrego! — nós o obrigamos.

— Ah! Arrego! Pinico! Saíam de cima de mim, suas balofas! Por favor! — implorou, se contorcendo, tentando se livrar da gente. Ele juntou todas as suas forças e nos empurrou para longe, se levantando com rapidez e ajeitando suas roupas com pose de alguém que procurava recuperar a dignidade.

— Então, onde estávamos?

Eu sacudi o saco de lixo que levava para cima após o café da manhã (que, depois, eu vim a descobrir ter sido quase um almoço, pois já era meio dia quando eu levantei) e, largando o chinelo no chão, subi em minha cama para começar a tirar as fotos de Davi do meu mural.

Tentava não olhar para as imagens, querendo impedir as lembranças de voltarem. Era tudo tão recente, que às vezes os *flashes* vinham sem permissão, me fazendo recordar dos nossos passeios, nossos momentos de diversão juntos, daquela risada gostosa que Davi dava... Quis chorar novamente, mas me segurei. Não conseguia entender como as coisas podiam ficar tão confusas de uma hora para a outra. Estava tudo certo, a gente era feliz. Por que Davi tinha que estragar tudo?

Estava tão distante que apenas alguns segundos depois percebi as risadas de Jullie e Natan. Olhei para trás, querendo entender o motivo da graça. Eles seguravam alguma coisa em suas mãos, que eu não conseguia ver de onde eu estava.

Andei até eles, pousando minhas mãos na cintura.

— Do que vocês ‘tão rindo? — perguntei, séria. Eu estava chateada por causa do meu namoro e eles ficavam de risadinha, contando piada juntos?

Mas quando eles se viraram, não havia nada demais em suas mãos, apenas um porta-retrato, que eles largaram de imediato. Ambos me pegaram no colo, mantendo-me sentada em seus braços.

— Que gracinha, enciumadinha! — falaram, sorrindo. E depois senti minhas bochechas se amassarem com o beijo demorado que recebi de cada um. Não pude evitar abrir um sorriso que deixou meu peito mais leve.

— Ah, seus lindos. — Jogando meus braços em volta do pescoço de cada um,

apertei-os em um abraço, feliz por ter amigos tão especiais. — Obrigada, meus amores.

Eu soltei uma risada sincera.

Pretendia voltar à “missão” depois que eles me devolveram ao chão, mas, por acaso, meu olhar recaiu em uma fotografia antiga, minha com Natan. Segurei o porta-retrato e observei a imagem com um sorriso no rosto.

— Olha essa foto — pedi para meu melhor amigo.

Ele se aproximou, parando atrás do meu corpo. Ficamos encarando a imagem, com um sentimento de nostalgia. Nós estávamos no parquinho da Lagoa Rodrigo de Freitas brincando com enormes sorrisos em nossos rostos. Eu tinha sete anos enquanto Natan, nove. Não lembrava bem quando minha mãe a tirara, já que nós não sabíamos da existência dela até ser revelada. Entretanto, recordava bem o dia... Muito bem! Fora nele que eu dera meu primeiro selinho.

Isso mesmo: meu primeiro selinho fora com Natan.

Nós havíamos nos distanciado um pouco das nossas mães, que agora estavam entretidas em uma conversa, e resolvemos brincar no balanço. Nós ficamos conversando por algum tempo até que eu lembrara que o assunto da minha sala no colégio naquela semana era esse: ser ou não ser “BV” — era assim que dizíamos naquela época quando alguém nunca havia beijado na boca: boca virgem.

Aparentemente, Júlia havia dado seu primeiro selinho em uma festinha no domingo daquela semana e nos contava os “detalhes”. Ela era a penúltima menina do grupinho da nossa sala a ser “BV” e eu, a última. E elas a-do-ra-vam me encher a paciência dizendo:

— Agora só falta você, Anna. Não tem ninguém que você queira beijar?

Quando eu respondia que não, elas ficavam rindo de mim, me chamando de estranha. Por isso pedi a Natan para me dar um selinho. Assim: na maior cara de pau. Bem, eu só tinha sete anos e era a época da inocência da minha vida.

Natan riu quando expliquei isso para ele e disse: tudo bem.

Soltei o porta-retrato e virei o rosto para Natan, com um sorriso singelo. Fui recebida por outro ainda mais bonito. Com aquela covinha sempre aparecendo em seu rosto, impossível não acreditar que meu melhor amigo tinha o sorriso mais lindo do mundo.

Ele segurou em minha cintura, dando-me um abraço lateral ao mesmo tempo em que beijava minha testa com carinho. Eu senti meu coração acelerar de felicidade.

— Arrumem um quarto, por favor — a voz de Jullie nos interrompeu, rolando os olhos.

— Não precisa ficar com ciúmes, bebê. Tem espaço para mais uma. — Nós abrimos o braço, chamando-a. Ela seguiu até nós dois, fingindo relutância, e entrou em nosso abraço.

Levamos mais de uma hora para terminar tudo, colocar no lugar outras fotos e objetos, além de dar uma geral no meu quarto, claro. Já que eu tinha companhia, ia me aproveitar dela, não é mesmo? Mas quando o trabalho acabou, eu sentei em meu pufe preto e abri um sorriso vitorioso. Sentia-me infinitamente melhor agora.

— Agora é sua vez — ouvi Jullie interromper meus pensamentos.

Ergui a sobrancelha, não entendendo sua frase.

— De quê?

— De fazer algo por nós. — Ela abriu seu sorriso mais fofo, não me dando outra opção se não acatar seu pedido.

— Certo. Tudo bem, mas não quero fazer nada exagerado. Vamos só dar uma volta na praia, ver o pôr-do-sol, sei lá. Vocês sabem que conseguiriam me fazer rir mesmo que eu tivesse presa em uma mala. — Eu sorri e os observei acenar a cabeça em concordância.

Assim, depois de duas horas de descansar, comer e tomar banho, nós nos preparávamos para sair. Havia recebido uma ligação de Douglas, avisando que o pessoal pretendia fazer um luau, por isso seguíamos para encontrá-los.

Agora mais calma e tranquilizada em relação a toda situação com Davi, eu até apressei Jullie e Natan para que chegássemos antes do pôr-do-sol. Esse horário, para mim, era um dos mais perfeitos. Eu adorava aquele período do dia, o modo como o sol parecia tocar na água enquanto desaparecia e o crepúsculo com todas as suas cores e magnificência.

A praia estava quase deserta quando chegamos ao local. Havia apenas alguns grupos de jovens aqui e ali que ficaram para ver a entrada da noite ou apenas conversar com os amigos em rodinhas. Nós andamos até onde Douglas dissera estar e, após cumprimentar nossos amigos, acompanhamos eles até a beirada da praia, sentando na areia para assistir o espetáculo.

Natan se sentou ao lado de Jullie, Douglas e do restante dos nossos amigos, logo antes do ponto em que as ondas terminavam de quebrar. Esticou as pernas após descalçar os pés, deixando-os onde o mar pudesse alcançar, e passou o braço ao redor do meu pescoço assim que eu me posicionei ao seu lado. Encostei minha cabeça em seu peito e fechei os olhos, deixando o cheiro de água salgada invadir meus pulmões.

Jullie e meu irmão conversavam e riam baixo ao nosso lado.

Inspirei fundo, sentindo-me muito mais calma do que estivera desde a manhã anterior. Eu me tranquilizara, é claro, com a presença dos meus amigos mais cedo e até deixara a raiva se esvaír. Mas, no fundo, havia algo me incomodando.

Agora, porém, era diferente. Não havia um só pensamento perturbador na minha mente. Apenas o barulho das ondas quebrando, o cheiro de maresia, os

últimos raios de sol e Natan, ao meu lado. Nada mais importava, contanto que aquele momento não acabasse. E quer saber? Eu trocaria qualquer coisa para não precisar voltar à realidade.

Reabri os olhos para observar o pôr-do-sol. Ao mesmo tempo em que ele sumia, o céu ficava cada vez mais colorido, deixando apenas rastros da sua presença. O céu foi escurecendo e quando menos percebi, o único vestígio de que estivera ali era o amarelo alaranjado no horizonte.

Continuamos naquela posição, porém, por mais tempo depois disso. Invariavelmente, conforme o tempo passava, meus pensamentos se voltavam ao dia anterior e não consegui deixar de me sentir triste. Eu não estava chateada com a traição em si, mas com o que ela significou: a quebra de toda a confiança que eu havia depositado nele. Eu sabia que não o amava. Pelo menos, não do jeito que eu imaginava o amor de verdade. Mas eu gostava muito de Davi; nosso namoro, além de tudo, era constituído por uma amizade muito forte. E ele fazer isso com alguém que se importava tanto... Era decepcionante.

— Nina? — sussurrou Natan, tirando-me do devaneio.

O sol já havia se posto e o céu se tornava um azul mais escuro conforme o tempo passava. Jullie saíra do nosso lado e mantinha uma conversa animada com o grupo com quem Douglas estivera na praia. Eles já estavam em rodinha, alguns com violão, outros conversando ou somente assistindo. Meu irmão também estava lá, entretido em uma conversa com algumas garotas.

Ainda com a cabeça encostada em seu tórax, eu o encarei, mantendo o rosto próximo ao dele.

— Como você tá?

Tentei organizar os pensamentos em minha cabeça antes de começar a respondê-lo.

— Sabe, eu ainda estou muito confusa e... Não sei o que pensar ou o que fazer agora. Eu só tô feliz por ter você aqui comigo.

Eu sorri e Natan retribuiu. Nós nos encaramos por vários segundos e eu senti meu estômago começar a se revirar de uma maneira estranha. A mão de Natan se elevou até o meu rosto, colocando uma mecha solta do meu cabelo atrás da orelha. Ele me lançou um olhar intenso e eu prendi a respiração.

Eu sabia o que vinha a seguir. A situação em que nos encontrávamos agora, aquilo não era novidade. Apesar de raro, vez ou outra, Natan fazia de novo – me encarava com seus olhos profundos, me observando como se tentasse me fazer revelar meu maior segredo a ele. Eram momentos esquisitos, mas... Bons. Confortáveis.

Isso é, até o que acontecia em seguida.

O que aconteceu – e que sempre teimava em acontecer – foi que, bem... Eu senti um incontrolável impulso de beijá-lo.

Se pararmos e considerarmos a situação, isso era totalmente insano. Quer

dizer, primeiro porque Natan era meu melhor amigo e eu não o via dessa forma. Segundo porque eu acabara de terminar um relacionamento. Depois de ser traída. Pelo irmão dele.

E por mais louco que isso também possa parecer, por um momento achei que ele quisesse me beijar também.

Então, nosso momento foi interrompido por um chinelo que passou voando próximo às nossas cabeças. Depois vi Jullie correr atrás dele, xingando Douglas de todos os nomes possíveis.

Eu abaixei a cabeça, confusa por um instante. Estava paralisada, mas meus pensamentos iam à mil. Eu não conseguia entender o que acabara de acontecer. Eu nunca conseguia. Era inacreditável! Eu não podia sentir vontade de beijar Natan! Ele era... Natan. Meu melhor amigo. Era simplesmente errado.

Depois disso, me senti ruborizar. Céus, isso era vergonhoso! E se eu estivesse dando uma impressão errada a ele? E se ele achasse que eu estava dando em cima dele? Será que ele estava tão envergonhado quanto eu? Queria saber, mas não me atrevia a olhar para seu rosto.

Depois de alguns segundos, ouvi ele deixar o restante do corpo cair na areia embaixo de nós. Me permitir dar olhada nele. Seus olhos estavam fechados e seu rosto, sem expressão. Não havia sinal de que ele se abalara ou percebera o que acabara de acontecer. Será que tinha sido coisa da minha cabeça?, me perguntei por um instante. Ou talvez ele só não tivesse achado grande coisa e estivesse tentando não deixar nada ficar estranho entre nós. O que era, na verdade, o que eu deveria estar fazendo.

Por isso, tombei ao seu lado, apoiando minha cabeça no braço estendido dele, e fiquei encarando as estrelas no céu, tentando encontrar o que dizer.

Ele foi mais rápido.

— Você... hm... Pretende ir amanhã? — perguntou, parecendo receoso em iniciar o assunto.

Respirei fundo antes de responder.

— Não tenho nenhuma intenção de faltar — falei somente.

Eu entendia por que ele estava apreensivo. Davi me ligara o sábado inteiro e, com certeza, tentaria falar comigo na escola, onde eu dificilmente escaparia.

— Ele quer falar com você a todo custo, você sabe, não é? — Inconscientemente, ele ergueu o braço em que apoiava minha cabeça e começou a me fazer um cafuné. — Eu consegui pará-lo por hoje, mas amanhã não tem escapatória.

— Eu sei. Eu não tenho certeza se estou pronta, mas também não vou fugir. Eu já tive meu dia de fossa, já passei por todas as fases do luto — olhei para ele por um segundo com um sorriso de lado no rosto — e agora é hora de seguir em frente. Não vou ficar que nem uma idiota trancada em meu quarto. Ele era meu namorado, não a minha vida inteira.

— Quem é você e o que fez com a minha melhor amiga “aborrecente”? — perguntou com um sorriso de lado.

Eu cutuquei sua covinha, rindo.

— Chato.

— Deixa minha covinha em paz. — Ele revirou os olhos.

— Não! Ela é muito sexy, não consigo evitar. — Dei uma risada e cutuquei a covinha mais uma vez, antes de me estender para um abraço tão forte que o peguei desprevenido. Eu senti uma imensa felicidade naquele momento, apenas por estarmos juntos. Meu melhor amigo era a coisa mais preciosa que eu tinha. Enquanto ele estivesse por perto, eu sabia que tudo ficaria bem.

— Eu tô cheia de areia por sua culpa, Nael! Muito legal da sua parte — falei enquanto me sacudia na entrada de casa. Se eu entrasse daquele jeito, minha mãe me mataria!

— Ah, sim... E eu estou muito limpo, não é? E, é claro, quem começou tudo fui eu — disse em tom debochado.

Eu sorri. Porque é claro que fora eu quem havia começado com tudo e derrubado ele a areia primeiro, mas não iria admitir isso.

— Mas é claro que foi. — E mandei um beijo debochado para ele antes de seguir em direção à entrada com Douglas.

Embora já fosse tarde, as luzes do andar de baixo estavam acesas — minha mãe devia estar nos esperando. Saímos da praia lá para as dez da noite. Ficamos até cansar de conversar e rir e resolvermos voltar para casa. Jullie ficara e voltaria com um dos nossos colegas.

Enquanto me aproximava da porta de entrada, pude ouvir algumas vozes alteradas vindo da sala de estar. Reconheci-as de imediato como sendo meus pais. Olhei para Douglas com o cenho franzido antes de abrir a porta.

— Você nunca tá presente, Marcelo! Você não era assim, você sempre tava com a gente! Sua família era a coisa mais importante pra você! Agora nós mal o vemos! Hoje é domingo, o dia em que você tá supostamente de folga, e mesmo assim eu sempre te encontro lá — minha mãe ergueu o braço, apontando para o escritório — trabalhando!

— Você acha que o seu trabalho como colunista em uma revista adolescente nos sustentaria, Tereza? Sinto lhe informar, mas não daria pra colocar na mesa nem o pão que você come!

Minha mãe respirou fundo.

— Por ora, vou ignorar o insulto que você acabou de fazer à minha profissão, como se apenas advocacia fosse um emprego decente. — Ela fez uma pausa, voltando ao assunto da briga. — Você pode muito bem nos sustentar sem passar vinte e quatro horas trabalhando. Você chega tarde, sai cedo! Como acha que seus filhos se sentem com isso? Você já pensou nisso?! Já parou para refletir o

quanto isso tudo afeta na vida deles?

— Não venha dizer que isso os afeta! Eles sabem que eu faço tudo para o bem deles! E você deveria saber também!

Minha mãe ficou em silêncio por um segundo, olhando com hostilidade para meu pai. Senti uma pontada em meu peito, bem diferente da que sentira quando encontrei Davi me traindo. Um par de mãos pousou em meu ombro, mas não virei para olhar meu irmão.

— Acho que você realmente não é mais o homem com quem eu me casei.

Douglas me empurrou para frente, fazendo-me dar alguns passos, então fechou a porta com raiva, chamando a atenção e atraindo os olhares dos nossos pais.

— Boa noite — desejou, com escárnio.

Ele me abraçou pelo ombro e sem dar mais uma palavra, me conduziu para o andar de cima.

Entrei em meu quarto, sendo seguida por meu irmão. Depois de bater a porta, abracei-o com força, afundando meu rosto em seu peito...

E chorei.

CAPÍTULO 4

Ainda estava deitada quando minha mãe foi até meu quarto na manhã seguinte.

Eu não tinha conseguido dormir direito – acordei e voltei a apagar, no mínimo, umas cinco vezes. Não sabia se era por Davi, pela briga dos meus pais ou os dois. A única coisa que eu sabia era que pensar nisso só faria aumentar minha insônia. Por volta das cinco da manhã, entretanto, quando acordei depois de uma hora e meia de sono (o tempo mais longo que eu conseguira naquela noite), finalmente desisti de tentar pregar os olhos. Ao notar que ainda faltava quase uma hora para que eu precisasse me arrumar para a escola, continuei deitada, desistindo de não pensar no final de semana desastroso que tivera.

Sozinha e mais calma, eu tive tempo para refletir sobre tudo o que acontecera. Embora não tivesse perdoado Davi por ter me traído ou ficado menos triste com a briga dos meus pais, pude analisar as situações e decidir como as enfrentaria.

Pra mim, Davi ainda era um idiota por ter me traído, mas era ele quem deveria se remoer por isso, não eu. Além disso, minha tristeza até aquele momento não se dera exatamente pelo fim do namoro e sim por como ele terminara – pela traição, pela decepção. É claro que esse relacionamento ficaria marcado em minha memória, afinal, fora especial, de verdade. Mas eu não precisava chorar por semanas antes de superar. Acabou, bola pra frente. Chorar não iria desfazer o que acontecera naquele sábado.

E bem... Apesar de odiar a situação dos meus pais, sabia que a briga da noite anterior fora inevitável. Meu pai e minha mãe só eram casados no papel, pois não agiam como marido e mulher há muito tempo. Não que eu achasse que o amor deles havia acabado. Eu via nos olhos da minha mãe o quanto ela o amava e, talvez por isso, tivesse suportado calada seu afastamento. Mas meu pai já não era mais o mesmo de antes, assim como aquela relação, e ele era o culpado pelo modo como as coisas estavam agora, todos sabiam disso – talvez, no fundo, ele mesmo soubesse também e por isso tivesse ficado tão irritado com a acusação.

Perdida em meus pensamentos, nem percebi a hora voar. Já eram seis da manhã quando a porta do meu quarto foi aberta e a cabeça da minha mãe apareceu vagarosamente.

— Bom dia — desejei ao ver que eu já estava acordada.

Dei-lhe um sorriso acolhedor – talvez por que, em parte, quisesse consolá-la pela briga – e me ergui, encostando no espelho da cama.

— ‘Dia.

Ela abriu ainda mais a porta e caminhou sem pressa até a lateral da cama onde eu me encontrava mais próxima. Sentou-se ali. Seu olhar ficou perdido em

algun ponto ao chão por algum tempo enquanto eu a observava. Sabia que ela estava pensando na noite anterior e, pelo modo como mordia o lábio, meio nervosa, eu podia apostar que tentava achar a melhor maneira de me pedir desculpas.

— Não tem problema, mãe — me adiantei, segurando as mãos cruzadas delas que pousavam em cima das suas coxas.

O olhar da minha mãe encontrou o meu e notei que eles continham alguns vestígios de lágrimas reprimidas. Puxei-a para um abraço, percebendo que, nesse instante, eu mais parecia a sua mãe do que o contrário.

— Eu sinto muito, filha! — pediu, chorosa, jogando os braços ao meu redor. — Não queria que você e seu irmão tivessem presenciado aquela b... aquilo... Desculpa... — Ela fungou alto enquanto ao aflagava suas costas. — Seu pai e eu mal conseguimos ter uma conversa civilizada, sempre acabamos discutindo.

— Eu sei, mãe — tentei consolá-la. — Você aguentou isso tudo melhor do que qualquer mulher aguentaria, você sabe. A culpa não é sua. É dele. Você não tem que se desculpar de nada, tá bem? — Minha mãe acenou a cabeça como uma criança ao ser consolada de um machucadinho que já iria sarar. Ela fungou mais um tanto de vezes até me soltar, secando as lágrimas e parecendo constrangida por ter se deixado abater daquele jeito na frente da própria filha.

— Bem, é melhor você descer pra tomar café... Seu irmão já tá levantando e você não vai querer se atrasar para a escola, né? — Minha mãe fez menção de se levantar, mas sentou mais uma vez, olhando para mim. — Ou você quer? Com tudo o que aconteceu ontem, eu até esqueci, Anna. Desculpa! Se você quiser, você não precisa ir hoje, eu não...

— Mãe — cortei-a, com um sorriso que pretendia transmitir segurança. — Eu vou, ok? Tá tudo bem.

— Tem certeza? Posso te liberar só dessa vez. — Ela enrijeceu a expressão. — Mas não vai se acostumando, hein!

Eu ri, mas neguei.

— Pode deixar, dona Tereza. Eu vou.

— Mas você tá bem? Como você tá?

Olhei para o rosto dela, já tão cheio de rugas de preocupação.

— Eu tô bem — confirmei, sorrindo.

Ela abriu um sorriso em resposta. Minha mãe se levantou, fingindo que não acabara de chorar no ombro da filha, e se moveu em direção à porta depois de me dar um beijo na testa.

Quando ela estava quase saindo, chamei-a tão baixinho que fiquei surpresa por ela ter ouvido.

— Você acha que vocês vão se separar?

Tentei manter minha voz estável, mas falhei. Mesmo com todo o relacionamento problemático dos meus pais, a última coisa que eu queria era vê-

los divorciados.

— Eu não sei, meu amor. Esperemos que não. — Ela deu um sorriso fraco, que escondia sua própria incerteza, antes de desaparecer pela porta.

Levantei da cama assim que minha mãe saiu do quarto e olhei para o céu lá fora. O sol acabara de nascer, por isso ainda não estava muito claro, mas já dava para ver o quanto o dia seria bonito. Não havia uma nuvem lá em cima e, quando abri a janela, o calor me atingiu com tudo. Era assim que eu gostava de começar um dia! O sol era minha fonte de vida. Sem ele, tudo ficava pior.

Levei uma meia hora para me preparar para sair. Tomei banho e separei o uniforme antes de descer para o café. Já na sala de jantar, encontrei minha mãe sentada à mesa esperando por mim enquanto Douglas devorava um sanduíche no melhor estilo brutamontes.

Juntei-me a eles e fui paparicada pela minha mãe até não poder mais. Douglas bufava de vez em quando com a atenção dava para mim, mas eu sabia que ele não tinha o melhor dos humores de manhã, por isso o ignorei.

Por volta de vinte para as sete, meu irmão e eu saímos de casa, em silêncio absoluto, em direção à casa da Jullie. Sempre passávamos nas casas de Jullie, Davi e Natan para irmos juntos, já que morávamos perto e ambas ficavam no caminho para a escola, mas, depois do que acontecera, Natan concordara que era melhor darmos um tempo dessa tradição. Por isso, seguimos para a casa da minha melhor amiga. O que era realmente animador, já que Jullie sempre acordava de bom humor, contrastando com o nosso.

Caminhamos, então, algumas ruas adiante até chegarmos. A Jullie morava em uma casa que podia ser descrita como: simples, mas maravilhosa. Eu achava aquele lugar um dos mais reconfortantes que eu já tinha visto. Ajudava o fato de ser onde minha melhor amiga morava e onde eu passava boa parte do meu tempo.

Atravessamos o caminho de pedras São Tomé até a casinha branca e, em seguida, toquei a campainha. Depois de longos segundos ouvimos passos apressados do lado de dentro e uma voz conhecida, gritando:

— Quem é?

— Nós! — gritei de volta.

Ela disse um palavrão alto o suficiente para ouvirmos.

— Esperem um minuto, já vou.

Ela atendeu apressada, vestindo um short azul que quase não se via devido à toalha enrolada em seu corpo. Douglas assobiou baixinho. Dei um tapa em sua cabeça enquanto ela corria para seu quarto antes de erguer o dedo médio para ele.

— Entrem aí. Eu me arrumo em um segundo.

Nós rimos e entramos.

— Não tem pressa — falei, sentando no sofá como ela indicara.

Exceto pelos gritos anteriores de Jullie, a casa estava silenciosa. Os pais dela costumavam dormir até mais tarde já que iam sozinhos para o colégio. Batuquei os dedos na perna enquanto a esperava.

— Pronto. — Virei para trás e vi Jullie já arrumada, caminhando até nós. Sua voz estava mais calma, mas ainda podiam-se perceber vestígios da correria.

— Podemos ir? — perguntei, levantando.

— Podemos.

Andamos em silêncio por alguns segundos, mas, não aguentando ficar calado, Douglas começou.

— Então, Jullie... — iniciou, com a voz cheia de escárnio (o que já me fizera presumir que ele solitaria mais uma de suas idiotices), e jogou seu braço ao redor do pescoço da garota. — Eu já sabia que você não era um desperdício, mas... Caramba! Você é gostosa, hein!

Virei-me para eles, em tempo de ver Jullie empurrá-lo para o lado, pegando-o tão de surpresa que ele quase caiu no chão, não fosse seu reflexo rápido. Quando ele a encarou, sem se abalar, ela lhe lançou um olhar azedo – mas eu tinha certeza que vira seu rosto corar como nunca, antes disso, e seus lábios se repuxarem em um rápido sorriso.

— Então, Douglas... — Ela abria um sorrisinho zombeteiro no rosto, agora. — Eu já sabia que você era meio estúpido, mas... Caramba! Como você é idiota!

Soltei uma risada alta, sem conseguir me conter. Douglas revirou os olhos e voltou à posição de antes, abraçando Jullie pela cintura e puxando-a para si.

— É das nervosinhas que eu gosto.

Fiz cara de nojo para ele.

Jullie não falou mais nada, tentando parecer irritada, mas permitiu que ele continuasse na mesma posição.

Isso era bem típico do Douglas. Ele nunca dera muita atenção à Jullie, mesmo quando ela tinha uma queda descarada por ele e fazia de tudo para ser percebida. E agora, com esse fora, eu podia ver uma complicação a caminho. Douglas nunca admitia um fora. Na verdade, eu acho que ele nunca levava um de verdade. Quero dizer, ele com certeza já ouvira um “não”, mas em geral era de garotas que queriam se fazer de difíceis. No final, ele sempre conseguia o que queria. O pior mesmo era que eu sabia que, no fundo, Jullie ainda gostava dele. E se ele tentasse algo, minha amiga dificilmente conseguiria dizer não.

Quando nos aproximamos da rua do colégio, ouvi logo o sinal ensurdecedor tocar. Isso nos fez perceber o quanto estávamos atrasados. Por isso, corremos até a entrada, chegando quase no mesmo segundo em que o guarda se preparava para fechar o portão.

— Tchau — despediu-se Douglas, quando chegamos ao ponto em que nos separávamos.

Acenei para ele, com um sorriso cínico, após lhe dar um beliscão no braço.

Ele gritou um palavrão e se afastou, massageando o braço.

Olhei para a porta da nossa sala e vi que muitos alunos circulavam por ali: o professor de História ainda não chegara. Dentre esses alunos estava Davi, encostado à parede, sozinho. Ele encarava o chão com um olhar distante, mas tentei não me deixar afetar por isso. Respirei fundo enquanto andava com Jullie – que não o notara – em direção a sala.

Eu tentara ao máximo, desde que saíra de casa, não pensar em como seria reencontrá-lo. Eu ficaria nervosa? Eu abandonaria todo aquele discurso de “seguir em frente”? Eu ficaria com raiva?

Até aquele momento, não havia sentido nada além de apreensão. Apesar disso, eu sabia que precisávamos conversar.

Virei para Jullie e avisei:

— Vai entrando, eu vou logo em seguida.

Com essa frase, ela enfim percebeu a presença de Davi. Seu olhar voou dele para mim e ela mordeu o lábio. Acenei a cabeça, tentando lhe passar confiança.

Respirei fundo antes de me encher de súbita coragem e caminhar decidida até onde o garoto estava. Ele ainda não me vira, mas meus passos fortes denunciaram minha presença. Nós nos encaramos por longos minutos – que pareceram horas – até eu me permitir respirar novamente e cruzar os braços, tentando colocar no rosto uma expressão indiferente, e dizer:

— Bem... Tô escutando — mesmo ele não tendo falado nada.

Mesmo assim, Davi pareceu surpreso por um momento. Então, abaixou o rosto. Ele conseguia disfarçar seus sentimentos muito bem, mas seus olhos não o deixavam mentir. Para quem não o conhecesse, ele seria um perfeito mentiroso. Para mim, ele sempre se denunciava. Sabendo muito bem disso, Davi fez questão de não mostrá-los enquanto não conseguisse se controlar.

Não adiantou.

Quando ergueu o rosto, seus olhos eram tristes como um cachorrinho abandonado. Não pude deixar de sentir pena. Acabei abaixando a guarda e relaxei a falsa expressão enquanto ele abria a boca para começar sua explicação.

Esperava que começasse com um sinto muito ou dissesse que não queria ter feito o que fez; que me amava. Mas não foi nada disso que escutei quando as palavras começaram a sair:

— O nome dela é Mayara. Eu a conheci quando o Bernardo me convidou para ir a uma lanchonete, mês passado. Eu tava estudando feito cão, você sabe. Achei que merecia um descanso. — Ele me olhava nos olhos, agora sem querer esconder o que eles transmitiam. Porque, assim, eu saberia que estava dizendo a verdade. — Eu fui e encontrei ele com alguns amigos. Ela tava entre eles. Eu acompanhei ela na volta, porque a casa do pai dela ficava no caminho. Nós conversamos pra caramba e descobrimos várias coisas em comum. Ela é

botafoquense fanática, é apaixonada por Green Day. Eu fiquei encantado... E confuso. Eu tinha gostado dela, mas achava que seria algo passageiro. Só uma atração.

Ele fez uma pausa para respirar. E, talvez, para me dar algum tempo para engolir o que dissera até agora.

— Ela me ligou naquela semana. Disse que tinha conseguido meu número com Bernardo e perguntou se tinha algum problema. Aos poucos, fui percebendo que não era tão passageiro quanto pensava. Sei que não posso dizer que foi totalmente culpa do acaso. Em grande parte, a culpa é minha; eu fui me deixando levar. — Ele deixou a cabeça pender para baixo, envergonhado, e confessou: — Não consegui contar pra ela que tinha namorada. Ela pensava que eu tava solteiro...

“Quando Natan descobriu, ele ficou muito puto. Gritou comigo, disse que eu tava fazendo a maior burrada da minha vida. Eu entrei em pânico, é claro. Até aquele momento, eu não tinha pensado nas consequências, no que aconteceria caso vocês duas descobrissem a verdade. Mas Natan é seu melhor amigo. Ele ter descoberto era quase como se você mesma tivesse. Quando ele se acalmou, fiz ele prometer que não te contaria nada. Eu tava decidido a contar, mas queria me entender primeiro.

“Eu gostava das duas. Como decidir entre uma namorada de um ano e uma garota que você conhece há menos de dois meses, mas que te encantou tanto? Eu tive medo de fazer a escolha errada. E também tive medo de te magoar.”

Até então, eu tentava reprimir as lágrimas que teimavam em querer sair. Lutei o quanto pude, mas o que ele disse em seguida me fez desistir de tentar e deixá-las conseguirem o que queriam.

— Mas o meu maior medo mesmo foi de te perder. Além de namorada, você é minha melhor amiga. Você me ajudou nos piores momentos, me ensinou a ser forte, encarar os problemas. Eu tinha mais medo de te machucar do que qualquer outra coisa. E eu acabei fazendo o que eu mais temia. Eu perdi você, Anni. Eu sei que perderia de qualquer jeito, se escolhesse a May, mas havia uma esperança de que depois que eu te contasse tudo, você me perdoasse.

“Quando eu me decidi, tentei adiar nossa conversa ao máximo. Resolvi falar com você depois. Por covardia, eu admito. Eu não queria ver como você se sentiria. E talvez, só talvez, Mayara reagisse mal à mentira e não aceitasse ficar comigo por conta dela. E aí eu não precisaria falar com você. Tudo poderia voltar a ser como era antes. Mayara seria esquecida.”

“Mas eu a chamei lá em casa, alegando que precisávamos conversar. Ela foi. Mas antes que pudesse contar... Nós... Bom, você tava lá — completou sem graça. E, então, ele pareceu suplicar. — Eu nunca tinha te traído antes daquele dia, Anni. Eu juro para você. Eu jamais faria isso! Eu sei o que fiz, sei que foi errado. Você pode me xingar, me bater, ficar com raiva, não falar comigo... O

que quiser! Só acredite em mim. Eu nunca faria algo de propósito pra te machucar.”

Olhei para cima, mordendo o lábio, e tentando prender novamente as lágrimas que forçaram saída. Por fim, admiti:

— Eu acredito. — Os olhos de Davi brilharam por um momento. Tratei logo de continuar: — Mas isso não muda o fato de você ter me traído. Eu não me importo de você ter se apaixonado por outra. Do mesmo jeito que você se apaixonou por mim, você poderia se apaixonar por qualquer uma. Mas você me traiu, Davi. E essa história... A sua história... Não muda nada.

Observei-o por alguns segundos, sem conseguir me mexer. Mas, enfim, dei-lhe as costas, deixando-o decepcionado. Seus olhos estavam inundados de lágrimas, mas ele não queria deixá-las cair.

Segui à sala enquanto pensava na conversa. Tudo o que eu dissera era verdade. Eu não o culpava por ter se apaixonado por outra. Ninguém era livre disso. Mas trair? Isso estava além do meu limite de perdão – pelo menos naquele momento. Talvez o perdoasse um dia, por mais que não acreditasse que voltaríamos a ser amigos. Mas não agora. Era tudo muito recente.

Com a visão ainda embaçada pelas lágrimas, não percebi que havia alguém no meu caminho. Trombei com força contra a pessoa e só não caí porque um par de mãos me segurou pelos braços.

— Ai, desculpa! — pedi, antes de elevar os olhos e encontrar à minha frente um verdadeiro Deus Grego.

Eu não sei como começar a descrevê-lo. Pelo corpo escultural, talvez? Ou pelo sorriso impressionante que ele mantinha – talvez porque soubesse o efeito que estava causando em mim ou apenas porque fosse um hábito dele sorrir sem motivo aparente – no canto da sua boca bem desenhada?

Sim, o sorriso era o melhor jeito de começar.

Era simplesmente divino. O sorriso de um anjo. Ele não revelava os dentes, o que eu presumia ser bom – talvez isso só fosse me levar a um desmaio. No lábio inferior, um piercing de argola prateado.

Seu nariz tinha belos traços e não era grande nem pequeno tampouco. Um pouco arrebitado, talvez. Os olhos eram de um castanho simples, mas intenso. O cabelo era preto, um pouco ondulado, e alguns cachos caíam em sua testa. Os músculos do seu braço não eram nem um pouco pequenos. Eles estavam espremidos na estreita manga do seu uniforme.

Ele era bem alto também e sua pele tinha um bonito bronzeado.

Fiquei mortificada em seus braços por alguns segundos até ele me soltar e eu recuperar os sentidos, pouco a pouco.

— Oi — cumprimentou com uma voz sedosa.

— Ã... Oi — devolvi, ainda deslumbrada.

Davi bufou ao meu lado, me fazendo voltar à realidade. Eu o encarei, com a

sobrancelha erguida, e ele olhou de mim para o garoto ainda desconhecido antes de desencostar da parede e entrar no corredor à direita, onde ficavam os banheiros.

Não pude evitar dar um sorrisinho.

— ‘Tá tudo bem? — perguntou o garoto estranho, fazendo-me derreter ainda mais com sua voz.

Eu limpei as lágrimas, que só naquele momento eu lembrara ainda estarem molhando meu rosto.

— Tudo ótimo. Só tava terminando de ouvir as desculpas do meu ex-namorado idiota. — Dei um sorriso amarelo, encostando na parede e só então me lembrando que nem o conhecia ainda.

— Anna — me apresentei, esticando a mão direita. Ele a segurou com um forte aperto.

— Gustavo — disse com o sorriso no canto da boca voltando. — É meu primeiro dia. Achei que fosse me atrasar pra aula. Tava meio perdido, mas parece que o professor não chegou ainda.

— Eles nunca chegam no horário, fica tranquilo. — Desencostei da parede quando percebi sua mochila nas costas. — Vamos entrar, senão você acaba ficando sem lugar.

Seguindo-me até a entrada da sala, achei até engraçado quando fomos engolidos por vários ofegos. Tudo bem que eu acabara de soltar milhares, mas ouvi-los assim era meio hilário.

Eu abaixei a cabeça, reprimindo um sorriso, e o conduzi até onde eu estava sentada, oferecendo-o a carteira de trás. Enquanto ele colocava sua mochila no local, percebi o olhar de Jullie em mim. Com a boca aberta, seus olhos basicamente diziam: “onde você encontrou esse pedaço do céu?”.

— Gustavo, essa é a Jullie — apresentei, deixando-a ainda mais satisfeita. — É Juliana, mas ninguém a chama assim.

— Prazer — falou o garoto. Minha amiga não perdeu tempo e foi cumprimentá-lo com um beijo em cada bochechada.

Eu abri a boca para iniciar uma conversa, mas o professor adentrou a sala naquele momento, impedindo-me de saber mais sobre o aluno novo.

Davi apareceu apenas cinco minutos depois da entrada do professor, que se desculpara pelo atraso causado pelo trânsito. Sua carteira era à frente da sala, mas ele fez questão de pegá-la e levá-la para um lugar mais afastado, sem nem sequer olhar para mim. Não pude culpá-lo. Ele precisava de seu tempo para pensar e, sentado à vista do professor, seria forçado a participar da aula.

Durante os intervalos das aulas, descobri algumas coisas sobre Gustavo. Ele era filho de uma professora nova de Biologia do Honório de Paula, a Vera. Ela não era nossa professora, mas Natan tinha aula com ela e disse que era ótima. Ambos moraram em Porto Alegre por seis anos até o começo deste, quando sua

mãe resolveu voltar para o Rio graças à oportunidade de emprego no colégio, oferecido pela própria diretora, que era sua amiga e a visitara nas férias. Gustavo deveria ter ficado lá com sua família até o final do ensino médio já que a escola em que ele estudava era altamente qualificada e difícil de ingressar. Porém, o que tinha de bom no colégio, também tinha de rígido. Segundo o que me contara, Gustavo não tardou a fazer uma besteira que o expulsasse do colégio – mas não mencionara o que havia acontecido. E cá estava ele, de volta para o Rio, dois anos e meio antes do planejado.

— Então... Você é boa aluna? — perguntou ele enquanto descíamos para o recreio.

Jullie, discreta como era, seguia ao lado dele, babando.

— Bem, eu tento... — falei com modéstia.

— Acho que é suficiente.

Sua boca se retorceu em um sorriso esperto.

— Pra quê? — Levantei a sobrancelha ao mesmo tempo em que pousava as mãos na cintura.

— Para me ajudar, é claro. — E mudando um pouco o tom piadista, acrescentou: — Não deve ser muito bom tirar notas baixas quando sua mãe é professora do seu colégio.

— Você tá totalmente ferrado — ouvimos Jullie dizer.

Ele bufou e rolou os olhos. Até mesmo quando fazia caretas, Gustavo era bonito. Quase me esqueci de não ofegar.

— Não gosta de ter vindo? — ela questionou, percebendo sua expressão de insatisfação.

— Não é que eu não goste — começou, olhando para o caminho à frente. — É que eu tinha uma vida lá. Eu já tinha me adaptado. Agora vou ter que começar tudo de novo. Não é fácil fazer amizades como as que eu tinha em casa.

Olhei de volta para Gustavo e tive que me segurar para não abraçá-lo. Ele tinha uma expressão tão triste; era impossível não ficar com pena. Eu observei Jullie, que me devolveia o olhar, e percebi que ela se esforçava para não fazer o mesmo.

Eu nunca fora uma garota de ofegar por qualquer cara bonito, mas era impossível ver esse garoto novo e não sentir algo estranho.

Ficamos em silêncio até chegarmos ao pátio. Passei meu olhar por todo ele. Já havia uma quantidade bem grande de alunos por ali. Nosso colégio, em relação à estrutura, não era assim tão grande, mas amontoar todas as séries no menor espaço possível para o recreio não fora uma boa ideia.

Meus olhos, então, vasculharam entre os tantos alunos involuntariamente à procura de Natan. Não me decepcionei; ele estava lá, sentado em um banco conversando com o nosso grupo.

Conduzimos Gustavo até a galera, felizes por perceber que o trataram muito

bem. Apresentamos o garoto e todos seguiram para apertar sua mão ou apenas cumprimentá-lo, dizendo seus nomes, mesmo que ele fosse esquecer no minuto seguinte.

Quando meu mais novo amigo já estava sendo incluído nas conversas, explicando de onde era e tudo o que já me contara, andei até meu melhor amigo, que estava sentado em um banco e estendi a mão para ele, acenando com a cabeça para um banco vazio, onde eu poderia contá-lo sobre a conversa com Davi.

— Ihhh! Chamou pro canto, né, Anna? — ouvi Luã, um dos nossos amigos, dizer ao mesmo tempo em que todos instigavam o comentário. — Sempre soube que um dia isso ia acontecer.

— Não ferra, Luã!

Revirei os olhos e puxei Natan pela mão, assim que ele aceitou a minha estendida. Sentamos no banco logo em frente, não sem antes perceber o olhar discreto que Gustavo nos lançava. Senti meu ego inflar um pouquinho. Não é todo dia que um garoto lindo como ele fica te olhando, não é?

— Então, você quer conversar antes ou quer partir pros amassos direto? — brincou Natan, sendo recebido por uma tapa no braço.

— Vocês são muito infantis mesmo, hein?

— Ai, Senhora Seriedade. Eu tava brincando. — Ele me puxou pela cintura, soltando uma risadinha baixa. Eu senti meus pelos se arrepiarem ligeiramente. — A não ser que você queira. Não vou me importar, sério. — Seus lábios se repuxaram em um sorriso lateral, me deixando sem fala por um instante.

Porque, é claro, aquilo me fez lembrar a cena na praia. O que me levou a pensar que talvez eu realmente quisesse. O que me fez corar dos pés à cabeça. Natan, percebendo isso, me abraçou ainda mais, depositando um beijo demorado em minha bochecha.

— Não precisa ficar sem graça, minha linda. Você sabe que é brincadeira, né?

Depois disso, porém, ele me soltou e eu comecei a contar sobre a conversa com seu irmão.

— Sei lá, eu tô triste — acrescentei, após a narração. — Mas não ‘tou com raiva nem nada. Só decepcionada.

“Acho que eu não gostava tanto dele quanto imaginava. Eu taria chorando no meu quarto agora, e não na escola, onde eu sabia que o encontraria, se gostasse... Não taria? E quando penso em Davi, eu não sinto... Nada. Sabe? Não sei o que pensar.”

— Eu acho que, na verdade, você só é mais madura do que a maioria. Independente de amor ou não, tudo o que vocês passaram juntos não se esquece. Mas não chorar, não achar que sua vida vai acabar porque o relacionamento acabou não significa que você não gostasse dele. Só que você tem uma cabeça

melhor do que noventa por cento das garotas.

— É, pode ser. — Concordei, pensativa.

— Mas... Você acha que não o amava?

— Eu sei que não. Quer dizer, eu o amava. Como pessoa, como amigo, como companheiro, sim. Mas não como eu espero de um amor romântico, sabe? Eu sempre fui um pouco receosa pra falar de amor, você me conhece. Porque eu sei que hoje qualquer atração é confundida com amor. Mas eu tenho certeza, no fundo, que se um dia eu amar de verdade não é assim que eu vou me sentir. Sei que pode parecer clichê, mas é nisso que eu acredito.”

Ele se inclinou, erguendo a sobrancelha.

— Por que “se”? Você não acredita que vá amar alguém um dia?

— Talvez não — admiti. — Eu acredito no amor como sentimento, mas acho que posso viver minha vida inteira sem sentir isso. Sem encontrar um alguém especial.

— Eu não acredito nisso. Acho que todos um dia vamos encontrar alguém que amamos de verdade. Pode até ser mais de uma pessoa, porque acho baboseira essa coisa de alma gêmea. Mas vamos encontrar, sim. Nós só temos que ser espertos o suficiente para não deixar a oportunidade passar. Às vezes passamos a vida inteira sem notar que a pessoa que vai nos fazer feliz tá bem do nosso lado.

Seu olhar intenso permaneceu em mim por algum tempo. Eu não sei o porquê, mas me senti desconfortável. E por mais desconfortável que pudesse estar, não consegui me mexer. Não consegui desgrudar meus olhos dos dele, como se tivesse perdida em meio a tanto azul. Como se estivesse hipnotizada.

Uma reviravolta em meu estômago me fez despertar daquele transe. Engoli em seco, desviando o olhar dele. Soltei um suspiro pesado, quase aliviado, sentindo meu coração acelerado.

Mas que droga! Que diabos havia de errado comigo?

Voltei a encarar Natan e pensei ter visto uma sombra de frustração perpassar seu olhar.

Ficamos em silêncio por uns cinco minutos até o sinal tocar e nos levantarmos para voltar às salas.

Na volta para casa, Natan me acompanhou. Não sabia por onde andava Davi e nem me importava. Douglas ficaria até mais tarde, como sempre, e Jullie fora encontrar sua mãe em Ipanema.

Eu seguia lado a lado com meu melhor amigo, mas não havia mais o silêncio constrangedor do recreio. Voltáramos ao normal, como sempre acabávamos fazendo. Pelo menos, por algum tempo.

Conversávamos havia alguns minutos quando nossa pequena discussão começou.

Tenho que admitir que a culpa havia sido totalmente minha. Eu nem sei o que deu em mim. Só sei que estávamos conversando e, de repente, eu estava irritada

e falando coisas sem sentido para ele.

Certo! Não tão de repente, mas a verdade é que só havia uma coisa que descrevia meu mau-humor e eu não queria admitir: ciúmes.

Não que eu nunca sentisse ciúmes do Natan. Na verdade, sou uma pessoa muito ciumenta – mesmo com meus amigos. Só que, ao contrário da maioria das pessoas, eu conseguia escondê-lo quando sabia ser sem fundamento. Exceto naquele momento, quando meu melhor amigo contou que havia ficado com uma garota.

Não sei o que deu em mim, de verdade. Eu senti aquele mesmo aperto no coração que eu sentia toda vez que ele me contava de mulher. Mas, como sempre, enrolei um pouco, perguntei os detalhes, tentei abstrair. Então, de repente, eu estava falando todas as coisas ruins que sabia sobre ela – e que com certeza eram mentira, apenas mais fofocas falsas como grande parte que circulava pelo colégio.

Natan ficou surpreso e sem fala por alguns minutos. Enquanto o silêncio se estendia, crescia minha vontade de me dar um murro na cara. Então, ele voltou a falar e nós começamos a discutir. O pior de tudo é que, por mais que eu soubesse estar errada, eu não conseguia parar! E tudo piorava quanto mais ele tentava defender a garota.

Por que ele não podia simplesmente calar a boca?

Quando ele calou, porém, desejei que falasse alguma coisa. Passamos o restante da viagem em silêncio, apesar de ele me lançar olhadelas pelo canto do olho de vez em quando. No entanto, ao ir embora, Natan nem mesmo olhou para mim.

Por que eu tinha sido tão idiota? Quero dizer, Natan ficava com várias garotas e eu nunca “fazia cena” como fizera agora. Talvez eu ainda estivesse sensível devido à traição de Davi – mesmo já tendo superado... Um pouco.

— É só uma fase. Uma fase muito ruim da minha vida que logo vai melhorar — cantei para mim mesma, como um mantra.

Aquele dia estava sendo mais longo do que o necessário.

CAPÍTULO 5

Abri os olhos; meu quarto ainda estava escuro. Sentei, totalmente acordada, apesar de só estar me revirando há apenas cinco minutos. Peguei o relógio da cabeceira: eram quatro e dezessete da manhã. A televisão – que eu ligara depois de quase uma hora de reflexão solitária em minha cama na noite anterior – fora desligada. A casa estava silenciosa exceto pelo barulho de um ou dois carros que passavam pela rua.

Escorreguei de novo para a cama, jogando o edredom por cima da cabeça. Estava fazendo muito frio ali dentro, mas não tive coragem de me levantar para desligar o ar. Por mais que odiasse o tempo ruim, eu adorava o frio quando estava coberta por um grosso edredom, deitada em minha cama, podendo apenas aproveitar e dormir. E era isso que bastava para me fazer apagar de novo até a hora da aula.

Aula, lembrei com frustração.

Apertei ainda mais os olhos, como se isso pudesse afastar os pensamentos que me atingiram com força total. Davi... Natan... Ô, família para me fazer arrancar os cabelos! Ignorando meus pensamentos, me forcei a voltar a dormir, mas só consegui me revirar de um lado para o outro por longos quinze minutos.

Joguei o edredom para baixo, tirando-o de mim quase com raiva.

Ainda faltava mais de uma hora para o colégio, não havia razão para já começar a me arrumar. Mesmo assim, entrei no chuveiro com a perspectiva de que as gotas quentes de água pudessem expulsar os pensamentos negativos que andavam rodeando minha cabeça.

Depois disso, voltei à minha cama para pentear os cabelos molhados, tentando me focar apenas naquela tarefa. Do lado de fora do quarto, ouvi uma porta se abrir. Olhei para o relógio mais uma vez. Ele marcava cinco e três da manhã, dessa vez. Essa era a hora que meu pai costumava acordar.

Um sentimento estranho se apossou de mim. Era raro ver meu pai em dias que não domingos e feriados, ou nas férias, quando eu demorava a dormir. Ele saía tão cedo e voltava tão tarde que passar qualquer minuto com ele era impossível.

— Eu não acredito que você tá reclamando sobre isso de novo, Tereza. — A voz alta e grossa do meu pai perfurou o silêncio. — Nós já conversamos noite passada, noite retrasada e em todas as noites dos últimos meses.

— O que você esperava, Marcelo? Eu não aguento mais isso! Você sempre acordava às cinco da manhã para o trabalho, volta tarde...

— É o meu trabalho, Tereza — cortou-a.

— Você não sente saudade de casa? Dos seus filhos? Quando foi a última vez que você falou com algum deles? Que sentou para conversar e saber o que anda

acontecendo na vida deles?

Ele ficou em silêncio, sem saber o que responder.

Levantei da cama, indo até a porta de fininho. Segurei a maçaneta, girando-a e abrindo uma fresta. Minha mãe estava parada em frente à porta do banheiro, usando ainda sua camisola comprida. Não conseguia ver meu pai, que devia estar dentro do cômodo.

— Que ótimo! Você nem consegue se lembrar quando foi a última vez que conversou com seus filhos. Que belo pai você tem sido, Marcelo!

— Eu só tô colocando comida nessa casa — tentou se justificar, parecendo, pela primeira vez em muito tempo, envergonhado.

— Nós podemos muito bem ter comida sem esse seu trabalho. Eu conseguiria ter um marido de verdade, também, sem ele.

— Eu batalhei muito para chegar onde cheguei, para conseguir esse emprego.

— Sua voz enraivecida voltara. — E agora você tá me pedindo para largá-lo?!

A indignação estava nítida em seu tom.

Ele saiu do banheiro e entrou novamente em seu quarto tão rápido que só consegui distinguir sua silhueta. Minha mãe o seguiu.

— Não tô pedindo para você largar seu trabalho — respondeu minha mãe, numa voz calma. — Mas acho que talvez seja hora de você escolher o que quer.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou, aparecendo à porta com o cenho franzido.

— Eu não vou mais tolerar esse casamento se não decidir o que é mais importante pra você: seu trabalho ou sua família.

O silêncio que se seguiu a essa declaração foi quase fúnebre. Meu pai a encarava, incrédulo. Minha mãe tentava parecer forte. Eu nem ousei respirar.

Antes, porém, que ele pudesse dizer qualquer coisa, seu olhar se desviou para o lado e recaiu sobre mim. Sua expressão mudou de cética para surpresa. Mantive meu olhar rígido por alguns segundos antes de fechar a porta e escorregar ao chão, encostada a ela.

Os passos do lado de fora se tornaram cada vez mais próximos e só cessaram quando uma batida à porta irrompeu em meus ouvidos.

— Anna — chamou. Ouvi a maçaneta girar e uma leve pressão foi feita em minhas costas, mas permaneci ali até ela parar. — Anna, abre a porta. — A pressão voltou. Fiz força contra ela para que não fosse aberta.

— O que você quer?! Será que você não percebe que já fez mal o suficiente? — Minha voz era seca e rispida. Ele parou de tentar entrar. Eu não queria ter que dizer aquelas coisas, mas sabia que precisava. Eu aguentara sua ausência por tempo demais para não dizer tudo o que estava entalado em minha garganta.

— Você tá sendo injusta. Vocês duas estão. Tudo que eu fiz foi por vocês! Para dar tudo de melhor pra minha família!

Furiosa, levantei com brutalidade, escancarando a porta. Encarei-o com

raiva, sem conseguir reconhecer o homem com quem passara minha infância, meu herói, meu melhor amigo.

— INJUSTA? Eu tô sendo injusta?!?! — Tive que sufocar um grito que estava prestes a sair da minha boca, tamanha era a minha incredulidade. — Você tá ouvindo o que tá saindo da sua boca? Você acha que dinheiro vai compensar todos os momentos que eu precisei de você e você não tava lá?

“Você perdeu os meus 15 anos para trabalhar! Uma das poucas pessoas que eu fazia questão que dançasse valsa comigo e compartilhasse aquele momento, junto com minha mãe e Douglas, não estava lá! Como você acha que eu me sinto?! Você diz que faz tudo isso pela gente, mas você não tá nem aí para nós! Todos os meus amigos têm pais presentes! E todos eles têm condições tão boas quanto as nossas!”

“Você não sabe nem o que anda se passando comigo ultimamente! Será que você sabe como eu tô indo na escola? Ou que o meu namoro terminou porque eu encontrei o Davi beijando outra garota? Será que você sequer sabia que eu tava namorando? Será que você já parou para se perguntar que às vezes eu preciso conversar com você e você não tá nem aí?”

Durante meu longo discurso, meu pai permaneceu calado na defensiva. Antes que eu pudesse continuar, a porta do quarto do meu irmão se abriu. Ele saiu sonolento e perguntou:

— O que tá acontecendo? — com uma aparente irritação.

— Nada. — Sem olhar para mais ninguém bati a porta do quarto, trancando-a para evitar a entrada de pessoas indesejadas.

— Caramba, pai, quando tempo não te vejo! — ouvi Douglas zombar no corredor.

Meu pai soltou um muxoxo alto. Seus passos sumiram enquanto ele descia as escadas com pisadas fortes.

Puxei do meu armário as peças do uniforme da escola e as vesti com raiva. Apesar de ainda ser cinco e meia da manhã, eu precisava fazer qualquer coisa para me distrair. Arrumei-me em dez minutos e desci, com a mochila nas costas, torcendo para que meu pai já tivesse ido embora. Infelizmente, ele ainda estava lá, sentado de costas para a escada, tomando café na sala de jantar. Antes que pudesse me ver, dei meia volta e subi até o quarto de Douglas, batendo com leveza.

— Você tá acordado? — perguntei após colocar minha boca próxima à porta.

Levou apenas cinco segundos para que ele a abrisse.

— E tem como dormir depois de toda essa gritaria?

Douglas tinha uma toalha enrolada em sua cintura e seu cabelo estava molhado. Ele se afastou da porta, permitindo minha passagem.

— Espera cinco minutos que eu fico pronto.

Confirmei com a cabeça e sentei na poltrona que Douglas tinha em seu

quarto, ao lado da cama. Em dez minutos, nós estávamos andando até a saída e indo embora sem nos despedir.

— Será que tem alguma lanchonete aberta? — questionei, cansada. Estava faminta e fraca; precisava colocar alguma coisa no meu estômago.

— Com certeza. Vamos achar algum lugar.

Só quando o sol começou a nascer, porém, conseguimos um lugar que acabara de abrir. Pedimos dois *cappuccinos* e sanduíches e sentamos. Ficamos calados por um longo tempo, sem sentir vontade de comentar a discussão de mais cedo.

— Então, — comecei tentando puxar um assunto. — quem era a garota de ontem? — Foi a única coisa que eu consegui perguntar.

Douglas soltou uma risadinha por ver que eu já o conhecia bem o suficiente para entender o que significava suas demoras no colégio.

— Uma tal de Marcelle, da 305. — Ele mordeu o sanduíche e então olhou confuso para mim. — Ou era Marcela? — E sacudiu a cabeça, deixando para lá. — Não lembro.

— Não seria Michelle? — perguntei por saber que não havia nenhuma Marcelle ou Marcela na turma 305.

— Isso! Essa mesma — confirmou com um sorrisinho safado.

Eu o desaprovei com um movimento de cabeça.

— Será que um dia você vai sossegar, Douglas?

Douglas abaixou a cabeça, sem graça com o assunto.

— Quem sabe? Não depende só de mim, não é...? — E deixou a frase no ar, me fazendo erguer a sobrançelha.

— Como assim? Você tá interessado em alguém? — Arregalei os olhos, custando a acreditar que meu irmão estava gostando de alguém como aparentava. Ele nunca fora disso, nunca tivera uma namorada de verdade, e agora estava assim? Alguma coisa estava muito errada.

— Podemos mudar de assunto? — Ele coçou a nuca em sinal de desconforto. — Como foi seu dia?

Eu demorei alguns segundos para responder, ainda confusa com a recente revelação.

— Er... Péssimo. — Abri um sorriso triste. — Conversei com Davi, briguei com Nael — resumi.

— Você sempre briga com Natan.

— Dessa vez foi diferente. — Pausei. — É que... — Mas mordi o lábio, sem saber como falar sobre isso.

Douglas insistiu.

— Fala. O que aconteceu? — Por um minuto, estive prestes a contá-lo, mas minha boca simplesmente não emitiu nenhum som.

— Não foi nada... Deixa pra lá. — Virei o rosto para a rua, me sentindo meio

sem graça.

— Agora que você começou, desembucha. — Ele me encarou, apoiando o rosto nas duas mãos. Seu olhar era de expectativa.

Então, eu desabafei. Contei sobre as coisas estranhas que andava sentindo, sobre a cena do ônibus, do ciúme incontrolável. E refiz a pergunta que já me fizera duas vezes, dessa vez para Douglas:

— O que tá acontecendo comigo?

Para minha surpresa, Douglas riu. Ele riu! Eu, com um caso sério, e ele rindo!

— Você tá falando sério, cara? — Eu o encarei, sem entender a pergunta. — É óbvio que você tá a fim do Natan.

— Como assim? Do que você tá falando? — perguntei, confusa. Ok, não estava tão confusa assim e é claro que eu mesma já tinha pensado nessa possibilidade. Mas me fazer de desentendida é sempre uma opção para adiar a rendição.

— Você pode ser tudo, mas burra não! — Não sabia se levava isso como elogio.

Suspirei.

— Tá bom. Talvez eu já tenha sentido vontade de ficar com ele uma ou outra vez... — admiti, rolando os olhos. — Mas isso é muito... *Errado*. É loucura! Ele é meu melhor amigo e irmão do meu ex-namorado. Quão doida eu tenho que estar pra ficar a fim dele?

— Doida você é, com certeza. — Ele deu de ombros antes de levantar a mão para pedir a conta. — Mas, se te serve de consolo, pela minha experiência, os sentimentos dele não são assim tão opostos ao seu...

Em seguida, uma garçonete se aproximou e ele desviou sua atenção de mim, me deixando pensar no que ele acabara de declarar.

Eu não queria acreditar que eu pudesse nutrir algum tipo de sentimento ou atração por Natan. Meu Deus, era Natan! Eu não conseguia nem lembrar do nosso primeiro selinho sem achar graça, pensar em nós dois juntos era hilário de tão impossível! Sem contar o que isso poderia fazer com a nossa amizade, se acontecesse.

Mas será que Douglas falava sério ao dizer que ele também poderia estar sentindo as mesmas coisas? Eu achava difícil. Natan amava o irmão demais para olhar para a namorada dele dessa forma! Sem dúvidas, meu irmão estava maluco.

Tentei expulsar esses pensamentos enquanto caminhávamos até a casa da Jullie em silêncio. No entanto, mais algumas se passaram pela minha cabeça, antes que chegássemos ao nosso destino.

Senti um aperto no coração mais forte do que eu jamais sentira antes. Eu brigara com meu melhor amigo e tudo por causa de alguns sentimentos idiotas.

Natan era uma das pessoas mais importantes da minha vida. Então eu tinha que esquecer tudo aquilo e com urgência!

Eu poderia perder qualquer um, inclusive Davi, menos ele.

CAPÍTULO 6

— Ei, Jullie, você tem namorado?

Eram seis e quarenta da manhã. Douglas, Jullie e eu tínhamos acabado de sair da casa da minha amiga e Douglas já começara suas piadinhas. Eu fiquei em silêncio enquanto escutava meu irmão paquerar minha melhor amiga. De novo.

— Não — respondeu-o com um tom de obviedade. — Você sabe disso, Douglas.

— É só pra confirmar, né? — Ele fez uma pausa e eu, honestamente, acreditei que ele fosse permanecer em silêncio. — Precisava saber se eu tenho competição.

Nós duas bufamos.

Chegava a ser engraçado a briga dos dois: meu irmão, sempre com o tom de malícia, e Jullie, fingindo irritação quando, por dentro, tudo o que ela mais queria era ficar com meu irmão. Tinha que admitir, no entanto, que ela estava se saindo melhor do que eu esperava.

— Você é inacreditável, Douglas. Você me conhece há séculos e agora, só porque te dei um fora, fica correndo atrás, igual a um cachorrinho!

— O que eu posso fazer se você conseguiu me deixar de quatro?

— Aproveita a posição pra tomar no...

— Jullie! — repreendi-a meio chocada, meio divertida.

Jullie deu de ombros, mas só depois de acertar meu irmão com sua mochila.

— Eu mereço, viu?

E saiu andando apressada à frente, nos deixando para trás.

Pelo canto do olho, vi os lábios de meu irmão se retorcerem em um sorriso. Eu balancei a cabeça, rindo, e corri atrás de minha amiga. Douglas, ainda insistente, foi também.

Nós chegamos cedo dessa vez, por isso, quando encontramos nossa sala, Jullie ficou presa do lado de fora por um Douglas desaforado.

Depois de colocar minha mochila em cima da mesa, corri para fora, até a turma de Natan. Eu sabia que ele já chegara, porque vira Davi no fundo da sala, conversando com seus amigos. Felizmente, ele não me notara.

Não foi difícil encontrá-lo. Como de costume, Natan estava no corredor da sua turma com o grupo da sala com quem andava. Ao me ver, se desencostou e falou alguma coisa com seus amigos, antes de se afastar e vir até mim. Ele mantinha as mãos no bolso e não deu nenhum sorriso como costumava fazer quando me via.

De repente, me senti despreparada. Não tivera tempo pra pensar ou ensaiar meu discurso. Eu não sabia o que dizer!

Tentei, então, começar pelo básico.

— Oi — falei, sem encará-lo. Pelo canto do olho, notei que ele também não o fizera.

— Oi. — Sua voz fria fez meu estômago revirar.

Tomei fôlego e falei de uma vez:

— Sinto muito.

Passados alguns segundos, em que ele ficou em silêncio, eu comecei a ficar nervosa.

— Para com isso, Nael! Desculpa, eu não falei aquilo por mal! — Encarei-o, ressentida. Não conseguia entender por que ele estava tão chateado com o que eu dissera.

— É mesmo? — A frase foi curta e grossa, mas me fez sentir um enorme alívio, por vê-lo falando comigo.

Seu olhar se elevou, junto com a frase.

— Sim. — Fiz minha melhor expressão triste e um biquinho, para completar.

— Sinto muito, muito mesmo. Acabei descontando meu mau humor em você. Bem... Nela. Ela não tem nada de errado, eu é que tenho. Eu só tava... — Com ciúmes.

Mas essa última parte não foi dita em voz alta. Eu me calei, me censurando. Tentei evitar que meus pensamentos me levassem às coisas estranhas que eu estava sentindo.

— Você só tava o que? — perguntou, curioso, esquecendo-se da briga.

Eu rolei os olhos, irritada comigo mesma por ter deixado escapar o começo da frase.

— De mau humor — menti.

Ele baixou o rosto, pensativo. Insatisfeito.

— Tanto faz — disse. Mas o ressentimento em sua voz fora embora. Ele voltou a erguer o olhar. — Deixa pra lá. Foi só uma garota.

Eu me senti aliviada. Natan deu aquele mesmo lindo sorriso de sempre, me fazendo sorrir de volta automaticamente. Atrás de nós, ouvi algumas garotas suspirarem alto. Revirei os olhos.

— Elas não se cansam disso, não? Não consigo conversar um minuto com você em algum lugar público sem ter garotas suspirando atrás de mim.

Natan soltou uma risada.

— Eu acho que preciso arranjar uma namorada.

Fiz uma careta.

— Pior.

— Por quê? — perguntou, surpreso.

Mordi o lábio, me repreendendo de novo. Eu e minha boca grande!

Eu não gostava de admitir – e nunca tivera que fazê-lo –, mas sempre odiava as garotas de Natan. Às vezes não havia nada errado com elas. Elas podiam ser perfeitas, mas não para ele. Natan era um tipo especial que só tinha uma – e

somente uma – namorada perfeita para ele.

Além disso, vamos combinar: eu morria de ciúmes de todas elas, por roubarem o precioso tempo que eu tinha com meu melhor amigo.

Quando expliquei isso em voz alta, ele soltou uma gargalhada.

— Se eu não namorar, como vou encontrar essa tal de única namorada perfeita para mim? — perguntou de forma racional. — E, Nina, você sabe que ninguém, nunca, vai roubar o lugar que você tem no meu coração. Você é minha melhor amiga e nenhuma namorada vai substituir você.

— Ahhh! Que lindo — falei, antes de pular para abraçá-lo.

— E enquanto não arranjo ninguém, você vai ter que aturá-las.

Soltei um muxoxo e revirei os olhos.

— Bom, então eu terei que te sequestrar e te afastar delas.

Dei de ombros com a expressão séria.

Natan riu e eu senti um impulso de abraçá-lo. Não me freei. Joguei meus braços ao redor do seu pescoço, tendo o ato retribuído.

— Desculpa, tá? De verdade — murmurei com a voz abafada, já que meu rosto estava afundado em seu pescoço. — Eu sei que fui grosseira, mas eu tava irritada e acabei descontando em você. Sinto muito mesmo.

— Tudo bem, Nina. Não ia conseguir ficar brigado com você por mais um dia mesmo — falou, me fazendo sorrir.

Apertei o abraço, fechando os olhos, e inspirei seu perfume, sentindo-me infinitamente melhor. Agora, sim, tudo estava em seu devido lugar.

— Alô? — a voz de Natan atendeu.

— Oi, meu amor, minha vida, minha privada entupida — falei entusiasmada na tarde daquele mesmo dia.

Eu já tinha voltado do colégio há umas duas horas e estava sentada em meu sofá, após almoçar, enquanto assistia Orgulho e Preconceito pela milésima vez sem realmente prestar atenção: eu fazia planos em minha cabeça para o final de semana e agora estava pondo em prática o convite.

— Oi, minha gatinha. Diga aí.

— Tem planos pra sábado?

— Acho que não. Por que? — Ele pausou, mas continuou antes que eu pudesse falar. — Tá me chamando para um encontro? Poxa, Nina, já disse que somos só amigos.

— Ai, seu imbecil. Me escuta. Vamos à Floresta da Tijuca? — convidei, ignorando a brincadeira.

A Floresta da Tijuca era um dos meus lugares preferidos. Todo aquele clima de natureza era encantador e eu amava. Era tudo tão tranquilo e bonito. Fazia tempo que não ia lá, então achei um lugar perfeito para que Natan e eu pudéssemos ir, ficar longe de tudo o que acontecera e deixar nossa amizade ser

reforçada.

— Claro... Caramba, então, você quer mesmo um encontro?

— Não vou nem te responder, imbecil.

Ele soltou uma risada.

— Você tá muito agressiva, meu amor. Fica tranquila que eu tô só brincando — avisou com uma risada. — Eu gosto da ideia. Faz muito tempo que não vou lá. Ou em qualquer lugar relacionado a florestas, é... Sabe como é.

Eu ri com sua falta de amor à natureza.

— Então, tá combinado, hein? — confirmei com um sorriso. — Eu tava mesmo precisando ir a um lugar desses. Natureza e paz. É tudo o que eu preciso.

— E eu, claro — gabou-se.

Eu sorri, porque afinal era verdade.

— Sim. Você é a parte mais importante.

— Ahh, que gracinha ela. Você tá é bipolar hoje. Num morde e assopra danado.

Eu gargalhei.

— Para de reclamar, seu chato! Tô aqui me declarando e você analisando minhas atitudes.

— Tá bom, tá bom. Parei! — Ele fez uma pausa. — Enquanto sábado não chega, você quer fazer alguma coisa? — propôs, mudando de assunto.

— Hoje não dá — lamentei. — O Gustavo vai vir aqui.

— Gustavo? — A voz de Natan era confusa, como se não entendesse o que o garoto novo estaria fazendo em minha casa.

Não era como se ele tivesse me convidado para sair, nem nada — infelizmente. Ele estava meio perdido nas matérias do colégio, já que o ensino de sua escola anterior era bem diferente, então me pedira ajuda.

— Sim. Eu vou dar umas aulas particulares. Sabe como são as pessoas inteligentes, né? Sempre tendo que ajudar os outros — me gabei. — Como ele chegou atrasado, precisa de um reforço por causa das provas perdidas. Eles vão fazer uma segunda chamada especial para ele ou algo do tipo.

— Ah... — Natan pareceu um pouco decepcionado. Eu também queria sair com ele, mas prometera a Gustavo e, bem... Era Gustavo, não é? Eu não ia deixar passar essa oportunidade.

Além disso, talvez, me sentindo atraída pelo garoto, eu esquecesse as coisas esquisitas que andavam passando por minha cabeça quando eu estava com Natan... Pelo menos, era o que eu esperava.

— A gente pode marcar pra amanhã alguma coisa e...

A campanha soou alto, me interrompendo.

— Nael, acho que ele chegou. Depois a gente combina, tá?

— OK.

Encaixei o telefone no gancho antes de correr até a porta. Abri e me derreti

ao ver a imagem daquele garoto tão lindo que parecia uma visão. Ele estava encostado no batente, mordendo o lábio no local onde seu piercing se encontrava, algo que eu já notara ser uma mania, e tinha em seus braços um caderno novo.

— Quem vê até pensa que é bom aluno — brinquei.

Ele abriu um sorriso maroto.

— Com uma professora assim, aposto que vou sair daqui sendo um. — O que me fez sorrir igual uma idiota, é claro.

Coloquei uma mecha atrás da orelha, um hábito que eu tinha quando estava lisonjeada com algum elogio, e me virei, abrindo espaço para ele.

— Entra — convidei com uma voz ridiculamente envergonhada.

Ele deu alguns passos, observando a casa, e soltou um assobio baixo.

— Bonita casa.

— Obrigada. — Me senti estúpida por não saber o que dizer. — Você quer água ou alguma outra coisa?

— Tem vodka? — perguntou, sério. Eu ergui a sobancelha e ele riu. — Brincadeira. Quero nada não, minha linda. Vamos começar a sessão tortura?

Eu acenei com a cabeça, ainda tentando registrar o “minha linda”.

— Já me trouxe pro seu quarto, Anna? Que apressadinha — falou, depois que eu o guiei até meu quarto, onde pretendia que estudássemos. Eu revirei os olhos, rindo.

Já tinha deixado tudo separado: matérias xerocadas, anotações, livros. Tudo em cima de minha escrivaninha, onde coloquei também uma cadeira extra para ele. Mas quando cheguei lá e olhei para o lado, não o encontrei. Gustavo paralisara no início do cômodo, observando algumas fotos minha.

— Você sempre morou aqui? — perguntou ao passar os olhos por uma fotografia de quando eu era criança.

— Sim. Minha vida toda tá aqui.

— Deve ser bom ter amigos assim, de tão longa data — comentou, meio tristonho.

— É muito bom. Mas fazer amigos novos também é ótimo. — Dei um sorriso para ele, como consolo. É claro que eu jamais trocaria meus companheiros de infância, mas já que ele fora forçado a fazer isso, era melhor pensar nos pontos positivos.

— Sorte ou destino? — questionou, de repente, vindo até meu lado.

— O que? — Fiquei confusa.

— Ter te conhecido.

Eu corei ao máximo.

— Você é sempre assim, é? — foi só o que eu falei, mais para me sentir menos sem graça do que por desejo de mudar o rumo da conversa.

— Com as brincadeiras maliciosas, sim. Vai se acostumando. — Então, ele se jogou na cadeira e abriu o caderno em branco, com a caneta já em mãos, me

esperando começar. Seu rosto estava tomado por um sorriso travesso e, quando o encarei, atordoada com seu jeito, ele ergueu a sobrancelha de um jeito sugestivo.

— Eu não consigo colocar isso na minha cabeça. É muito inútil! — continuou dizendo após várias tentativas frustradas de desenhar um sólido através das medidas dadas.

— Eu também acho, mas você tem que aprender. Olha não é difícil. — Expliquei mais uma vez a ordem dos valores e como achar a verdadeira grandeza, depois mostrei como se fazia e o esperei tentar mais uma vez.

Ele respirou fundo e pegou o compasso. Esforçou-se de verdade, dessa vez, e, apesar de não ter ficado muito bom, conseguiu algo melhor do que antes.

— Viu? Tá conseguindo — comemorei com intuito de incentivá-lo.

Levantei o rosto do trabalho, notando que Gustavo me encarava com um sorriso misterioso. Fiz menção de abaixar a cabeça, novamente sem graça, mas ele elevou sua mão para meu queixo, me impedindo. Meu coração se acelerou com tanta rapidez que achei que ele pudesse ouvir. Mas nada mais aconteceu, porque, no segundo seguinte, fomos interrompidos por uma batida à porta.

— Filha? — chamou uma voz dura numa tentativa quase frustrada de simpatia.

Rodei a cadeira giratória na qual estava sentada para encarar a porta fechada, surpresa. Franzi o cenho, sem acreditar que era meu pai de verdade. Mas a porta foi aberta naquele instante, revelando-o, parado no portal. O corredor atrás dele não estava escuro por completo, apesar da lâmpada não estar acesa. Olhei confusa para a janela, mas isso só me deixou mais atordoada: o céu era alaranjado, sinal claro de que não podia ser mais do que seis horas da tarde.

A voz dele cortou minha confusão ao dizer:

— Eu saí mais cedo.

Olhei de volta para ele, atônita. Quase me esqueci da presença de Gustavo, mas quando meu pai moveu o olhar para meu amigo, eu o encarei também, sem saber como pedir para ele ir embora sem parecer mal-educada.

— Eu tô atrapalhando? — perguntou meu pai. — Eu posso voltar mais tarde...

— Não, que isso. — Gustavo interrompeu. — A gente já terminou.

Ele juntou o material, e eu agradei por não ter que falar nada.

— Eu, hm... Já volto — avisei a meu pai antes de descer para acompanhá-lo.

— Desculpa, Gustavo. É que... — Eu mordi o lábio. A história era tão confusa e eu mal o conhecia para falar dos meus problemas.

— Tudo bem, minha linda. Vocês pareceram mesmo que ‘tão precisando conversar.

— Obrigada. Eu prometo que a gente continua isso depois, OK? — E só, então, percebi o duplo sentido da minha frase. Porque antes do meu pai aparecer, Gustavo parecia estar prestes a me beijar. Ou será que fora impressão minha? —

Quer dizer, o estudo. — E, então, fiquei mais sem graça, corando pela minha confusão.

Mas Gustavo riu e apenas concordou antes de me beijar na testa — o que me deixou um pouquinho decepcionada — e ir embora.

Eu suspirei, sabendo que agora teria que voltar para o quarto. Douglas não parecia estar em lugar nenhum, o que era bem injusto, já que essa conversa deveria ser entre nós três. Mesmo assim, tomei coragem e retornei ao andar superior.

Eu andei de volta à cadeira onde estava estudando com Gustavo, sentindo-me nervosa. Meu pai se acomodara na minha cama e agora virava para mim.

Continuei a fitá-lo, esperando.

Foi preciso pouco mais de um minuto para que ele conseguisse formular uma frase. Chegava a ser engraçado sua falta de jeito com as palavras, quando estas se tratavam dos seus sentimentos, enquanto, no trabalho, ele era maravilhoso — e não era “puxa-saquismo” de filha, não; quando ainda éramos melhores amigos, meu pai nos contava todos os casos dele e, diversas vezes, até encenava suas falas e como encurralara certas testemunhas ou descobrira mentiras.

— Eu sei que eu não tenho estado presente — admitiu, falando as palavras com calma. — Mas eu quero que você saiba que eu não faço isso por maldade. Você sempre viu o quanto dei duro por tudo o que tenho hoje e, se não consigo abandonar meu trabalho, não é por não querer ficar perto de vocês, mas porque eu finalmente consegui alcançar tudo o que desejei para mim desde que era jovem.

Eu tentei não deixar minhas emoções tomarem conta de mim. Sabia que ele ainda estava errado e, se deixasse meu coração falar mais alto, não conseguiríamos sair dali sem uma briga. Porém, eu entendia o que ele queria dizer. Eu também tinha meus sonhos, meus planos futuros. Eu lutaria o quanto fosse preciso para alcançá-los. Meu pai, porém, conseguira isso e agora não sabia como conciliar com a nossa família.

— Eu não quero te julgar. Fico muito feliz por te ver tão bem-sucedido, mas, como filha, não posso deixar de me sentir abandonada. — Abaixei a cabeça, fazendo de tudo para que as lágrimas não saíssem. — Eu não gosto de nunca te ver. Às vezes, quero te ligar e te contar alguma coisa ou sentar com você pra almoçar, sair do mesmo jeito que fazíamos quando eu era pequena, mas eu não posso, porque nós não temos o mesmo relacionamento de antes. — Meu pai me escutava com tanta atenção que era até estranho. Eu não estava mais acostumada a conversar com ele, como agora. — Eu sei que você pode ser o que é e ainda ter tempo para sua família. Mas você não sabe separar o trabalho da sua vida pessoal e é isso que tá nos destruindo. — Meus olhos lacrimejaram. Fechei-os com força enquanto tentava controlar minha voz. — Você nunca tá por perto. Você traz seu trabalho pra casa e se esquece de tudo à sua volta. Não tem

mais espaço pra sua família em momento nenhum da sua vida.

“Nós aguentamos sua ausência por tanto tempo, pai... Eu não sei... — Nesse momento, minha voz falhou e algumas lágrimas escaparam. — Não sei se consigo mais...”

Deixando escapar um soluço, eu escondi meu rosto com as mãos, não podendo mais segurar o choro. Alguns segundos depois, senti seus braços me envolverem e fui invadida por uma onda de nostalgia tão grande, que abracei-o de volta com rapidez e força, como se assim ele nunca mais fosse embora.

Mais tarde, naquela mesma noite, o ouvi chamar minha mãe para uma conversa. Os dois se trancaram no quarto enquanto eu, sentada em minha cama, esperava. Douglas já voltara e tivera a mesma reação que eu quando vira meu pai em casa tão cedo. Mas eu não consegui lhe contar sobre nossa conversa. Na verdade, não consegui falar nada desde que ele saíra do meu quarto. Nem mesmo quando Natan e Jullie me ligaram, eu atendi.

O tempo passava, mas meus pais não saíam do cômodo.

Quando a porta do quarto deles finalmente se abriu, ouvi passos no corredor e, então, uma batida em uma porta que não era minha.

— Douglas, você pode vir aqui um instante? — ouvi minha mãe chamar logo antes de meu pai aparecer em minha própria porta e me chamar com um aceno.

Eu o segui até seu quarto e quase senti meu coração despencar quando avistei duas malas fechadas ao lado da cama. Então ele realmente iria embora?

— Sentem-se — ambos disseram para nós.

Encarei Douglas, sem acreditar, tendo meu olhar retribuído.

— Seu pai e eu conversamos muito — minha mãe começou — e decidimos que tá na hora da gente dar um tempo. — Eu engoli em seco, incrédula e triste. Apesar de tudo, eu tivera esperança de que minha conversa com meu pai pudesse fazê-lo ficar. — Ambos precisamos colocar nossas ideias em ordem. E, juntos, isso não tá mais dando certo.

Meu pai andou até Douglas e eu e se ajoelhou à nossa frente. Ele segurou nossas mãos, abaixando o olhar antes de falar.

— Eu realmente sinto muito por tudo, meninos. Minha ida não é por ter escolhido meu trabalho em vez de vocês, mas para que as coisas não pioressem e eu e sua mãe possamos pensar melhor sobre nossa relação. — Ele olhou de Douglas para mim, demorando-se mais em meu olhar. — Eu prometo tentar ser um pai melhor para vocês. De verdade.

Ele se levantou, então, deixando um beijo demorado em nossa testa, e seguiu até a porta depois de pegar suas malas. Meu pai parou à frente da minha mãe, sustentando seu olhar triste.

— Até mais, Tereza.

E saiu, deixando para trás uma onda de desespero absurda. Um silêncio quase

fúnebre se seguiu à sua saída. Todos nós continuamos estáticos por quase cinco minutos até que Douglas se levantou, respirando fundo, e se trancou em seu quarto, batendo a porta com intensidade antes de derrubar alguma coisa no chão com tanta força que eu quase pude visualizá-lo, reprimindo um grito.

Minha mãe ainda não se movera, mas deixava cair lágrimas silenciosas e ligeiras.

Eu levantei hesitante e a abracei para que ela soubesse que eu ainda estava ali com ela.

Depois de dez minutos, eu segui para o meu quarto. Fechei a porta e, me jogando na cama, peguei o telefone para ligar para as únicas pessoas que eu sabia que atravessariam o inferno para me ver, mesmo que eu só precisasse de um ombro para chorar.

CAPÍTULO 7

O restante da semana se passou com tanta tranquilidade que era difícil acreditar em seu início tumultuado.

Minha mãe, Douglas e eu ainda estávamos nos adaptando a não ter mais meu pai morando em nossa casa. Mas o que antes parecia impossível, agora se tornava cada vez menos complicado. Saber que ele saíra de lá realmente doía muito. Entretanto, sua presença naquela casa já era tão pequena que a mudança não fora tão impactante quanto pensávamos.

Além disso, Natan e Jullie estavam tão atenciosos que era quase impossível pensar nisso. Os dois pareciam ter concordado com a tarefa de me distrair o quanto fosse necessário, mesmo que apenas passassem o dia comigo, me levando para algum parque ou para caminhar na praia.

Gustavo também estava sendo de grande ajuda. Era incrível que nos conhecêssemos apenas há cinco dias, quando pareciam anos. No dia seguinte à ida do meu pai, ele me perguntara, é claro, como fora a conversa, mesmo que não soubesse sobre o que se tratava. Acabei lhe contando sobre o ocorrido, o que o incentivara a se aproximar ainda mais de mim.

Ele me visitara todos os dias daquela semana para que pudesse se atualizar nas matérias e o garoto sempre fazia questão de levantar meu astral. Além, é claro, de me derreter totalmente com seu jeito meio travesso e, ao mesmo tempo, fofo.

Jullie ficava apaixonada toda vez que eu contava essas coisas para ela, mas Natan não parecera se dar bem com meu mais novo amigo. Eu suspeitava que ele andava sentindo ciúme do tempo que passávamos juntos, já que antes meus horários eram dedicados a ele e Jullie – e Davi.

Quando sábado chegou, trazendo mais calor e amanhecendo um dia incrivelmente bonito, quase suspirei de alívio pela semana estar, enfim, acabando.

Eu acordara cedo para meu passeio com Natan à Floresta da Tijuca, onde eu esfriaria minha cabeça e poria meus pensamentos no lugar, para começar a nova semana de um jeito bem diferente. Era nisso, pelo menos, que eu queria acreditar.

O relógio marcava nove e meia quando minha mãe foi até meu quarto me chamar. Ela iria visitar a casa nova de uma amiga do trabalho e se oferecera para nos dar uma carona.

Eu a olhei, sonolenta, e concordei com a cabeça quando ela falou algo, sem nem ouvir direito. Precisei de mais cinco minutos para tomar coragem de levantar. Quando o fiz, aproveitei para ligar logo para Natan e acordá-lo também.

Não foi preciso nem cinco minutos com a janela aberta para perceber o calor

infernai que fazia lá fora. Ao sair do banho, vesti um short jeans e uma blusa cigana amarela, por cima do biquíni, calçando um tênis de corrida branco. Completei o visual com um rabo de cavalo.

Sai do meu quarto para encontrar a mesa do café da manhã já pronta.

— Ia te chamar agora — ouvi a voz da minha mãe dizer e a encarei.

Olhei bem para ela, esquecendo o café da manhã por alguns segundos. Minha mãe estava um caco. Quero dizer, eu sabia que ela estava mal, mas não tivera oportunidade para notá-la ao acordar, momento em que não usava nenhuma maquiagem. Sempre a encontrava após o trabalho, parecendo meio cabisbaixa, mas nunca desse jeito. Agora, no entanto, observando-a tão de perto, eu podia ver de forma clara as olheiras formadas embaixo dos olhos. E os olhos! Vermelhos demais, como se tivesse chorado por dias, o que eu sabia ser verdade. E a expressão dela... Era como se fosse naturalmente triste.

— Anna? — chamou minha mãe, erguendo uma sobrancelha.

Balancei a cabeça, recuperei a expressão anterior.

— Desculpa, eu só... Tava pensando em uma coisa. Vamos tomar café? — Forcei um sorriso.

— Claro, querida.

Nós nos sentamos, em silêncio até que eu pensasse em um assunto que a distraísse e não fosse idiota, nem nada. Falei sobre a escola, Natan e Jullie, mas foi quando comecei a contá-la sobre Gustavo que ela passou a prestar atenção de verdade.

Ela ainda não tivera a oportunidade de conhecê-lo, pois estava no trabalho quando ele vinha estudar, mas pelo que eu descrevi, ela o julgou tão bonito quanto eu achava.

— E agora você tá a fim dele? — perguntou e não pude deixar de rir ao ver minha mãe tentando falar gírias modernas.

— Bem... Ele é muito fofo e engraçado, então, eu acho que... Meio que... Sim — respondi, parando de enrolar.

— Espero que ele seja um bom garoto. — Sua voz foi a de mãe super protetora.

— Ai, mãe. Eu não gosto dele, nem nada. — Rolei os olhos, rindo.

— Mas pode gostar. — Ela abriu um sorriso de canto. — Se bem que eu sempre achei que você fosse namorar o Natan.

— O Natan?!

— Claro. Vocês tão sempre juntos, se dão tão bem... E ele é um menino tão bonzinho. Simpático, inteligente, bonito. Sempre achei que fosse dar em alguma coisa.

Eu ri nervosa, porque, é claro, não podia admitir para minha mãe que andara pensando o quanto ficar com ele poderia ser realmente bom. Porque eu não conseguia nem admitir para mim mesma que, por mais que eu não quisesse, eu

estava atraída por Natan de um jeito que eu nunca imaginei que estaria.

E não só no sentido físico, como no sentimental também.

Eu pensara muito sobre as coisas que estava sentindo e o que Douglas dissera quando tínhamos conversado. Era bem óbvio, é claro, eu só relutei muito em acreditar – na verdade, aceitar – que eu estava sentindo algo por Natan além da amizade. Tudo porque eu não podia gostar de Natan desse jeito. Eu sabia disso.

Respirei fundo tentando deixar para lá. Prometi que não deixaria nada me abalar naquele dia e era isso que eu ia fazer. Por isso apenas falei para minha mãe:

— Deixa de besteira, mãe. O Natan é só meu amigo.

Ela deu de ombros.

— Bom, vou me arrumar, tá? Não demora aí.

Balancei a cabeça em afirmação. Observei-a sumir pelo portal da sala de jantar dando uma dentada particularmente grande em meu sanduiche.

Não levou mais do que meia hora para minha mãe terminar de se trocar enquanto eu colocava algumas comidas em minha mochila, me conduzir até seu carro e chegarmos à casa de Natan.

Ele usava tênis de corrida também, uma bermuda azul e uma regata cinza, que, como sempre, deixavam-no lindo de morrer. Meu amigo estava sentando nos degraus precedentes à porta, bem em frente ao portão de entrada. Antes mesmo de estacionarmos, ele se levantou, sorrindo para o carro e caminhando até nós.

Abri a porta do banco carona para sair e me juntar a ele no banco de trás. Quando ele se aproximou, soltei um assobio alto, arrancando um sorriso lindo dele.

— Oi, Nina — cumprimentou antes de colocar uma mão em minha cintura e me dar um beijo de bom dia na bochecha. Meu coração bateu acelerado, me deixando com raiva. Será que ele não podia sossegar e parar de me deixar desconfortável toda vez que Natan aparecia? — Oi, senhora Schwartz.

Minha mãe o olhou com um sorriso derretido – era incrível a capacidade de Natan de cativar as pessoas, especialmente as mulheres – e acenou de leve.

— Bom dia, querido.

Nós entramos no carro e minha mãe girou a chave para dar partida.

Tenho que admitir que estar assim, sozinha com Natan, depois de ter decifrado meus sentimentos, estava sendo estranho. Eu ainda sentia meu coração bater rápido e tive que desviar meu rosto, olhando para qualquer lugar, menos para ele, para respirar normalmente de novo. Mesmo assim, era bem provável que ouvisse meu coração. Desejei haver um jeito de abafar o som.

Se ele percebeu, no entanto, não falou nada. Meu amigo começou a puxar assunto e conversar conosco, fazendo meus pensamentos se distraírem aos poucos, até que tudo voltou ao normal.

Passamos a viagem inteira implicando um com o outro. Natan era o rei da arte de (me) irritar — perdendo apenas para meu irmão. Era o que ele sabia fazer de melhor. Às vezes, eu fingia cair na pilha só porque era legal. Eu gostava das implicâncias dele — talvez porque não chegavam nem aos pés das do meu irmão, que basicamente envolviam tapas e disputas.

Nós brincamos e implicamos um com o outro como se tivéssemos dez anos de idade de novo. Era uma sensação boa ser criança de novo.

— Chegamos — avisou minha mãe com a voz calma.

Natan e eu nos entreolhamos com sorrisinhos. Meu melhor amigo bateu as mãos e esfregou-as algumas vezes, com sua melhor cara de moleque estampada no rosto, antes de sair do carro.

— Valeu, mãezinha. — Dei um beijo em sua bochecha. — Bom churrasco.

— E bom passeio para vocês. Qualquer coisa, me liguem.

Sem dizer mais nada ela deu partida e sumiu na curva mais próxima.

Olhei para frente, sorrindo para o lugar.

— Não mudou nada — murmurou Natan.

Concordei com a cabeça, inspirando o ar, enquanto começávamos a andar. Era um cheiro tão gostoso de mato, de natureza. Era tranquilizante: tudo o que eu precisava.

Caminhando devagar, observei aquela paisagem, bestificada. Apesar de estar familiarizada com o lugar ainda me surpreendia como podia ser tão bonito. A estrada por onde seguíamos estava quieta e praticamente vazia. Havia apenas uma loira correndo, concentrada com seu MP3, e um casal de idosos caminhando com tanta lentidão que pareciam quase parados. Observei-os, admirada. Eles sorriam um para o outro, apontando de vez em quando para uma árvore ou para um pássaro. Estavam de mãos dadas; o companheirismo evidente entre os dois.

Perguntei-me com tristeza se um dia eu encontraria alguém assim: que ficasse comigo até a velhice. Um relacionamento que superasse a paixão e amor a ponto de se tornar eterno.

— É de dar inveja, não?

Absorta em meus pensamentos, me assustei com a interrupção. Olhei para Natan. Ele olhava para o casal que eu estivera observando segundos antes, com uma expressão incompreensível.

— Sim. Algumas pessoas têm muita sorte, né?

Ele soltou uma risadinha seca, mas não respondeu.

— Que houve, chuchu?

Sua expressão mudou em um piscar de olhos. Um sorriso se abriu em seu rosto, mas percebi que não era verdadeiro.

— Nada não, gatinha. Só feliz por estar aqui com você.

Ele me abraçou de lado e seguimos até a entrada de uma trilha. O som de

pássaros ali era mais alto do que na estrada. Não havia ninguém por perto e fiquei feliz por isso. Esperava que o local em que ficaríamos estivesse vazio. Conforme seguíamos, a trilha, que antes era um pouco estreita, ia se abrindo como um funil. Havia uma curva para a esquerda, mas parei, olhando para frente.

Eu estava na ponta de um minúsculo penhasco; havia algumas pedras que serviam como escada e, lá embaixo, muitas pedras grandes e uma cascata. Uma piscina natural se formava à frente dela. Sorri e olhei para trás quando o barulho dos passos de Natan me alcançou. Ele olhava para a cascata também.

— Vamos? — perguntou, apontando para as pedras.

— É claro. Primeiro as damas — zombei, estendendo a mão para convidá-lo a ir.

Ignorando a brincadeira, Natan começou a descer, certificando-se de que encontrasse o melhor caminho para que não caíssemos. Fui logo atrás dele, esperando paciente enquanto verificava se a pedra onde pisava era segura.

Por fim, chegamos ao chão. Um sorriso se abriu em nossas faces. Fechamos os olhos ao mesmo tempo e respiramos fundo, ouvindo, maravilhados, o som da água caindo. E da paz.

Tirei a mochila do ombro e a coloquei num canto cercado por pedras. Natan fez o mesmo, deixando ali também seu tênis, e seguiu até a beirada da piscina natural enquanto eu tirava meu chinelo da mochila e descalçava os sapatos. Antes mesmo de levantar, ouvi meu amigo pular na água e virei, vendo-o na piscina natural de camisa e tudo.

— Você tá louco? — perguntei, rindo. — Pular assim, de roupa?

— Por quê? Queria me ver sem ela, é? — brincou, tirando a camisa.

Dei língua para ele e o ignorei. Aproveitei para tirar minhas próprias roupas, ficando apenas de biquíni. Segui até minha mochila, de onde tirei uma canga e a estendi ao chão, colocando nossas bolsas em cima dela.

Quando me virei para a piscina natural, no entanto, para o desespero do meu coração já tão abalado, Natan saía de lá com o corpo completamente molhado e os cabelos pingando em seu rosto, compondo uma das visões mais bonitas daquele dia, não sendo páreo nem mesmo para a paisagem da floresta.

Eu engasguei, tossindo em seguida. Não era como se eu nunca tivesse visto Natan sem camisa, mas, apesar de sempre ter tido a mesma reação, vê-lo assim agora que eu estava *definitivamente* atraída por ele era um tantinho pior.

Ele estendeu as roupas molhadas em cima de uma das pedras, para que pudessem secar, e olhou para mim com a sobrancelha estendida.

— Tudo bem aí?

Eu acenei com a cabeça com rapidez.

— Só me engasguei aqui. Vou beber um pouco d'água. — E corri para a minha mochila, onde colocara três garrafas.

Natan me observou até terminar e, quando percebi estar mais calma, fui até ele andando de forma exagerada, como se estivesse em um desfile, e parei com uma das mãos na cintura.

— Tá pronto para assistir minha *performance* de pulo aquático? — perguntei, sorrindo de lado.

— Ai, meu Deus. Toda vez é isso.

— Não reclama. É tradição, já! — Balancei a cabeça, fingindo indignação.

Afastei-me o máximo possível da borda da piscina e dei um último olhar para Natan, que se apoiava numa das rochas com um sorrisinho discreto, antes de correr e pular na água, dobrando os joelhos ao peito, parecendo uma bola de canhão disparando.

Afundi por quase cinco segundos, chegando a tocar o chão da piscina, já que ela não era o que poderia ser chamada de grande, e voltei à superfície. Olhei em direção a Natan com o sorriso no rosto, mas o fechei quando percebi que ele não estava mais lá. Girei no lugar, procurando-o. Ainda assim, não o achei.

Eu respirei fundo, sabendo o que vinha a seguir. Apesar disso, me assustei quando um par de mãos puxou meu pé, me afundando por alguns segundos, antes de subirmos de volta e eu encontrar um Natan risonho.

— Bobão.

— Pirralha.

Com esse último apelido carinhoso, afastei minha mão alguns centímetros e joguei tanta água quanto foi possível no rosto do meu melhor amigo. Ele tossiu um pouco, limpando o excesso do rosto e me olhou com os olhos cerrados.

— É guerra, é?

— Claro que não — respondi. Sua expressão se tornou em convencida. Dei um sorriso de canto. — Seria covardia com você.

— Ah, é?

Ele me deu um segundo para pensar, o que foi suficiente para que eu nadasse para longe enquanto Natan vinha atrás. Bati as pernas, aproveitando para jogar água no rosto dele, mas, ainda assim, meu amigo me alcançou. Segurando meu calcanhar, ele me puxou para perto dele, e ergueu a sobrancelha com um sorriso vitorioso.

— Seria covardia, é?

Confirmei com a cabeça, fazendo-o rolar os olhos.

Natan largou meu calcanhar e começou uma guerrinha de água que, para qualquer um que nos visse de fora, seria uma tremenda criançice. Mas de que nos importava o que os outros pensavam se estávamos nos divertindo assim mesmo?

Quando desistimos da brincadeira, eu sorri para ele, balançando a cabeça com um sorriso bobo no rosto.

— A gente não cresce, não?

— Pra quê? — Natan deu de ombros. — Por mim, seria criança para sempre.

— Com uma amiga dessas — aponte para mim mesma com a mão — impossível não gostar da própria infância, né?

— Nem é convencida, imagina.

— Realista, é diferente.

Com uma risadinha, dei um impulso para deitar e boiar por algum tempo na água. Natan fez o mesmo, ficando ao meu lado, e estendeu a mão para perto da minha. Eu a segurei e fechei os olhos, inspirando fundo.

— Isso é o paraíso — sussurrei. Com os olhos abertos de novo, admirei o céu limpo, completamente azul. O sol, logo acima de mim, ardeu em meus olhos, forçando-me a desviar.

— Quem dera se fosse. — Natan fez uma pausa. — Mas acho... Que chega bem perto.

Abri um leve sorriso, fechando os olhos em seguida, mais uma vez.

Fiquei por vários minutos assim, apenas ouvindo o som da natureza e inspirando o ar puro. Eu me sentia... feliz. De um jeito que, nos últimos tempos, vinha pensando ser impossível.

Minha mente, naquele momento, simplesmente apagou. Nenhum problema ultrapassava a muralha de paz que se instalara ali, nenhuma emoção além de felicidade invadia meu coração. Era como se aquele cenário bloqueasse todas as sensações ruins, a negatividade que se apossara da minha vida desde aquele sábado desastroso. Era bom não sentir nada, para variar.

Depois do que pareceram horas em que conversamos e brincamos, além dos momentos de silêncio, Natan parou de boiar e ficou em pé na piscina. Ele se aproximou de mim e sorriu.

— Nina — olhei para ele, retribuindo o sorriso. — Obrigada por tudo, tá?

— Ué, o que eu fiz? — Ergui a sobrancelha, não entendo.

— É minha melhor amiga. Isso não é suficiente?

Pariei de boiar como ele e o abracei.

— Eu é que tenho que agradecer por tudo o que faz e sempre fez por mim. Você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida, Nael.

Nos afastamos do abraço e nos encaramos com cumplicidade. Eu poderia falar que nos encaramos de um jeito intenso, mas a verdade é que não havia clima nenhum do jeito que acontecera na praia ou na escola. Naquele instante, éramos Nael e Nina, sorrindo um para o outro, os olhares sorrindo junto, e a nossa amizade, tão forte quanto nunca.

— A fim de lancha? — perguntou, quando o momento chegou ao fim.

Acenei com a cabeça e nós seguimos em direção à borda, onde ele subiu primeiro e, depois, estendeu a mão para me ajudar.

Calcei o chinelo, que largara ali próximo, e peguei minha toalha, torcendo meu cabelo e tirando o excesso de água do corpo com ela. Natan passou a sua

pela cabeça, antes de largá-la na pedra onde estavam as roupas e seguir para sentar na canga que eu estendera quando chegamos.

Jogando-me a seu lado, puxei minha mochila e tirei de lá os sanduíches e o suco que colocara em duas garrafas quase congeladas. Natan pegou um de cada e começou a comer antes mesmo que eu pudesse tirar meu sanduíche do papel.

— E aí, tá bom? Já posso morar sozinha sem morrer de fome? — perguntei antes de me livrar do embrulho e comer meu lanche.

Meu amigo concordou, sem prestar muita atenção. Ele parecia pensativo, desligado. Estava encostado em uma das pedras ao redor, o olhar perdido no chão.

Franzi o cenho para ele.

— O que foi, chuchu?

— Nada... É só que... — Ele parou, embolando as palavras, sem saber como continuar.

— Fala — incentivei.

Havia frustração demais em seus olhos azuis. Ele me encarou, mais atordoado do que nunca e coçou a cabeça, meio envergonhado.

— Não é nada. Deixa para lá.

— Nael...

— É sério. É só coisa da minha cabeça.

Um silêncio se estendeu entre nós quando resolvi que era melhor não pressioná-lo. Eu sabia que não ia adiantar por isso me encostei à pedra, aproveitando para observar o lugar. Eu já conhecia cada pedaço dali e mesmo assim não me cansava de admirá-lo. Eu cresci indo à Floresta da Tijuca. Já havia ido a todas as cachoeiras e trilhas, mas ainda parecia ser a primeira vez sempre que voltava. Era lindo demais.

A cascata soltava águas transparentes que caíam com violência, brilhando à luz do sol. Havia pedras de tamanhos e formas diferentes, árvores, todas tão grudadas que me impediam de ver algo além delas, o som dos animais lá dentro da floresta, pássaros, grilos. O sol irradiava um calor gostoso. Eu poderia dormir.

Mordi outro pedaço do sanduíche e fechei os olhos, sentindo a brisa passar pelo meu rosto. Devo ter ficado quase dez minutos assim, em silêncio, terminando meu lanche e aproveitando a quietude do lugar para me livrar de todos os sentimentos ruins.

Quando abri os olhos novamente, Natan me observava com uma expressão ilegível.

— O que você tá pensando?

O som dos pássaros continuava a cantar ao fundo. Um vento mais forte do que a brisa que se estabelecera a manhã inteira passou zunindo, fazendo a folhagem se remexer com força, batendo uma na outra e soltando um som admirável.

— Em nada.

Sorri para ele, feliz por poder dizer isso. Eu não estava pensando em nada. Não estava me preocupando com nada.

— Ah, vai, me diz — insistiu.

— Não. É sério. Eu não tô pensando nada. — Sorri com tranquilidade. — Quer dizer, é tão bom ficar aqui. A brisa, o cheiro, o barulho. Depois de tudo, é bom não pensar em nada para variar...

Ele assentiu, refletindo sobre o que acabara de dizer.

— Nós viemos aqui tantas vezes — continuei, dominada pela calma. Era quase como se o lugar me influenciasse – e mesmo assim eu não consigo me acostumar com toda essa beleza.

— Nem eu...

— Tô feliz de estar aqui com você.

Era quase imperceptível, mas notei o sorriso formado no canto de sua boca.

— Também tô — respondeu com a felicidade estampada nos olhos.

O sorriso se abriu, revelando seus dentes esbranquiçados.

Ele se encostou à pedra de novo e fechou os olhos do mesmo jeito que eu havia feito alguns minutos antes. Observei seu peito nu subir e descer com sua respiração e a água escorrer pelo seu cabelo molhado, deixando um caminho por sua bochecha: Natan estava mais lindo do que nunca.

Então, ele abriu a boca e estragou o momento.

— E aí... Qual é a do garoto novo? — perguntou após alguns minutos de silêncio.

Pisquei para ele, atordoada com o novo assunto.

— Como assim?

Seus olhos se abriram, desviando-se para meu rosto e observando minha reação.

— Ah, você sabe... Você tá a fim dele ou o que?

— Eu... Não tô... — Mordi minha boca, percebendo que não fazia sentido mentir para Natan. Além disso, talvez assim eu não deixasse que meu amigo percebesse a confusão que se passava comigo em relação a ele. — Eu não sei. Acho que sim.

A expressão dele era indiferente, mas eu o conhecia muito bem para saber quando ele escondia algum pensamento.

— Bota pra fora — pedi, quase ordenei.

— E quem disse que eu tenho alguma opinião sobre o assunto? — perguntou, desafiador.

— Sua cara.

— Minha cara? Ela tá igual a sempre.

Meu amigo deu um sorrisinho de lado e levantou, andando até a piscina e pulando na água. Eu rolei os olhos, suspirando curiosa. Andei até a borda, mas

sentei ali, apenas com os pés descalços submersos.

Era claro que Natan tinha algo a dizer. Ele não tentava esconder seu desgosto por Gustavo toda vez que o garoto estava por perto, então por que ficaria feliz ao ouvir sua melhor amiga dizer que estava atraída por ele?

— Eu não entendo essa sua atitude. Por que você não gosta dele?

Natan, que estivera nadando ao longe, próximo à queda d'água, flutuou lentamente até mim, calado. Foi preciso um minuto inteiro para que chegasse até onde eu estava, sem se esforçar, e, como ele permaneceu em silêncio, achei que não fosse responder.

No entanto, ele segurou em minha cintura quando se aproximou, me puxando para a água e me encostando ao limite da piscina, seu corpo praticamente colado ao meu.

— Você acha que é a única que tem ciúmes? — respondeu com um sorrisinho no rosto.

Ele ainda não me soltara. Eu podia sentir meu corpo tremer por inteiro, soltando faíscas onde ele me tocava, mesmo debaixo d'água. Minha boca se abriu em um sorriso involuntário com a resposta.

Escurregando as mãos para minhas costas, logo acima da lombar, Natan se aproximou em um abraço, encaixando seu rosto em meu pescoço. Eu devolvi a ação, estendendo meus braços por cima dos seus ombros e deixando minhas mãos descansarem em seus cabelos castanhos claros.

Ficamos assim por minutos incontáveis. Eu perdi a noção do tempo naquele abraço. Mantinha os olhos fechados, a respiração mais calma do que eu achava possível e meus pensamentos, limpos. Natan passeava com o nariz pela curva do meu pescoço com meu ombro, causando-me arrepios involuntários e o aumento momentâneo dos meus batimentos cardíacos, enquanto eu mexia em seus fios em um carinho calmo.

Mas eu sabia que não era a única sentindo emoções que nunca sentira antes. O coração do meu melhor amigo batia tão forte contra seu peito que eu mesma podia sentir.

Após um tempo indeterminado, o rosto de Natan se moveu, ainda próximo. A ponta do seu nariz passou a explorar o restante do meu pescoço até chegar em minha mandíbula. Então, ele se afastou alguns milímetros. Eu senti que deveria abrir os olhos, mas precisei de alguns segundos antes de encará-lo.

Quando o fiz, quase vi meu olhar refletido no de Natan. Era como se tudo tivesse se apagado. Não havia muro que pudesse esconder os sentimentos estampados ali. Todas as barreiras tinham sido derrubadas. Naquele momento, nossos olhares mostravam todas as emoções ocultas. E, então, por um milésimo de segundo, me passou pela cabeça que Douglas estava certo quando opinara sobre o que meu amigo sentia. Mas antes que eu pudesse refletir, Natan me pegou de surpresa. Ele aproximou seus lábios dos meus e me beijou.

Não era como se eu não quisesse aquilo. Eu já tinha me conformado com o fato de estar sentindo *alguma coisa* por meu melhor amigo. Só nunca realmente achei que fosse ultrapassar os pensamentos e se tornar uma ação. Até porque nunca havia me passado pela cabeça que Natan pudesse estar sentindo a mesma coisa. Mas quando sua língua pediu passagem para iniciar o beijo, eu não consegui fazer outra coisa a não ser permitir.

As mãos de Natan apertaram minha cintura com força, como se ele precisasse liberar ali toda a sua tensão. Só quando seu beijo começou a se intensificar, percebi que ele não obtivera muito sucesso. Era quase como se ele estivesse aliviado – como se precisasse daquilo tanto quanto eu precisava no momento.

Natan beijava melhor do que qualquer outro garoto que eu já tivera a oportunidade de beijar, por isso não culpava exatamente minha cabeça por ter se entregado aos meus instintos mais primitivos e esquecido qualquer coisa que eu deveria estar considerando.

Eu segurei com força seus cabelos e mantive a intensidade do beijo por longos minutos até minha mente ser atingida com força total por tudo o que me permitira reprimir naquele momento. Com horror, eu percebi que aquele era meu melhor amigo. *Eu estava beijando meu melhor amigo.*

E minha mente me fez lembrar todos os por quês daquilo ser tão errado. Relembrei todos os relacionamentos que deram errado: dos meus pais, dos meus amigos, o meu próprio. Relembrei que relacionamentos amorosos tendem a dar errado e que arriscar a melhor amizade que eu podia ter por algo tão instável era simplesmente loucura. E relembrei, mais uma vez, que estar beijando meu melhor amigo era a pior burrada de toda minha vida.

Por isso, juntando todas as forças que ainda restavam em mim, soltei os cabelos de Natan e espalmei minhas mãos em seu peito, empurrando-o com força para trás.

Eu o encarei com a respiração ofegante, perplexa. Fiquei irritada – mais comigo mesma do que com ele – por ter permitido que aquilo acontecesse. Precisei de quase um minuto para me recuperar. Estava atordoada, confusa, e pensei que Natan estaria assim também. Mas seu rosto só demonstrava frustração. E isso me deu forças para acordar e sair dali.

Virei para a borda, colocando minhas mãos no local e impulsionando meu corpo para cima. Calcei os chinelos e andei até meus pertences, pegando minha toalha para me secar. Depois enfiei-a de qualquer jeito na mochila e peguei minhas roupas, colocando-as o mais rápido que consegui. Quando ia começar a guardar o restante das coisas, porém, ouvi Natan sair da água e girei nos calcanhares, olhando-o e dando um passo para trás involuntariamente.

— Nina... — chamou com a voz baixa ainda um pouco ofegante.

— Não, Nael — pedi, fechando os olhos por um instante.

— Por favor. Desculpa. — Seus olhos imploravam para que eu não fosse embora. Meu estômago deu uma reviravolta esquisita ao notar a intensidade do olhar, mas não mudei de ideia. — Foi um impulso, eu não...

— Eu preciso ficar sozinha, Natan.

Ele fez menção de dar um passo à frente, mas, com medo de uma nova aproximação significar uma recaída, fugi. Subi as pedras por onde havíamos descido antes e corri com toda força que tinha. Ainda ouvi Natan me chamar mais uma vez, mas já era tarde. Eu não sabia o que estava fazendo de verdade. Só sabia que eu estava confusa e não conseguiria ficar ali para conversar sobre o que acabara de acontecer.

Cheguei ao final da trilha ofegante e quase esbarrei em uma mulher que passava distraída. Forcei um sorriso de desculpas antes de voltar a correr sem ter certeza para onde iria. A verdade era que eu precisava do meu melhor amigo para conversar e me ajudar. Mas era óbvio que eu não podia ir até ele porque, para começar, ele próprio tinha sido o motivo da minha fuga.

Pensei em Jullie, Douglas, minha mãe e até Davi. Mas minha mente visualizou outra pessoa. Alguém que eu conhecia há tão pouco tempo e, ainda assim, eu sabia que era exatamente quem eu precisava ver naquele instante.

CAPÍTULO 8

É claro que, quando eu me acalmei o suficiente para ligar para Gustavo, percebi que tivera tanta pressa em fugir que deixara todos os meus pertences com Natan.

Inspirei fundo, não acreditando na minha sorte. Eu já estava chegando na saída da Floresta quando girei, percorrendo todo o caminho de volta para a trilha. Nem sei como consegui chegar lá, tamanho era meu cansaço. Levei apenas cinco minutos para descer tudo correndo, mas subir novamente? Foram quase vinte.

Eu não queria ver Natan de novo, pelo menos naquele dia, mas se era preciso, o que eu podia fazer? Entretanto, quando cheguei ao local, não havia mais ninguém. Tudo fora levado embora. Eu quase gritei de raiva. Era incrível como as coisas tinham tendência a dar errado comigo, pelo menos nos últimos dias. Agora eu estava longe de casa, sem dinheiro, sem celular e sem companhia.

Voltei à estrada principal, respirando fundo para controlar meu nervosismo. Andei pelo caminho para a saída, sempre atenta para o caso de achar algum telefone público. Quando avistei um, corri até o local, começando a sentir frio por causa da roupa molhada pelo biquíni.

Disquei o número de casa, mas ninguém atendeu.

Tentei o celular dos meus pais, mas ambos caíram na secretária eletrônica. Nem devia arriscar ligar para meu irmão ou Jullie, ambos viviam com o celular sem bateria. Tentei mesmo assim. Nada.

Bufei. Eu não queria ligar para Natan, mas será que precisaria?

Eu poderia ligar para Davi, não custava nada. Disquei. Mas, em sua casa, ninguém atendia. Ele estava no curso, lembrei.

Eu já pensara em ligar para Gustavo, é claro. Porém, não conseguia lembrar o número. Sempre nos falávamos em minha casa ou no colégio e, quando era pelo telefone, era ele quem ligava, não me dando oportunidade de decorar seu celular ou telefone fixo.

A irritação e o nervosismo afloravam em minha pele enquanto eu tentava decidir o que fazer.

Disquei o número de Natan com relutância, mas não havia sinal.

O que eu ia fazer agora? Não conseguia falar com ninguém e, por mais que esforçasse, não lembrava o restante do telefone de Gustavo.

Continuei tentando falar com alguém.

Meus olhos encheram-se de lágrimas enquanto eu apertava os números com raiva. Eu estava tão cansada... Só queria ir para casa e esquecer tudo que estava acontecendo comigo.

Quando nenhuma tentativa fez efeito, resolvi arriscar o número de Gustavo.

Disquei a primeira possibilidade. Mal a voz da gravação a cobrar começou a falar, a pessoa do outro lado desligou.

Tentei outro número, mas ninguém atendeu.

Coloquei o fone no gancho e tirei-o de volta. Disquei a terceira alternativa. Estava prestes a desligar, quando a gravação tocou.

— Chamada local a cobrar. Diga seu nome e a cidade de onde está falando. — Bati o pé, esperando.

— Espera um minuto! Só um minutinho — gritou uma mulher do outro lado da linha. Ouvi uma porta se fechar com um estrondo. — Alô? Desculpa, eu acabei de chegar — ofegou.

Funguei antes de secar as lágrimas que caíam em silêncio e sorrir. Eu tinha conseguido!

— Tudo bem. Desculpa ligar a cobrar — pedi, envergonhada. — Mas é importante... O Gustavo tá aí?

— Nossa, eu não sei. Eu acho que ele tá dormindo.

— Se ele ‘tiver, você pode acordar ele, por favor? — praticamente implorei.

— Claro — pude perceber sua voz preocupada do outro lado. — Quem tá falando?

— É a Anna.

— Tá certo. Espera só um minuto, Anna.

Esperei sem paciência. Minhas pernas doíam e eu começava a sentir sede.

— Anna? — A voz dele era sonolenta, mas parecia preocupado.

Fiquei tão aliviada por ouvir sua voz que não consegui evitar o choro. Eu nunca tinha passado por uma situação parecida e se não conseguisse falar com Gustavo, o que eu teria feito? Quem iria me ajudar?

— Anna, o que aconteceu? — Ele ficou assustado com minha reação. — Anna?

Respirei fundo, me forçando a falar, mas o choro não cessou.

— Eu saí com o Natan... E nós brigamos... — soltei, soluçando. — Eu fui embora... Deixei tudo com ele... — Solucei mais uma vez enquanto passava as mãos pelo rosto, tentando limpar as lágrimas que não paravam de cair. — Eu tô sem dinheiro... Sem celular... E longe de casa... E não consegui falar com mais ninguém... Ele não tá mais lá...

— Calma. Anna. Me escuta — pediu, já que eu chorava tanto que nem conseguia ouvir direito o que ele falava. — Onde você tá?

— Na Floresta da Tijuca — choraminguei.

— Vai pra entrada, tá? Eu tô indo praí.

— Obrigada.

O telefone ficou mudo, mas não larguei o fone. Agradei mais umas centenas de vezes antes de colocá-lo no gancho e correr para a entrada, na ânsia de que tudo acabasse logo.

Sentei em uma mureta próxima do portão, sem notar nada à minha volta. Agora que eu finalmente parara, consegui me concentrar melhor. Respirei fundo, obrigando meu coração a parar de bater com tanta força pouco a pouco.

Uma brisa gelada me atingiu em cheio. Abracei meu joelho, protegendo-me do vento que às vezes batia apesar do calor e segurando a vontade de voltar a chorar. Contentei-me em observar as pessoas passarem na rua, esperando.

Eu estava ficando cansada de ter meus momentos de paz e tranquilidade e vê-los sendo tirado de mim com a mesma rapidez que apareciam. No dia anterior, eu estava agradecendo pela semana ter terminado melhor do que começara e agora eu estava chorando de novo, perdida, depois de ter beijado meu melhor amigo.

Então era nisso que minha vida ia se tornar? Todo dia acontecendo uma coisa pior do que a outra?

Suspirei alto. Olhei em volta, procurando algo menos mórbido para pensar do que a bagunça que estava acometendo minha vida. Eu superaria tudo. Só era preciso esperar e tudo ficaria bem. De novo.

Próximo ao local onde eu estava, vi um homem estranho entre algumas pessoas, vindo na direção de onde eu estava. Desviei o olhar, começando a ficar impaciente de novo. Já havia se passado mais de vinte minutos, pelo que eu suspeitava, e a espera era horrível. Não gostava de ficar sozinha em certos lugares, ainda mais na Floresta, que eu sabia estar mais perigosa do que costumava ser.

Bati os pés na mureta, desejando que Gustavo chegasse logo. Pelo canto de olho, percebi o mesmo homem de antes chegar cada vez mais perto, levando meu coração a bater com força, de medo.

— Oi, princesa — o ouvi gritar. — Precisa de companhia?

Ignorei-o, mas desdobrei as pernas, preparando-me para correr se fosse preciso.

Há alguns metros, o sinal abriu e alguns carros passaram com rapidez, fazendo ventar com mais força.

Engoli a vontade de chorar.

No entanto, o homem apenas piscou pra mim e riu antes de continuar seu caminho.

Segundos depois, um Ecosport vermelho parou à minha frente e o motorista buzinou. A porta do carona foi aberta, revelando Gustavo. O alívio que eu senti ao vê-lo foi tão grande que, sem nem mesmo pensar, corri até ele, jogando meus braços em seu pescoço para lhe abraçar.

Ele retribuiu, me transmitindo uma maravilhosa sensação de proteção. Eu respirei fundo, esquecendo minhas preocupações. Nós nos separamos e ele abriu a porta traseira para mim, entrando comigo no banco de trás.

Meu coração voltava ao normal enquanto a mãe de Gustavo dava partida no

carro.

— Desculpa ter incomodado — falei com timidez. Eu estava um pouco envergonhada, mas depois do susto que acabara de ter, não conseguia me arrepender de ter ligado para Gustavo.

— Que isso, Anna! Você ‘tava precisando de ajuda, não foi incomodo nenhum. — Vera fez uma pausa. — Além disso, eu sempre quis dar uma de heroína para alguém. — Ri de seu comentário, o que a fez sorrir, olhando para mim pelo retrovisor. — Onde você mora, querida?

Dei-lhe meu endereço antes de olhar para Gustavo.

— Obrigada — agradecei. — Obrigada mesmo. E desculpa ter te acordado e te feito vir até aqui, eu...

Eu poderia ficar ali e agradecer para sempre, porque nenhum “obrigada” expressaria o quanto eu estava grata de verdade. Mas Gustavo estendeu a mão para me fazer calar.

— Para. Não foi nada. — Ele abriu aquele mesmo sorriso que fazia meu coração bater mais forte e me abraçou. Deitei minha cabeça em seu ombro sentindo-me mais protegida do que jamais havia sentido. Suspirei sem dizer mais nada. Fechei os olhos para tentar esquecer tudo o que acontecera naquela manhã.

Não sei quanto tempo se passara, nem mesmo se eu havia dormido ou apenas ficado tão confortável que parecia estar adormecida, porém, quando notei, parávamos em frente à minha casa.

Para meu desespero, já havia alguém lá.

Natan estava sentado nos degraus da varanda, vestindo ainda a mesma roupa do nosso passeio. Nossas mochilas estavam ao seu lado, uma em cima da outra.

Ele levantou a cabeça quando ouviu o barulho do carro parar, mas franziu o cenho ao não reconhecer de quem era. Eu lancei um olhar para Gustavo, que me incentivou a sair, e tomei fôlego antes de abrir a porta do carro.

— Mãe, espera aqui? — o ouvi dizer. Em seguida, ele pulou do carro atrás de mim.

A expressão de Natan ao me ver, chegando com Gustavo, foi indescritível.

Seu rosto estava apoiado nas mãos antes de ver o carro e se manteve assim após. Fechou os punhos, encostando os lábios nos mesmos, como se reprimisse um palavrão. Depois abriu um sorrisinho, que demonstrava sua frustração, e balançou a cabeça. Natan se levantou, puxando sua mochila pela alça, deixando a minha no mesmo lugar, e caminhou em direção à rua.

— Nael — chamei, sem conseguir me conter, quando ele passou direto por nós. Seu olhar era tão... Triste. Era como se eu o tivesse traído.

— Não, Anna. — Ele parou, com a cabeça abaixada, de costas. Parecia controlar sua voz para não expressar tudo o que estava sentindo. — Você fugiu. Você disse que queria ficar *sozinha*.

— Mas eu...

— Não fala nada, tá? — me cortou. E olhando para Gustavo, com uma indiferença tão grande em seus olhos que chegou a doer em mim, ele disse algo que eu pensei que jamais poderia perdoar: — Faça bom proveito.

Precisei segurar Gustavo para que não fosse atrás de Natan. Ele ficou com raiva e xingou meu amigo algumas vezes, antes de se virar para mim.

— Como você deixa ele falar assim com você? Que idiota! — E percebendo que eu recomençara o choro, ele se acalmou e me abraçou. — Anna, não fica assim.

— Tá dando tudo errado! — exclamei, soluçando alto. Eu nunca fora de chorar. Sempre fora alegre, extrovertida... E agora tudo aquilo estava acontecendo e *era demais pra mim*. — Não para de dar errado. Eu não aguento mais!

Continuei chorando por um bom tempo até que outra pessoa me separou de Gustavo e me abraçou de lado, forçando-me a andar até a entrada da minha casa.

— Anna, olha pra mim. — A mãe de Gustavo segurou meu rosto, forçando-me a levantar o olhar. — Nós vamos fazer o seguinte... Você vai entrar, tomar um banho e trocar de roupa. E, depois, nós vamos te levar lá pra casa e fazer alguma coisa legal, tá? Vamos jogar Palavra Cruzada ou Twister, o que você quiser.

Eu neguei com a cabeça. Mesmo no estado em que me encontrava, eu estava ciente da dor de cabeça que estava dando aos dois.

— Eu não quero dar mais trabalho.

— Você não vai dar, querida.

Gustavo se intrometeu.

— É claro que não vai. Minha mãe e eu sempre jogamos e vemos filme aos sábados, mas tá ficando cansativo demais vencer dela toda vez. Acho que a gente precisa de uma companhia nova.

Ele abriu um meio sorriso. Eu mordi o lábio, indecisa. Eu queria muito aceitar. Qualquer coisa para me distrair naquele instante estava valendo, na verdade. Mas eles já estavam fazendo tanto por mim...

— Você sabe que quer — disse Vera, apontando o dedo pra mim com um sorrisinho engraçado.

Não consegui evitar retribuir o sorriso e ela riu, vitoriosa.

— Enquanto você sobe, eu ligo pra sua mãe e peço a permissão dela, tá certo? Minha resposta foi instantânea.

— Não! — Ela ergueu a sobrancelha, sem entender. — Não quero que ela saiba. Minha mãe já tá com problemas demais.

— Tudo bem, então. Mas ligue pra ela para avisar.

Eu acenei com a cabeça enquanto pegava a chave na mochila que Natan deixara na varanda. Abri a porta e entrei na casa silenciosa.

— Tem algum mercado aqui perto? Assim, eu vou comprando algumas besteirinhas para a nossa tarde. — Respondi que sim e lhe expliquei como chegar lá.

Quando Vera saiu, acomodei Gustavo na sala, depois de ligar a televisão, e prometi que não demoraria antes de subir para meu quarto.

Alguns minutos depois, eu já estava pronta, com todos os pertences guardados e minha mãe devidamente notificada.

Não demoramos muito para chegar à casa de Gustavo; ele morava em um condomínio em Ipanema. Nós subimos de elevador até o sexto andar e então entramos em sua casa.

— Guto, liga a televisão. Eu vou colocar a salsicha pra fazer. — Ela se virou para mim. — Você gosta de cachorro quente, Anna?

— Amo.

— Ótimo.

Com um sorriso, Vera correu para a cozinha e Gustavo se jogou no sofá, pegando o controle remoto em seguida e ligando a televisão. Ele olhou para mim, ainda em pé, e bateu em seu colo, como um convite para que eu deitasse.

Achei tão fofo que não pude evitar um sorrisinho. Ele retribuiu a ação enquanto eu colocava minha bolsa na mesa de centro à frente do sofá e sentava, sem deitar, como ele pedira. Mas Gustavo me puxou pelos ombros e me forçou a fazê-lo.

— Não precisa ficar me tratando como bebezinho — brinquei, olhando-o.

— Mas eu quero, não pode? — Torci a boca, rindo de sua teimosia.

Gustavo passou a mão pelo meu cabelo, fazendo carinho, e eu me permiti fechar os olhos, evitando pensar no que acontecera há quase uma hora atrás.

— Então... — começou, levando-me a abrir os olhos. Ele me encarava, sem sorrir. — Você e Natan brigaram ou só queriam coisas diferentes?

Mordi o lábio, decidindo como responder àquilo. Estava claro que Gustavo já entendera o que acontecera, mas suas opções estavam um tantinho erradas. Porque, aparentemente, Natan e eu *queríamos* a mesma coisa. Só não a aceitávamos do mesmo jeito.

— Ele me beijou — confessei. Gustavo assentiu, sem se surpreender. — E eu fugi.

— *Quando* ele te beijou ou depois disso? — O que ele sabia, é claro, que era bem diferente.

Para minha sorte, a mãe de Gustavo resolveu nos interromper bem naquele momento. Eu não estava a fim de responder aquilo – muito menos para ele. Por isso desviei os olhos e, ao perceber sua mãe no corredor, vindo até nós, eu levantei de seu colo e me concentrei somente em Vera.

— A salsicha tá quase pronta — avisou com um sorrisinho feliz no rosto. —

Por que não vamos preparando os jogos?

Nós assentimos com a cabeça e a seguimos até seu quarto. No caminho, tentei espiar o quarto de Gustavo, que estava entreaberto, mas ele segurou minha cabeça, forçando-me a olhar para frente e disse:

— Não é porque você me levou até o seu que eu vou te deixar ver o meu. Para de ser apressadinha.

Abri um sorriso, rindo internamente.

Nós pegamos Palavras Cruzadas, Twister, Scotland Yard e UNO e voltamos para a sala, conversando e rindo tanto que ninguém imaginaria o que acontecera há poucas horas. Vera foi até a cozinha enquanto organizávamos os jogos e voltou trazendo uma bandeja com vários cachorros-quentes e três copos com refrigerante. Achei estranha a quantidade exagerada de lanches, mas quando Gustavo começou a comer, entendi o porquê. Eu devia ter suspeitado; afinal, vivia com um troglodita que está sempre faminto.

Jogamos por quase duas horas até cansarmos e resolvermos ver um filme. Eles escolheram Jogos Mortais – o que, normalmente, não seria minha primeira opção. Mas na situação em que me encontrava, um filme de terror vinha a calhar.

Foi a primeira vez que eu ri durante um filme de terror. Vera e Gustavo comentavam o tempo todo sobre as idiotices ou o que todo mundo sempre soube que aconteceria.

— Quem não sabe que quando o cara der outro disparo na câmera alguma coisa vai aparecer e assustar todo mundo? Dã.

— Não, melhor mesmo é ele *tirando foto* pra ver alguma coisa. Em vez de sair correndo. É pedir pra morrer, né?

A maioria dos comentários era dito por Vera, mas Gustavo sempre dava um jeito de tornar tudo ainda mais engraçado. Ele falava e fazia besteira, levando-me a rir como nunca. Quase não assistimos ao filme, na verdade.

Quando minha mãe ligou, me avisando que estava saindo da casa da sua amiga e perguntando se eu gostaria que ela passasse lá para me buscar, já eram quase quatro da tarde. É claro que eu topei a carona.

Agradei à Vera por tudo. Ela e Gustavo tinham me ajudado demais. Ambos melhoraram meu dia mais do que eu julgava possível.

— É uma pena que você não seja minha professora — lamentei, abraçando-a em agradecimento.

— Você não ia gostar se eu fosse, acredite. — Ela me deu um sorriso singelo. — Leva ela lá embaixo, Guto.

— Eu já ia fazer isso, mãe. — Ele rolou os olhos.

Gustavo sacudiu o dedo indicador ao lado da cabeça e sussurrou enquanto entrávamos no elevador:

— Maluca.

— Não fala assim da sua mãe! — defendi. — Ela é muito legal.

— Ela é doida, isso sim.

— Cala boca, Gutinho.

Ele fechou a cara, cruzando os braços. Apertei sua bochecha, fazendo bico e imitando voz de bebê.

— Ai, Gutinho ficou com raivinha.

Ele segurou meus pulsos, tentando me obrigar a soltá-lo.

— Eu odeio quando fazem isso comigo — avisou, ainda prendendo meus pulsos longe de seu rosto, mas não com força.

— A graça é essa. — Dei língua antes de ter meus pulsos livres.

A porta do elevador se abriu com um barulho baixo. Nós dois saímos, seguindo até o portão. De lá, pude ver que minha mãe já esperava do lado de fora do prédio, mas me virei para Gustavo antes de seguir até ela.

— Obrigada, mais uma vez — agradei de todo coração. Palavras nunca seriam o suficiente para mostrá-lo o quanto estava agradecida.

— Você pode contar comigo sempre que precisar. — Ele deu de ombros, como se não fosse nada demais. Só que era. Ele nem me conhecia direito e já me ajudava assim? Ele só podia ser um anjo!

— Acho que eu já tive provas o suficiente para acreditar nisso.

Com um sorriso e um abraço apertado, no qual tentei demonstrar toda minha gratidão, nos despedimos. Dei-lhe um aceno animado antes de entrar no carro de minha mãe e cumprimentá-la com um beijo na bochecha.

— E aí, como foi seu dia?

— Ótimo. — menti... Em parte. Minha tarde tinha sido realmente ótima. Mas ela não precisava saber sobre a manhã desastrosa. Não por enquanto.

CAPÍTULO 9

Apesar do fim de sábado bem resolvido, eu acordei mais mal-humorada do que o normal naquele domingo. O motivo era bastante óbvio: eu estava com ressaca de problemas. O que, se você considerar tudo o que vinha acontecendo, fazia muito sentido.

Eu estava cansada de atrair tanta coisa ruim ao mesmo tempo. Tudo o que eu queria era que minha vida voltasse a ser como era antes daquele sábado, da traição de Davi. Eu só queria poder acordar, sem lembrar alguma briga que tivera ou qualquer outra situação desastrosa que pudesse ter acontecido.

Sentei na beirada da cama, espreguiçando-me ao mesmo tempo em que decidia o que faria para começar o dia. Um café da manhã cairia bem... Mas e depois? Eu teria coragem para sair e correr o risco de atrair ainda mais problemas? Ou ficaria em casa, me escondendo do mundo?

A opção de ficar em casa naquele domingo parecia tentadora — principalmente quando adicionei Sexta-feira Muito Louca e um pote de sorvete de chocolate aos meus planos. Entretanto, quando descí as escadas, recebi uma ligação que me surpreendeu e atrapalhou totalmente meu planejamento.

— Alô? — atendi enquanto atravessava a sala de estar até a mesa.

— Oi, querida — a voz do outro lado disse, me fazendo travar.

Meu pai estava me ligando? Meu pai? Me ligando? Era domingo de manhã, mas ainda assim... Esse era o horário em que ele estava em seu escritório, resolvendo o que não conseguira durante a semana. Definitivamente não era o horário para me ligar. Aliás, não havia horário para me ligar, já que ele estava sempre tão ocupado.

— Er... Pai? — perguntei, só para confirmar que eu não estava sonhando.

Ele suspirou do outro lado e eu mordi meu lábio, imaginando que o tinha chateado.

— É tão triste ouvir você falar assim.

— Foi sem querer, desculpa. É só que... Eu não tô acostumada — tentei me explicar. Por mais que ele tivesse me magoado tanto com sua ausência, eu nunca faria o mesmo com ele de propósito.

— Eu sei, querida. Eu sei. Você não tem que se desculpar de nada. — Ele pausou. — Eu é que sou culpado disso tudo.

— Para, pai. Vamos deixar isso pra trás — implorei.

— Sim, vamos. É por isso que liguei.

Eu franzi o cenho, sem compreender.

— Quero levar você e seu irmão pra almoçar comigo.

A surpresa a seguir foi ainda maior do que a inicial. Eu parei, arregalando os olhos, realmente acreditando que estava sonhando. Nesse mesmo instante, vi

Douglas descer as escadas, com um aspecto sonolento. Ele encarou meu rosto tomado pelo choque, e ergueu a sobrancelha.

— Que bicho te mordeu? — perguntou, me acordando do transe.

Eu sacudi a cabeça e o ignorei.

— Você tá falando sério, pai? — E vi minha expressão anterior se estampar no rosto de Douglas. — Você não tá ocupado nem nada?

— Eu tenho umas coisas aqui, mas podem esperar. — Nunca desejei tanto que alguém me beliscasse quanto naquele momento.

Saindo de seu próprio estado de transe, Douglas terminou de descer as escadas e parou ao meu lado. Ele encostou o ouvido no fone com o qual falava com meu pai, tentando ouvir a conversa.

— Eu falei pra vocês: eu saí de casa, porque sua mãe e eu precisávamos pensar, mas eu quero recompensar vocês. Eu sei que nada vai trazer de volta os anos que fiquei afastado. Isso não quer dizer que eu não possa fazer parte do seu futuro.

Então, com a surpresa e o choque passando, eu fiz uma coisa que há muito tempo não fazia: eu sorri. Sorri de verdade, sentindo uma felicidade maior do que tudo o que já sentira. Sorri com a boca, com os olhos e com o coração. E por mais que quase nenhum dos problemas daquela semana estivesse resolvido, esse estava... Chegando lá. E isso já era o suficiente.

— Eu acho ótimo, pai. — Minha voz saiu calma e diferente do tom que estivera usando antes.

— Ah! Então você topa? — Ele suspirou aliviado.

— É claro que sim!

Meu pai combinou um horário, então, e nos despedimos, cada um mais feliz do que o outro. Porém, antes de desligar, não aguentei me segurar e voltei a chamá-lo.

— Pai...?

— Sim? — ele perguntou, curioso.

Eu respirei fundo, nem acreditando que falaria isso depois de tanto tempo.

— Eu amo você.

— Eu também amo você, minha pequena.

Desligamos e eu pude suspirar mais feliz do que nunca. Pelo menos uma coisa em minha vida resolvera dar certo. E era melhor que continuasse assim.

— Eu arranjei um apartamento aqui no Leblon. Ele é bonito, confortável... Não muito grande, mas, vocês sabem... Para alguém sozinho... Não precisa ser grande coisa. Até porque sua mãe e eu ainda não nos resolvemos, não dá para ser nada permanente. Mas tem dois quartos extras. Pra vocês. — Meu pai enrolou um pouco de espaguete no garfo com a ajuda da colher e colocou na boca antes de olhar para nós, do outro lado da mesa do restaurante onde ele nos

levava, e perceber nossa expressão, boquiaberta.

Eu nunca, em todo o tempo desde que se tornara ausente, vira meu pai falar tanto quanto naquele momento. Precisei de alguns minutos até meu cérebro associar tudo o que ele dissera e ficar ainda mais surpresa.

— O que foi? — questionou, com as sobrancelhas erguidas.

— Tem um quarto pra gente? — perguntamos Douglas e eu, em uníssono.

Nós sabíamos que meu pai estava tentando mudar. Ele estava se esforçando — e fazendo um bom trabalho. Ainda assim, isso não tornava as coisas menos estranhas. Não estávamos acostumados com aquilo tudo: almoçar fora, conversar sem brigas e tudo mais. Ninguém podia nos culpar por ficar surpresos daquele jeito.

— É claro. Pra quando vocês forem me visitar. — Então, sua voz se tornou hesitante. — Ou vocês não querem passar algum tempo comigo mais? Eu achei que esse fosse o propósito de mudar.

Abri um sorriso tímido. Era tudo tão... Surreal. Não dava para acreditar.

— É claro que queremos — apressei-me em dizer.

— Tanto faz. — Douglas disse ao mesmo tempo.

Meu irmão permanecia de cara amarrada. Ele não parecia tão feliz com essa mudança. Mas, na verdade, ele ainda estava ressentido por todos os anos em que meu pai se afastara... Em sua opinião, não dava para esquecer de uma hora pra outra.

Não que eu o julgasse. No fundo, eu mesma estava duvidosa, rancorosa... Mas eu queria afastar esses sentimentos negativos e recomeçar. Eu estava passando por tanta coisa que acrescentar aquilo à minha lista de problemas era pedir para sofrer.

Meu pai suspirou alto e olhou para Douglas.

— Você não pode me perdoar? Eu sei que errei... Mas tô tentando me redimir.

Douglas apoiou o cotovelo na mesa e retribuiu o olhar de meu pai.

— Você vai ter que fazer mais do que isso para que eu te perdoe. — Ele fez uma pausa enquanto encarava nosso pai com a expressão séria. — Você pode arranjar quantos quartos quiser, pagar almoços em restaurantes chiques e até nos dar presentes. Mas *nada* vai apagar os anos em que você não ‘tava lá quando precisamos.

Eu afundei meu rosto em minhas mãos. Não podia acreditar que Douglas estava transformando um simples almoço naquela briga toda. Era pedir demais um minuto de paz?

— Eu tô tentando, OK? — pediu meu pai. A dor que sentia com as palavras de Douglas podia ser vista em sua expressão. — Eu sinto muito por tudo, filho. Mas o importante é que eu tô arrependido e quero recuperar o tempo perdido. Isso não conta?

Depois de sustentar o olhar por algum tempo, Douglas ergueu as mãos, se

rendendo.

— OK. Eu só espero que você faça tudo certo. Porque eu não vou perdoar se você se afastar de novo.

— Eu prometo tentar não decepcionar vocês mais uma vez.

Douglas assentiu, sem responder. O silêncio se estendeu por alguns segundos.

— Quem quer mais bebida? — perguntei, desesperada por um motivo para voltar à conversa amigável.

Os dois me encararam e eu suspirei, afundando na cadeira.

Algumas horas mais tarde, porém, constatei que aquele almoço não tinha sido uma total perda de tempo. Por mais que meu irmão ainda estivesse um pouco seco com meu pai (mesmo depois de uma conversa super divertida — ~~nao~~ — sobre minha situação amorosa), havíamos dado um passo gigante com aquela reunião e isso já era motivo suficiente para me deixar feliz.

Além disso, meu pai propusera um novo almoço, no domingo seguinte, com direito à visita a sua casa e tudo, o que, é claro, me deixou radiante (e até arrancou um sorriso satisfeito de Douglas quando ele achou que ninguém estava olhando).

Meu pai nos deixou em casa, porém recusou nosso convite para entrar — o que eu supus ser devido à presença da minha mãe. Tanto para ele quanto para ela, ainda deveria ser muito cedo para um contato assim. Por isso, não insistimos. Apenas acenamos, nos despedindo enquanto seu carro sumia na esquina, e entramos em casa ao mesmo tempo em que o telefone começava a tocar.

Sendo irmãos, Douglas e eu sempre nos encontrávamos em briguinhas idiotas do tipo “quem vai atender ao telefone”. Essa briguinha se resumia a “atende você, você tá mais perto” e “eu não, aposto que é pra você”. Isso, é claro, quando estávamos sentados no sofá, cheios de preguiça e cansados após a escola.

Em situações como ao daquele momento (ambos de pé, dispostos e em um domingo sem o que fazer, ou seja, aberto para novos compromissos), atender ao telefone era uma prioridade.

O que significa que saímos correndo, sem nem nos preocupar em fechar a porta, disputando para ver quem atendia primeiro. Empurrando Douglas para o lado, em um gesto trapaceiro, porém com ótimos resultados, eu cheguei primeiro ao aparelho e tirei o fone do gancho, atendendo com a voz ofegante.

— Alô?

Talvez fosse o dia, que começara bem, talvez fosse a saudade precoce. Só sei que, por um momento, desejei que fosse Natan.

Não era.

— Anna? — A pessoa do outro lado da linha soltou uma risadinha. — Que isso, nega? Tava numa maratona?

Sentei no sofá, franzindo as sobrancelhas, surpresa.

— Leticia?

Era inconfundível, não só a voz, como o sotaque pernambucano da minha prima Leticia, que, apesar de carioca, morava há mais de cinco anos em Recife.

— Não. É a Mulher-Maravilha — respondeu com uma voz entediada que eu conhecia muito bem. Podia até vê-la revirando os olhos do outro lado da linha.

Soltei uma risada divertida.

— Mas, senhora Mulher-Maravilha, eu não preciso de nenhuma ajuda no momento.

— Oxi! Senhora, não. Senhorita. Ou tá querendo insinuar que tô velha?

— Desculpe-me, Vossa Excelência.

Ela riu.

— Sempre engraçadinha...

— Mas, então... Em que posso ajudá-la?

— Na verdade, foi mainha quem pediu pra ligar. Ela precisa falar com tia Tereza.

— Ah... Claro — confirmei.

Era normal tia Rosa ligar para minha mãe, é claro. Mas há muito tempo eu não tinha a oportunidade de falar com a minha prima. O tempo havia nos afastado após sua mudança e, mesmo com a internet nos possibilitando uma conversa vez ou outra, não tínhamos mais tanto contato quanto antes. Senti uma saudade de repente, em especial dos nossos tempos de infância.

— Vou chamar ela, tá? — Leticia murmurou em concordância. — Vê se mantém contato, Mulher-Maravilha.

Leticia soltou uma risada divertida, até misteriosa, e respondeu:

— Pode deixar.

Pouco depois da ligação, minha mãe veio ter uma conversa conosco e eu pude entender o significado da frase sugestiva de Leticia. Sua expressão era preocupada, por isso, imaginei que o assunto era sério.

Douglas e eu nos sentamos em um sofá, lado a lado, enquanto minha mãe, no outro, batucava os dedos nas pernas, tentando descobrir um jeito de começar.

— Bom... — começou, dando fim ao batuque. — Vocês sabem que seus tios se separaram ano retrasado, certo? E que Jorge continuou a manter contato com a tia de vocês e mandar pensão até um ano atrás, quando ele sumiu, desapareceu. Ela não o encontrou em casa mais, não consegue falar no telefone...

Nós assentimos, porque já sabíamos essa história de cor. Aliás, desde que tudo acontecera, minha mãe e minha tia vinham tendo mais contato do que nunca.

— Então, há três meses, sua tia foi despedida e a situação financeira dela não tá das melhores. Nós temos conversado bastante esses dias e resolvemos que ela vai se mudar para cá. Elas vão ficar aqui em casa o tempo que for necessário para conseguir um emprego e dinheiro para comprar ou alugar uma casa e se

resolver na vida.

— Mas ela tá bem? Não tá passando nenhuma necessidade? E a vovó e o vovô? — perguntei, preocupada.

— Não. Tá tudo bem — garantiu minha mãe. — Só que seus avós não têm como manter as duas na casa deles. E o espaço? E a comida? E a escola de Leticia? Eles só têm o suficiente para duas pessoas. Não para quatro. Por mais que tivessem oferecido tudo, vocês sabem como são os pais. Eles podem estar passando o maior aperto, mas se é para o bem dos filhos, eles fariam qualquer coisa. Então, eu propus a ideia das duas virem pra cá.

— E quando elas se mudam? — perguntou Douglas, provavelmente preocupado com o fim da sua privacidade.

— Daqui a um mês. — Minha mãe fez uma pausa. — Semana que vem eu vou começar a preparar matrícula do colégio, ver se consigo dar um jeito de colocar a Leticia no Honório, e já pesquisar algum emprego, algo bom para sua tia.

Nós concordamos, sem falar mais nada, cada um absorto em seus pensamentos.

Eu estava feliz por isso. Quero dizer, não pela situação que elas passavam, mas pelo fato de voltarem para o Rio. Eu sentia falta de Leticia e, agora que estávamos crescidas, poderíamos nos tornar mais amigas, mais próximas. Além disso, eu bem estava precisando de uma distração. Eu tinha Jullie, é claro, mas ela sendo amiga de Natan e estando entre nós dois, às vezes, poderia ser bem conflitante.

Mesmo assim, depois de toda a conversa, eu peguei o telefone e liguei para minha amiga. Ela ainda não estava inteirada dos acontecimentos (eu não tivera coragem de ligá-la antes) e, por mais que meu domingo estivesse sendo bom, eu não conseguia esquecer a situação de sábado e precisava dela para enfrentar o fim daquele dia.

Jullie ficou radiante pela ligação e pelo convite que veio em seguida de dormir na minha casa. Meia hora depois, ela já se encontrava em meu quarto e tentava me tirar do estado de nervosismo em que eu me encontrava.

— Por que você não... Começa do começo? — pediu Jullie, parecendo curiosa.

Eu respirei fundo, olhando o teto do meu quarto sem vontade nenhuma de lembrar. Devido a tudo o que estava sentindo, eu precisava desabafar. Era quase uma necessidade colocar pra fora tudo o que estava guardado. Um turbilhão de sentimentos e pensamentos arrebatava meu corpo de tal maneira que eu quase me sentia pesada, cansada. Porém, quando fazia menção de abrir a boca, nenhum som saía. Era quase como se eu mesma houvesse bloqueado tudo o que lembrava aquela cena.

Dei de ombros, apesar de Jullie não conseguir ver esse gesto de onde estava.

Ela sentava na cadeira de minha escrivaninha, no extremo oposto de meu quarto, enquanto eu estava deitada em minha cama, completamente largada.

Quando o silêncio permaneceu, Jullie tentou arriscar.

— É sobre o Natan? — chutou.

Bem, não dava para dizer que ela era vidente ou algo parecido. Afinal, Natan era uma parte importante da minha vida.

Acenei com a cabeça em afirmação.

— Vocês brigaram?

Confirmei novamente.

— O que ele fez dessa vez? — O silêncio se seguiu enquanto Jullie refletia. — Vocês brigaram por causa do Gustavo? — deduziu com uma expressão quase triunfante.

Levantei uma parte do meu corpo, me apoiando em meus cotovelos e conseguindo encarar-la assim.

— Ele disse “faça bom proveito”. Pro Gustavo.

Jullie abriu a boca, arregalando os olhos em seguida.

— Ele não disse!

— Ele disse — confirmei, entristecida.

Repetir aquilo era como enfiar uma faca em meu coração pela milésima vez. Como ele tivera coragem?

— Por quê? O que... O que aconteceu? — Jullie se levantou da cadeira e quase correu até o meu lado, a expressão surpresa, confusa e extremamente curiosa.

Eu larguei meu corpo para trás e cobri meu rosto com minhas mãos antes de finalmente cuspir as palavras:

— Ele-me-beijou.

— Quê? — Jullie franziu o cenho e percebi que ela não ouvira o que eu disse devido ao som abafado por minhas mãos. Descobri o rosto, a encarando.

— O Natan me beijou.

Meu estômago se revirou após a frase. Admitir aquilo em voz alta era tão... Esquisito. Era algo que eu nunca imaginara acontecer. Natan e eu? Parecia brincadeira.

Achei que Jullie fosse gritar ou ter alguma reação exagerada, mas minha amiga apenas arregalou os olhos e perguntou:

— Tá falando sério?

Franzi os lábios, confirmando com um aceno.

— Uau... Isso é... Uau.

— Eu sei.

— E você retribuiu?

Fechei os olhos, respirando fundo. Por que as pessoas tinham essa mania de perguntar se eu o tinha beijado de volta? Já não bastava ter acontecido tudo? Já

não bastava eu ter sido idiota de retribuir e fugir, em vez de pará-lo e conversar civilizadamente, como uma pessoa normal faria? Agora eu também tinha que admitir a burrada que fizera?

— Sim, Jullie. Eu o beijei de volta e aí caí em mim e fugi.

— Como assim “caiu em si”? Se você retribuiu era porque queria também, não era?

— Bem, talvez, mas... Esse não é o ponto, ok? — desconversei, sem graça. — O negócio é que a gente é amigo há dez anos, Jullie. Natan é tipo um irmão pra mim. E desculpa, mas eu não saio por aí beijando meu irmão.

Sua expressão transformou-se em uma careta.

— Ai, meu Deus. Imagina você beijando seu irmão?

— ECA — gemi. — Eca. Eca. Eca. Mil vezes eca. Meu Deus, você acabou de destruir o meu sono pelos próximos vinte anos!

— Desculpa. Desculpa. — Ela fez mais uma careta antes de prosseguir. — Olha, Anna, eu sei que você e o Natan são muito amigos, mas ele não é seu irmão. Ele é seu melhor amigo e se você queria beijá-lo e ele, é óbvio, também queria, por que seria errado?

— Porque... Porque eu não tô pronta pra isso — falei sem pensar e tudo de repente fez sentido. O porquê de toda minha apreensão, do meu medo, da minha fuga.

Há uma semana, eu descobrira que meu namorado tinha me traído. Eu fui decepcionada por uma das pessoas em quem mais confiava, um dos meus melhores amigos. Como eu poderia agora, tão cedo, deixar uma amizade como a que eu tinha com Natan passar por tamanha provação?

Relacionamentos são complicados. Um relacionamento com seu melhor amigo, então... É a receita para o desastre. E tudo o que eu menos precisava naquele momento era complicação.

— Eu não quero por em risco minha amizade com Natan, Jullie — expliquei, quase chorosa.

— Não me mata, mas... Eu acho que vocês dois a colocaram em risco no momento em que começaram a se sentir atraídos um pelo outro. — Por mais que fosse duro ouvir aquilo, eu sabia que minha amiga estava certa.

Jullie estendeu os braços, me chamando para um abraço. Eu me ergui, atendendo ao pedido, e fechei os olhos. Eu queria conseguir entender meu coração agora. Era horrível a sensação de que qualquer decisão precipitada poderia causar muito mais do que simples problemas. Só o que eu poderia fazer naquele momento era esperar. O tempo diria muito melhor do que eu, o que estava sentindo.

CAPÍTULO 10

Jullie mantinha um sorriso misterioso no rosto.

Eu estava escovando os dentes no meu banheiro, mas ainda tinha uma perfeita visão da minha melhor amiga através do espelho. E eu podia ver o sorriso.

Era o meio sorriso que ela dava quando estava feliz. Quando alguma coisa muito especial havia acontecido e ela mal podia se segurar de felicidade.

Eu sabia o que tinha acontecido.

Jullie nem desconfiava. Mas eles estavam perto do meu quarto, como esperavam que eu não ouvisse? Mesmo sendo quase meia-noite, eu andava tendo alguns períodos de insônia preocupantes, então, não era realmente estranho que eu estivesse acordada.

Ela e Douglas não deviam estar ali há mais de cinco minutos. Eu tinha sentido quando minha amiga se levantou da cama e até ouvira quando esbarrou em meu irmão na porta. Então, eles desceram e se passaram quase dez minutos até que suas vozes voltassem para mais perto e os dois se instalassem nos degraus da escada.

O som era de murmúrios, por isso não consegui ouvir boa parte da conversa — não que eu estivesse tentando. Mas o tom de voz de ambos começou a ficar mais sério até minha curiosidade vencer e eu me erguer da cama para sentar encostada à parede ao lado da porta.

— Eu sei que eu sou meio idiota, às vezes — admitiu Douglas, como se tivesse confirmando algo dito antes.

— Só um pouquinho. — Jullie soltou uma risada baixa.

— Mas, sei lá, não é por mal, sabe? É o meu jeito. — Uma pausa. — Só que eu sinto que as pessoas ficam com uma impressão errada de mim. Como se eu não me importasse, não tivesse coração.

— Você também não faz muita coisa para mudar isso, né?

— Eu sei. É que eu tenho medo de baixar a guarda.

— Douglas... Nem todo mundo vai partir seu coração.

— É. Mas se eu partir?

— E por que você faria isso?

— Não sei. O meu pai partiu o da minha mãe. O Davi decepcionou a Anna. Por que eu seria diferente?

Aquilo me desarmou. Nunca imaginei Douglas falando todas essas coisas. Ele tinha construído uma armadura tão forte a sua volta que até mesmo eu, sua irmã, ficava surpresa por vê-lo tão vulnerável.

Fiquei pensando no que ele havia falado. É claro que toda a questão do Davi era recente, então isso não poderia ter definido muita coisa na personalidade do

meu irmão. Mas nunca parara para me questionar o quanto a ausência do nosso pai influenciara Douglas.

— Deixa de besteira. Cada um é cada um. E se você tem essa percepção de que é errado, já é um ponto à frente de muitos caras. — Ouvi uma movimentação e supus que os dois estivessem se abraçando. — Além do mais, é impossível passar pela vida sem ser decepcionado ou decepcionar alguém. E viver com medo disso, é praticamente ter medo de viver e de ser feliz, né?

— É...

Eles ficaram por quase um minuto em silêncio e eu estava quase me levantando, quando Jullie resolveu se manifestar.

— Bem, já tá ficando tarde, melhor eu ir dormir.

Quando ouvi o farfalhar na escada, corri até minha cama tentando não fazer barulho. Eles pararam à porta do meu quarto, o que me permitiu ouvi-los ainda assim.

— Bom, boa noite, então...

A porta do quarto ameaçou abrir, mas parou em seguida com um chamado.

— Jullie... Eu tava aqui pensando... Se você não gostaria de... Sair comigo, um dia desses. Sei lá, dar uma volta, ir ao cinema.

Jullie levou alguns segundos para responder.

— Claro. Seria legal.

— Ótimo. Ótimo. — Ele pausou. — Boa noite, Jules.

E agora Jullie sorria como uma boba.

Não que eu não previsse isso. Quero dizer, do jeito que Douglas vinha tratando minha melhor amiga, era de se esperar que ele fosse convidá-la para sair. Mas nunca pensei que fosse ser algo tão... Sentimental.

Eu estava apreensiva com isso. Porque conhecia Douglas, conhecia seu jeito de ser com as garotas e não queria que ele magoasse minha amiga. Mas agora... Depois de tudo o que tinha ouvido ele dizer no dia anterior e do seu desabafo... Eu não sabia o que pensar. Ele gostava de Jullie? Ele finalmente deixaria de ser um idiota e “baixaria a guarda”, como tinha tanto medo de fazer?

Eu não tinha nenhuma resposta para essas perguntas. E também não tinha o direito de interferir na vida dos dois. Então, eu apenas esperaria e veria em como as coisas terminariam. É claro que antes eu teria uma conversinha séria com meu irmão.

Eu cuspi o restante de pasta de dente que ainda tinha em minha boca e voltei para o quarto, encontrando Jullie sentada na cama, à minha espera.

— Vamos tomar café? — perguntei, sabendo que ela se preparava para me contar o acontecido do dia anterior, mas não queria dar na cara que eu já sabia.

Nós duas já estávamos vestidas para o colégio e terminávamos de nos arrumar para comer antes de ter que enfrentar o que, provavelmente, seria um longo dia.

— Então... — disse sem olhar para mim. Ela encarava o chão e mexia na alça da mochila que descansava em seu colo com nervosismo. — Seu irmão me chamou para sair ontem.

— O quê? — indaguei, com os olhos arregalados.

Vou confessar: me senti uma grande atriz naquela hora. Ela nem mesmo desconfiou! Pelo contrário, Jullie me encarou, com uma expressão apreensiva e ficou ainda mais nervosa enquanto discursava:

— Não briga comigo, por favor. Nem faça aquele sermão sobre o quanto seu irmão é idiota e cafajeste — implorou. Ela tinha uma expressão tão arrasada no rosto que senti pena. — É só que você não tava lá. As coisas que ele disse... Eu nunca imaginei seu irmão falando aquelas coisas, Anna. E eu acho que... Eu acho que pode ser diferente, entende? E eu tava meio vulnerável, sabe? Então, o Douglas disse que queria sair comigo e ele parecia tão nervoso e fofinho que eu falei sim sem nem mesmo perceber.

Ela afundou na cama, tristonha. As lágrimas encheram seus olhos e fiquei com pena.

— Vem cá, vem.

Puxei-a para um abraço. Ela apoiou a cabeça no meu ombro, fungando.

— Desculpa tá te enchendo com isso, eu sei que você tem tanta — ela prolongou *um pouco* essa última palavra — coisa na cabeça agora por causa do Davi, da briga com seus pais, das suas brigas com Natan, mas eu precisava mesmo falar pra alguém e...

— Jullie.

— Já calei.

Afaguei seu cabelo por um tempo enquanto descansava em meu ombro.

— Desculpa — murmurou, afastando-se e limpando o canto úmido dos olhos.

— Jullie...

— Não, sério. Desculpa mesmo. Eu vou falar com ele e dizer que não quero, eu nem sei por que eu disse sim e...

— Jullie...

— Eu nem quero sair com ele de verdade. Tá bom, eu não vou me fazer de idiota, eu quero sair com ele, sim, mas eu sei o quanto o Douglas é babaca, sem ofensas, e...

— JULLIE! — Ela parou e me olhou assustada. — Saia com o Douglas.

— O quê?

— Saia com o Douglas.

Ela me encarou ainda mais perplexa.

— Por quê?

— Porque você quer. E porque... Bom, eu não posso afirmar isso com certeza, porque, né, Douglas e eu não somos o que se pode chamar de melhores amigos. Mas eu conheço meu irmão e eu acho que ele gosta de você.

— Não gosta, não — contrariou-me, duvidosa.

— Gosta, sim.

— Isso é impossível.

— Parece que não. — Jullie me encarou, desconfiada.

É claro que, se eu fosse ela, também não acreditaria. Mas eu me lembrava muito bem do dia em que meus pais brigaram, quando Douglas e eu saímos de casa mais cedo do que o normal e andamos à procura de uma lanchonete aberta. O dia em que Douglas disse algo que me deixara desconfiada, mas que, até aquele momento, eu não lembrara.

Eu o desaprovei com um movimento de cabeça.

— Será que um dia você vai sossegar, Douglas?

Douglas abaixou a cabeça, sem graça com o assunto.

— Quem sabe? Não depende só de mim, não é...?

— Vamos fazer o seguinte: — comecei a propor ao vê-la ainda com o cenho franzido — saia com ele e veja no que vai dar. Se não der certo... Pelo menos, você tentou, não é?

Jullie abriu um sorriso feliz e pulou em meu pescoço, soltando um gritinho eufórico.

Descemos em seguida, encontrando Douglas já sentado à mesa, de costas para a entrada. Percebi Jullie parar por alguns segundos, respirando fundo. Espalmei minha mão em suas costas, dando-lhe um “empurrãozinho”.

— Bom dia — desejei, agindo com naturalidade e andando em direção a uma cadeira.

Ao me ouvir, Douglas nem ao menos respondeu. Ele entortou a cabeça para trás, nos fazendo entrar em seu campo de visão e seu olhar procurou por Jullie.

— Bom dia.

Eu rolei os olhos enquanto seguia até meu lugar. Observei Jullie encarar a cadeira ao meu lado e a do lado de Douglas, decidindo em qual sentar, e soltei uma risada discreta. Ela, por fim, veio até mim, ocupando o lugar ao meu lado, onde poderia ver Douglas de frente.

Durante o café da manhã e nosso trajeto até a escola, as coisas não foram muito diferentes. Douglas e Jullie trocaram vários olhares, mas não conversaram muito. Minha amiga era do tipo animada até quando estava quase caindo de sono, no entanto, meu irmão não costumava ter o melhor dos humores logo de manhã.

Quando eu coloquei meus pés dentro do Honório de Paula, precisei respirar fundo para continuar. Até aquele momento, eu estivera tranquila, distraída com a situação de Douglas e Jullie. Agora, porém, os acontecimentos de sábado me atingiam em cheio, fazendo-me dar pra trás.

Eu não queria entrar. Eu não queria encarar Natan. Tudo estava uma bagunça e eu não queria ter que lidar com ela agora.

Foi a vez de Jullie dar seu “empurrãozinho”, abraçando-me de lado e me ajudando a continuar. Eu andava pelo pátio em direção ao prédio do Ensino

Médio, tentando não olhar para os lados, não procurar por *ele*. Eu não saberia o que fazer se o encontrasse. Não tivera muito tempo para pensar nisso e, agora que tinha, voltava a sentir toda a mágoa que sua frase deixara em mim. Era capaz de discutirmos mais uma vez, se nos esbarrássemos.

Porém, cheguei à minha sala sem nem sombra de Natan e pude suspirar aliviada. Jullie e eu andamos até as mesas no canto direito da sala, onde larguei minha mochila, e procurei Gustavo com os olhos. Para minha tristeza, meu mais novo amigo-salvador ainda não chegara.

Foi enquanto saía da sala de aula, impossibilitada de ficar ali dentro por mais um segundo, que esbarrei em alguém com tanta força que caí no chão.

E então comecei a rir.

Do nada, tive um ataque de risos e precisei de quase um minuto para me recuperar. Fiquei pensando no quanto aquela cena estava ficando comum. O esbarrão, digo.

— Já passou? — ouvi a pessoa em quem trombara perguntar. Ergui o olhar, encontrando o sorriso divertido de Davi.

Eu acenei com a cabeça, parecendo uma criança. Davi estendeu uma mão para me ajudar a levantar. Limpei minha calça jeans antes de voltar a encará-lo, surpresa por me sentir tão à vontade em sua presença.

— Então... Como você tá? — perguntou, encarando-me de um jeito intenso, como se me analisasse. Eu sabia que ele estava me avaliando, procurando a resposta para sua pergunta sem que eu precisasse me pronunciar. E era óbvio que ele conseguiria me decifrar. Mesmo com todos os apesares, era impossível dizer que não nos conhecíamos como à palma de nossas mãos.

— Pra falar a verdade, eu não faço ideia de como tô me sentindo agora — admiti. Coloquei as mãos nos bolsos de minha calça, olhando para o chão, pensativa.

— Soube que você e Natan brigaram.

Surpresa, levantei um olhar arregalado.

— Ele te contou?

Não que eu devesse muitas explicações para Davi agora que havíamos terminado, mas ainda achava estranho que Natan tivesse contado ao irmão que beijara sua ex-namorada. Quero dizer, nós terminamos há uma semana!

— Não exatamente. — Ele franziu o cenho, desconfiado pela minha reação. — Mas ele chegou bem transtornado naquele dia, eu nunca tinha visto ele daquele jeito. Aconteceu alguma coisa séria?

— Não — disse apenas. — Foi só uma briga. Você sabe que a gente vive brigando.

— Anna... — retrucou Davi, estreitando o olhar. — A gente pode ter terminado, mas eu ainda conheço você. E eu não sou idiota, se fosse uma briga normal, vocês dois teriam quase arrancando os cabelos pra tomar coragem pra

pedir desculpas.

Estendi a mão, impedindo-o de continuar.

— Eu não quero falar disso, Davi. Por favor.

Seu olhar vagou pelo meu rosto por algum tempo, enquanto eu o fitava nervosa. Não apenas porque eu sabia que se analisasse demais, ele descobriria. Mas porque era *Davi*. Meu ex-namorado. Mesmo tendo tanto em minha mente, mesmo tendo descoberto que meu sentimento por ele não era tão forte assim, mesmo me sentindo atraída por seu irmão... Ele ainda era o garoto a quem entregara meu coração no último ano. Ele ainda era capaz de me fazer tremer quando me olhava daquela forma. Especialmente porque eu sabia que poderia ler minha alma, se quisesse.

— Anni... — Davi franziu o cenho. Eu podia ver as engrenagens em sua cabeça trabalhando, somando um mais um.

Eu revirei os olhos, cruzando os braços.

— Que é? — desafiei-o a adivinhar.

— O Natan não...? — O fim de sua frase ficou no ar, enquanto ele confirmava sua própria pergunta com a minha falsa indiferença.

De verdade? Não sei como ele consegue. Talvez seja minha expressão. Talvez seja meu modo de agir. Talvez ele conseguisse ler meus pensamentos. Não importava. Ele sempre adivinhava.

— Não sei do que você tá falando — menti na cara dura.

Davi descruzou os braços, a expressão mais irritada do que nunca.

— Ele tentou ficar com você?!

— Não! — neguei mais uma vez, estressada não apenas por ele ter descoberto, mas também por ele ainda se achar no direito de se meter na minha vida.

— Não acredito que ele fez isso, cara! Que filho da puta! — soltou, irritado. Ele xingou mais umas quinhentas vezes e fez menção de ir embora, provavelmente para ir atrás do irmão, mas eu o impedi.

— Para! Você não tem mais nada a ver com o que acontece ou deixa de acontecer na minha vida! Muito menos tem o direito de brigar com seu irmão por minha causa!

— A gente pode ter terminado, mas o Natan me deve o mínimo de respeito! Porra, ele é meu irmão e você é minha ex-namorada! — Davi passou a mão pelos cabelos, frustrado. — Faz uma semana, Anna! Desculpa se pra você foi fácil me esquecer, mas pra mim não tá sendo!

Ele cruzou o braço como eu fizera antes e o imitei. Viramos a cara, emburrados.

Prometi a mim mesma que não ia quebrar o protesto silencioso no qual nos metemos, mas pensando no que ele acabara de dizer, e com a irritação ainda a flor da pele, desisti.

— E como tá a tal da Mayara?

Sua expressão raivosa se liquidificou, dando lugar a uma confusa pela súbita mudança de assunto. Pensei ter visto melancolia em seus olhos também.

— Er... — Ele franziu a testa, embaraçado. — Não faço ideia — disse, por fim.

— O que houve? — questionei, mais curiosa do que estressada, agora.

Davi me encarou, talvez dividido entre me contar ou não.

— Por que quer saber? Quer se divertir com as minhas desgraças pra se sentir melhor?

— Não, seu babaca! Porque mesmo você sendo um imbecil comigo, eu ainda sou idiota de me preocupar com você!

Dei as costas a ele, pretendendo ir embora, mas Davi me segurou pelo braço.

— Desculpa, Anni. É só que.. — Ele respirou fundo antes de falar. — Ela não atende minhas ligações, não me recebe em casa... Nem mesmo quando a esperei descer, ela me deu atenção. Na verdade, ela fugiu — acrescentou, rindo sem humor.

Agora o motivo da melancolia ficava claro. Mais do que nunca, senti pena dele. Ele parecia tão aflito, tão... Transtornado.

— Davi...

— Não precisa sentir pena de mim — cortou, grunhindo com uma insensibilidade fingida. — Eu sei o que mereço.

Abri a boca para desmentir suas palavras, mas fechei sem saber o que falar para fazê-lo se sentir bem.

— É melhor a gente entrar. A Cecília vai chegar logo.

Sem nem mesmo esperar uma resposta, Davi me deu as costas e adentrou a sala.

— Nunca antes, em toda a minha vida, as aulas demoraram tanto a terminar — reclamei enquanto secava um prato que Jullie acabara de lavar e ajeitava-o no guarda-louça.

— Eu não sei por que você não foi falar com ele.

Olhei para ela com uma expressão debochada.

— Você não sabe?

Jullie nem me olhou. Ela continuou a encarar o copo de vidro que lavava.

— Sabe, Anna, foi algo que aconteceu, né? Você não pode ficar culpando ele pra sempre. Uma hora vocês vão ter que fazer as pazes. Eu sei que o que ele disse foi muito maldoso, mas ele não teve a intenção. Pense pelo lado do Natan: vocês tinham acabado de se beijar e uma hora depois você estava com o garoto que ele detesta.

— Detesta, é? — perguntei, achando a palavra muito forte.

— Sim. Detesta. Odeia. Sente nojo, asco.

— Ok, já entendi.

Jullie deu de ombros e secou suas mãos no pano de prato que eu segurava antes de caminhar até a sala. Segui-a e me joguei no sofá logo depois de ela fazer o mesmo.

Encarei o teto, soltando um suspiro pesado. Desde quando minha vida se tornara tão bagunçada? Tudo sempre fora tão incrível. Eu tinha tudo o que sempre pedira a Deus e, mesmo quando meu pai já não era mais meu melhor amigo, eu ainda tinha pessoas em quem me apoiar. Eu ainda tinha Davi. Ainda tinha Natan. E agora...

Era tudo tão agonizante. Eu me sentia no meio de um campo minado: não tinha como correr, porque em qualquer lado que eu pisasse haveria uma bomba à minha espera, prestes a explodir. Tudo o que eu queria fazer naquele instante era gritar e chorar; eu me sentia rasgada por dentro.

Meus devaneios foram interrompidos pelo toque da campainha. Jullie me acertou com uma almofada antes de se levantar para atender. Acompanhei-a chegar perto da porta e abri-la, revelando – para minha surpresa – Natan. Seu olhar recaiu logo em mim. Depois ele desviou para Jullie e disse aborrecido:

— Cara... Diz que você não me chamou aqui de propósito. — Sua expressão era quase de aversão a minha presença. Isso, mais do que qualquer coisa, terminou de despedaçar meu coração.

— Chamei. — Ela o puxou para dentro e trancou a porta atrás dele, pegando a chave em seguida.

Bem, agora fazia sentindo porque ela insistira tanto que eu almoçasse em sua casa.

— Se vocês não fazem as pazes por bem, vão fazer por mal — avisou enquanto vinha até mim, me puxando em seguida para que eu ficasse em pé à frente de Natan, e voltou para a porta encostando-se nela de braços cruzados, esperando.

Não sei o que ela queria de mim, de verdade. Eu podia até pedir desculpas por ter me sentido confusa, fugido e pedido a ajuda de um amigo. Mas nada mudaria o que ele havia dito para mim depois disso. Natan também não parecia que cederia logo. Ele ficou parado no mesmo lugar, olhando-me com a mesma expressão aborrecida. Eu retribuí o olhar.

Depois de cinco minutos de silêncio, Jullie soltou um muxoxo.

— Por que vocês não começam com desculpa?

Revirei os olhos, mas foi Natan quem falou.

— Eu só pediria desculpas se tivesse arrependido. — Ele balançou a cabeça, negando o que acabara de falar — Na verdade, não. Eu peço desculpas por ter agido por impulso. Te beijar foi uma das piores escolhas que já fiz na vida. Se arrependimento matasse, eu já tava morto! — corrigiu-se.

A cada palavra que ele soltava, eu o reconhecia menos. Me senti ofendida por

suas palavras, nem acreditando que depois de tantos anos de amizade ele estava me tratando com tanto desprezo.

— Que pena que não mata, então! Pelo menos eu não ‘taria viva pra me arrepender de ter deixado você entrar na minha vida — retruquei, sentindo a irritação se alastrar pelo meu corpo com sua fala.

— Vai ver você ia fugir de novo antes da morte te alcançar. — Ele riu mais uma vez. — Ou então pediria ajuda pro seu amiguinho.

Fechei a cara, ficando cada vez mais magoada. Tudo o que eu queria agora era atingi-lo do mesmo modo que ele fazia comigo. Infelizmente, Natan parecia envolto por uma bolha de indiferença maior do que eu julgava possível.

— Eu não ia precisar fugir! Pelo menos morta você ia conseguir manter sua boca longe da minha — falei quase gritando.

Natan ergueu a sobrancelha, não levando nem um pouco a sério o que eu tinha acabado de dizer.

— Mas será que você conseguiria? Porque eu não me lembro de você ter tentado me impedir. — Ele sorriu com cinismo.

Olhei em seus olhos e percebi que havia uma raiva ali que eu nunca vira antes. Não enquanto estava comigo, falando comigo. Era como se fosse outra pessoa a minha frente.

Fiquei vermelha até a raiz do cabelo e dava pra ver que ele notara.

— Você é um grande hipócrita mesmo, sabia? O que você esperava que eu fizesse? Nós somos amigos há dez anos e, de repente, você me beija! — Soltei uma risada frustrada. — Sempre te olhei como um irmão. Como esperava que eu reagisse? Eu fiquei confusa, tá bem? E agora você fica aí agindo como um idiota. Deve ser de família! Você ainda conseguiu me enganar por mais tempo que o Davi, parabéns! — A esse ponto, eu podia sentir as lágrimas vindo. Eu não queria chorar, mas sabia que era impossível. Quando eu ficava com raiva, nada as impedia.

— Você quer falar de máscaras, Anna? Que tal falarmos da sua? Se fazendo de mocinha fragilizada, a traída, a sofrida. Quando as coisas apertam, você só sabe fugir. Fugir é o jeito que você encontrou de se enganar? Porque é isso que tá parecendo. Vou ter que te desapontar: você pode até fugir, Anna, de mim, mas não de si mesma. — Ele tomou fôlego. Parecia que a raiva eliminava seu bom senso. — Tá sempre se fazendo de boazinha, queria cativar todo mundo, ser popular. Só conseguiu afastar as pessoas. Nem seu pai te aguentava mais!

Respirei fundo.

Uma.

Duas.

Três vezes.

O choro que estava prestes a cair estancou.

Senti todos os sentimentos e emoções se esvaírem do meu corpo, deixando-

me apenas carne e osso.

Encarei Natan por alguns segundos.

Eu sabia que ele usava o que podia para me atingir, porque Natan ficava totalmente irracional quando sua raiva atingia os níveis mais altos. Mas ele tinha ido muito baixo para não precisar arcar com as consequências dos seus atos.

O choque de suas palavras enfim pareceu atingi-lo. A indiferença deu lugar ao remorso e vi meu agora ex-melhor amigo abrir a boca para falar qualquer coisa que não importava mais.

— Sabe, no fundo, eu meio que não acreditava que nossa amizade pudesse acabar assim — falei sem emoção e dei de ombros. — Acho que me enganei, mais uma vez: nós estamos oficialmente terminados.

Girei até a porta onde Jullie ainda estava parada, parecendo decepcionada que seu plano não tivesse funcionado.

— Anna... — chamou Natan, a voz em um sussurro.

Foi como se ele nem mesmo tivesse falado. Continuei andando, encarando Jullie.

— Abre a porta, Jullie.

— Anna, eu não quis... — tentou ele mais uma vez.

Jullie nos encarou, desamparada. Ela parecia não saber o que fazer, mas abriu a porta para mim, pedindo desculpas a Natan com o olhar. Ela também sabia que ele passara dos limites.

Eu saí, caminhando. Acreditava que ninguém tentaria me impedir.

Aos poucos, conforme a casa de Jullie ficava para trás, eu comecei a me permitir pensar. Algumas lágrimas ousaram cair, mas foi só. Era como se meu próprio corpo tivesse *desistido*.

Eu nunca imaginara que depois de tantos anos, Natan pudesse agir daquele modo comigo. Com aquela raiva e cinismo. Como se eu não significasse nada.

Desde que ele aparecera na porta... Não. Desde que me vira lá, sentada, e assumira aquela hostilidade ridícula eu notei que ele não era mais o Natan que eu conhecera. Porque o Natan que eu conhecera – o meu melhor amigo – nunca agiria assim comigo. Por mais fora de si que ficasse quando estava irritado, ele sempre sabia medir suas palavras quando brigávamos. Mas agora ele parecia uma pessoa completamente diferente. E pelo que eu pude ver desse novo Natan... Eu não ia gostar nada, nada.

CAPÍTULO II

Deitei em minha cama na esperança de conseguir tirar um cochilo. Fechei meus olhos, porém não sentia sono. Minha insônia ficava cada dia pior e já era quase impossível esconder as olheiras com maquiagem.

Abri-os mais uma vez e repeti *flashes* da briga em minha cabeça, ainda sem conseguir acreditar que aquilo acontecera de verdade.

Parecia que tudo se repetia do mesmo jeito que acontecera com Davi. A briga, a tristeza, a vontade de chorar e de não querer mais viver para não sentir nada daquilo. Mas era tão pior do que da primeira vez. Não era um simples namorado agora – era Natan.

Dez anos jogados no ralo por culpa de um beijo.

Eu queria entender o porquê de estar acontecendo aquilo comigo. Até onde eu lembrava não havia feito nada de errado. Eu sempre fui uma pessoa boa, ajudava os outros quando precisavam, fui uma boa namorada, uma boa amiga. Era tão injusto!

Peguei o telefone ao meu lado, em um ato impulsivo, e disquei aquele número que agora eu já conseguia lembrar sem consultar minha agenda.

— Alô? — atendeu a voz sonolenta de Gustavo.

— Oi, Gutinho.

Ele soltou uma risada sarcástica, mas parecia feliz pela ligação.

— Muito engraçada. — Eu abri um sorriso. Era bom ouvir sua voz nesse momento tão lúgubre. — Senti minha falta no colégio?

— Você faltou o colégio? Sério? Nossa. Nem reparei — brinquei. Era fácil esquecer todo o resto quando falava com ele.

— Vou considerar isso como um sim.

— Eu tô começando a achar que você é convencido demais pro meu gosto.

— Eu não sou convencido, Anninha. Sou realista. Eu não posso fazer nada se sou irresistível.

— Ah, cala a boca, Gustavo.

Ele riu, vitorioso.

— Ao que parece, minha mãe não conseguiu me acordar. Ela deixou um bilhete. — Ouvi-o remexer em alguns papéis. — “Da próxima vez que você não acordar quando eu chamar, a buzina que compramos no carnaval será usada e seu ouvido sofrerá sérias consequências” — leu.

Não evitei soltar uma gargalhada.

— Uau. Sua mãe é bastante... Sutil.

— Você não viu nada. — Nós ficamos alguns segundos em silêncio. — Então... O que conta?

— Ah, nada demais. Só aquela minha vida sofrida de sempre... — respondi

com um tom divertido.

— Aconteceu alguma coisa? Sua voz tá meio tristonha.

O que era meio controverso, já que eu acabara de fazer uma brincadeira. Talvez, porém, eu estivesse tão mal que nem meu tom engraçado conseguisse evitar a tristeza.

Eu suspirei, ponderando se contava o que acontecera ou simplesmente esquecia tudo. Não queria contar sobre a briga, por isso apenas falei:

— Digamos que... Eu perdi um melhor amigo hoje.

— E como você se sente?

Falar tudo o que eu sentia naquele instante o alugaria por um dia inteiro.

— Bem... Eu tô com uma vontade louca de sumir. Fazer tudo desaparecer.

— Então vamos.

— Vamos o quê?

— Sumir. Fazer tudo desaparecer — me citou.

— Tá doido? Não dá pra fazer isso.

— Dá, sim. Vou te mostrar — ele riu. — Se arruma aí. Passo pra te pegar daqui a pouco.

— Mas... — Porém, ele já tinha desligado.

Dei de ombros e segui suas orientações.

Quarenta minutos depois, quando ele tocou a campainha, eu estava sentada no sofá assistindo a um filme chato que passava na Sessão da Tarde e já avisara minha mãe de que saíra.

Ao abrir a porta, Gustavo estava encostado no portal de braços cruzados olhando a rua enquanto esperava. Ele se virou ao ouvir o barulho e analisou meu rosto — principalmente meus olhos inchados — antes de sorrir para mim.

— Oi.

Sorri de volta, agradecendo por não comentar nada.

— Então, aonde vamos? — perguntei enquanto fechava a porta.

Ele abriu um sorriso no canto da boca.

— Você vai ver.

Fiquei empolgada enquanto percorríamos o caminho para o tal lugar misterioso. Conversamos bastante durante a viagem de ônibus, comentando sobre nossos gostos e opiniões. Porém, quando chegamos e paramos em frente a uma grande entrada, eu rolei os olhos e disse:

— Shopping? É essa a “surpresa”?

Levantei uma sobrancelha.

— Eu nunca disse que era surpresa. Eu só disse “você vai ver”.

Ele continuou com aquele meio sorriso idiota.

— Você me enganou, seu safado. — Dei-lhe várias bofetadas enquanto entrávamos no shopping. Ele segurou meus braços de leve e falou:

— Já não tá bom de me bater? Se meu braço ficar com marcas roxas, eu vou

à delegacia te denunciar, hein? Não é só agressão à mulher que deve ser combatida!

— É mesmo? Ah, coitadinha dela. — Fiz biquinho e tentei soltar minhas mãos para apertar suas bochechas.

— Ah, é assim? É assim? — As mãos de Gustavo foram mais rápidas e voaram para minha barriga, apertando-me e fazendo cócegas. Eu gritei, rindo, e atraí a atenção de várias pessoas que passavam em volta.

— Para... Gustavo! — arfei, gargalhando extremamente alto. — Para... Meu Deus...

— Pede desculpas, então.

— Desculpa, desculpa, desculpa! — desisti.

Ele parou e ficou me olhando, rindo, enquanto eu me ajeitava e respirava fundo, esperando a dor em minha barriga passar. Quando voltei ao meu estado normal, cruzei os braços e andei, fingindo irritação, sem esperá-lo. Mas Gustavo foi ágil e em menos de cinco segundos já estava com os braços à minha volta, sorrindo cinicamente.

— Vai ter volta. — Espremi meus olhos ao encará-lo.

Gustavo me guiou até onde pretendia ir e nós seguimos em silêncio. Entramos no local e subimos as escadas até o terceiro andar.

— Quando você vai voltar a falar comigo?

— Não sei. Quando eu achar que você merece.

— Então, vamos fazer uma aposta. — Ele apontou para a porta de vidro à nossa frente, a entrada para o boliche. — Se eu ganhar, você volta a falar comigo.

— E se eu ganhar?

Gustavo riu, pensativo.

— Serei seu humilde escravo por uma semana.

Dei pulinhos de alegria com a bela proposta e corri depois de sair gritando:

— Fechado!

— Ai, meu Deus! — Gustavo riu, mais uma vez, e eu cruzei os braços de irritação.

— Pelo menos eu fiz o *strike*, ok? — reclamei algum tempo depois, quando já havíamos terminado de jogar e comíamos pizza na lanchonete do boliche.

Ele só continuou rindo ao mesmo tempo em que pegava um pedaço com o garfo e colocava na boca.

— Eu ainda não acredito que eu não tirei uma foto. Ia ser o meu papel de parede por no mínimo uns dez anos!

— É que você tava ocupado demais rindo ao invés de me ajudar. — Revirei os olhos, pegando também um pedaço da pizza. — Meu braço ainda tá doendo, ok?

Gustavo parou de rir e ficou calado por alguns segundos olhando para o nada.

— Que houve?

— Sh! Eu tô lembrando. — Então desatou a rir novamente.

— Você é um idiota.

— Mas, cara, — agora caíam lágrimas de seu olho devido ao excesso de risos. Senti vontade de esmurrá-lo, mas me segurei — você literalmente voou pela pista.

Bufei, afundando na cadeira. Eu nunca tinha passado por um mico tão grande e tudo o que Gustavo sabia fazer era rir! Será que eu só sabia passar vergonha perto dele?

O fato era que, ao jogar a bola, eu havia me “esquecido” de soltá-la. E, bem... Deslizei junto a ela até os pinos.

— Você tinha que ver sua cara! E seu grito? Foi muito hilário! — ofegou. — Anna, me desculpa, mas se você tivesse visto, ‘taria rindo junto comigo. — Ele passou a mão nos olhos, limpando as lágrimas.

— Para, Gustavo — choraminguei, envergonhada. — Já é ruim o suficiente que o boliche inteiro tenha me visto cair na pista e agora estar todo mundo olhando para mim!

Ele levantou as mãos, rendendo-se com aquele mesmo sorriso cínico de sempre no canto da boca.

— Já parei. Juro. — Com os dedos cruzados em forma de cruz, ele os beijou em uma promessa. — Mas eu acho que você devia parar de ficar se envergonhando pelo mico e rir de si mesma de vez em quando. Ninguém tá olhando pra você. E foi engraçado — declarou, sorrindo.

Rendi-me àquele sorriso e relembrei a cena.

— Talvez tenha sido. Um pouco — admiti, começando a rir de mim mesma em seguida. Meu Deus, como eu tinha sido idiota! Foi o pior tombo da minha vida!

O rosto de Gustavo se iluminou com seu sorriso vitorioso.

— O que eu fiz para merecer isso, meu Deus?

— Vai ver Deus tá precisando dar umas risadas também.

— E me usou pra isso? — Rolei os olhos. — Deus tá muito zoeiro.

— Não culpa Ele pela sua “estabanadice”.

— Eu acho que essa palavra não existe, Gustavo — zombei, rindo.

— E quem liga, senhora certinha? — Ele deu de ombros. — Então... O que vamos fazer agora?

— Eu tenho uma ideia! Vem! — Ele me puxou antes que eu pudesse falar.

Corremos para a entrada do boliche e pagamos nossa saída. E então continuei a segui-lo, enquanto tentava descobrir para onde Gustavo pretendia me levar.

— Outro mistério, Guto? Me fala onde vamos!

— Dessa vez não vou poder esconder, mas gosto de te deixar curiosa. Deixa o

nosso encontro mais divertido.

Gustavo colocou as mãos em meu ombro e me deu um beijo na cabeça. Empurrando-me até a saída do shopping, onde havia uma fileira de táxis, fomos até um deles. Ele abriu a porta do banco traseiro para mim. Entrei e ele veio em seguida.

— A gente vai pro Pão de Açúcar, pode ser? — avisou ao motorista. Eu abri um sorriso animado para Gustavo enquanto o carro começava a andar.

Eu nunca havia ido ao Pão de Açúcar, mesmo sendo carioca — uma vergonha. E agora estava indo com a melhor companhia. Além do mais, ele havia dito encontro. Encontro. Estávamos em um encontro, então! Ele não queria apenas minha amizade, como cheguei a recear em alguns momentos.

Eu senti meu estômago se revirar de felicidade e não pude evitar sorrir ainda mais.

Demoramos a chegar devido ao trânsito. No entanto, estávamos tão entretidos em nossa conversa que mal percebemos o tempo passar. Gustavo tinha a incrível habilidade de me distrair e entreter da mesma forma que apenas uma pessoa havia sido capaz... Mas eu não estava fazendo comparações.

Quando, enfim, chegamos, procuramos um banco para esperar. Concordamos em aguardar o entardecer para pegar o bondinho. Se assistir ao pôr-do-sol em situações normais já era agradável, assisti-lo do Pão de Açúcar com uma companhia como a de Gustavo seria o paraíso na Terra.

Por isso, sentamos assim que avistamos um lugar vazio e ficamos em silêncio alguns minutos, admirando a beleza da Praia Vermelha.

— Se você pudesse voltar ao passado, mudaria alguma coisa em sua vida? — perguntei, de repente.

Gustavo desviou os olhos para a baía de Guanabara à nossa frente e pensou por alguns segundos.

— Na verdade, não. — Ele parecia certo do que dizia quando voltou a olhar para mim.

— Nem o que você fez pra ser expulso lá em Porto Alegre? — indaguei, surpresa.

Gustavo sacudiu a cabeça em negação.

— Por que não?

Franzi a testa para ele. Eu sempre achara que todos gostariam de voltar no tempo. Para falar a verdade, essa era uma das coisas que eu mais queria poder. Eu queria poder voltar atrás, consertar meus erros, fazer tudo diferente. Fazer dar certo.

— Porque a vida é assim mesmo. Cheia de erros e acertos. — Ele deu de ombro. — Não dizem que “Deus escreve certo por linhas tortas”? — Assenti com a cabeça. — Então. Nunca vou saber o que poderia ter acontecido se eu tivesse

ficado em Porto Alegre, mas aprendi com meu erro e também descobri que voltar para o Rio não seria tão ruim quanto eu imaginava. Quando erramos o caminho, damos chance para novas possibilidades entrarem em nossa vida.

Balancei a cabeça compreendendo.

— Além do mais, se você passar a vida inteira triste e arrependida, não vai ter tempo para viver os momentos felizes, né?

— Mas e se não for tão fácil esquecer os erros?

Ele deu de ombros.

— Nunca é tarde demais para consertá-los.

Abri um sorriso não muito verdadeiro.

— A vida podia ser simples assim, não podia? — murmurei mais para mim mesma do que para Gustavo.

— Você se divertiu hoje à tarde?

— Sim.

— Então, talvez não seja tão difícil quanto você pensa.

— Eu posso esquecer alguns problemas por um tempo, mas eles sempre voltam para atormentar quando eu menos espero.

— Agarre-se aos momentos felizes. — Gustavo olhou para baixo e, então, segurou minhas mãos. — Lembra deles quando perceber que tá vulnerável. — Ele fez uma pausa. — Por que você tá procurando desculpas para ser infeliz, Anna? Não é tão difícil assim ser feliz. Basta você querer. Os obstáculos existem, sim, mas é a sua força de vontade que vai determinar o final dessa história.

— É só que... — me refreei, mordendo o lábio antes de desviar meu olhar. Quão idiota eu tinha que ser para mencionar Natan no meio do meu encontro com Gustavo?

— Isso é por causa *dele*, não é? — perguntou, me fazendo suspirar. Ele tirou suas mãos de cima da minha e se afastou discretamente.

— Desculpa.

— Pelo que? — perguntou, confuso.

— Eu sei que você já deve tá de saco cheio de ouvir meus problemas e me consolar. E eu ainda tô estragando nosso encontro com esse papo.

Ele riu e balançou a cabeça negativamente.

— Você não tá estragando nada. E eu não tô de saco cheio de ouvir seus problemas. Eu tô aqui para o que você precisar, Anna... — Ele me encarou novamente e pousou o braço no encosto do banco. — Mas eu *tô* de saco cheio de te ver mal. Principalmente, por causa dele. Você tem que parar de se botar tão para baixo! Se te faz tão mal assim, será que essa amizade realmente valia a pena?

— Não é assim que funciona, Gu. E por mais que brigar sempre tenha feito parte da nossa amizade, eram por coisas bobas, discussões idiotas que dois segundos depois a gente esquecia. — Baixei o olhar, entristecida só de lembrar os

últimos dias. — Mas agora é diferente. Hoje, nós brigamos de novo e foi tão horrível... Todas as coisas que ele me disse e... Nunca esperei isso do meu melhor amigo, entende? Ele era a pessoa em quem eu mais confiava. E me decepcionou.

— Anna. — Gustavo segurou meu queixo e ergueu meu rosto. — Quem sai perdendo no final é ele. Vai perder essa pessoa incrível que você é e sua companhia. Mas é melhor que sobra mais tempo mim.

Abri um sorriso enquanto o encarava.

— Eu tô tão cansada disso tudo...

— Então, supere.

— Como?

— Eu te ajudo.

— Como? — repeti, intrigada, olhando em seus olhos.

Sem responder, Gustavo atravessou o curto espaço que havia entre nós e encostou seus lábios nos meus.

Não fora um beijo de verdade. Foi apenas um selinho, mas ele permaneceu encostado a mim, esperando para saber se o retribuiria. Por um minuto, eu permaneci estática, sendo pega de surpresa. Quando Gustavo começou a se afastar, porém, eu coloquei minha mão em sua cintura e puxei-o de volta para perto.

Foi um beijo diferente. Diferente do de Davi ou Natan ou qualquer outro garoto que eu já tenha beijado. Não por ser melhor ou pior, mas por ser mais leve, como se não houvesse expectativas, e ao mesmo tempo mais carnal, sem tantos sentimentos embutidos.

Uma de suas mãos pousou em minha cintura. A outra estava em meu rosto para depois deslizar por meu pescoço até o ombro. A cada toque, eu podia sentir meu coração pular e os pelos do meu braço se eriçarem. Eu seguia o ritmo de seu beijo. Joguei meus braços em volta de seu pescoço, passando as mãos entre seus fios.

Gustavo apertou minha cintura. Eu desci as mãos que colocara em sua nuca pelo ombro até seu peitoral e explorei os músculos que eu tanto admirara desde que o conhecera. Gustavo estremeceu quando toquei sua barriga. Ele deu um meio sorriso entre o beijo e deslizou a mão que estava em minha cintura até a minha coxa, demorando um pouco mais em meu quadril.

Quando ele tentou subir a mão um pouco mais, eu soltei uma risadinha baixa, coloquei a minha em cima da dele, obrigando-o a parar. Diminui a velocidade do beijo até cessá-lo, mordendo seu lábio de leve antes de nos separarmos completamente. Gustavo suspirou baixo e sussurrou, brincando:

— Droga.

Eu sorri, involuntariamente, como sempre fazia quando ele soltava uma de suas palhaçadas ou quando o fazia também.

Encostei minha testa na dele, respirando lentamente para recuperar o fôlego. Meu coração batia acelerado, mas me sentia estranhamente calma e feliz.

— Ainda temos que ir ao bondinho — lembrei-o depois de fechar os olhos.

— Tá dispensando meu beijo? — perguntou, frustrado.

— Não — neguei, sorrindo. — Tô trocando de cenário.

Dei um pulo, parando em pé em apenas um segundo, e o puxei junto. Ele se levantou, mas, então, tão rápido que eu nem vi, segurou-me no colo e me jogou em seu ombro. Ele me carregou enquanto ia até a bilheteria do bondinho.

— Meu Deus, quanto você pesa?

Dei-lhe alguns tapinhas nas costas, rindo descontroladamente.

— Muito engraçado.

Alguns pessoas nos olharam com desaprovação, mas eu não liguei. Pela primeira vez, não me importei com o que os outros estavam pensando. Eu estava feliz. E estava vivendo. Exatamente como Gustavo queria.

Ele me colocou no chão, em seguida, e começou a pagar nossas entradas.

— Se você continuar a pagar tudo, vai levar sua mãe à falência — indignei-me alguns minutos depois, após uma breve discussão que eu comecei com “Por que diabos você não me deixa te ajudar?”. — E é bem capaz dela te proibir de sair comigo do jeito que você gasta.

Ele riu, divertido.

— Ah, minha linda, a primeira impressão é a que fica.

— Eu é que me dou mal no final, né? — perguntei, cruzando os braços e fingindo irritação. — Quando a gente tiver sentado na pracinha perto da sua casa, comendo pão com mortadela e bebendo Guaravita, eu vou ficar pensando: “Ah, que saudade de quando ele me levou para jogar boliche, lancha no shopping e ainda ir no bondinho do Pão de Açúcar”.

Gustavo gargalhou e revirou os olhos.

— Deixa de ser dramática.

— Ou então... — continuei, ignorando-o — Quando a gente tiver visitando o Corcovado, eu vou pensar: “Que saudade de quando ele pagava tudo ao invés de dizer que tá sem grana e me mandar para pagar o passeio todo. Nem pra racha como eu sugeria”.

Gustavo bufou e me empurrou de leve para dentro do teleférico, onde já havia um considerável número de pessoas. Ignorei-as, entretida na conversa com Gustavo.

— Ou... Ou... — Pulei animada por pensar em outro exemplo. Nós seguimos até um canto vazio do bondinho enquanto eu falava. — Quando eu tiver em um encontro com outro garoto e ele me levar para ir ao cinema ou algo simples, eu vou pensar: “Por que o Gustavo tinha que estourar o cartão de crédito da mãe dele no primeiro encontro? Agora eu tenho que assistir a esse filme com um cara chato enquanto poderia tá fazendo outra visita ao bondinho ou comendo no

Porcão”.

Gustavo sorriu.

— Esse exemplo é bom. Mostra o quanto eu sou marcante.

Dei língua e cruzei os braços quando a porta do teleférico se fechou e ele começou a se mover. Eu olhei através das paredes de vidro para apreciar a vista, e Gustavo me abraçou de lado, observando a orla se afastar cada vez mais conforme subíamos.

O teleférico fez um barulho baixo quando parou e a porta foi aberta para podermos sair. Gustavo pôs as mãos em meu ombro e me conduziu para fora.

A primeira coisa que reparei quando saí do bondinho foi a vista. Ali de cima do Morro da Urca, o Rio de Janeiro era ainda mais impressionante. De lá, podíamos ver a Praia de Botafogo e do Flamengo, uma boa parte da Baía de Guanabara e alguns morros que ficavam por perto. Mas não era apenas o Rio de Janeiro que me impressionava – até porque eu já sabia que era lindo – e sim, a vista da cidade ao pôr-do-sol. O crepúsculo coloria a cidade de uma forma que eu nunca havia visto, dando um ar inexplicavelmente exuberante à imagem. Ao longe, nos bairros mais afastados, alguns pontos de luz já começavam a clarear os edifícios.

Eu puxei Gustavo até a lateral para apreciar a vista. Era maravilhoso!

— Eu não consigo acreditar que vivo no Rio de Janeiro há quinze anos e nunca conheci esse lugar.

— Você nem mesmo chegou lá em cima. — Eu olhei involuntariamente para o Morro do Pão de Açúcar, mais acima. Abri um sorriso largo para ele.

— Vamos?

— Você não quer nem parar para ver as coisas aqui? Comer alguma coisa? Sei lá? — perguntou, decepcionado.

— Nós podemos vir depois, na volta. Por favor, por favor — implorei, fazendo biquinho.

— Mas...

— Por favo-o-or — pedi, estendendo a última sílaba, fazendo manha. Eu coloquei minhas mãos em sua cintura, puxando-o para mais perto. — Por favor?

Gustavo fechou os olhos, respirando fundo.

— Tá-a-a booom — aceitou, meio irritado. — Não vale usar charme comigo, eu não resisto.

Eu abri um sorriso animado e pulei em seu pescoço, dando-lhe um beijo na boca. Ele parecia querer continuar ali, dando uns amassos, mas acabei com seus sonhos em um segundo ao terminar o beijo e puxá-lo para pegar o segundo teleférico.

Não foi nem um pouco diferente minha expressão ao chegar lá em cima. Talvez eu só tenha ficado um pouco mais impressionada.

Nós demos umas voltas no morro do Pão de Açúcar, apreciando a vista – e,

sim, dando uns beijos aqui e ali –, antes de descermos novamente. Paramos em uma lanchonete para comer algo e conversamos por bastante tempo.

Foi uma noite especial e totalmente inesquecível. Eu estava tão feliz – mais do que achava ser possível!

Era surpreendente o quanto eu me sentia tranquila quando estava perto de Gustavo. Ele tinha o poder de me animar, de me fazer perceber que a vida não era somente os momentos ruins. Eu já tivera provas o suficiente de que era possível superar qualquer tristeza, sim. Sozinha? Claro. Mas, principalmente, quando há alguém que acredite que você é capaz. E Gustavo acreditava.

Talvez ele realmente fosse meu anjo salvador.

CAPÍTULO 12

Encarei o prédio a minha frente, ainda não acreditando que eu estava realmente fazendo aquilo. Qualquer pessoa normal diria que eu havia pirado. Bernardo disse. Mas como ele fora o único para quem eu contara – e somente por necessidade, já que precisava descobrir como encontrá-la –, por enquanto, eu não precisaria ouvir as opiniões de ninguém.

Respirei fundo, como se tomasse coragem de entrar. No entanto, permaneci parada, observando a estrutura verde e branca que se localizava logo no início da Afonso Pena, na Tijuca. Havia alguns canteiros na entrada, com flores e plantas bem cuidadas, e dois grandes portões. À frente de cada apartamento, uma larga varanda se projetava.

Estúpida. Era isso que eu estava sendo. Não por estar ali e, sim, por ter chegado até lá e agora estar me preocupando com o que achariam de mim. Que se danasse todo mundo. Não era porque Davi me traía que eu não deveria fazer algo de bom por ele. Eu vira o quanto ele estava triste e percebia o quanto ele gostava daquela garota. Independentemente do que fizera a mim, nós tivemos uma história e eu não esqueceria nossa amizade com tanta rapidez. Mesmo que não voltássemos a ser como costumávamos, eu ainda mantinha um carinho grande por ele – talvez guardado e reprimido, mas real.

Com uma determinação surpreendente, caminhei até o interfone para tocá-lo em seguida. Digitei o número do apartamento que Bernardo, o amigo que Davi tinha em comum com a garota, me passara e esperei.

— Oi? — atendeu uma voz jovem e feminina.

— A Mayara, por favor?

— É ela. Quem é?

— Hm... Eu sei que você vai achar isso meio esquisito, mas é a Anna. A ex do Davi.

O silêncio prevaleceu por alguns segundos enquanto eu apertava minhas mãos em sinal de nervosismo. E se ela não quisesse falar comigo?

— ã... Oi — disse, finalmente, provavelmente achando aquilo tudo a coisa mais esquisita do mundo.

— Desculpa vir sem avisar, mas é que eu queria conversar com você. Você acha que... Hm... Tem algum problema?

— Er, não. Claro que não. — Silêncio novamente. Acho que ela tava considerando se era seguro deixar eu entrar em sua casa, porque se passaram alguns segundos até ouvir o barulho dos portões se abrindo. — Abriu?

Murmurei um sim e entrei.

Enquanto me deslocava até seu andar, encostei na parede e respirei fundo. Perguntei-me mais uma vez por que diabos estava fazendo aquilo. Então, lembrei

a tristeza de Davi quando mencionei o assunto novamente naquela manhã e seu olhar cabisbaixo o dia inteiro depois da nossa conversa.

Talvez eu não fosse agir assim na semana anterior. O negócio era que depois de tudo o que passara com Natan, eu me sentia mais sensível. Sabia como era sentir falta de alguém importante. Entendia o que era decepcionar outra pessoa – ainda que, no momento, eu me sentisse a decepcionada. E, no fim das contas, talvez eu simplesmente precisasse ajudar os outros e esquecer minha vida um pouco. E eu esperava muito que aquilo desse certo. Esperava que Mayara me ouvisse.

Quando o elevador parou, empurrei a porta com coragem.

Não foi difícil encontrar o apartamento. A mesma garota de dois sábados atrás estava parada ao lado de uma porta de madeira aberta. A diferença é que agora ela usava uma bermuda preta e uma camiseta vermelha como se cabelo, que estava preso em um rabo de cavalo.

Andei decidida até ela, mas por dentro sentia meu coração bater acelerado.

— Oi — cumprimentei-a, sorrindo ao parar a sua frente. Por mais estranho que possa parecer, não senti nem dor nem remorso para me fazer dar para trás. Ou querer arrancar os cabelos ruivos de sua cabeça – o que também era uma possibilidade.

— Oi, Anna. — Ela ajeitou uma mecha que caíra do rabo de cavalo, colocando-a atrás da orelha. Parecia tímida. — Que... Surpresa.

Bem... Quem não se surpreenderia com a ex-namorada do cara que você pegou chegando na sua casa para bater um papinho?

— A gente pode conversar? — fui direta.

— Claro.

Ela se afastou da porta, fazendo um gesto para que eu entrasse. O apartamento era realmente muito bonito. Entrei por uma grande sala decorada em um estilo rústico. À esquerda, viam-se outras entradas para o restante dos cômodos.

Segui Mayara até o sofá e sentei logo depois de ela fazer o mesmo.

— Olha... — Ela ergueu a cabeça, impedindo-me de começar. — Eu sinto muito por aquele dia, ok? Eu juro que não sabia que Davi tinha namorada. Se eu soubesse, jamais teria ficado com ele. Eu não sou esse tipo de garota e é por isso que eu nem mesmo falo com ele mais.

Suas palavras me deixaram constrangida. Ela parecia ser uma pessoa extraordinária. Como eu pude julgar alguém da forma que fizera por uma história da qual eu só sabia a metade?

— Eu sei, cara. Eu não vim por isso — tranquilizei-a, rindo.

— Não? — perguntou com surpresa.

— Não. Olha, é óbvio que ninguém fica feliz com um acontecimento daquele. E mais ainda, ninguém quer pegar o namorado te traindo, então óbvio que eu

fiquei mal. Chorei, xinguei ele, xinguei você, fiz tudo como manda o figurino. Mas, depois... Sei lá, a gente conversou e, claro, ainda tenho vontade de matar ele por ter sido um babaca, mas também não esqueci o carinho que eu sentia pelo Davi. A gente sempre foi muito amigo e eu conheço ele, sei que ele não tem porque me mentir. Aliás, se ele tivesse mentido, seria um péssimo traidor, porque ele não falou nada daquilo que a gente acha que um mentiroso falaria. Ele me pediu desculpas, óbvio. Mas contou a história toda, de como vocês se conheceram, falou que gostava de você, sim, e que a pior burrada que ele tinha feito foi não ter me contado de você antes.

“*Ele gosta de você* — reafirmei. — E eu não te conheço o suficiente pra dizer se você gosta dele da mesma forma, mas, se sim, eu peço pra você dar uma chance a ele. Eu sei que o Davi fez besteira, mas não é algo que ele tenha o costume de fazer, sabe? Ele é uma boa pessoa, sempre foi um bom namorado pra mim... Não deixa a oportunidade passar por causa do que aconteceu. Foi um acaso da vida, não foi proposital. Deixar ele só vai colocá-lo ainda mais para baixo e a você também. Pra que complicar? Aconteceu o que tinha pra acontecer. Se eu perdoei, por que você não pode?”

Mayara ficou em silêncio mais alguns segundos, talvez pra confirmar que eu tinha acabado, e então ergueu as sobrancelhas e perguntou, descrente:

— Você veio aqui me fazer aceitar ficar com ele?

Sua expressão incrédula me fez rir.

— É. É isso aí.

— Por quê?

— Porque... — procurei as palavras certas — Porque, apesar de tudo, ele é meu amigo. Porque eu me importo com ele e não gosto de vê-lo mal.

Ela mordeu o lábio.

— Ele tá mal?

Balancei a cabeça.

— Muito.

Ela sorriu. E agora, melhor do que nunca, pude entender porque ele havia se apaixonado por ela.

— Você sabe. Tá estampado na cara dele — acrescentei, imaginando que um pouco de chantagem emocional não faria mal.

Ainda com um sorriso tímido, ela franziu o cenho.

— Mas você acha que tá certo eu ligar assim pra ele depois do que aconteceu? Quer dizer, e o respeito e o amor próprio?

— Acho que você já deixou ele sofrer por tempo suficiente pra ele perceber o erro que cometeu. E veja pelo lado dele também: a gente namorava há um ano. Não é tão fácil terminar algo assim, mesmo que você goste de outra pessoa.

— É...

— E sabe... Não vale a pena sofrer por causa de erros. Todo mundo erra. O

que nos difere uns dos outros não é apenas a nossa capacidade de enxergar e consertar esses erros, mas também a nossa capacidade de perdoar.

— Acho que você tem razão... — concordou, encarando o chão, pensativa.

Mesmo que ainda não estivesse cem por cento convicta do que fazer, eu sabia que plantara a sementinha da dúvida em sua cabeça. E isso, para mim, já era o suficiente.

— Pensa no que eu falei, Mayara, e faz o que achar certo fazer.

— May — corrigiu-me.

— Certo. May. — Levantei. — Eu acho que é melhor eu ir, então. — Encaixei minhas mãos nos bolsos de minha calça, sem saber o que mais dizer.

— Quer comer alguma coisa? Eu tava preparando um café pra mim. Se quiser me fazer companhia...

— Que isso, não quero atrapalhar — murmurei, envergonhada.

— Que atrapalhar o quê? Acho que depois disso, um lanche é o mínimo que você merece.

Eu ri, torcendo a boca enquanto me decidia. Mayara deu um sorriso, implorando com os olhos.

— Bem... Que se dane, também não tenho o que fazer mesmo.

Nós fomos para a cozinha, conversando sobre coisas sem importância e eu fiquei feliz de perceber que ela era mesmo uma boa pessoa. E que Davi estava em boas mãos.

— Ainda tô achando tão esquisito estar sentada aqui com você — admitiu Mayara após um curto de período de silêncio em que lanchávamos. — Admiro muito sua bondade de querer ver o Davi bem mesmo depois do que fez com você. Você não se importa? Nem um pouco?

Encarei-a enquanto pensava numa resposta. Eu me importava?

— Sim, é claro. Incomoda lembrar que Davi não teve a mesma paixão que tô tendo por ele. Mas eu sabia que tinha que fazer isso. Eu não ia deixar de querer uma pessoa bem só porque ele me causou mal. Sei lá, parece bobeira, mas é desse jeito que eu sou. Eu gosto de ver as pessoas a minha volta felizes. Mesmo que eu não esteja tão bem quanto elas.

Mayara me observou em silêncio, talvez analisando minha sinceridade.

— Você sabe que é tipo uma em milhão, não é? — Eu soltei uma risada. — Posso te fazer uma pergunta? — Eu acenei com a cabeça em confirmação. — Por que você não tá bem?

Eu a olhei, sentada do outro lado do balcão de sua cozinha. Surpreendi-me por ter dado atenção a essa parte e se preocupado. Ponderei se deveria contá-la. Mas, ah, eu queria. Nem sei realmente porque, mas eu queria. Acho que, talvez, eu precisasse de uma opinião de fora.

— Bom... Eu meio que... Fiquei com meu melhor amigo — falei, sem graça. Abaixei os olhos, sentindo as bochechas ficarem vermelhas. — E a gente teve a

maior briga, ele falou tanta coisa que... Ah, não vale nem a pena repetir.

— Nossa! Que m... — Ela franziu o cenho. — Mas vocês brigaram por que? Você não queria? Ele não queria?

Suspirei. Não queria repassar a manhã de sábado, mas agora que iniciara o assunto, deveria continuar, não é? Conteí-a tudo, então. Nossa saída sem segundas intenções, o beijo, minha reação, meu encontro (necessário) com Gustavo logo depois... Mayara ouvia com atenção, realmente interessada.

— Sinceramente, May, é tudo muito complicado. — Bufeí, confusa, e soltei um muxoxo alto.

— Mas você gosta dele?

Mordi o lábio e tentei ser o mais sincera possível.

— Não faço a menor ideia do que eu tô sentindo no momento. — Ela apertou os lábios e formou em seu rosto uma expressão solidária. — Olha, meu melhor amigo é o irmão do Davi. O Natan. E, certo, não há mais nada entre nós dois, mas ainda é estranho. — Fiz uma pausa. — E não é só isso. Natan é meu melhor amigo desde sempre, sabe? Eu tinha seis anos quando o conheci. E se eu só estiver confundindo meus sentimentos e isso acabar ficando pior do que já tá? Eu não sei se aguentaria.

Era tão bom ter alguém que me escutasse e para quem eu pudesse dizer a verdade. A verdade que eu estava tentando esconder até mesmo de mim mesma.

— Além disso, tem o Gustavo... E ele me passa tanta segurança, sabe? Eu me sinto incrivelmente bem quando estamos juntos. Tão... Feliz. — Dei um sorriso, lembrando nossa saída no dia anterior.

— Talvez você devesse simplesmente esperar — aconselhou Mayara. — Nunca aconteceu comigo algo parecido, mas eu entendo que deva ser difícil. Só que é tudo muito recente, né? Seus sentimentos, tanto pelo Natan quanto pelo Gustavo. Aos poucos esses sentimentos vão ficar mais claros e você vai saber o que fazer.

Acenei com a cabeça, concordando.

— Quanto ao que o Natan te disse... Eu sei que é complicado, mas se vocês são tão amigos assim, ele provavelmente não pensa tudo o que falou. Ele só sabia o que te atingiria e usou aquilo em um momento de mágoa.

— Eu sei. Mas não torna menos doloroso.

Mayara deu de ombros e não disse mais nada. Não era preciso. Ela já me ajudara mais do que poderia pedir apenas ao me ouvir.

Após aquelas confissões, eu finalmente me despedi, com um aviso de espera por sua decisão. Eu saberia, é claro, no momento em que Davi entrasse na sala de aula o que ela havia escolhido fazer. Mas algo me dizia que eu havido sido bem sucedida.

Lembranças passavam voando em minha cabeça, me fazendo suspirar alto,

enquanto eu observava as fotografias recém colocadas em meu mural. Às vezes, eu me perguntava como as coisas podiam mudar tanto de um dia para o outro. A vida é tão cheia de surpresas. Surpresas boas. Surpresas ruins. E essas surpresas podem, como em um passe de mágicas, tornar tudo diferente. Tão diferente quanto você nunca ousou imaginar.

Eu não estava mais triste. Minha conversa com Mayara e meu passeio com Gustavo modificaram totalmente meu modo de pensar. Eles estavam certo; chorar e sofrer não mudariam nada. Porque a vida é assim mesmo. Se não existisse guerra, não saberíamos o significado verdadeiro da paz. Se não sofrêssemos, não daríamos valor ao amor quando este está à nossa frente. Não é fácil simplesmente ignorar e seguir em frente. Mas quem disse que seria? Eu só não queria mais me arrepender dos erros em minha vida. Tudo o que fazia era pensando em mim mesma, mas também — e principalmente — nos outros. Nos meus propósitos, no meu orgulho, nos sentimentos das pessoas a minha volta. Se eu cometia erros... O que podia fazer? As pessoas erram. E é para isso que existe o arrependimento.

Desculpa. Algo extremamente simples de ser dito, caso sentido com veracidade.

Fechei os olhos, deitando em minha cama, e sorri ao pensar em tudo de bom que já acontecera comigo. Natan, Davi, Jullie, Gustavo, minha festa de quinze anos dos sonhos realizada, meus momentos mais felizes com as pessoas mais especiais. Nada seria esquecido, independente do que acontecesse com minha vida. Porque foram esses momentos que ajudaram a construí-la.

Revirei-me na cama ao ouvir uma leve batida na porta. Rolei, apoiando os braços no colchão e encaixando minha cabeça entre minhas palmas.

— Entra — falei, alto o suficiente para ser ouvida do lado de fora.

A porta se abriu silenciosamente. Jullie estava parada no corredor com uma das mãos no bolso enquanto a outra ainda estava na maçaneta. Sua expressão era envergonhada. Eu podia ver o arrependimento estampado em sua face.

— Oi.

Sorri para minha melhor amiga ao mesmo tempo em que espalmava as mãos em cima da cama para me levantar.

Jullie deu um pequeno passo, parando no portal, hesitante.

— Você trocou as fotos — notou, apontando para o mural.

— Sim. As outras ‘tavam mofando já — brinquei, tentando relaxá-la.

— Você não tá brava?

Sacudi a cabeça negativamente.

— Mas é claro que não, amiga. Você só tava tentando nos ajudar. Eu sei disso.

— Abri ainda mais o sorriso, encorajando-a a voltar a ser minha amiga louca e extrovertida. Ela sorriu também, mais animada, antes de se aproximar para me dar um abraço.

— Desculpa, amiga. Mesmo. Eu só achei que se vocês tivessem uma oportunidade para conversar, iriam se resolver. Suas brigas duram, no máximo, um dia. Achei que não fosse ser diferente dessa vez.

Acenei com a cabeça, compreensiva. Nem eu mesma imaginava que tudo aquilo aconteceria. Na hora, eu ficara com raiva de Jullie, é claro. Mas, depois, pensando com mais clareza, pude ver que ela só fizera o que achara certo.

— Eu sei, Jullie. Eu sei. — Eu desfiz nosso abraço, mas parei à sua frente, olhando-a, agora com uma expressão mais séria. — Mas, dessa vez, não é igual às outras. Não é como as briguinhas que sempre tivemos.

— Por quê? — choramingou. — Eu sei que teve aquele beijo e tudo mais. Mas foi um erro, não foi? Basta vocês se desculparem e tudo vai voltar a ser como era antes. Nós três, amigos novamente, saindo, se divertindo juntos.

Suspirei, balançando a cabeça.

— Não vai, Jullie.

Ela franziu o cenho.

— Não vai o quê? — perguntou, confusa.

— Voltar a ser como era antes.

— Por quê? — Sua expressão permaneceu igual, frustrada.

— Porque os sentimentos mudaram. Aquele beijo mudou tudo. — Encostei à parede do meu quarto antes de botar para fora todas as frustrações que ainda me restavam. — Antes, éramos somente dois melhores amigos. Ainda que eu, de vez em quando, fraquejasse, sentisse algo diferente, as coisas funcionavam, entende? Nos fazíamos de desentendidos e tudo simplesmente voltava ao normal. Agora as cartas estão na mesa. Ali, jogadas pra todo mundo ver.

Jullie somente piscou. Ela precisou de alguns segundos para voltar à conversa.

— Por que vocês não conversam sobre isso? Falam tudo o que tem para falar um com o outro?

— A gente tentou, não tentou? — Minha amiga suspirou. — Por agora, é melhor que as coisas fiquem como estão e se acalmem. Além do mais, eu ainda tô muito decepcionada com nossa última briga para tomar qualquer decisão em relação a isso.

Sem acrescentar que eu não podia contar a ele. Havia milhões de coisas envolvidas. Havia o fato de Natan ser meu melhor amigo (pelo menos, era), havia o fato de que eu ainda não tinha tanta certeza sobre o que estava sentindo de verdade... Seria amor? Atração? E ainda por cima, eu nem sabia se ele corresponderia o sentimento. E se não correspondesse? E se aquele beijo tivesse sido algo do momento? Como eu ficaria? Como NÓS ficaríamos?

Embora, honestamente, o principal motivo por eu não saber o que fazer era o Gustavo. Claro, eu o conhecia havia apenas uma semana, mas isso não queria dizer nada. Eu gostava dele. Disso eu tinha certeza, absoluta. Ele me fazia bem. Quando eu estava com ele, esquecia tudo. Eu era simplesmente eu mesma, sem

me preocupar com o restante do mundo.

Mas entre ele e Natan, quem escolher? O que fazer? Eu queria que a resposta viesse, assim, em um estalar de dedos. Só que ela não vinha. Eu teria que fazer essa escolha sozinha e ter tanta chance de acertar quanto de errar.

— Você não entende, Jullie. É complicado. Não é só o Natan envolvido nessa história. Tem o Gustavo e... Tem meus sentimentos! Eu tô confusa!

— Você tá tentando complicar algo que não precisa ser complicado. Você conhece o Gustavo há uma semana! Prefere ficar confusa entre os dois a simplesmente aceitar que é apaixonada pelo seu melhor amigo?

— Prefiro ficar confusa entre os dois a fazer a escolha errada.

— Você vai acabar se machucando assim, não acha?

— Melhor eu sair machucada do que machucar os dois.

— Você sacrificaria sua felicidade por isso?

— Sim. — respondi, prontamente.

CAPÍTULO 13

Os dias seguintes passaram terrivelmente lentos. Apesar de todas as superações, eu ainda aprendia, pouco a pouco, a viver sem a companhia de Natan. E, às vezes, eu tinha que admitir: doía.

Na terça seguinte à nossa briga, antes do meu encontro com Mayara, fora insuportável vê-lo fingir que eu nem mesmo existia. Quando passou por mim e seus olhos percorreram pelo espaço à volta, ele não desviou o olhar quando me encontrou, pelo menos, para que eu soubesse que tudo o que queria era me atingir. Ele simplesmente passou-o por mim, como se eu fosse mais uma na multidão ou pior, algo insignificamente ridículo. Qualquer remorso que pudesse ter sentido com seu grande rebate durante nossa discussão, havia se esvaído. Não havia nada em seu olhar, exceto um grande vazio.

Eu tive que respirar fundo para não me deixar abater. Na noite anterior, eu prometera a mim mesma que não iria mais chorar. Eu iria ser forte e aguentar. Uma hora, aquele sentimento passaria e eu ficaria bem.

Além do mais, eu tinha Gustavo. Ele estava sendo completamente fofo comigo e com toda aquela história; não se chateava ou se irritava quando eu tocava no assunto “Natan”. Só ficava ali comigo para me ajudar a melhorar.

Nós estávamos nos dando muito bem. Na terça-feira, quando nos encontramos, não ficamos, e eu cheguei a pensar que fora algo de somente um dia. Ele falara comigo normalmente, passáramos o recreio juntos, como fizemos todas as vezes, mas não tentou me beijar, nem tocou no assunto.

Eu fiquei nervosa e pela minha cabeça milhões de perguntas se passaram, como acontecia com qualquer garota normal. Nós continuamos a agir como amigos e, a cada dia, eu tinha mais vontade de perguntar sobre aquela segunda-feira. Até que na sexta, ele me convidou para sair. “Um encontro de verdade, dessa vez”, ele disse. E vi toda a minha preocupação ser jogada ralo abaixo.

Nosso encontro era naquela tarde mesmo, após o colégio. Exatamente no mesmo dia em que Jullie e Douglas saíam pela primeira vez. Eles haviam passado a semana inteira se esbarrando e agindo completamente envergonhados — como se meu irmão não fosse o garoto mais galinha do Honório de Paula! Finalmente, no entanto, ele a convidou para sair. É claro que foi necessária uma boa ajuda da minha parte.

Eu estava em meu quarto, estudando, quando Douglas entrara feito um furacão.

— Eu não aguento mais isso — reclamou em um tom alto e irritado.

Ele andava de um lado para o outro, falando atropelado. Passava as mãos no cabelo, frustrado, e suspirava de vez em quando.

— Douglas! Calma! Respira! — tive que gritar.

Ele parou, me encarando. Então, se jogou na minha cama.

— Anna, eu não sei o que faço! Bem, eu perguntei a ela se poderíamos sair e ela disse sim. E foi isso. Fim. Mais nenhuma palavra. Nenhum encontro marcado. O que eu faço?

Eu pisquei, atordoada, tentando processar o que ele havia dito. Douglas estava nervoso por causa de Jullie? Era isso mesmo que eu estava ouvindo?

— Você já tentou... Combinar com ela?

Douglas se apoiou em seus cotovelos, erguendo o tronco para me encarar.

— Você acha que eu sou idiota? — Sim, eu achava. — É claro que já. Mas toda vez que eu chego perto dela, esqueço tudo o que tinha planejado dizer. Tem algo mais patético?

— Douglas. Você gosta mesmo da Jullie — declarei, finalmente entendendo que não era só mais uma brincadeira do meu irmão. Todo o seu nervosismo fazia sentido agora.

— Gosto. O que você achou? — Ele revirou os olhos.

Eu cocei a cabeça, ponderando se deveria ser sincera.

— Bem, ela te deu aquele fora e você começou os gracejos para cima dela. Achei que fosse só mais uma luta contra o “não”.

— E quem disse que eu comecei a gostar dela por causa do fora? Aliás, quem disse que isso é recente?

— Não é?

Espremi os olhos, tentando decifrá-lo. Eu não estava entendendo nada.

— Claro que não, garota. Eu sou idiota, mas não tanto a ponto de achar que tô apaixonado há menos de uma semana. E por causa de um fora. — Ele sacudia as mãos impacientemente enquanto falava. — Francamente, você, de todas as pessoas, era a primeira que eu achava que perceberia. Quer dizer, isso já faz três meses, no mínimo.

— Três meses? — exclamei, surpresa. Então, compreendi. — Minha... Festa?! — gaguejei, surpresa.

— Sim — respondeu. — Foi quando ela começou a chamar minha atenção. Quer dizer, eu sempre tive um carinho grande por ela. E meio que uma queda, também. A gente se conhece há anos e ela é gata pra caramba. Mas na sua festa, acho que eu acabei derrubando o muro que me fazia vê-la mais como “amiga da minha irmã” e pedi pra ficar com ela. Mas aí ela já tava de olho no Guilherme.

— É, eu lembro... — E só depois de alguns segundos, associei o que ele falou. — ‘Pera aí, você pediu pra ficar com ela? NA MINHA FESTA?’ — Eu estava completamente confusa. — Como eu não sabia disso?!

Douglas deu de ombros.

— Ela não ficou com o Guilherme, mas eu soube que depois você deu um jeito pra eles se encontrarem e ficarem. — Meu irmão revirou os olhos, irritado. Bem, o que eu poderia fazer? Se eu soubesse que Douglas queria ficar com ela,

talvez eu pudesse ser culpada. — E eu fiquei com raiva, mas não conseguia dizer nada. Eu não tinha coragem. Porque eu nunca pensei que gostaria de alguém como gosto dela. — Ele fez uma pausa. — Você lembra semana passada na lanchonete, quando você me perguntou se um dia eu tomaria jeito e eu falei “quem sabe”? Bom... — continuou, sem esperar resposta. — Aquilo era eu me referindo ao que sentia pela Jullie, né? Óbvio. Mas tô cansado de fingir. Eu gosto e pronto, tenho que aceitar.

Permaneci calada, tentando encontrar palavras para expressar a confusão que eu sentia depois dessas confissões. Meu irmão estava apaixonado? E fora minha melhor amiga que conseguira essa façanha? Algo estava muito errado. Não que Jullie não fosse capaz. Porque ela era e muito. Mas Douglas era o tipo de garoto que eu nunca imaginei que se apaixonaria. Quer dizer, nunca mesmo. Ele nunca gostara tanto de uma garota a ponto de admitir. Exceto quando tinha dez anos e afirmou estar apaixonado pela professora de Educação Física, Luciana. Mas isso não contava de verdade.

— Fala alguma coisa — insistiu. Dava pra ver que foi difícil para ele admitir. Principalmente, para mim.

— Bom. Não vou fingir que não tô surpresa. Porque... Meu Deus, *você* — enfatizei a palavra — apaixonado? É realmente algo que eu nunca imaginei ver. Mas, bom, aceitar é bom.

— Certo. — Ele parecia cauteloso.

— E... Er... O que você espera me contando? Que eu te ajude ou algo assim?

— Na verdade, eu queria mesmo te contar. Eu não podia desabafar com mais ninguém. E, apesar de você ser melhor amiga dela, eu sabia que podia confiar em você.

— Nossa. — Isso estava ficando cada vez mais estranho: Douglas, meu irmão, dizendo que sabia que podia confiar em mim e que queria contar um segredo que não podia contar para ninguém? Rapaz, e eu pensando que as coisas tinham voltado ao normal.

Suspirei e encarei sua expressão tão sincera. Antes que eu pudesse perceber, já começara a lhe dar dicas sobre o que fazer, como conquistá-la, como convidar para o tão esperado encontro...

Eu nunca, de em um zilhão de anos, imaginara que eu fosse dar dicas para Douglas de como conquistar alguém. Mas era exatamente o que eu fizera. Ele ficou a maior parte do tempo escutando — às vezes perguntava sobre algo incompreensível para seu “estilo de vida” — e acenando com a cabeça para mostrar que entendera. Após aproximados quarenta minutos, ele agradeceu por tudo — “Nossa, cara, eu não sei como vou te agradecer. Quer dizer, eu disse que podia confiar em você” — e saiu do meu quarto.

À essa hora, minha mãe já chegara. Ela havia gritado nosso nome há vinte minutos, do andar inferior, e seguiu até o quarto quando berramos de volta. Ela

estranhou completamente que meu irmão e eu estivéssemos “conversando amigavelmente” e perguntou o que estávamos tramando. Eu realmente tive que rir, para você ver como era a situação. Quer dizer, era completamente raro nós dois conversarmos assim. Ele, em geral, não costumava me contar seus segredos e partilhar opiniões.

E, agora, lá estávamos nós, alguns dias depois, nos preparando para nossos encontros.

Jullie estava tão nervosa que me obrigou a ir até sua casa ajudá-la a escolher uma roupa — e se acalmar, porque ela estava mesmo precisando.

— Jullie! — gritei para que pudesse prestar atenção em mim. — Fica calma. Você só precisa ser você mesma e vai dar tudo certo. Relaxa.

Ela bem que tentou, mas quando a deixei para ir ao meu encontro, estava pirando novamente.

— Boa sorte.

— Valeu. Pra você também.

Gustavo havia combinado de me pegar às três da tarde e, quando cheguei — atrasada — da casa de Jullie, ele já estava me esperando, sentado no sofá ao lado de um Douglas rabugento. Eu soltei uma risadinha abafada.

— Até que enfim você chegou! Sabe... Eu também tenho um encontro para ir, caso tenha esquecido.

Pelo menos Jullie não era a única a estar completamente nervosa.

— Você pode ir agora, Douglinhas.

Dei um tapinha em suas costas quando ele passou por mim.

— Boa sorte — desejei como fizera com minha melhor amiga.

Gustavo se levantou depois de Douglas bater a porta e veio até mim.

— Seu irmão é sempre assim, mal humorado?

Havia em sua boca, aquele mesmo sorriso de canto de sempre.

— Quase sempre. Mas, nesse momento em especial, ele só tava nervoso. — Dei uma risadinha, me lembrando da agitação do mais novo casal.

— Entendo... — Então, ele estendeu o braço semidobrado, para que eu encaixasse o meu. — Pronta?

— É claro. — Entrelacei nossos braços e saímos alegremente pela rua. — Hoje eu posso saber aonde vamos?

Ele abriu ainda mais aquele sorriso que eu amava, e eu sorri também, involuntariamente.

— Eu não sei pra que você pergunta. Você vai saber quando a gente chegar!

— Sou curiosa. — Franzi os lábios, tentando controlar a curiosidade. Formei no rosto uma expressão de cachorro abandonado.

— Vamos a uma lanchonete, só — respondeu, revirando os olhos.

— Eu falei que tava ferrada depois do que gastamos na última saída...

Mas me enganei. Não era “uma lanchonete, só”. Era muito mais do que isso.

Era a lanchonete mais estranha e maravilhosa que eu já havia visto. A Assombrapão era uma lanchonete completamente diferente das que eu já conhecera em toda a minha vida. Tive que rir quando olhei para aquilo. Gustavo me observava, sorrindo enquanto eu reparava em cada canto. Eu estava honestamente deslumbrada.

O letreiro era escuro e com detalhes completamente bizarros estilo *Halloween*. A vitrine continha alguns adesivos de pães em formato de dentes de vampiro ou fantasmas sorridentes.

Logo na entrada havia uma placa.

LANCHONETE ASSOMBRAPÃO

As comidas mais assustadoras estão aqui. Vá encarar?

Lanches do dia:

Bafo de presunto - R\$ 3,00

Fritas Amoregadas (porção) - R\$ 4,50

Ao lado de Bafo de Presunto havia uma imagem: parecia um folheado, mas com formato de uma boca enquanto a língua parecia ser o presunto. O segundo, Fritas Amoregadas, eram batatas fritas, obviamente, com algum tipo de molho especial.

— Que diabos é isso? — perguntei, rindo, ao pararmos em frente à lanchonete.

Ele estendeu a braço, rodando-a da esquerda para a direita, “apresentando” a lanchonete.

— Mas você não pensou realmente que iríamos *só* à uma lanchonete, pensou? — me questionou com um sorriso irônico. — Achei que já tivesse percebido: eu não gosto de ser convencional.

— É, acho que eu percebi. — falei com um sorriso zombeteiro.

Gustavo permaneceu parado, analisando-me, por alguns segundos antes de tomar minha mão direita com a sua própria e me conduzir até a entrada da lanchonete com a outra em minhas costas. Ele não desviou os olhos de meu rosto até que chegássemos à porta de entrada onde uma jovem loira estava parada ao lado da cômica placa. A sua esquerda, havia uma pilha de grossas plaquinhas em formato de chapéu de bruxa. Ela sorriu para nós de boa vontade, quando nos aproximamos, dizendo o texto decorado:

— Boa tarde. Bem vindos à lanchonete Assombrapão. Tenham um terrível apetite. — Ela nos entregou uma das plaquinhas, que eu descobri ser o cardápio, e nos levou até a porta, onde outra moça esperava os próximos clientes.

Observei a parte interior da lanchonete. Era enorme e em toda a extensão da parede à minha frente havia um balcão preto com desenhos de monstros e altos bancos, nos quais alguns clientes sentavam. As paredes eram totalmente brancas

— para contrastar com os detalhes escuros do lugar — e podia-se ler em uma delas “Bem-Vindos à Assombrapão”. Nas outras, imagens de histórias — um tanto engraçadas — de “terror”. Gasparzinho, Mansão Mal-Assombrada, Família Adams, Os Caça-Fantasmas, etc.

Havia mesas roxas com cinco cadeiras em volta de cada, igualmente roxas, e com manchas vermelhas — como se fossem sangue — dispostas em fileiras, alinhadas. Foi quando estava me perguntando por que não havia mesas para casais que notei a discreta placa em que lia-se: Reunião de Monstruosidades. Olhei para minha direita e vi outra, à frente da escada: Casais Monstruosos.

Precisei seriamente me conter para não começar a rir descontroladamente. Eu virei a cabeça, olhando para a rua disfarçadamente, e fingi uma forte tosse enquanto lutava para controlar o riso.

Gustavo olhou para mim, sorrindo abertamente devido à minha atitude, e me esperou terminar. Quando me acalmei, tentei permanecer séria e disse:

— Desculpe. Forte tosse — balançando a cabeça exageradamente, ele olhou para baixo por alguns segundos, revirando os olhos.

— Onde preferem se sentar? — perguntou a atendente, paciente.

Gustavo virou-se para mim, sem tirar aquele sorriso idiota e maravilhosamente lindo do rosto — eu estava cansada de tentar não parecer estúpida toda vez que ele olhava para mim.

— Pode ser lá embaixo?

Meu coração deu uma cambalhota ao perceber que, mesmo Gustavo tentando parecer descontraindo e tudo mais, sua pergunta basicamente queria dizer: então, somos um casal ou não?

— Claro — respondi inocentemente.

Obriguei meu coração a voltar ao normal enquanto descíamos as escadas.

A primeira coisa que notei no andar de baixo foi que havia uma música tocando ao fundo — *This is Halloween*, do Panic at the Disco. Logo depois, percebi os desenhos nas paredes. Espalhados por toda a parede cor de areia estavam imagens de casais famosos de histórias de “terror”. A maior delas era de Gomez e Morticia Adams.

As mesas dali eram iguais às de cima, porém, só havia duas cadeiras em cada uma.

Observei alguns casais que comiam os mais variados — e estranhos, claro — lanches.

A atendente nos conduziu até uma mesa vazia, para depois nos perguntar o que gostaríamos de pedir. Dei uma olhada no cardápio de chapéu de bruxa. Dessa vez, não me contive no riso. A atendente sorriu, provavelmente acostumada com essa reação.

Ali, as comidas eram separadas em *para medrosos* e *para corajosos*. Para medrosos, viam-se as comidas normais: sanduíche com salada e peito de peru,

cheeseburger e outras coisas. Para corajosos, eram pratos bizarros e criativos que não acabavam mais.

— Você deveria pedir o Hot Black Cat. É como um cachorro quente, mas tem formato de gato e um gosto que não poderia explicar — sugeriu Gustavo após fechar seu cardápio.

Dei mais uma olhada no meu, antes de responder. Como não fazia a menor idéia do que pedir, aceitei a sugestão.

— Claro, então. Um Hot Black Cat...

— Dois — interrompeu-me Gustavo, olhando para a moça. — E duas Cocas?

— Ele olhou para mim novamente. Acenei com a cabeça, afirmativamente.

— Boa escolha — murmurou a atendente, anotando o pedido. Então, ela seguiu até as escadas e sumiu de vista.

Gustavo se inclinou na mesa, apoiando-se nos cotovelos, e sussurrou:

— E aí, o que achou?

Eu abri a boca, tentando encontrar algo para dizer. Fechei, sabendo que nada do que eu pudesse dizer se compararia ao que eu realmente achava do lugar.

— Eu tô sem palavras.

Gustavo me olhou, desconfiado.

— Isso é bom ou ruim?

Gargalhei.

— Acho que é ótimo. Eu nunca vi um lugar como esse. É, tipo, muito incrível.

Ele pareceu empolgado com os elogios. Tirou os braços da mesa e encostou-se à cadeira, sorrindo.

— Foi o que eu achei quando vim pela primeira vez. Eu tava passando um dia por aqui para ir pro shopping e vi. Fiquei super intrigado, claro. Não é todo dia que se vê uma lanchonete assim, né? No outro dia voltei e fiquei admirado, espantado. Sei lá. Os lanches daqui, apesar de estranhos — como você deve ter notado — são os melhores. Nunca comi coisas tão gostosas.

Ele abriu um sorriso rápido e desatou a falar sobre os lanches que já provara; os melhores — além do Black Hot Cat que pedimos —, o único que não gostara, os gostos de todos que já experimentara...

— Há quanto tempo você conhece essa lanchonete? — questionei-o, intrigada ao notar o “discurso-propaganda” praticamente inacabável.

— Três semanas — murmurou, rindo.

Eu levantei uma sobrancelha.

— E quantas vezes você veio?!

Ele sorriu cinicamente.

— Algumas... — E fez uma curta pausa antes de perceber minha incredulidade. — Ah. Qual é? Eu tava curioso! Não é todo dia que vemos um lugar assim.

Revirei os olhos, divertida.

— Você é uma figura, Gustavo.

Ele colocou os braços em cima da mesa e inclinou-se para mim, apoiando o rosto nas mãos.

— Uma figura bem sexy e charmosa, né? — E forjou uma expressão sedutora.

— Vai sonhando.

— Você me deseja, minha linda. Admita. — Gustavo ergueu a sobrancelha algumas vezes, tentando não rir.

— Nossa, você nem imagina o quanto! — sussurrei, brincando e forçando uma voz sexy. Um sorriso bobo estampava meu rosto.

Nesse mesmo minuto a garçonete chegou, colocando a bandeja em nossa mesa.

Tenho que admitir que aquele Black Hot Cat tinha uma aparência terrível, mas fui corajosa o suficiente para puxar a bandeja para mais perto assim que a garçonete se virou para ir embora, pegar o estranho lanche com um guardanapo que estava ao lado do prato e dar a primeira mordida.

— Que delícia! — exclamei quando engoli o pedaço e percebi que de terrível aquilo não tinha nada. Nada mesmo. — Meu Deus! É muito bom!

— Eu não disse?

— Nunca pensei... — comecei, mas parei para dar outra dentada. Mastiguei lentamente e continuei: — Que pudesse existir algo tão feio e gostoso ao mesmo tempo.

Gustavo aproveitou o meu momento de silêncio, apreciando o lanche, para começar a comer o seu próprio.

Comemos em silêncio, cada um absorto em seus pensamentos. Fiquei me perguntando sobre o que ele estaria pensando naquele instante. Queria falar alguma coisa, mas não encontrava o que dizer. Na verdade, eu já achara, mas estava envergonhada. Queria saber por que ele não falara nada sobre segunda-feira. Mas isso não é coisa para se perguntar. Não é?

Batuquei os dedos na mesa, um pouco impaciente. Terminei o último pedaço do Black Hot Cat antes de Gustavo. Olhei para ele rapidamente, pelo canto do olho, antes de me encostar à cadeira, relaxando o corpo, e fechar os olhos, suspirando alto.

— O que foi? — Abri-os rapidamente ao ouvir a pergunta, vindo do garoto à minha frente. Gustavo me encarava como se me avaliasse.

— Nada — respondi agilmente.

— Ah, Anni, pode falar.

— Não é nada... Só... — Franzi os lábios, pressionando-os com força para me impedir de soltar. Eu não perguntaria; não mesmo.

— O que? — Seus olhos eram persuasivos e quase me fizeram desistir de resistir.

— Só tô cansada — inventei. — Sempre fico meio sonolenta após uma refeição. — Sorri falsamente. Ele pareceu desapontado.

O silêncio preencheu os segundos seguintes.

— Você quer ir embora? — perguntou, chateado com a falta de assunto que se instalara.

Parabéns, Anna. Sempre destruindo os melhores momentos!

— Er... Pode ser — murmurei de má vontade.

Gustavo levantou o braço, estalando os dedos no ar para uma garçonete que estava parada perto da escada.

— Pode nos trazer a conta, por favor?

Enquanto a garçonete subia as escadas, eu mexi em minha bolsa discretamente, tirando uma nota de 20 reais. Eu pagaria dessa vez, Gustavo querendo ou não. Eu ainda me sentia mal por tê-lo feito gastar tanto comigo.

A garçonete voltou e veio diretamente à nossa mesa, deixando ali a conta.

— Aqui está — disse gentilmente.

Gustavo a puxou para si, lendo.

— Quanto deu? — perguntei inocentemente.

— Anna...

— Eu só quero saber.

— Dezessete...

Ele se preparou para pegar a carteira ao mesmo tempo em que eu entregava a nota.

— Anna! — exclamou Gustavo, indignado.

A garçonete sorriu, divertindo-se com a situação. Senti de vontade de rir junto, mas achei melhor não.

— Pode ir — falei para a garçonete.

— Não, não pode.

— Pode sim. Vai! — Certo. Não resisti e comecei a dar risada.

A garçonete riu junto e se foi. Gustavo olhou para mim, irritado.

— Não é justo, Gustavo. Você gastou um absurdo comigo da última vez.

— E daí? Eu convidei.

— Essa desculpa já tá meio capenga. Estamos em um mundo moderno. Existe um negócio chamado “rachar a conta”. — Revirei os olhos com sua atitude machista.

Ele continuou me encarando.

— O que foi? Eu tô ferindo seu orgulho “de macho”? — zombei. — Você vai superar.

Nós saímos da lanchonete ainda “discutindo” sobre quem deveria pagar a conta após a garçonete trazer o troco. Somente ao chegarmos ao ponto de ônibus, ele deu um basta na discussão, dizendo:

— Tá bem, tá bem! Você já pagou de qualquer jeito.

Eu sorri vitoriosa.

Só precisamos esperar alguns poucos minutos pelo ônibus. Gustavo deu sinal e subimos assim que ele parou, abrindo a porta frontal. Sentamos em um dos bancos vazios perto da saída.

— Anni...

Eu estivera por uns segundos olhando para a janela afora. Desviei meu olhar, voltando-me para ele.

— Sim?

— Tá pensando em quê?

— Em segunda... — soltei, sem pensar. Pronto. Evitara tanto e agora falara.

Obriguei-me a parar, mas já havia deixado escapar. Voltei meu rosto para longe do seu, totalmente sem graça. Observei as ruas e tudo à volta do ônibus passar velozmente enquanto ia para casa. Gustavo e eu não falamos mais uma palavra e eu me permiti fechar os olhos, sentindo o vento que vinha da janela aberta bater em meu rosto. Só, então, percebi o quanto estava cansada. Precisava de um bom cochilo.

Cheguei em casa vinte minutos depois. Me despedi de Gustavo com um beijo no rosto. Enquanto abria a porta, porém, ele começou às minhas costas:

— Sabe, Anni... Eu gosto de você. Sei que nos conhecemos há pouco mais de uma semana, mas... — Ele parou, sem saber como continuar. Eu me virei. — Desculpe por ter fingido que segunda nem tinha acontecido... — Gustavo abaixou a cabeça, encabulado. — Mas eu tava preocupado que... Olha, eu sei que você tá passando por uma fase difícil e tem toda essa história do Natan e...

Eu suspirei, revirando os olhos, e senti vontade de fazer algo que eu nunca me imaginara fazendo. Dessa vez, não me refreei. Dei um passo à frente, ficando perigosamente perto de Gustavo, segurei-o pela gola da camisa, puxando-o para junto de mim, e sussurrei:

— Cala a boca, Gustavo — com um sorriso lateral. Então, encurtei a distância entre nós até nossos lábios se chocarem.

CAPÍTULO 14

Após meu encontro com Gustavo, na sexta-feira, as coisas começaram a se acalmar — e os problemas a serem esquecidos e enterrados. Os dias se passaram mais rápida e despercebidamente.

Jullie e Douglas tiveram um ótimo encontro, segundo me contaram. Meu irmão a levava ao cinema naquela tarde, onde viram um filme de ação “incrível, surreal e extremamente bem feito” — ambos eram simplesmente apaixonados por filmes do gênero. Apesar de não ter sido nada extravagantemente perfeito, eles se divertiram muito e é isso que conta, é claro.

Já que meu irmão costuma ser um garoto de poucas palavras (exceto quando lhe convêm), os detalhes, só adquiri com Jullie, ao telefone.

— Ele chegou à minha casa, mais ou menos, quinze minutos depois de você sair. E eu sei que você pediu para ficar calma, mas isso foi completamente impossível uma vez que a campainha tocou. Porque foi quando isso aconteceu que caiu a ficha... Geralmente, fico bastante calma em meus encontros, mas... Qual é, Anna? Era um encontro com Douglas Schwartz! Sei que isso não significa muito para você já que não consegue vê-lo do mesmo jeito que todas as garotas, obviamente, por mais que saiba o que pensam sobre ele. Mas, veja bem, eu não sou irmã dele e definitivamente consigo vê-lo desse jeito.

Eu soltei uma risadinha enquanto a escutava atentamente e rolava pela cama com o telefone sem fio, tentando achar uma posição confortável. Por fim, voltei a ficar de bruços, apoiada nos cotovelos, e olhei para as poucas estrelas no céu através da janela aberta do meu quarto.

— Nós já havíamos combinado de ir ao cinema, como eu tinha te contado. Fomos de táxi e ele pagou, não me deixou gastar nem um centavo.

Ri para mim mesma, lembrando-me de Gustavo. Por mais que os garotos tenham mudado tanto dos tempos de antigamente até os dias de hoje, isso não mudara. Não sabia se era bom ou ruim, considerando que não éramos dependentes deles nem nada, mas...

— E ele foi muito fofo, Anna — continuou com uma voz melosa. — Você não acreditaria...

Não mesmo.

— É incrível a capacidade que as pessoas têm de mudar de personalidade quando querem agradar a alguém — sussurrei em um murmúrio audível, somente para implicar com Jullie.

Por mais que não a estivesse vendo, eu podia apostar que ela acabara de revirar os olhos.

— Ah, para, Anna — retrucou com a voz entediada. — Você só o acha irritantemente chato porque é seu irmão.

E isso não era motivo o suficiente?

— Na verdade, eu só o acho irritantemente chato porque convivemos juntos 24 horas por dia, há 15 anos. E eu vejo todos os defeitos dele que ninguém vê.

Ela suspirou alto, impacientemente.

— Posso continuar?

— Pode — concordei, rindo de sua irritação.

— Certo. Pegamos o táxi e fomos até o Shopping Leblon. Fomos direto para o cinema, comprar o ingresso. Quase perdemos a sessão. Faltavam dez minutos para começar. Eu corri para pegar um lugar enquanto ele comprava a pipoca para nós. — Ela fez uma pausa curta. — Amiga... O filme era tão bom! Sério, você deveria ver.

Revirei os olhos.

— Contenha-se aos detalhes do encontro, Jullie.

— Mas o filme faz parte do encontro! A parte essencial.

— Ah, é mesmo?

— É claro. Porque, mais ou menos na metade dele, seu irmão me beijou. — Ela soltou um gritinho de felicidade e eu pude imaginá-la pulando pelo quarto.

Fiz coro à sua alegria, feliz por minha melhor amiga, por mais que seu acompanhante fosse meu irmão. Ela merecia ser feliz com quem quer que fosse, contanto que esse alguém a tratasse bem. E, sendo Douglas, eu poderia me certificar de que ele cumprisse essa parte.

— Olha, amiga, eu sei que você odeia esse jeito “galinha” de seu irmão, mas eu preciso te contar... O beijo dele é sensacional.

— Eu realmente não precisava saber disso — exclamei, fazendo careta.

Jullie soltou uma risada abafada do outro lado da linha.

Nós continuamos a conversar por mais tanto tempo que nem mesmo sabia ao certo quanto. A única coisa que eu tinha certeza em afirmar era que Jullie estava caindo de amores por Douglas e, a julgar pelo modo como ele passou assobiando pela minha porta quando seguia até a escada, eu podia jurar que isso ainda terminaria em namoro.

No sábado seguinte, Douglas e eu recebemos uma ligação de nosso pai. Ele queria saber das novidades, contara-nos que seu apartamento estava completamente organizado e ainda nos lembrara de seu convite para visitá-lo e conhecer o lugar. Meu irmão hesitara, no início, mas o lembrei de sua promessa de tentar, ao menos, se dar bem novamente com nosso pai e isso o fez aceitar. No domingo, então, lá estávamos nós admirando o apartamento novo e extremamente incrível do meu pai.

Fiquei feliz de constatar que o local estava praticamente vazio. Se meu pai ainda não se ocupara em decorar o apartamento, isso significava que não havia nada definitivo. Apesar dos meus pais não se virem desde que ele fora buscar o restante de suas coisas em nossa casa, eu tinha esperanças de que os dois

pudessem reatar e tudo se normalizasse.

Passamos o restante da tarde com ele e, à noite, quando cheguei em casa, estava mais feliz do que nunca.

Durante a semana, minha mãe começara a procurar empregos para minha tia Rosa, que chegaria com minha prima dali a duas semanas. Ela sentou e começou a assinalar boas opções no jornal, separando-as para ligar depois.

No domingo, recebi um telefonema inesperado.

— Oi, Anna. É a Mayara.

Franzi o cenho, surpresa. Nós não nos falávamos desde minha visita à sua casa. Mas eu já estava por dentro das novidades. Impossível não saber, aliás, quando Davi aparecera com tamanho sorriso no rosto na segunda-feira anterior.

Ele chegara tão sorridente na sala de aula que eu nem precisei perguntar — já sabia que eles haviam finalmente se acertado. Abria meus braços, chamando-o para um abraço, e Davi corraera até mim, tirando-me do chão e me apertando a ponto de me deixar sem ar. Sorri, sendo contagiada por sua animação.

— Você é incrível, sabia? — falou, sorrindo de orelha a orelha.

— Só fiz o que qualquer amiga faria.

— Você fez muito mais do que qualquer ex-namorada faria — corrigiu-me, sorrindo.

Dei de ombros.

— Só queria que você tivesse feliz. — Encostei à parede, sentindo-me leve por poder dizer com sinceridade o que eu pensava. — O que passou, passou. Já aconteceu muita coisa depois daquilo pra eu ficar quebrando minha cabeça.

Davi abrira ainda mais o sorriso e passou a me contar o que acontecera. Desde a ligação de Mayara, pedindo que ambos se encontrassem, até sua declaração de que sentia sua falta e queria tentar fazer aquilo dar certo.

— Oi, May! E aí! — exclamei, animada, ao telefone.

— Tudo bom? — perguntou com uma voz leve, usando o mesmo tom de Davi quando me contara tudo.

— Sim e com você?

— Também! Ótima! — Eu podia imaginar. — Você tá ocupada?

— Não... Por quê?

— É que eu vou à praia com algumas amigas. Queria saber se você não gostaria de ir com a gente.

— Óbvio que eu quero! E eu sou lá mulher de dispensar praia?

Mayara gargalhou. Achei engraçado como ela parecia tão mais animada agora.

— Ah, que ótimo! Sairemos daqui a uma hora, tá certo? Desculpa avisar em cima da hora, mas só decidimos agora.

— Não, que isso. Faz o seguinte: eu vou falar com a minha mãe, se ela deixar,

vou chamar uma amiga para ir comigo e encontro vocês lá. Pode ser?

— Perfeito.

— Em qual praia vocês vão?

— Ipanema.

— Tá certo. Até daqui a pouco, May.

Apertei o botão “desligar” e “ligar” logo em seguida, para telefonar para minha mãe, que já saíra de casa para seu almoço. Ela aceitou sem delongas e eu pude ligar para Jullie logo em seguida.

— Ei, Jullie. Quer ir à praia?

— Opa! É pra já? Quem vai?

— A Mayara me convidou. Ela vai com umas amigas.

— Que Mayara? — perguntou, confusa. — Mayara do Davi?

Mayara do Davi... Era tão estranho isso. E ao mesmo tempo tão normal. Quer dizer, eu estava acostumada a ser a Anna do Davi, por isso ouvir o nome de outra pessoa no lugar do meu era... Diferente. Mas não era um diferente ruim. Porque eu sabia que minha “substituta” era boa o suficiente para ele. Bem, tirando a parte da traição, ele era uma boa pessoa. E, por mais que eu não soubesse realmente nada sobre ela, eu sentia que ela também era.

— Sim. A Mayara do Davi.

— Ah... — Jullie parecia querer dizer alguma coisa, mas permaneceu calada. Após alguns segundos, ela falou: — Ok. Vou falar com minha mãe e me arrumar.

— Me liga para confirmar.

— Não precisa. Você sabe que a coroa deixa. Quando eu tiver saindo de casa, te ligo.

Desligamos o telefone e eu comecei a me arrumar. Bronzeador, creme, pente, canga, celular e dinheiro na bolsa de praia, biquíni e protetor solar no corpo e principalmente no rosto — eu não queria ficar descascando no nariz, no ombro, no braço... Em nenhum lugar.

Desci para a sala, à espera de Jullie. Meu irmão estava sentado no sofá, assistindo Missão Impossível 3. Acomodei-me ao lado dele e olhei para a televisão, babando pelo Tom Cruise. Douglas virou o rosto para mim, me analisando, provavelmente ao perceber que eu estava de biquíni.

— Vai à praia e nem chama, é? Essa não foi a educação que nossa mãe nos deu. — Ele balançou a cabeça com uma indignação fingida.

Eu revirei os olhos.

— Só vai ter garotas, Douglas.

— Anna, Anna. Você pensa tão baixo. Acha que eu me importo de só ter garotas?

Eu franzi os lábios, entediada. Suspirei alto.

— Pensei que você tivesse mudado.

— Bom, eu mudei. Porque agora eu gosto de alguém e não de várias. Mas eu

ainda sou homem, irmãzinha.

Abri a boca para responder, porém, o telefone tocou no exato instante e Douglas o atendeu, já que estava mais próximo.

— Alô? — Então, sua expressão mudou e ele se virou de costas para mim. — Oi, Jullie.

Eu levantei em um pulo e bati em suas costas.

— Depois você fica uma hora no telefone com ela. Me dá — ordenei, tentando puxar o telefone de sua mão. Nem preciso dizer que estava falhando na tentativa. — Se você a prender no telefone... A gente vai se atrasar.

Fiz força para puxar o telefone, mas Douglas era muito forte.

— Douglas... Larga... O telefone...

Por fim, ele soltou e eu caí para trás devido à força que fazia e à rapidez com que ele abria a mão.

— Eu não entendo como você consegue ser tão imaturo — rugi irritada antes de me levantar. Ajeitei minha roupa e pus o fone no ouvido. Jullie ainda esperava pacientemente.

— Já tá vindo? — perguntei, ofegante.

— Sim.

— OK.

Ela chegou alguns minutos depois, vestida com seu habitual biquíni preto e branco quadriculado por baixo de um short jeans e uma blusa azul sem manga. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto e duas mechas finas — mais curtas que os outros fios — caíam moldurando cada lado de seu rosto.

— *Hello* — cumprimentou-me com um sorriso largo. Percebi que seu olhar não estava em mim e, sim, vasculhando ao meu redor, no interior da casa. Ele parou, então, à minha direita e o sorriso de Jullie se intensificou.

— Oi — ouvi a voz de meu irmão murmurar atrás de mim. Os olhos castanhos de Jullie brilharam de excitação.

— Oi, Doug. — Espremi os olhos.

Doug? Jullie acabara de chamar meu irmão de Doug? Aquele mesmo apelido que ele odiara desde... Sempre? E — pior ainda — ele não fizera nada? Douglas devia estar realmente apaixonado por ela.

— Sem querer ser chata, mas já sendo... — falei, revirando os olhos. — Podemos ir?

Jullie desviou os olhos de Douglas, me encarando com um sorriso bobo. Ela apertou minhas bochechas como se eu fosse um bebê fofinho e disse em um sussurro:

— Não precisa ficar com ciúmes, bobinha.

Soltei uma risada involuntária antes de puxar Jullie pelo braço enquanto saía de casa e fechava a porta com a mão livre. Antes que eu a batesse por completo, Jullie gritou:

— Tchau, Doug! — com um aceno animado.

De braços cruzados com ela, seguimos até o ponto de ônibus. Jullie caminhava animada, praticamente saltitando enquanto cantava *É o Tchan*.

Sim: *É o Tchan*.

— “Olha a brincadeira da tomada. Chega prá cá, prá brincadeira da tomada, tum dum. Seus braços vão ficar bem lá no alto. O seu par também coloca as mãos no alto” — cantarolou ao mesmo tempo em que fazia uns passinhos. Eu afundei meu rosto em minhas mãos, rindo.

Era bom ver minha amiga feliz. Senti-me contagiada por sua felicidade e, ao chegarmos ao ponto de ônibus, eu estava cantando junto a ela — e dançando. Atraímos olhares e até alguns assobios de engraçadinhos que estavam nos ônibus que passavam ou paravam ali.

Quando nosso ônibus chegou, nós subimos os degraus da entrada sorridentes e animadas. Jullie agora se lembrava de músicas que nós gostávamos quando éramos pequenas.

— Ah! — gritou após passar pela roleta e parar para me esperar passar também. — “Abre a porta, Mariquinha!” — cantarolou alto, me fazendo rir... E o cobrador também.

Eu soltei uma gargalhada alta ao mesmo tempo em que a seguia para o único banco livre do ônibus. Porém parei, com o coração acelerado, ao ver quem sentava exatamente atrás: Natan. Ao lado dele, estava um garoto magricela de cabelos pretos extremamente curtos que eu nunca vira na vida. Os dois estavam de óculos escuros e conversavam animadamente com mais dois garotos no banco de trás. Jullie percebeu sua presença. Np entanto, não comentou, somente me puxou para o assento.

Eu tentei sentar sem ser percebida, mas antes que chegasse ao banco da janela, Natan virou o olhar para o corredor. Pude notar seu sorriso diminuir exatamente como eu fizera ao vê-lo. Não consegui encarar seus olhos, devido aos óculos escuros, mas sabia que ele me olhava.

Era extremamente estranho estar assim, tão perto dele. Por mais que estudássemos na mesma escola, parecia que, depois de nossa briga, ele havia simplesmente desaparecido. Nunca o encontrava em canto algum. Na entrada, nos intervalos, no recreio, na saída. Era como se ele nem mesmo frequentasse o local. Eu sabia que Natan ainda estava indo, no entanto, pois Jullie costumava dar suas escapadas para encontrá-lo sem que eu precisasse esbarrar com ele.

Agora, estávamos ali, frente a frente. Sem fugas. E eu não conseguia traduzir exatamente o que estava sentindo. Meu coração havia dado um salto tremendo em meu peito e meu estômago se revirou. Eu queria abraçá-lo e xingá-lo, ao mesmo tempo. Resolvi por simplesmente ignorá-lo.

Natan recuperou a expressão animada e cumprimentou minha amiga.

— E aí, Jullie? — Apesar de estar sorrindo, não era aquele sorriso que eu

conhecia. Ele estava vazio, oco, sem sentimentos.

— Oi, Natan — disse ela, sem estender a conversa em respeito a mim, provavelmente.

— Indo à praia? — perguntou quando finalmente me sentei.

Eu encostei minha cabeça no vidro da janela.

— Não, a gente tá de biquíni pra enfeitar — murmurei com rancor em um sussurro inaudível. Apesar de ter sido baixo demais, eu tinha certeza de que Natan ouvira. Pude sentir seu olhar fuzilar minhas costas — ou nuca, já que era a única parte de mim que ele conseguia ver do banco de trás — antes de Jullie responder.

— Sim e vocês?

— Também. — Sua voz vinha carregada de ironia.

— Espero que fique bem longe — resmunguei mais baixo ainda.

Ouvi Natan se ajeitar no banco atrás de mim.

— Não se preocupa, Anna. Tem espaço suficiente na praia pra você não precisar fugir. Dá pra gente ficar beeem longe um do outro.

Ignorei as batidas do meu coração que se aceleraram ainda mais quando ele disse meu nome.

— Como se fosse preciso uma praia pra isso — retruquei sem me preocupar em falar baixo, agora.

Eu sabia que ele estava dando aquele maldito sorriso irônico, mas não tive coragem o suficiente para me virar e conferir.

— E isso não é um problema, é?

Jullie me olhava apreensiva. Ela já sentara ao meu lado e desviava o olhar do meu rosto para o de Natan.

— Não mesmo. É uma solução.

Arrisquei uma olhadela de canto de olho; ele estava inclinado para frente, com os cotovelos apoiados na coxa.

— Por mais incrível que isso vá parecer, eu concordo com você.

Aquilo estava completamente ridículo. Por mais que eu quisesse acabar com a discussão, porém, e mandá-lo calar a boca, me obriguei a continuar falando.

— Pelo menos uma opinião boa você tinha que ter, né?

Dessa vez, ele não respondeu. Olhei-o pelo canto do olho novamente e notei que, depois de algum tempo tentando encontrar o que falar, ele se recostou ao banco e continuou a conversar com o amigo desconhecido.

Arrisquei um olhar rápido para Jullie, temendo um sermão, mas ela só deu um suspiro alto e olhou para frente, voltando a cantar uma música da Sandy e Júnior, dessa vez, baixinho.

Por todo o trajeto, senti que Natan estivera me observando. Não podia, porém, saber se ele parecia com raiva ou chateado porque não me atreveria a virar. Contudo, quando finalmente nos levantamos — Jullie e eu — para descer,

nossos olhares se encontraram por alguns segundos. Havia em seus olhos — agora sem os óculos, que estavam encaixados em sua cabeça — uma expressão desafiadora. Reparando bem, no entanto, notei a mágoa que fez meu coração apertar e quase senti falta de ar.

Jullie e eu descemos em silêncio. Olhei para trás, sem conseguir me conter. Natan estava em pé, juntamente com os amigos, descendo pelos mesmos degraus que eu descera há dois segundos. Eu podia apostar que ele me esperara pisar na rua para poder levantar e sair do ônibus a uma distância considerável de mim.

Respirei fundo após virar a esquina. Surpreendi-me com tamanha dor que senti somente por vê-lo, por nos tratarmos daquele jeito. Natan e eu éramos melhores amigos há dez anos. E saber que agora estava tudo acabado era terrivelmente doloroso. Ele havia sido — e apesar de tudo, ainda era — uma parte de mim. Sempre que lembrava o passado, lá estava ele. Toda vez que planejava o futuro, ele se moldava a partir das decisões de Natan. Estudariamos na mesma faculdade (ainda que ele estivesse avançado), seríamos colegas de quarto, melhores amigos pra sempre. Será que ele ainda sequer se lembrava desses planos?

Obriguei-me a parar de pensar nisso e observei o caminho. Lá à frente, já era possível ver uma parte da praia; o céu estava limpo e o sol brilhando forte entre dois prédios altos. Forcei um sorriso nada convincente, tentando lembrar sobre o que falávamos antes de ver Natan.

— Ei, você lembra aquela música... *Wannabe* das Spice Girls? — perguntei como se nada tivesse acontecido.

Jullie me observou por algum tempo e eu sabia que ela tentava decidir se responderia à minha pergunta ou se me daria um sermão. No entanto, antes que eu percebesse, ela estava sorrindo e cantando alto:

— *“Yo I’ll say you what I want, what I really, really want. So tell me what you want, what you really, really want. I’ll tell you what I want, what I really, really want. So tell me what you want, what you really, really want.”* — Eu abri um sorriso verdadeiro.

Ela caminhou, cruzando as pernas como as modelos faziam e apontou para mim.

— *“I wanna, I wanna, I wanna, I wanna, I wanna really, really, really wanna zigzag ha!”* — completei, fazendo de meu punho fechado um microfone.

Nós rimos com cumplicidade. Andei até ela, encaixando meu braço com o seu. Ainda cantando Spice Girls, seguimos até a praia de onde, ao chegarmos, liguei para Mayara para saber onde ela estava.

Assim que pisamos na areia, tiramos os chinelos, segurando-os pela ponta, e inspiramos o cheiro de maresia.

Não foi difícil encontrar Mayara. Seu cabelo vermelho vivo chamava

completamente a atenção. Ela se encontrava deitada de bruços em uma linda canga estampada com a bandeira do Brasil e usava um biquíni verde e amarelo.

Próxima a ela, sentada em uma cadeira de praia azul, estava uma garota loira de cabelos lisos e olhos verdes. Ao topo de sua cabeça via-se um Ray-Ban preto. Ela era tão branca, que seu nariz já estava vermelho e, muito provavelmente, ardendo.

Estacionada ao lado da loira, estavam duas cadeiras vazias, que eu supus serem de outras amigas de Mayara que deveriam estar aproveitando a tranquilidade do mar.

Quando May notou nossa presença, ela ergueu um pouco a cabeça e sorriu antes de se levantar para nos cumprimentar.

— Oi, meninas! — Ela me deu dois beijos no rosto e se virou para Jullie, estendendo a mão. — Mayara — apresentou-se quando minha melhor amiga pressionou suas mãos contra as dela com um sorriso.

— Jullie.

— É seu nome mesmo ou apelido? — perguntou Mayara, em dúvida.

— Apelido. Meu nome é Juliana, mas eu odeio. — Jullie fez uma careta.

Mayara concordou com uma piscadela e virou-se para apresentar sua amiga que nos observava, simpática.

— Essa é a Jade. — A loira abriu um sorriso.

Nos cumprimentamos com beijos no rosto e nos apresentamos também, para depois nos arrumarmos. Jullie e eu pousamos nossos chinelos ao lado dos de Mayara e suas amigas e começamos a tirar o short e a blusa. Em poucos minutos, estávamos “acampadas” na areia, deitadas de bruços como Mayara e conversando sobre as novidades.

Suas duas amigas voltaram alguns minutos depois, pingando água por toda a areia à nossa volta. Elas pareciam tão simpáticas quanto a primeira.

Mayara nos apresentou à Pamella e Gabriela. E, logo, todas já estávamos entrosadas. Conversamos sobre vários assuntos até chegarmos ao tópico amoroso. Jade nos contava sobre seu namorado, Rafael, e as várias brigas que tinham semanalmente.

— Ele é muito ciumento e eu tenho muitos amigos homens... Então, qualquer coisa mínima é motivo para briga.

— E como você aguenta? — perguntei.

— Eu gosto muito dele. Tento pensar em seu ciúme como medo de me perder... O que, de certa maneira, é verdade. — Ela deu de ombros e tomou um gole da água de coco que comprara alguns minutos antes.

— Se Davi tivesse sido ciumento desse jeito acho que não teria aguentado um ano com ele — murmurei entre dentes.

Mayara soltou uma risada.

— É verdade, eu já reparei nisso. Davi não é muito ciumento... Só o normal.

Mas, também, se não fosse, eu odiaria porque iria parecer que ele não tá nem aí.

Concordei com a cabeça e Gabriela perguntou, mudando um pouco o assunto:

— Como vocês conseguem ser amigas mesmo tendo dividido um garoto e ainda falar sobre ele assim nessa despreocupação?

Jullie riu baixinho. Eu olhei para ela com a sobrancelha levantada.

— Eu também pensava assim, mas a Anna já arranjou outro e não tá nem ligando pro Davi. — Ela havia colocado a mão ao lado da boca, como se contasse um segredo.

Todas as meninas assobiaram e começaram a me bombardear de perguntas depois de eu empurrar Jullie, dizendo “cala a boca”. Fiquei tonta com tanta pergunta, mas respondi tudo e Gabriela terminou o interrogatório, dizendo:

— Acho que vou roubar esse Gustavo para mim!

Conversamos mais até Gabriela e Mayara resolverem ir no mar. Jullie, Jade e Pamela preferiram ficar, mas eu me levantei e fui com as duas para descobrir se a água estava perfeita mesmo como Pamela dissera.

Estava. Estava muito, muito boa.

Senti aquele frio habitual ao colocar o pé no mar, porém, quando tomei coragem para mergulhar, correndo pela areia pouco antes da onda quebrar, percebi o quão deliciosa a água estava. Mayara e Gabriela haviam feito o mesmo que eu e, agora mais para o fundo, elas davam pulinhos, tentando expulsar os vestígios do frio que ainda restara.

O mar não estava cheio, apesar de o número de pessoas na praia ter crescido consideravelmente desde que chegara. Havia mais surfistas tentando pegar uma onda grande o suficiente do que pessoas querendo mergulhar e aproveitar a tranquilidade do mar. Nem por isso saímos dali. Assim estava perfeito. Afinal, ninguém merece ter que lutar com trezentas pessoas para conseguir um espaço.

As ondas que vieram a seguir foram tão pequenas que aqueles que tentavam pegar alguma quase saíram do mar, desistindo. Nós mergulhamos várias e várias vezes, parando por intervalos longos para conversar, e olhávamos para a areia vez ou outra para nos certificar de que a correnteza não nos levara para longe de nossas amigas. Às vezes, também, observávamos as pessoas na água, comentando sobre um surfista lindo ou alguém feio demais.

— Uau! — exclamou Gabriela quando estávamos distraídas com a brisa que batia em nosso rosto. — Aquele surfista ali é lindo. O da prancha branca e azul.

E qual não foi minha surpresa ao notar que o surfista era Natan? Suspirei baixo, revirando os olhos, e permaneci calada, olhando-o.

Aquela prancha certamente não era dele — pelo menos eu nunca a vira. E se fosse, teria sido trazida por outro colega, já que não havia prancha alguma no ônibus quando o encontrei vindo. Mas ela era bem bonita e do estilo que ele gostava. Natan estava sentando nela, conversando com o mesmo garoto magricela que sentara ao seu lado no ônibus, quando os dois viraram sorrindo

para o mar, deitaram na prancha e começaram a remar com os braços.

— É morrer ou morrer? — perguntou Mayara, sorrindo.

Ela olhava para uma onda que crescia lá atrás, mas que, com certeza, seria enorme. Se fugíssemos para fora do mar, correríamos o risco de ter a onda quebrada em nossa cabeça e pagaríamos o enorme mico de sair rolando pela areia e ainda se encher de areia.

Se ficássemos, no entanto, e tentássemos atravessar a onda poderíamos tanto engolir montes de água salgada quanto passar intactas por aquela parede de água.

Mayara sorriu excitada. Ela adorava mar, segundo contara quando estávamos sentadas, e não tinha problemas em atravessar ondas enormes. Gabriela ficou na defensiva; ela tinha pavor, mas sabia que seria muito mais fácil mergulhar e “sobreviver” do que fugir. Eu concordei com elas; era realmente muito mais fácil desse jeito.

E eu teria conseguido não fosse aquele surfista idiota. E não, não me referia a Natan.

Nadamos para frente, o mais perto da onda possível, e mergulhamos. Antes, porém, vi de relance algo vir em minha direção: um garoto em cima de uma prancha. Ele tinha um sorriso no rosto maior do que eu pensava ser possível e sua mão esquerda estava esticada, tocando a água. O surfista chegava cada vez mais perto e me apressei em jogar meu corpo para dentro do mar. Entretanto, não fui rápida o suficiente.

Assim que mergulhei, sentindo a pressão da água em mim e achando que havia sido bem-sucedida, senti uma superfície dura bater em minha cabeça com uma força impressionante. Tudo à minha volta girou e, ao meu lado, eu vi o surfista sem sua prancha afundar antes de minha visão embaçar e eu perder a consciência.

CAPÍTULO 15

Sempre ouvi dizer que se afogar é uma situação de pura aflição.

Quando eu tinha quatro anos, meu pai e meu irmão foram arrastados pela correnteza até o fundo do oceano. Mesmo usando todos os movimentos possíveis da natação que já havia aprendido, para tentar tirá-los de lá, meu pai não conseguia voltar. Minha mãe entrou em desespero total; não parava de chorar. Alguns minutos depois, o helicóptero do corpo de bombeiros passou zunindo em direção a eles e os tirou da água. Os poucos minutos em que tivemos que esperar pelo resgate foram um dos únicos dos quais eu não desejaria nunca, jamais reviver. Foi um dos piores momentos da minha vida.

Até aquele instante.

Quando consegui recobrar a consciência, tive a enorme vontade de voltar a estar desmaiada. Tudo à minha volta estava preto; por mais que eu tentasse, meus olhos não se abriam. Meu pulmão queimava como brasa, minha garganta ardia e eu não conseguia respirar.

Tive a sensação de ainda estar na água, com as ondas batendo em mim e me causando uma vertigem terrível. Porém, dois segundos depois, senti o chão se chocar com minhas costas — os grãos de areia não me machucavam como sempre faziam; pelo contrário, era algo macio, afogado, por isso imaginei estar sobre a canga de alguém — e percebi que estivera sendo carregada. Alguns segundos depois, senti duas presenças, cada uma a meu lado, ajoelhando-se ao chão.

Havia um murmúrio à minha volta. Eu não conseguia entender nada do que falavam, com algumas exceções.

— Será que ela tá bem? — perguntou uma voz desconhecida.

— Esses jovens não sabem que o mar hoje em dia é perigoso?

— Já avisaram aos bombeiros?

Graças à ardência em minha garganta, eu não consegui emitir ruído algum quando experimentei falar. Meu braço nem mesmo oscilou no momento em que arrisquei movê-lo.

Enquanto tentava lutar para dar sinal de vida, uma mão tocou minha testa e outra tocou o meu queixo, forçando minha boca a se abrir. O dono delas abaixou o rosto em direção ao meu ao mesmo tempo em que a mão que tocava minha testa voava para meu nariz, tapando-o, comprimiu sua boca contra a minha e soprou ar com força. E, então, as mãos foram tiradas de meu rosto e estavam em meu tórax, pressionando-o para baixo.

Senti a tontura aumentar. Meu estômago revirou, fazendo-me sentir ânsia de vômito; meu pulmão queimou tanto que estava cada vez mais difícil respirar. E eu ainda não conseguia me mexer. Por que eu não conseguia?

As mãos voltaram para meu rosto, soprando ar novamente para minha boca, e retornaram ao meu tórax. A ânsia de vômito foi ainda mais forte, dessa vez, e, de repente, eu estava cuspidando litros de água. Por mais difícil que estivesse sendo, eu conseguia respirar novamente.

Tentei abrir os olhos novamente; consegui, mas minha visão estava embaçada. Tudo o que eu podia distinguir eram dois vultos acima de mim.

— Anna? — chamou uma voz desesperada que eu conhecia melhor do que ninguém.

Ainda não conseguia falar, mas tateei à procura dele.

— Acho que ela tá acordando — informou a voz de Natan.

Ao perceber minha busca, ele se apressou em trazer suas mãos de encontro às minhas, apertando-as com força.

— Anna? — chamou novamente, dessa vez, mais baixo e mais calmo. Estremeci ao sentir a água gélida tocar meus pés. Seu aperto se intensificou. — Você tá me ouvindo?

Pisquei e, aos poucos, minha visão foi entrando em foco. A primeira coisa que vi foi um dos colegas novos de Natan, que estiveram junto a ele no ônibus. Ele estava posicionado à minha esquerda e suspeitei que tivesse sido o responsável por me tirar da água.

Então, meu olhar vagou para minha direita e a visão que tive fez meu coração pular em meu peito — era Natan. Ele estava ajoelhado ao meu lado direito com a expressão preocupada enquanto segurava minha mão. Seu cabelo estava molhado e pingava água em mim. Logo atrás dele estavam Jullie, Mayara e suas amigas com expressões tão preocupadas quanto a do meu ex melhor amigo.

Atrás deles, várias pessoas fechavam uma roda à minha volta, parecendo um tanto curiosas. Notei, no entanto, que elas não se posicionavam totalmente ao meu redor, mas também de algo ao meu lado. Não me preocupei com isso naquele momento.

— Ela tá pálida — comentou Jullie com a voz trêmula. — Não acha melhor levar ela pro hospital?

— Não — gemi. Mas não emiti som nenhum. Natan hesitou.

— E se ela tiver quebrado alguma coisa? — perguntou ele, indeciso.

— Não podemos deixar ela aqui, esperando a ambulância.

AMBULÂNCIA? Eles pensavam o que? Que eu estava morrendo? Pelo amor de Deus! Eu já não estava bem?

— Alguém aqui alertou o corpo de bombeiros? — Natan olhou a sua volta.

— Eu já! — exclamou uma voz desconhecida. Disparei a olhar, mas minha cabeça latejou com o movimento brusco.

— Ai! — gritei involuntariamente. Minha voz saiu cortada, mas saiu.

Todos viraram o olhar para mim e eu senti minhas bochechas corarem de vergonha. Minha mão voou para minha cabeça, massageando-a perto da nuca

onde a prancha havia me acertado. Tentei olhar para o lado, dessa vez mais devagar, mas não seria possível agora encontrar o dono do alerta. Quando voltava à posição normal, notei outra pessoa deitada próxima. Era o surfista que me atingira — ele ainda estava desacordado. Não consegui nem mesmo culpá-lo por ter surfado tão próximo à areia; esperava que ficasse bem.

Com o rosto virado novamente para cima, me decepcionei ao ver que Natan não estava mais lá. Encontrei-o a alguns passos, conversando com o grupo de amigos com quem viera. Um dos garotos lhe entregava sua carteira e alguns pertences que, provavelmente, ele deixara quando fora surfar.

Não se passara nem mesmo um minuto quando ouvi duas pessoas dizendo “com licença”, apressados, tentando se esgueirar por entre a parede de pessoas. Elas começaram a se dispersar e os homens passaram pela multidão: eram os bombeiros. Eles foram até meus amigos, perguntando algo que eu não consegui ouvir e depois cada um seguiu um caminho. Enquanto um seguia para o surfista desacordado, outro se ajoelhou perto de mim e perguntou:

— Consegue falar?

— Acho que sim — respondi e notei com alegria que, por mais fraca que fosse a voz, eu realmente conseguia.

— Tá sentindo alguma dor?

Neguei com a cabeça e senti a dor latejante querendo me dedurar. Porém, não foi ela que o fez; Natan, ouvindo a pergunta, respondeu por mim.

— Tá, sim. Há pouco ela mexeu a cabeça e gritou um “ai” bastante audível. — Seu olhar era de censura.

Naquele instante, mais quatro homens chegaram, carregando duas macas, e as posicionaram uma, ao meu lado, e outra, ao lado do surfista desacordado. Eu fechei os olhos, suspirando alto. Dois deles me ladearam e me levantaram — um me segurando pelas costas e pescoço e o outro pela perna, tomando o cuidado de não machucar nenhuma parte possivelmente quebrada.

Quando ergueram a maca para levarem até a ambulância, meus amigos fizeram questão de acompanhar, mas foram parados pelo bombeiro que falara comigo. Eles o ouviram falar, responderam algo, acenaram com a cabeça e quando este se virou para continuar o caminho, somente Natan o seguiu.

Havia uma ambulância estacionada próxima à calçada da praia e algumas pessoas passavam olhando curiosas para mim. Fui colocada dentro do carro e acompanhada por Natan e pelo bombeiro. Os dois se sentaram nos bancos que havia ao lado da maca. Natan estendeu a mão para segurar a minha como fizera antes, na praia.

Ao longo do caminho, o bombeiro me bombardeou de perguntas; o que havia acontecido, se eu batera alguma parte do corpo, se minha cabeça doía muito ou pouco, como estava minha garganta, se eu conseguia respirar direito. Respondi todas, tomando o cuidado de não omitir nenhum fato para não ser repreendida

por Natan, mas este parecia estranhamente calado agora.

Finalmente, o interrogatório terminou e o bombeiro se levantou para falar com os colegas que iam à frente.

Eu apertei a mão de Natan que ainda segurava a minha, nem acreditando que ele estava ali comigo. Há poucas horas atrás, estávamos tendo mais uma discussão. Agora, no entanto, nada daquilo parecia importar. Mesmo não tendo me tirado da água, Natan ficara preocupado, me acompanhara e, eu suspeitava, fizera respiração boca-a-boca para que eu acordasse. Se aquilo não era prova o suficiente de que ele ainda se importava, então estávamos perdidos.

— Nael? — Ele levantou o olhar rapidamente e eu sorri. Meus olhos se encheram de água devido à saudade que sentira. — Obrigada.

— Bem, parece que tá tudo bem com você, senhorita — declarou o médico, sorrindo como se falasse com uma criancinha “dodói”. — Você levou uma pancada feia na cabeça — comentou, olhando o Raio-X que eu tirara há meia hora atrás. — Graças a Deus, não teve nada fraturado. Provavelmente vai doer por algum tempo — não mais do que dois a três dias. Mas vai melhorar gradativamente. Eu aconselho bastante gelo e descanso. Procure não fazer movimentos bruscos com a cabeça.

Minha mãe suspirou aliviada ao meu lado e apertou minha mão com força. Eu a puxei de volta antes que ela pudesse quebrá-la.

— Isso significa que eu não vou à aula amanhã? — vibrei.

O médico balançou a cabeça em desaprovação, mas percebi que ele continha um sorriso.

— É melhor que você permaneça em casa por amanhã. Levantar e abaixar a cabeça para copiar as matérias, por exemplo, pode não fazer bem. — Ele mexeu em alguns papéis à mesa. — Farei um atestado para você.

Ele pegou um papel e escreveu com aquela letra-garrancho que quase todos os médicos tinham.

— Só isso, doutor? — perguntou minha mãe após receber e guardar o atestado.

Ele afirmou com a cabeça. Ela me estendeu a mão; segurei-a e levantei da cadeira da saleta.

O médico nos acompanhou até a porta e instruiu minha mãe a voltar caso a dor aumentasse ou não cessasse.

— Que susto você me deu, meu amor! — disse minha mãe quando já estávamos do lado de fora. Íamos em direção à sala de espera onde Natan ficara aguardando o fim da consulta. Segundo me contara na ambulância antes de chegarmos ao hospital, Jullie ficara de ligar para meus pais e levar minhas coisas para casa. Por isso, ao chegarmos, não precisei esperar nem mesmo dez minutos para que minha mãe chegasse também — completamente afobada e

preocupada.

Embora Natan estivesse sozinho quando o deixei, agora encontrava-se acompanhado por alguns dos meus amigos. Ele mantinha as mãos cruzadas sob o queixo, apoiadas na coxa, e sua expressão era de irritação. Eu não entendi bem o porque até olhar para quem estava lá.

À sua direita estavam Douglas, Jullie — com as mãos entrecruzadas — e, também, Gustavo. Fiquei confusa com sua presença (Jullie ligara para ele para deixá-lo preocupado?), mas feliz por estar ali.

Mas a maior surpresa sentava-se à esquerda de Natan. Sorri quando meu olhar encontrou o do meu pai e ele sorriu de volta, aliviado por me ver bem. Sabia que ele estava tentando mudar e vê-lo ali, com a expressão mais preocupada do mundo, às cinco horas da tarde — horário de trabalho — era reconfortante.

— Oi, gente — falei intimidada.

Gustavo foi o primeiro a se levantar. Ele veio até mim com a mesma preocupação de todos.

— Ei, você tá bem?

— Sim. Só com uma dor no pescoço, mas não é nada demais. — Considerando que além dele, Natan também era extremamente alto, acho que eu teria um grande problema enquanto meu pescoço doesse. Literalmente.

Gustavo sorriu aliviado e me abraçou como se eu fosse feita de porcelana. Nos separamos assim que vi meu pai se levantar e vir até mim. Gustavo se afastou para que eu pudesse falar com ele.

— Que bom que você tá bem, meu anjo. Você me deu um baita susto! — Eu abri um sorriso, sentindo-me muito bem ao ouvir aquilo, e o abracei, esquecendo de tomar cuidado com meu pescoço. A dor apertou, mas permaneci em silêncio. Nem mesmo uma dorzinha de nada atrapalharia aquele abraço.

Quando o abraço foi desfeito, Jullie veio até mim.

— Você é muito pé frio, Anna. Nunca mais vou à praia com você! — brincou, tentando descontraí-la. — As meninas foram pra casa depois que eu insisti que não precisavam vir, mas a Mayara disse que te liga mais tarde e todo mundo desejou que você ficasse bem.

Eu sorri, me sentindo ótima, mesmo tendo acabado de sofrer um quase afogamento. Minha mãe passou a mão pelas minhas costas, pousando-a na cintura — eu percebi que ela ia colocá-la em meu ombro, mas se lembrou de que poderia me machucar.

— Podemos ir, então? Não gosto desse clima de hospital. — Ela fez uma careta.

Antes que pudesse me conduzir à saída, porém, eu olhei ao redor da sala e notei que Natan não estava mais ali.

— Cadê o Natan, Jullie? — perguntei a ela com uma pitada de decepção. Ele

havia ido embora?

Julie confirmou a minha dúvida, dizendo que ele havia saído de mansinho enquanto eu conversava com todo mundo.

Bem, ele ia ver só quando eu chegasse em casa. Nem mesmo me perguntar como eu estava, ele perguntou! Sei que, tecnicamente, ainda estávamos brigados. Mas isso não era motivo para ir embora sem dizer tchau.

Eu cheguei à minha casa extremamente cansada. Ficar no hospital depois de desmaiar na água e se afogar não é nada legal — nem excitante. Ainda mais se o seu (ex) melhor amigo foge quando você não está prestando atenção.

Assim que pisamos na sala, minha mãe me mandou tomar banho. Eu estava um nojo devido à mistura de areia, água do mar e cheiro de hospital, mas, mesmo assim, corri para meu quarto, sem obedecê-la, e peguei o telefone.

Disquei o número de Natan e sorri ao lembrar que não fazia aquilo por quase duas semanas — as duas semanas mais longas da minha vida. Fui tomada por uma sensação de nostalgia gigantesca e, tamanho era meu desespero para falar com aquele grosso idiota que eu mais amava, precisei respirar fundo antes de acertar a ordem do seu número de telefone.

Ele atendeu com aquela voz sedosa que eu conhecia de cor e, por mais que devesse estar com raiva, tudo o que consegui sentir foi saudade.

— É falta de educação ir embora sem se despedir — ralhei. Ou melhor, tentei ralar. Minha voz, porém, não saiu tão dura quanto eu pretendia. Ele demorou alguns segundos para falar.

— Desculpa.

— Tudo bem — falei, não conseguindo, nem querendo discutir com ele.

— Não. De verdade. Me desculpa por tudo. Eu sei que fui um idiota e que não devia ter brigado com você por um motivo tão ridículo. Eu nem lembro mais por que brigamos — tentou amenizar, dando uma risada forçada e nada verdadeira.

Mas não me importei realmente. Não quando ele estava me pedindo desculpas. Eu nem mesmo achava que voltaríamos a nos falar algum dia... Ele parecia profundamente magoado. Assim como eu estava.

E quando Natan voltou a falar, eu só consegui ficar estarrecida, ouvindo-o.

— Eu fui o maior imbecil da face da Terra, Nina. Fui um inconsequente, agi por impulso. Sei que não devia ter feito nada, nada do que eu fiz. Eu ainda te magoei, falando aquilo sobre seu pai e foi a pior coisa que eu poderia ter falado para alguém. E eu ainda fiz pior: falei pra você. Você é minha melhor amiga, minha irmã. Como eu tive coragem de fazer isso com você, Nina? Por favor, me perdoa. Eu sei que não devia, porque eu fui um idiota com i minúsculo, porque nem maiúsculo eu mereço, mas eu não sei se consigo continuar sem falar com você. — E tudo o que eu conseguia ouvir era “Nina, Nina, Nina”. Ele estava me chamando de Nina de novo!

Era como se alguém tivesse reavivado algo dentro de mim. Não tinha

percebido até então, porém agora estava claro. Desde que Natan e eu brigáramos, uma parte de mim havia morrido. Eu estava sempre parcialmente feliz, parcialmente sorridente, parcialmente completa.

Naquele momento, me senti inteiramente preenchida. Tive vontade de sair correndo até a casa do meu melhor amigo e abraçá-lo apertado, para nunca mais deixá-lo se afastar de mim.

— Nael, não se preocupa. Não tem problema — falei, fungando enquanto lágrimas se acumulavam em meus olhos. Bem, o que eu podia fazer contra elas? Pelo menos, eram de felicidade e não de tristeza. — A culpa foi de nós dois. Eu também não devia ter fugido, devíamos ter sentado e conversado, como sempre fazemos. Me desculpa, Nael. Eu odiei cada segundo longe de você, de verdade.

Funguei novamente, mais forte dessa vez, já que as lágrimas não foram impedidas de caírem.

— Você não tá chorando, tá? — perguntou após alguns segundos e eu pude imaginá-lo, revirando os olhos daquele jeito irritante que ele fazia. Mesmo que, ao fundo, eu pudesse ouvi-lo fungar também.

— Eu? Da onde você tirou essa idéia maluca? Eu nem choro!

Ele riu, fazendo-me rir junto. Sequei os olhos com as costas da mão e sentei em meu pufe — eu estivera de pé, nervosa demais para sentar — esquecendo que estava com sal grudado em todo meu corpo. Tudo o que importava agora era que eu estava falando com Natan de novo. Meu Natan.

CAPÍTULO 16

Tac. Tac.

Em um primeiro momento, não percebi o que se passava.

Eu estava deitada debaixo do meu grosso edredom bem aconchegante, morrendo de frio graças ao ar condicionado ligado, quando ouvi o primeiro *tac*.

Não me importei, pois suspeitei ser algum barulho da rua. O movimento ali nunca fora dos maiores, mas já era manhã e não havia nada de errado em ter pessoas caminhando pelo lugar.

Então, mais um *tac*. E outro. E mais outro.

Ao ouvi-lo pela sexta vez, me irritei, virando em tempo de ver uma pedrinha bater em minha janela por meio de uma fresta da cortina enquanto ouvia o sétimo *tac*.

Levantei, curiosa e sonolenta, e abri a janela, logo depois de arrastar a cortina para os lados. Parado na entrada da minha casa estava um garoto alto, com cabelos castanhos e um sorriso de matar. Sempre soube que Natan ainda me levaria ao enfarte, algum dia.

Ele se animou assim que apareci e levantou a mão, colocando-a na testa para proteger os olhos do sol e poder me ver melhor. Eu sorri internamente.

— Oh, Julieta! — exclamou, fazendo uma patética imitação de Romeu. — Abre logo essa maldita porta pra mim.

Eu revirei os olhos.

— Eu achava que Romeu era mais romântico — brinqueei — e inteligente. Você não imaginou que eu poderia estar dormindo? — perguntei, parecendo entediada apesar de estar me divertindo.

— Imaginei depois da décima ligação não atendida e de tocar umas... — Ele contou rapidamente na cabeça. — Cinco vezes a campainha sem ninguém atender.

Sacudi a cabeça incapaz de omitir um sorriso e corri até a porta para abri-la. Natan já estava de pé em minha varanda e não esperou convite para entrar.

— Nossa! Esse pijama ainda existe? — Seus olhos estavam pregados em meu pijama de ursinho e havia um toque de diversão em sua voz.

Eu sorri ironicamente, sem me deixar intimidar. Não era a primeira vez que Natan me via de pijamas e, além disso, eu mesma já o assistira passar por centenas de situações desconcertantes.

— Sim — respondi, sem desfazer o sorriso. Fechei a porta rapidamente e girei nos calcanhares para olhá-lo. — E ainda tá super conservado, não tá?

Dei uma voltinha, como se estivesse experimentando uma roupa nova e quisesse opiniões. Natan esboçou um sorriso maroto.

— Mas tá meio curto, não acha? Você usa isso pra atender a porta? — Ele

levantou a sobrancelha.

— Ah, não — neguei, balançando a cabeça. Entretanto, parei ao sentir uma pequena dor onde a prancha havia me acertado no dia anterior. — Ele é meu artifício para seduzir você.

Fiz uma expressão sexy enquanto tentava segurar o riso.

— Nina, Nina... — Natan balançou a cabeça. — Quantas vezes eu terei que repetir que seus truques não funcionam comigo?

Meu lábio inferior deslizou para baixo, forjando um biquinho de decepção.

Natan revirou os olhos e então voou as mãos — tão rápido que eu quase não vi — até meu corpo, pegando-me no colo e me jogando em seu ombro.

— Esse seu biquinho falso não me engana, Schwartz. Nem adianta. — Nós rimos enquanto ele me carregava escada acima. A pontada de dor em minha cabeça voltou, mas eu a ignorei, feliz demais para ligar para aquilo.

Ao chegarmos a meu quarto, ele soltou uma risadinha ao notar a bagunça e me pousou com cuidado na cama. Depois se sentou nela, parecendo ofegante.

— Você ganhou uns quilinhos, hein?

Eu abri a boca, surpresa, e lhe presenteei com uma bofetada.

— Tá me chamando de gorda? — me irritei, cruzando os braços.

Será que ele não sabia que mulher nenhuma gostava de ouvir que engordou?

Natan, percebendo o que fizera, arrastou-se pela cama, vindo a mim. Ele me abraçou com um braço, pousando este em meu ombro, e apertou minha bochecha com a outra.

— Ficou irritadinha? — Eu não respondi. — Desculpa. Eu tava brincando.

Eu balancei a perna impacientemente enquanto decidia se ia desculpá-lo. Por fim, parei e o olhei de lado, mordendo o lábio inferior.

— Eu engordei mesmo?

Ele gargalhou alto, mas parou quando eu esperneeiei.

— Natan! — Suas mãos voaram para sua boca até que ele recompusesse sua expressão, ficando sério.

— É claro que não. Eu só tô brincando com você, tá? — Ele me olhou de cima abaixo. — Você até que tá mais magrinha. Foi a tristeza por ficar longe de mim?

Eu revirei os olhos e suspirei alto, arrastando-me com cuidado — para não mexer muito a cabeça e sentir novamente a dor — até o espelho da cama. Natan me seguiu, encostando ao meu lado.

— Então... — comecei, olhando-o. — Você pode me dizer o que tá fazendo aqui a essa hora ao invés de estar no colégio que era onde você, certamente, deveria estar?

— Tô te fazendo companhia, ué. Ou você achou que eu te deixaria passar a manhã inteira na boa vida? — Percebi um sorriso quase imperceptível no canto de seus lábios. — E, para falar a verdade, nós temos que recuperar o tempo

perdido.

— Isso é verdade.

Eu cruzei as pernas, pulando na cama para ficar de frente para ele e sorri.

— Pode começar me contando tudo o que você fez nesse tempo que não nos falamos. Acredito que não tenha sido muita coisa, aposto que você só ficou chorando pelos cantos sentindo minha falta — brinqueei.

— Você se acha tão importante, né, Schwartz? Coitada.

— Cala a boca e me conta logo.

Natan esperou mais alguns segundos — por pura implicância — enquanto me encarava com os lábios franzidos e a sobrancelha arqueada antes de começar.

— Realmente, meus dias não foram tão empolgantes. Eu tive que passar a maior parte do tempo ouvindo Davi falar da Mayara — aquele casal realmente tá me dando nos nervos. E precisei aturar milhões de garotas que voltaram a me perturbar quando perceberam que nós não estávamos nos falando mais e ficaram felizes porque você “saiu do meu pé”. — Ele desenhrou aspas no ar como se citasse a frase de alguém.

Fiz cara de pena, dando de ombros.

— Elas vão ficar tão desapontadas quando nos verem juntos... — E soltei uma gargalhada.

— Eu me pergunto se essas garotas não têm coisa melhor pra fazer. Como perturbar os amigos delas ao invés de alguém que elas nem mesmo conhecem! — Ele bufou, irritado.

— Esse é o preço da popularidade, meu amigo. — Dei tapinhas em suas costas e comprimi os lábios, montando uma expressão solidária.

— Bem... Eu prefiro ser perseguido por elas a ser invejado — disse significativamente. — Você faz ideia de quanta macumba você deve ter acumulada?

— Nem me fala. Eu realmente preciso ir a uma sessão de descarrego. — Nós soltamos uma risada. Era impossível parar de sorrir quando estávamos juntos.

— E o que você me conta de novo? — Ele esperou pacientemente, encarando-me com os olhos azuis suaves e felizes.

Eu pensei, decidindo por onde começar.

— Você se lembra da minha prima Leticia? Aquela que morava aqui e foi pra Pernambuco?

Ele franziu o cenho, tentando lembrar. Finalmente, perguntou alguns segundos depois em dúvida:

— Ah! Aquela baixinha que eu adorava implicar e você sempre me repreendia por fazer isso? — com um sorriso sapeca.

— Essa mesmo. — Ele balançou a cabeça positivamente. — Bem, ela vai tá de volta em duas semanas. E vai morar aqui em casa por algum tempo.

— Sério? — Natan riu. — Aposto que ela não vai gostar nada de saber que

ainda sou seu amigo. — Ele pareceu animado com isso. Eu semicerrei os olhos.

— A mãe dela tá com problemas financeiros; elas vão vir porque minha mãe ofereceu ajuda. Então, Natan, por favor, não seja irritante demais. Ela vai precisar se ajustar novamente aqui depois desse tempo fora. Você pode — por favor — ser solidário, por mim, e ajudá-la também?

— Nina. Desde quando existe alguém mais solidário e menos implicante do que eu? — Sua expressão angelical e ingênua enganaria qualquer um que não o conhecesse. — Ainda mais com a Leticia, eu gostava tanto dela!

— Ah, é. Gostava tanto que colocou uma barata na cadeira dela.

Natan abriu a boca, lembrando-se do ocorrido, e desatou a rir descontroladamente.

— Caramba. Eu nem me lembrava mais disso!

Tentei censurá-lo, mas havia sido realmente engraçado.

Eu completava oito anos e minha mãe resolvera fazer um churrasco para comemorar. Leticia ainda morava no Rio de Janeiro e estivera presente, é claro. Mas ela era muito tímida e, por não conhecer ninguém, ficara calada a maior parte do tempo, mesmo que eu tentasse enturmá-la. Ela passara a maior parte do churrasco sentada à mesa com sua mãe. Porém, eu a convenci de vir se sentar conosco — Natan, Douglas, alguns amigos da minha infância e eu.

Não sei como não percebi. Natan sempre fora um garoto naturalmente implicante e levado, apesar de ter amadurecido bastante nos últimos tempos, e, quando juntava com meu irmão, ficava ainda pior. Quando os meninos se levantaram da mesa, no entanto, eu jamais imaginaria o que estavam prestes a fazer.

Eu não os vi agachados às costas da cadeira da minha prima até ela começar a gritar e pular pelo gramado da casa. A barata caiu de sua blusa e voou longe, tamanho era seu desespero — mas foi realmente muito, muito nojento. Leticia chorou tanto que seus olhos ficaram enormes e vermelhos e ela não saiu mais de perto de sua mãe nem mesmo para cantar parabéns.

Os garotos, é claro, não conseguiam parar de rir enquanto assistiam a cena. Eu ficara bastante chateada com todos pela brincadeira ridícula justamente na minha festa de aniversário. Douglas e os outros meninos não se importaram muito com isso. Já Natan me pedira desculpas por tanto tempo que eu me irritei e só aceitei por causa da insistência.

Agora, sete anos depois, era fácil rir da situação que fora completamente engraçada.

— Vocês eram tão idiotas. Ah, se tivessem feito isso comigo iriam se arrepender tanto.

Natan sorriu.

— Nós nunca faríamos isso com você, meu anjo. Desde pequena você já era má. Era capaz de fazer três vezes pior com a gente.

— Eu não era má, Nael — retruquei, fazendo bico. — Mas quando se cresce com alguém como o Douglas, a pessoa tem que aprender a se defender.

Natan continuou a sorrir por mais alguns segundos me analisando com seu olhar intenso. Apesar de adorar quando ele fazia isso, às vezes gostaria de saber o que se passava em sua mente quando meu amigo me observava daquela maneira. Era um olhar tão diferente, cheio de significados. Infelizmente, eu ainda não conseguira decifrá-los. Por isso, simplesmente ignorei enquanto ele me pedia a continuação do que acontecera durante o tempo que não nos falamos.

Deitei na cama, acomodando minha cabeça em seu colo — Natan entrelaçou sua mão na minha —, e comecei a comentar sobre o encontro de Douglas e Jullie.

— Meu Deus, Schwartz, já faz duas horas e meia que a gente tá conversando e você ainda não terminou de me contar tudo o que aconteceu nessas duas semanas?

Natan acabara de olhar o relógio em minha cômoda antes de se surpreender com o tempo que conversávamos e botávamos os acontecimentos em dia.

— Não há nenhum momento em que você diga: “No dia tal, eu não fiz nada porque bateu uma saudade enorme e eu fiquei chorando por sua causa”?

— Cala a boca, Borges. As únicas coisas que eu comentei até agora foi o encontro do Douglas com a Jullie, a vinda da Letícia e a nova fase do meu pai. Eu não posso fazer nada se você comenta demais as coisas.

— Ah! *Eu* comento demais as coisas! — ironizou. Eu dei a língua como uma criancinha de sete anos. — Há algo mais que queira me contar?

Na verdade, havia. Eu deveria, supostamente, contá-lo sobre Gustavo e eu, mas deixara essa parte por último devido à ridícula implicância que Natan sentia pelo garoto. Estivera evitando o assunto por puro medo. Não sabia se ainda era cedo demais para tocar em seu nome. Afinal, a raiva de Natan se deu principalmente por seu ciúme de Gustavo.

Nesse mesmo momento, ouvi a porta lá embaixo bater e imaginei que Douglas chegara da escola.

Olhei para nossas mãos entrelaçadas, acariciando-a devagar e tendo meu olhar seguido pelo do meu amigo, antes de dizer:

— Tem mais uma coisa. — Natan voltou o olhar ao meu rosto, esperando que eu continuasse. Fui interrompida, porém, por uma batida na porta.

— Entra! — falei, girando o corpo para a entrada do quarto.

Esperava que Douglas entrasse após minha chamada. Entretanto, quem vi parado ali não foi meu irmão e, sim, Gustavo. Encarei-o surpresa e soltei minhas mãos das de Natan automaticamente, levantando-me em um pulo.

Sabia que não estávamos nem mesmo namorando, mas achava — esperava — que nosso relacionamento estivesse caminhando para algo mais sério. E, bem, não achei que fosse agradá-lo muito estando deitada no colo de Natan de mãos

dadas. Principalmente depois da quase briga entre os dois.

— Oi! — cumprimentei enquanto andava até ele, sem graça.

Atrás de Gustavo, vi Douglas passar e suspeitei que eles tivessem vindo juntos. Só assim ele poderia ter entrado em minha casa sem bater; a porta certamente não estava destrancada.

Gustavo baixou os olhos para minha roupa e percebi o quanto ele estava se esforçando para não rir. Ele parecia dividido entre o humor e o ciúme, mas logo após trancou o maxilar, parecendo se decidir. Tentei me aproximar para lhe dar um selinho, mas ele deu um passo para trás e ergueu as mãos, mostrando o que trazia. Eram folhas de caderno e algumas A4 com o cabeçalho do nosso colégio.

— Achei que você poderia precisar da matéria — disse, com a voz dura. Ele empurrou as folhas para mim e eu as segurei, desapontada.

Nos encaramos por alguns segundos, apenas, até Gustavo não conseguir se segurar e observar Natan por cima do meu ombro. Seu olhar se estreitou, cheio de irritação. Cocei a cabeça, desconfortável, mas ele logo voltou a me encarar e falar.

— Era só isso. Até amanhã então. — E se virou com rapidez, mal me deixando notar sua ida.

Murmurei um “já volto” para Natan, joguei as folhas em cima da minha estante e corri atrás de Gustavo, que descia as escadas na correria.

— Gu. Gustavo! — Chamei-o por três vezes, até ele parar de fingir que não ouvia e se virar.

— O que foi? — perguntou, rudemente.

Suspirei, olhando-o com tristeza.

— O que eu fiz dessa vez? — Cruzei os braços, esperando sua resposta.

Tudo bem que ele não se dava com Natan, mas desde que me conhecera, Gustavo sabia que ele era meu amigo e que teria que aturá-lo. Háviamos brigado, sim, é claro, mas agora que tudo estava terminado, meu melhor amigo voltaria para minha vida, presente como sempre estivera. E se meu novo companheiro não conseguia aguentar isso, então chegaríamos a um impasse.

Gustavo deu um passo para trás e respirou profundamente.

— Nada, você não fez nada. — Sua voz parecia mais calma agora. — Desculpa. É que eu não gosto desse cara, você sabe. Depois das coisas que ele te falou, não sei como você consegue perdoar ele. Eu... Eu só não gostei de te ver daquele jeito com ele.

Ele tremeu ao passar as mãos em seu cabelo.

— Eu não sabia que você era ciumento — murmurei, dengosa, fazendo beicinho. Gustavo relaxou, sorrindo para minha expressão fofa.

Estendi minhas mãos, colocando-as em sua cintura, e o puxei para perto. Gustavo diminuiu o espaço entre nós com passos lentos até ficar a centímetros de mim.

— Desculpa — pediu novamente após fechar os olhos. — Eu não sei o que você faz comigo. Eu geralmente sou o canalha sem coração da história. — Seus olhos foram reabertos e ele sorriu ao perceber que eu ficara vermelha. Meu coração deu uma cambalhota em meu peito.

Tirei uma das mãos que estavam em sua cintura e a coloquei em seu pescoço, puxando seu rosto para baixo e mais perto do meu. Encostei, então, meus lábios nos dele, beijando-o lentamente.

— Então, seu namoradinho ficou ciúmes de mim?

Eu acabara de fechar a porta do quarto e girei para Natan, revirando os olhos. Ele agora estava deitado com os braços dobrados às costas, as duas mãos entrelaçadas, apoiando sua cabeça nelas.

— Quando pretendia me contar sobre vocês dois? — perguntou, com um ar divertido.

Surpreendi-me por vê-lo tão calmo e natural, mas eu conhecia Natan bem demais para não captar uma omissão de pensamentos e sentimentos. Seus olhos me revelavam que ele não estava realmente tão alegre assim.

— Era o que eu ia falar quando ele apareceu — respondi enquanto o mandava levantar para que eu voltasse a deitar em seu colo.

— Não queria me contar?

— Não se você fosse começar a implicar com ele como sei que tá doido para fazer.

Natan abriu a boca, fingindo-se de ofendido.

— Eu? Implicar com seu namoradinho? Jamais!

Arqueei a sobrancelha.

— Ele não é meu namoradinho.

— Namorado, então?

— Ficante, eu acho — respondi com uma careta.

Então, seu olhar intenso me atingiu novamente. Por quase um minuto, ele ficou em silêncio, me analisando.

— Por quê? — perguntou, quebrando o momento. — Sério. Por que vocês gostam tanto dele? O que esse Gustavo tem de tão diferente?

Eu abri a boca para respondê-lo, mas parei.

— Vocês quem?

— Ah, você sabe. A escola inteira.

— É mesmo? Meu Deus, que droga! Eu só me uno a pessoas comentadas pela escola inteira?

Natan abriu um sorriso divertido.

— Você ainda não me respondeu.

Eu torci a boca, pensando em uma resposta boa.

— Além da beleza óbvia que, apesar de você não ser capaz de perceber, foi a

primeira coisa que as garotas da escola notaram... Eu não sei, ele é fofo e carinhoso... Comigo.

— E eu não sou fofo e carinhoso? — indagou Natan.

— Se não fosse, você não seria perseguido por todas as garotas do colégio também.

Ele ficou pensativo por alguns segundos.

— Entre nós dois, quem é o melhor?

— Eu não vou responder esse tipo de pergunta! — exclamei, indignada.

Natan abriu a boca, segurando o riso.

— Você ia escolher ele? — Com a mão, ele fez um coração e fingiu parti-lo ao meio.

Eu ri enquanto batia de leve no seu braço.

— Deixa de bobeira. — Sentei na cama, encarando-o. — Só não é uma pergunta justa. Você sabe que eu sempre escolheria você.

CAPÍTULO 17

As duas semanas seguintes se passaram em uma rapidez surpreendente. A volta de Natan à minha vida foi como a peça que faltava para completar o quebra-cabeça. Mesmo que nada fosse mais como costumava ser, eu tinha meu melhor amigo ao meu lado novamente para me ajudar a enfrentar qualquer tempestade. E isso já era mais do que suficiente.

A primeira coisa que fazia, agora, ao acordar era falar com ele ao telefone. Natan adquirira a estranha — e totalmente meiga — mania de me ligar antes mesmo de se levantar. Mesmo sonolento, discava meu número às cinco e meia da manhã somente para desejar “bom dia” — ainda que fôssemos nos ver em alguns minutos.

Após nos aprontarmos para a escola, ele passava em minha casa juntamente com Davi, já que eu não tinha mais vontade de enforcá-lo quando nos encontrávamos, e nós três, além de Douglas, íamos buscar Jullie em sua casa. Então, seguíamos juntos até o colégio.

Infelizmente, perfeição é uma coisa que eu já descobri não existir.

Aparentemente, tudo estava como antes. Porém, isso não era verdade. Eu tinha conseguido meu melhor amigo de volta, mas acabei sofrendo com o afastamento de Jullie. Conforme seu relacionamento com Douglas se aprofundava, nossa amizade caía cada vez mais em decadência. Eu estava feliz por ela, é claro, mas esperava que fosse apenas uma fase (afinal, o início de uma relação era justamente o momento em que o casal costumava ficar mais junto, se conhecendo). Não ia aguentar perder minha amiga para meu próprio irmão.

Quando pegávamos o ônibus para seguirmos à escola, sentávamos nos últimos bancos sempre que possível, o qual cabia exatas cinco pessoas. No entanto, Jullie e Douglas — que definitivamente saíram da fase dos olhares embaraçados pós-encontro — faziam questão de mudar para os da frente para terem mais privacidade e se embolarem a viagem inteira.

Apertada entre os irmãos Borges, eu precisava decidir se observaria o futuro casal oficial à minha frente ou se escutaria Davi falar sobre seu namoro meloso e feliz recém-engatado com Mayara. Mesmo implicando, no entanto, com esses dois últimos, Mayara e eu nos aproximáramos bastante. Ainda que estivessem em sua própria fase de início, ambos sabiam dividir seu tempo para namorar e sair com os amigos, assim como eu mesma conseguia dividir minhas horas para as amizades e para Gustavo — um relacionamento que estava cada vez mais sério. Só que, aparentemente, Jullie não sabia — ou não queria — e isso, por mais feliz que eu estivesse pelo casal, me deixava bastante chateada.

Apesar disso, não havia muita coisa a reclamar de minha vida. Em casa, eu percebera uma significativa melhora no comportamento da minha mãe. Agora,

ela acordava mais alegre e não se entristecia quando Douglas e eu mencionávamos nosso pai.

Por acaso, até mesmo ele se tornava cada vez menos distante de nós. Preocupava-se com nosso bem estar, com os acontecimentos em nossa vida, fez-se de pai coruja quando descobriu (leia-se: Douglas contou) que eu estava saindo com alguém — “É aquele Gustavo? Quantos anos este garoto tem? Fica de olho na sua irmã por mim, Douglas. Quero saber tudo!” —, ficou feliz quando lhe contei que fizera as pazes com Natan — “Natan é um garoto muito bom. Eu faço gosto dessa amizade. Por que vocês não namoram, minha filha?” “Ele é meu melhor amigo, pai.” “É assim que os maiores e mais bonitos romances começam.” — e deu um tapinha orgulhoso no ombro de Douglas quando soube (leia-se: eu contei) que ele finalmente estava gostando de alguém por mais de um dia. Ele também perguntava, sempre que nos falávamos, como estava minha mãe. E até ficara feliz quando notara a diferença entre meu formal e habitual “ela tá bem” e meu acréscimo animado “ela tá bem melhor”.

Para completar nossa aproximação, havíamos firmado um acordo de nos encontrarmos todos os domingos e, no primeiro depois de fazer as pazes com Natan, meu pai nos informou animado que aprenderia a cozinhar para fazer um almoço especial para nós (Douglas e eu nos entreolhamos, preocupados, esperando que sobrevivêssemos após essa experiência).

Os dias no calendário praticamente pulavam de um para o outro e, assim, a segunda-feira em que minha prima Leticia e minha tia Rosa voltariam para o Rio de Janeiro chegou de súbito. Tudo o que eu mais queria era faltar o colégio para buscá-las no aeroporto com minha mãe, mas teria um teste no mesmo dia e não podia perdê-lo.

Eu estava completamente eufórica e não conseguia esconder. Fazia tanto tempo desde que as vira pela última vez! Minha prima e eu tínhamos muito a conversar e colocar em dia e eu já planejava milhares de saídas, seja para conhecer meus amigos, seja para matar a saudade da cidade maravilhosa. Até mesmo Douglas se pegara empolgado por minha ansiedade e aceitara alguns passeios conosco. Jullie, porém, não parecia tão feliz. Sempre que falávamos sobre Leticia, ela fechava a cara e ignorava totalmente o assunto, pega por um ciúme totalmente sem fundamento.

No dia da chegada, ela finalmente quebrara o silêncio hostil e se manifestara.

— Ai, meu Deus! Não tem outra coisa para falar que não seja a vinda da sua prima? — Jullie estivera conversando entre um beijo e outro com Douglas enquanto eu comentava sobre a chegada de Leticia para Natan e Davi.

Ao ouvi-la reclamar sobre minha animação, girei no banco, me posicionando de frente para ela, e percebi que Jullie me encarava com uma irritação estampada em sua face.

— Na verdade, não. Algum problema? — retorqui, tentando não me deixar

abalar, apesar de ter me sentido momentaneamente atingida por sua grosseria. Jullie quase não falava mais comigo e, de repente, agia com essa falta de educação? Sua sorte é que eu acordara feliz e não seria alguém na TPM que me deixaria para baixo.

— Pelo amor de Deus, muda o disco.

— Se não quer me escutar, troca de lugar. Minha conversa se dirige a quem ainda se importa comigo.

— Ai. Essa doe em mim — murmurou Davi ao meu lado.

Eu chutei sua perna em um jeito mudo de mandá-lo calar a boca, mas não consegui reprimir um sorriso. Natan também tentou se segurar em vão.

— Isso doe em você também? — perguntei sem conseguir ser rude.

— Doe — sussurrou enquanto massageava a canela.

— Você deveria aprender a ser menos grosseira, Anna — falou Jullie, ignorando nossa zombaria.

— Oh-ho-ho! — Eu soltei uma risada irônica e levantei minhas sobrancelhas sem acreditar no que ouvia. — Hipocrisia mandou lembranças.

Jullie revirou os olhos e se levantou, segurando-se no banco da frente para não cair com o movimento do ônibus, e puxou Douglas com a outra mão. Enquanto ela o arrastava para algum banco vago à frente, ele se virou para nós, dando de ombros, e falou quase em um sussurro:

— Ela acordou com o pé esquerdo hoje. — E então se virou, quase caindo com a força do puxão que ela lhe dera.

Nós os observamos irem e eu respirei fundo, quase irritada. Só quase.

— Isso foi... Estranho — declarou Davi.

— Muito — concordei desnorreada.

— Vocês, mulheres, são complicadas demais para minha cabeça. — Eu acertei em Natan um peteleco.

— Hei! Você tá muito agressiva hoje!

— Eu tomei Toddyinho antes de sair de casa.

Eu abri um sorriso enquanto Davi e Natan riam. E a tensão deu lugar ao clima anterior de diversão.

Precisamos esperar mais quinze minutos antes de chegarmos ao nosso ponto, mas isso não foi problema. Apesar de chateada com o recente ocorrido, deixei-o de lado, pelo menos por aquele dia — não queria me preocupar com nada, nem receber minha prima de cara emburrada —, e ri bastante, brincando e conversando sobre coisas idiotas com os irmãos Borges.

Quando chegamos, Davi desceu à frente, seguido por mim e Natan, respectivamente. Segurando no ombro do meu ex-namorado, eu pulei em suas costas e saltei do último degrau do ônibus, enroscando meus braços ao redor do seu pescoço.

— Você pode, por favor, não me enforcar? — resmungou com a voz fraca.

Eu ri antes de pular de volta ao chão.

— Foi mal.

Ele passou as mãos no pescoço exageradamente.

— Tudo bem, eu vou superar. Quase tive meu pescoço quebrado e podia morrer, ficar sem meus movimentos, mas tudo bem...

Eu revirei os olhos.

— Já acabou o drama?

Ele apertou minha cintura, sorrindo.

— Você tá muito marrentinha. Tá se achando o gás da Coca-Cola, né? — Ele continuou a apertar minha cintura, fazendo cócegas.

— Nossa! — exclamei entre risadas. — Nossa. Não acredito que você acabou de dizer isso.

— Meu Deus, Davi, você precisa renovar suas gírias. “Gás da Coca-Cola”! — repetiu Natan em tom de zombaria.

— Valeu, senhor moderninho. — Davi acertou de leve um murro no antebraço de Natan.

Rindo, nós atravessamos a rua quando o verde do sinal de pedestres acendeu e continuamos nosso caminho, conversando até a ruela onde se encontrava a entrada do Honório de Paula. Juntando-nos à multidão de alunos que caminhavam à mesma direção que seguíamos, adentramos o colégio diretamente ao corredor do Ensino Médio. Davi e eu nos despedimos de Natan, direcionando-nos à nossa sala. Lá, colocamos nossas mochilas em duas cadeiras lado a lado e fomos até o grupo que conversava em pé perto da janela.

— Oi, gente — cumprimentei com animação e atirei beijos para todos de onde eu havia parado, ao lado de Jéssica, uma de nossas colegas de classe.

Afaguei seu cabelo como forma de saudação, tomando cuidado para não bagunçá-los — ela ficaria irada — e tentei entrar na conversa que a garota tinha com Victor, Daniel e Aline.

— Sobre o que tão falando? — perguntei a ela enquanto os garotos paravam para cumprimentar Davi com um aperto de mão.

— Minha festa de 15 anos. — Ela sorriu e desatou a falar, motivada pela minha pergunta. — Não vai ser grande coisa porque minha mãe tá sem dinheiro e nós combinamos que eu não faria festa de debutante nem viajaria para poupar dinheiro para meu intercâmbio, quando eu fizesse 18, mas ela concordou em deixar eu fazer algo para comemorar, contanto que não gastássemos muito dinheiro, e agora eu tô decidindo se faço uma normal ou à fantasia. Qualquer outra sugestão é aceita também.

— Opa! Festa! — vibrei, rindo.

Por mais vinte minutos, ficamos ali, conversando e tendo milhões de ideias sobre a festa de Jéssica — que ficava cada vez mais animada e ansiosa —, até o professor de filosofia chegar e nos dispersarmos.

Gustavo ainda não chegara, mas ele poderia aparecer no segundo tempo, por isso coloquei meu livro na carteira da frente para guardar seu lugar.

Pelo canto do olho, vi Julie sentada a duas carteiras da minha, calada e irritada.

— Como essa é nossa última aula do trimestre, eu preparei alguns exercícios de revisão para que vocês treinassem e já estudassem para a nossa prova — começou o professor, pegando acima de sua mesa um bloco de folhas impressas. Ele continuou a falar enquanto entregava. — Não é muita coisa e, se estudarem por essa folha, não terão problemas na hora da prova. Eu aconselho que vocês façam em vez de conversar porque poderão me entregar ao terminar para que eu corrija e vocês tenham as respostas certas para estudar.

Eu abaixei a cabeça, sonolenta, ouvindo o professor recomeçar a falar sobre a matéria da prova — aquela mesma baboseira que eu já ouvira milhões de vezes e ainda não fazia sentido para mim. E só despertei dos meus devaneios quando o sinal do intervalo tocou, três horas depois.

O grupo que formávamos era bem maior na hora do recreio. Além do pessoal da minha sala, havia também os colegas de Natan e Douglas e de outras turmas que acabamos conhecendo ao longo do ano. Éramos, sem exageros, o maior grupo do intervalo do Honório de Paula. Por isso mesmo, a balburdia era sempre grande. A maioria dava continuidade ao tópico “Festa da Jéssica”, mas outros, incluindo Natan, conversavam sobre futebol ou qualquer outro assunto do dia. Gustavo — que realmente chegara no segundo tempo — insistia em tirar toda a minha atenção das conversas, dando beijos em meu pescoço ou na bochecha, próximo à orelha.

Ele me abraçava pelas costas com os braços enroscados em volta da minha cintura. Seus beijos causavam arrepios e, a cada um, eu encolhia o pescoço até minha bochecha tocar meu ombro, sentindo cócegas.

— Para! — pedi numa exclamação sussurrada e risonha. Mas ele continuava sempre como se não tivesse me ouvido.

Eu soquei seu braço enroscado à minha barriga de leve e, em vez de parar, ele começou a me puxar para outro banco, próximo ao que todos estavam. Então, se sentou, fazendo-me acompanhá-lo, e me beijou. Antes de fechar os olhos, porém, notei seu lindo sorriso cínico estampado no rosto e não consegui evitar abrir um sorriso de volta.

Eu fiquei bastante surpresa quando a vi, parada na ruela do meu colégio, conversando com Natan. Eu acabara de sair, de mãos dadas com Gustavo, quando a notei. Eu estava procurando por meu melhor amigo, para voltarmos juntos, e quando o encontrei... Lá estava ela.

A princípio, não a reconheci. Ela parecia estranhamente familiar, mas mudara tanto que eu não conseguia me lembrar de onde conhecia aquela garota

bonita de cabelos loiros e finos e olhos azuis. Porém, o sorriso a denunciou. Natan provavelmente contara algo engraçado, pois ela soltou uma gargalhada alta e, de súbito, eu questioneei em reconhecimento:

— Letícia? — com um tom claro o suficiente para que fosse ouvida por ela.

Letícia olhou para mim, então, e seus olhos brilharam de felicidade antes que ela corresse até mim e me abraçasse. Nós duas gritamos como histéricas enquanto dávamos pulinhos de felicidade.

— Ah! Você tá aqui! Que saudade, prima!

— Eu também senti saudade, nega! Não acredito que vamos morar juntas. E, ah... Faz tanto tempo!

Pulamos por alguns segundos mais e nos afastamos, sorridentes.

Letícia usava uma bota preta de cano médio, uma saia jeans escura e uma blusa branca com uma pequena manga. Levava na cabeça uma boina cinza e branca e — agora que eu já a reconheceria — pude notar que seus traços continuavam muito parecidos com os que eram na infância.

Era praticamente do meu tamanho, apesar de ser um ano mais velha, e era magra. Não magra-anoréxica, mas magra o suficiente para ser uma boa modelo de passarela — não fosse a altura.

Próximas a Letícia, desencostando-se da parede para vir em nossa direção, vi minha mãe, sorrindo de orelha a orelha, ao lado de tia Rosa — esta não mudara nadinha, fazendo com que fosse muito mais fácil de reconhecê-la.

— O que vocês ‘tão fazendo aqui? — perguntei enquanto as esperava nos alcançar.

— Sua mãe nos convidou para almoçar fora. Viemos te buscar!

— Mas assim? — Eu olhei significativamente para meu uniforme.

— Deixa de ser boba, tá linda.

— Opinião de prima não conta. — Dei língua.

Ela sorriu antes de nos virarmos.

— Então! Podemos ir? No caminho vocês fofocam mais — disse minha mãe, mas a ignorei e cruzei o espaço que me separava da minha tia para lhe dar um abraço apertado, cheio de saudade.

— Que felicidade ver vocês aqui! Eu tava com tanta saudade!

— Nós também, querida. Mas não precisa se apressar, teremos tempo de sobra para conversar. O suficiente para ficar de saco cheio — brincou minha tia.

Comemorei, dando pulinhos e rindo.

— Vamos, então? — repetiu minha mãe, que sorria e nem se preocupara com minha falta de resposta à pergunta anterior.

Pedi um minuto e me virei para Gustavo. Corri até onde o deixara, alguns passos atrás. Dei-lhe um selinho de despedida e um sorriso, prometendo-lhe que logo mais o apresentava à minha prima recém-chegada. Ele concordou e me voltei para Natan que, é claro, estava mais distante de nós.

— Você pode ir sozinho, né? Sei que eu faço muita falta, mas vou almoçar fora com elas e não posso recusar — balancei a cabeça, fingindo indignação.

— Acho que posso me cuidar. — Sua expressão desolada me fez rir.

Natan pausou, depois desviou o olhar para minha prima, analisando-a dos pés a cabeça.

— Sua prima mudou bastante.

— É — concordei contra vontade, reparando no toque de interesse em sua voz.

Pela primeira vez, depois de semanas, senti algo em mim se revirar e um incômodo me atingir com sua frase. Nossa briga me fizera perceber que o que quer que eu estivesse sentindo por meu melhor amigo definitivamente não nos faria bem. Eu guardara aquela atração, tentara ao máximo ignorá-la e, por ora, estava sendo bem sucedida. Ouvi-lo falar assim de outra garota, porém, principalmente uma tão próxima a mim, despertou o sentimento adormecido, deixando-me irritada. Enciumada.

— Como a reconheceu?

— Sua mãe veio falar comigo e a apresentou.

— Hmm... Vocês se deram bem.

— Não somos mais crianças, né? — falou com uma risadinha, sem perceber o tom automaticamente duro que eu usara.

— Vou indo — avisei, querendo encerrar o assunto.

Dei-lhe um beijo apressado na bochecha e voltei ao encontro da minha família. Ela acenou, despedindo-se de Natan com um sorriso jubiloso, e então começamos a seguir em direção ao carro.

— Menina! Quem é aquele garoto lá? É namorado, é? — cochichou, rindo. Acompanhei-a, tentando parecer natural e ignorar o interesse mútuo que acabara de presenciar entre minha prima e meu melhor amigo, e comecei a falar, contando-lhe apenas parte de tudo o que tínhamos para colocar em dia.

CAPÍTULO 18

— Ai, Jesus! Comi tanto que fiquei com triste — brinquei, dando palmadinhas em minha barriga e afundando na cadeira do restaurante onde eu almoçava com minha mãe e as recém-chegadas.

Nós quatro rimos em uníssono.

Ajeitei-me depois da brincadeira. Havia sido a primeira a terminar o almoço, porém todas estavam quase no fim. Estivemos conversando sobre a época em que as duas ainda moravam no Rio, lembrando e rindo de certas situações.

Agora, porém, estávamos caladas; aproveitei o silêncio, inspirando fundo o ar gelado e me sentindo maravilhada com a brisa batendo em meu rosto. Desviei os olhos para a vista daquele restaurante no Botafogo Praia Shopping — pedimos uma mesa na parte aberta justamente para aproveitarmos a paisagem e o vento — e falei para Leticia:

— É lindo, não é?

— É... Nem acredito que tô de volta. — Ela suspirou.

— Vai sentir falta de lá? — perguntei, referindo-me à cidade onde ela morava.

— Armaria, já tô sentindo. — Leticia soltou uma risadinha e depois deu de ombros. — Mas vou me acostumar. Num me acostumei quando fomos para lá?

— Deixou muitos amigos?

Leticia pousou os talheres no prato e se virou para mim antes de responder.

— Tu não faz ideia. Deixei, inclusive, minha melhor amiga, Mariana. Sabe aquelas melhores amigas que tu considera uma irmã? Que sempre sai contigo ou tá sempre na tua casa? Pra quem tu conta todos os segredos? — Eu balancei a cabeça afirmativamente. — Então, era ela.

“Eu a conheci em meu primeiro ano no Recife. Ela era nova no colégio também e um tanto tímida. Como muitos já tinham amigos e grupos definidos, nós acabamos nos aproximando. Logo, fiz novas amizades, mas ela sempre tava lá. Vou sentir falta dela.”

Leticia sorriu, desviando os olhos rapidamente para a mãe, que agora estava entretida em uma conversa com a minha. Vi seus olhos marejarem.

— E então fez-se o telefone! — brinquei para descontrair. — E a internet, é claro.

Ela riu e rolou os olhos para evitar as lágrimas — tenho certeza que não queria chorar na frente da mãe. Leticia parecia estar mantendo uma fachada forte para apoiá-la. Não era fácil para nenhuma das duas ter que mudar de vida assim; não era fácil deixar tudo para trás: a antiga vida, a cidade, os amigos.

— Mas não é tão simples, né? Quando a gente tava juntas era simples, mas agora... Recife e Rio de Janeiro são muito distantes. Veja só você e eu. Quando

me mudei pro Recife prometemos manter contato... Mesmo assim, quase nunca mais nos falamos.

— É diferente. Naquela época nós tínhamos 9 ou 10 anos. Eu nem mesmo sabia o que era internet e não tínhamos papo para falar no telefone. As coisas mudaram agora. E quando a situação tiver melhor pra vocês, você vai visitá-la. Ou talvez ela venha te visitar, tanto faz. — Leticia sacudiu a cabeça, pensativa, mas não falou nada.

Observamos enquanto minha mãe pagava a conta com a garçonete que chamara alguns minutos antes e, após terminado, virou-se para nós.

— Vamos, queridas? Vocês devem estar cansadas da viagem. Teremos muito tempo depois para conversar. — Minha mãe sorriu de um jeito bondoso.

Concordamos em silêncio e nos levantamos, saindo do shopping com um ar cansado de pós-almoço.

Não tive muito tempo de “matar a saudade” de Leticia àquela tarde. Estava lotada de testes e trabalhos durante aquela semana e precisava estudar — afinal, apesar de entender bem a matéria, não podia esperar os exames para ter certeza de que o que eu sabia seria suficiente para tirar uma boa nota.

Minha prima aproveitou enquanto eu estudava, sentada à escrivaninha, para tirar um cochilo. Ela deitou em minha cama — “Ave Maria, essa cama é tudo! Eu vou é me dar muito bem no teu quarto.” — e apagou em menos de cinco minutos.

Apenas à noite tivemos tempo — apesar de curto — para bater um papo.

Enquanto minha mãe preparava o jantar com minha tia, eu ajudava Leticia a arrumar suas coisas em meu armário — durante o final de semana anterior, eu separara metade do espaço do meu quarto para ela: gavetas no armário, cómodas e cabeceiras, cabides e tudo mais.

— Me conta dos seus namorados, rolos, ficantes, paqueras, sei-lá-mais-o-que de Recife — pedi, quebrando o silêncio. Nós acabáramos de conversar sobre seus amigos (além de Mariana) e ficamos alguns segundos sem o que dizer. — Tinha algum garoto quando saiu de lá?

Eu peguei uma pilha de camisetas extremamente bem dobradas e aa guardei na gaveta separada para blusas. Leticia pegou a pilha à esquerda, de shorts.

— Tinha... Mais ou menos.

Eu arqueei a sobrancelha, querendo ouvir mais.

— Era só um rolo — acrescentou quando viu minha expressão. — A gente não tava namorando nem nada. Ele sabia que eu vinha pra cá... Mesmo assim, saímos por um tempo.

— Mas você gostava dele? — Sentei na cama depois de colocar as últimas peças de roupa na gaveta.

— Ele era legal, mas tenho certeza de que não daria em nada se eu tivesse ficado. — Ela me olhou com um sorriso maroto. — E tu acha que eu trocaria os

cariocas pelos pernambucanos?

Eu ri. Dei-lhe um empurrão no braço e ela se apoiou na cama para não cair.

— Safada!

— Oxi, mas eu? — Ela forjou uma expressão inocente.

— Não! Minha avó!

— Coitada da vovó, nega! — falou, rindo.

— Coitada de mim que terei que morar com uma louca tarada!

— Louca tarada, é? Vai ver quem é a louca tarada!

Leticia pegou uma das almofadas em cima da cama e bateu em meu braço. Dei continuidade à guerrinha de travesseiros e enchemos a casa de gritos e risadas por quase um minuto até cairmos na cama, cansadas.

Ainda rindo, mudei de assunto.

— Olha só... Essa semana vai ser um pouco difícil de sair com você, mas prometo que sábado poderemos fazer alguma coisa.

Eu tirei as havaianas que usava e me arrastei até o espelho da cama, sentando-me encostada.

— Tudo bem, prima. De qualquer jeito, tenho que começar a estudar para me adaptar ao ensino daqui. Tua escola pode ter aceitado as notas do primeiro bimestre do meu antigo colégio, mas não custa nada conferir se eu sei tudo o que já foi dado no início do semestre, né?

Concordei com a cabeça.

— Tava pensando em sairmos no sábado com uns amigos meus. Sei que você já vai conhecê-los essa semana no colégio, mas em um ambiente mais informal é melhor, não é? O que acha?

— Acho ótimo! Onde vamos?

— Não sei... Shopping, cinema, Lagoa, você que sabe. Eu diria “praia”, mas, além do meu trauma, parece que vai esfriar durante o final de semana.

— Trauma? — Leticia franziu o cenho.

— Quase me afoguei há duas semanas. — Fui curta para que percebesse que eu não queria falar sobre o ocorrido. Por mais que aquela catástrofe tenha servido para me reaproximar de Natan, eu ainda (e, provavelmente, sempre) não gostava nem de me lembrar. Preferia que fosse tudo enterrado e esquecido.

Leticia atendeu e não fez perguntas.

— Eu apoio a ideia do shopping. Podemos ver um filme e passear.

Meus lábios se repuxaram em um sorriso enquanto eu tinha uma ideia.

— Vamos ao Shopping Leblon — decidi. — E tomar café na Starbucks!

— Starbucks? Tem Starbucks aqui? Tá brincando! Que massa! — exclamou animada.

— Não mesmo.

Leticia soltou um gritinho enquanto pulava na cama.

— Você vai adorar conhecer todo mundo. Eles são demais! Sério.

— Oba! — exclamou, batendo palmas. — Falando em teus amigos, não acredito que tu ainda é amiga de Natan.

— Somos amigos há dez anos — gabei-me com um sorriso de orelha a orelha. Então, me auto-corrigi: — Melhores amigos.

Leticia sorriu.

— Ele não mudou nadinha. — Ela balançou a cabeça, refletindo. — Só no comportamento. O que é bom... Amadureceu. Ele era tão infantil.

— É... Ele continua um pouco travesso, mas... Mudou bastante. Ele é uma pessoa muito especial para mim.

Leticia abriu a boca para dizer algo, mas fechou em seguida.

— O quê? — perguntei, erguendo a sobrancelha.

— É só amizade? — Parecia uma pergunta comum... Ou uma insinuação, na verdade, daquelas que todos fazem quando veem uma forte amizade entre duas pessoas de sexos distintos. Pensei, entretanto, ter subentendido segundas intenções por detrás daquela pergunta.

— É... — murmurei desconfortável.

— Tu num gosta dele?

— Por que um garoto e uma garota não podem ter uma amizade sem que as pessoas pensem que tem algo mais? — fingi indignação quando, na verdade, havia ficado nervosa e ansiosa. Ninguém jamais me fizera aquela pergunta tão diretamente e Leticia me deixara sem reação. Admitir que gostava de Natan agora que estava com Gustavo (ainda que não namorássemos) me parecia simplesmente errado.

Leticia ergueu as mãos à sua frente em um gesto de rendição.

— Oxi, desculpa... Não tá mais aqui quem perguntou...

Respirei fundo, tentando me acalmar. Eu vinha conseguindo manter as coisas tão bem que tudo voltara a ser como era antes. Natan e eu nunca mais mencionáramos aquele beijo e era assim que deveria ser. Então, por que eu não conseguia controlar a droga do meu ciúme?

— Se é assim... Posso dizer que ele tá um gato? — perguntou Leticia com uma risadinha marota. Tentei acompanhá-la e torci para que não percebesse meu desconforto.

— Pode. Mas te aconselho a não dizê-lo isso. Ele já ouve até demais.

— Tudo bem... — Ela fechou a boca com um zíper imaginário.

— Meninas! Desçam para a janta!

Agradei mentalmente por isso e pulei da cama, puxando Leticia enquanto descia as escadas.

Durante o jantar, Leticia viu Douglas pela primeira vez desde que chegara. Ele a abraçou com um sorriso imperceptivelmente malicioso e disse praticamente a mesma coisa que Natan — “Leticia mudou bastante”. Fiz questão de lhe dar um beliscão escondido e sussurrar tão baixo que somente ele poderia

me ouvir:

— Toma vergonha na cara, Douglas!

Meu irmão ergueu o dedo médio para mim, mas, para sua infelicidade, minha mãe viu e lhe deu um enorme sermão (além de obrigá-lo a me pedir desculpas).

No dia seguinte, Letícia tivera seu primeiro dia de aula no Honório de Paula. Infelizmente, ficou complicado nos vermos exceto no intervalo, pois, por estar um ano acima de mim, não estudávamos no mesmo corredor. Consegui lhe apresentar a maioria dos meus amigos ao longo da semana e o shopping, no sábado seguinte, fora confirmado.

Nós passamos todas as tardes da semana estudando até que finalmente o fim de semana chegou.

Combináramos de nos encontrar às duas da tarde, porém Letícia e eu tivemos alguns probleminhas com a escolha da roupa e nos atrasamos completamente. Ainda assim, Natan, Davi, Jullie e Douglas nos aguardaram com muita paciência.

— Até que enfim! — Foi a primeira coisa que disseram ao nos verem descer apressadas, pedindo mil e uma desculpas.

Letícia cumprimentou Davi e Jullie — que nem mesmo se esforçou para tentar ser simpática — e depois se voltou para Natan, tendo seu sorriso alargado instantaneamente — e sendo retribuída.

Senti uma súbita vontade de me intrometer na conversa que eles iniciavam. Ao invés disso, falei com minha mãe, que acabara de chegar à sala perguntando se podíamos ir, respondendo-a que sim.

Tivemos que nos espremer no carro para que todos entrassem. No banco de trás foram Douglas e Jullie em seu colo, Letícia, Natan — continuando a conversa que começaram em minha casa — e Davi — que passou a viagem inteira com a cabeça apoiada na poltrona do passageiro, conversando comigo e minha mãe, sentado desconfortavelmente nas pernas do irmão.

Todos os que eu convidara já se encontravam presentes na Starbucks quando chegamos. Eles haviam juntado duas mesas e colocaram várias cadeiras ao redor delas. Agora, batiam um papo alto e animado. Eu saltei até a cadeira de Gustavo e lhe dei um selinho de cumprimento.

— Desculpa o atraso — falei com um sorriso.

— Tudo bem. Tô acostumado. São tantas roupas, né? — disse ironicamente.

— Para! — Dei-lhe um tapa no ombro. — São mesmo, ok? Nunca sei com o que vir.

— Você fica linda com qualquer coisa.

— Eu não vou deixar de demorar só por causa desse elogio — avisei.

— Droga!

Nós rimos.

Os recém-chegados se acomodaram nas cadeiras restantes e conversamos por algum tempo antes de nos levantarmos para comprar nossos cafês.

Foi uma tarde animada. Leticia estava se enturmando rapidamente. Ela não era mais a menininha tímida da sua infância. Era espontânea, animada, boa de papo. Todos a adoraram; e eu fiquei feliz por isso. Depois do que me contara sobre as pessoas que deixara em Pernambuco, senti-me mal. Quanto mais bem-vinda ela se sentisse, mais feliz eu também ficaria.

Porém, quando seguíamos para o cinema, as coisas começaram a ficar meio... Estranhas.

O grupo inteiro estava dividido; alguns iam à frente, outros mais atrás... Cada um conversando sobre um assunto diferente. Douglas, Leticia e Jéssica haviam engatado em uma conversa ainda na mesa da Starbucks e agora a direcionavam à festa de quinze anos. Jéssica pedia ideias para minha prima; ela estava tão animada que não conseguia falar sobre outra coisa.

Julie tentara atrair a atenção do meu irmão, em vão, e agora ficara para trás, comigo, com a cara emburrada.

— Faz com o tema Anos 60 ou 70! Acho tão massa! — empolgou-se Leticia.

— Que original — resmungou Julie.

Eu lhe encarei, revirando os olhos.

— Ou, que tal, Casais da História? Vi em um filme semana passada.

— É aquele... — Jéssica parou, tentando lembrar o nome do filme. — *Nunca Fui Beijada?*

— Esse mesmo! — Leticia sorriu.

— Mas era baile de formatura, não era? Não vou obrigar ninguém a ir de casal...

— Que tal, Personagens da História? — continuou Leticia. — Sem casais... Quem quiser ir como casal, fica à vontade!

Jéssica sorriu.

— Gostei! Seria uma festa à fantasia, mas sem aquela palhaçada de se vestir de bebê ou Orkut.

— Orkut? — Leticia arqueou a sobrancelha. — Esse nunca vi!

— Isso que dá viver no fim do mundo.

Eu parei de supetão à frente da minha amiga.

— Posso falar com você um instante, Julie? — pedi sem paciência.

Julie abriu um sorriso forçado — o que atíçou minha irritação.

— Pode falar.

Eu sorri tão falsamente quanto ela.

— A sós — rugi, puxando-a abruptamente pelo braço.

Leticia e Jéssica se entreolharam.

— Encontramos vocês lá — gritei por sobre meu ombro.

— Ei! Será que você pode me soltar? — reclamou Jullie enquanto eu a empurrava para dentro do banheiro feminino.

— O que diabos há de errado com você? — perguntei já cheia de todas as alfinetadas que ela vinha dando, seja comigo ou com minha prima.

Ela se virou de frente para mim, cruzando os braços

— De errado *comigo*? Nada — respondeu cinicamente.

Inspirei profundamente, tentando me conter.

— Então me explica o que tá acontecendo, porque eu não tô entendendo nada. Você some, quase não fala mais comigo, quando fala é pra brigar e agora fica implicando com a minha prima? Explica o que aconteceu com a minha melhor amiga, porque você com certeza não é mais a mesma.

— Para de drama, Anna — pediu, continuando a assumir sua postura debochada. — Tá com ciúmes do seu irmão comigo?

— Acho que a única com ciúmes aqui é você. Será que você não percebe que tá fazendo um papel ridículo com essa implicância com a minha prima? Pelo amor de Deus, ela é nossa prima!

— Ah, qual é? Eu só tava brincando. Ela nem mesmo ouviu!

— Então, o seu problema é comigo? — deduzi.

— Por que é que tem que ter algum problema, hein? Não tem problema nenhum. Você é que tá toda paranóica aí.

— Eu só quero saber por que você de repente me largou, nunca mais nem mesmo me ligou desde que começou a sair com meu irmão — perguntei, assumindo uma postura decepcionada. Minha irritação, de repente, tornara-se frustração. Eu só queria entender o que estava acontecendo com ela.

Jullie ficou sem resposta e desviou o olhar de mim. Suspirei fraco, triste por não conseguir fazê-la falar.

— O que tá acontecendo, Jullie? — perguntei novamente, dessa vez mais branda.

Minha amiga, porém, explodiu.

— Não tem nada acontecendo comigo! Que saco! Só porque você não aguenta que eu tenha mais alguém pra quem dedicar minha atenção, quer dizer que tem algo errado? Se manca, Anna!

Eu franzi o cenho, confusa.

— Jullie... — comecei, mas ela me cortou.

— O problema aqui sou eu, é claro. Sou sempre eu. Você nunca faz nada de errado! Eu te largo pra ficar com o Douglas e sou atacada. Mas quando você larga o Natan pra ficar com o Gustavo, não tem problema nenhum!

— Jullie, do que você tá falando?!

— Você faz ideia do quanto o Natan gosta de você? — Mas a pergunta era, aparentemente, retórica, pois ela continuou a falar. — Claro que você faz. Você faz e não dá a mínima! — Ela riu sarcasticamente. — Você se faz de

desentendida; finge que não tem nada acontecendo enquanto ele tá lá sofrendo por você. Na verdade, eu tô muito feliz por sua prima ter chegado. Você viu o quanto eles se dão bem juntos? Espero que ele esqueça você e fique com ela. Mas eu espero também que quando isso acontecer, você sofra tudo o que ele sofreu por você.

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela caminhou decidida em direção à porta. Eu me virei, mas ela já tinha ido. E enquanto eu estava ali, parada, tentando reorganizar meus pensamentos, tudo o que ela havia dito ecoava em minha cabeça de uma maneira *insuportável*.

CAPÍTULO 19

— Tá tudo bem, Anni?

Você faz ideia do quanto o Natan gosta de você? Claro que você faz. Você faz e não dá a mínima! Você se faz de desentendida; finge que não tem nada acontecendo enquanto ele tá lá sofrendo por você.

Jullie achava que estava certa. A verdade, no entanto, é que ela estava totalmente errada. Eu não sabia. Eu não fazia a menor ideia do quanto Natan gostava de mim. Eu nem mesmo suspeitava que qualquer sentimento da parte dele fosse maior do que uma mísera atração. Afinal, éramos amigos há dez anos. Convivíamos diariamente, conhecíamos nossos piores defeitos, sabíamos tudo um do outro e, mesmo assim, ainda mantínhamos nossa amizade. Talvez, de vez em quando, isso pudesse se misturar com atração. Talvez com um gostar, como poderia estar acontecendo comigo mesma. Mas do jeito que Jullie falara... Era como se isso fosse ainda mais forte do que um sentimento momentâneo.

— Anna?

— Oi? — perguntei incerta.

Pisquei e olhei ao redor; à minha esquerda, Gustavo me encarava com uma sobrelanceira erguida.

— Tudo bem com você? — Ele soltou minha mão, que estivera segurando enquanto caminhávamos do ponto de ônibus até minha casa, quando chegamos à frente dela.

Tentei forçar um sorriso.

— Tudo bem... Só estou com um pouco de dor de cabeça.

— Anna, eu vou entrando, ok? — Olhei para minha direita; Letícia estava parada em frente ao portão de casa, apoiada com uma das mãos nele.

Era totalmente contramão para Gustavo me levar, mas ele fizera questão de nos acompanhar mesmo assim. Davi e Natan se separaram assim que descemos do ônibus para seguirem para sua rua. Douglas e Jullie partiram pouco depois — meu irmão ia levá-la até sua casa. Então, sobramos Letícia, Gustavo e eu, que continuamos o caminho em silêncio.

— Ok — respondi a Letícia. — Entro em um segundo.

Eu remexi em minha bolsa, tirando a chave de casa de dentro dela e a entreguei. Letícia aceitou antes de virar o rosto para Gustavo para se despedir.

Observamos enquanto minha prima se afastava, sem muito a dizer. Tudo o que eu queria naquele momento, era entrar e ter uma boa noite de sono, sem nem pensar nas coisas que Jullie me dissera.

— Então... — Gustavo atraiu minha atenção, fazendo-me voltar a olhá-lo. Ele sorriu de canto e estendeu as mãos até minha cintura, puxando-me para perto.

Por um momento, esqueci que estava preocupada; esqueci que, segundo Jullie, Natan sofria por mim. Esqueci Jullie. Esqueci tudo. Fechei os olhos e

esperei os lábios de Gustavo encontrarem os meus. E, quando isso aconteceu, levei minhas mãos até sua nuca, deixando-me envolver por aquele momento tranquilizante.

— Anna... — começou Gustavo, em meu ouvido, após quebrar o beijo, mas sem se separar de mim.

Soltei um murmúrio qualquer, somente para mostrá-lo que estava ouvindo. Tinha meus olhos fechados, a testa apoiada em seu ombro. Mas os abri de súbito, assim que ouvi o que Gustavo queria me dizer.

— Eu te amo.

Ergui a cabeça, encarando a escuridão da rua deserta à minha frente. Meu coração acelerou freneticamente enquanto eu tentava absorver o que acabara de ouvir.

— Acho... Acho que essa seria uma boa hora para dizer alguma coisa — sussurrou envergonhado. Ele nos separou, quebrando o abraço com as mãos que estavam em minha cintura, e me olhou nos olhos.

Abaixei a cabeça, embaraçada. Eu queria retribuir e permanecer daquele jeito para sempre. Mas não era fácil. Eu ainda estava confusa e dividida. Não sabia nem mesmo ao certo se eu amava Gustavo. E Natan? E tudo o que eu vinha sentindo por ele? A sensação de confusão me invadia cada vez mais. O que dizer em uma hora dessas?

Gustavo era simplesmente perfeito; ele era um dos garotos mais fofos e carinhosos que eu já conhecera e talvez por isso tivesse tanto medo de magoá-lo. Porque se eu dissesse a verdade, se eu dissesse que apesar de tudo o que eu sentia por ele, havia um sentimento reprimido por outra pessoa (e não uma simples pessoa, mas Natan, meu melhor amigo e aquele por quem Gustavo tinha uma terrível implicância), o que tínhamos podia se perder. Ele podia não aceitar minha confusão, preferir que seguissemos nossos caminhos separados a ter meu coração pela metade.

Senti um aperto no coração e inspirei fundo, dando um passo involuntário para trás. No segundo seguinte, Gustavo estava com as mãos em meus braços, me segurando com o olhar fixado no meu.

— Olha, sei que foi muito repentino e que estamos saindo há apenas um mês, mas eu posso dizer, sem sombra de dúvidas, que esse foi o melhor mês de toda minha vida. Eu nunca senti antes o que eu sinto por você, Anni. Eu te amo — repetiu com mais firmeza. — Eu te amo, minha linda, e quero ter com você algo mais do que essa relação de incertezas...

Ai, meu Deus! Não, não, não! Ele não estava prestes a falar o que eu estava pensando!

— Eu quero que você seja minha namorada.

Ou talvez estivesse.

— Você não precisa dizer nada agora — apressou-se em dizer,

provavelmente percebendo o quão assustada eu ficara. — Só peço que pense. E quando tiver sua resposta, eu estarei esperando. — Ele fez uma pausa, me avaliando. Então, perguntou incerto: — Tá bem?

Eu balancei a cabeça positivamente sem saber o que dizer.

Gustavo se inclinou hesitante para me dar um beijo de despedida. Dei-lhe apenas um selinho rápido e me virei para casa, abrindo o portão enquanto ele recomaçava a andar, voltando para o ponto de ônibus.

Quando cheguei à varanda de casa, porém, ao invés de abrir a porta e entrar, sentei no primeiro degrau, apoiando os braços em minhas coxas.

— Droga! Droga! Droga! — irritei-me.

Rugi com raiva de mim mesma pelo que eu estava sentindo — ou melhor: por não saber o que estava sentindo; por não saber me decidir — e joguei a cabeça para trás, inclinando também meu corpo e encostando-o nos degraus. Fechei os olhos e esperei para ver se a brisa gélida daquela noite e o barulho distante de carros poderiam fazer a irritação passar ou até mesmo me dar uma resposta.

Não sei por quanto tempo fiquei ali sentada até as lembranças começarem a me atingir como o vento ao bater em meu rosto. Lembrei-me de quando conheci Gustavo em seu primeiro dia de aula, das brincadeiras durante o recreio, das risadas que ele já havia me feito dar, do quanto me ajudara quando precisei, do seu jeito brincalhão e carinhoso, mas ao mesmo tempo atraente e desleixado. Pequenas coisas que me fizeram sentir o que eu sentia por ele naquele instante.

Por outro lado, havia Natan. E sorri ao pensar nele. Nael, que era meu amigo desde que eu me entendia por gente. Meu melhor amigo. E agora... Alguém por quem eu estava apaixonada, talvez? Isso era tão absurdamente estranho!

Respirei fundo, pensando em nossos momentos juntos. Eram tantos! Momentos felizes e tristes — ele sempre esteve comigo. Ele não só me apoiou algumas vezes, mas todas as vezes. Qualquer problema que eu tivesse ou novidades para contar, era para ele que eu corria. Meu ombro para chorar, meu companheiro de todas as horas. Como lutar contra um sentimento que florescera pouco a pouco, a partir de uma amizade tão especial?

Talvez eu não devesse lutar contra. Talvez eu só devesse aceitar. Talvez...

— Anna? Tia Helena mandou lhe chamar!

Levantei em um salto como se tivesse sido pega fazendo algo errado. Leticia ergueu a sobrecancelha, sem entender nada. Eu relaxei, fitando-a.

Na verdade, eu tô muito feliz por sua prima ter chegado. Você viu o quanto eles se dão bem juntos? Espero que ele esqueça você e fique com ela. Mas eu espero também que quando isso acontecer, você sofra tudo o que ele sofreu por você.

— Anna, tu tem certeza de que tá bem? Tu tá agindo meio esquisita.

Maldito sermão da Jullie.

— Eu acho que preciso dormir — disse, por fim.

Minha prima deu de ombros e me chamou com a mão. Subi os degraus em

seguida, entrando logo após ela.

Minha mãe estava de pé ao lado do sofá, mexendo em sua bolsa, próxima à tia Rosa. As duas estavam bem arrumadas, vestidas para festa.

— Até que enfim! — exclamou minha mãe quando eu entrei. Ela fechou a bolsa, puxando o zíper.

— Vão sair?

— Sim! A Victória, lá do trabalho, nos convidou para um lugar onde ela sempre vai. Foi meio em cima da hora, por isso não avisei antes. — Ela encaixou a alça da bolsa no braço e olhou para mim. — Ela já tá chegando. Qualquer coisa me liga. Comportem-se! E manda o Douglas me ligar quando chegar. Tchau, meninas!

Quando elas se foram, me joguei no sofá para ver TV. Leticia sentou ao meu lado e permaneceu calada por um segundo antes de desatar a falar.

— Anna, muito obrigada por ter marcado esse encontro com teus amigos. Foi super massa! Eu não tinha tido a oportunidade de conversar com eles, assim, e adorei! — Seus olhos brilhavam de felicidade enquanto ela falava. — E me receberam tão bem... Todos! — Ela parou, lembrando-se de algo, e mordeu o lábio apreensivamente.

— Exceto a Jullie — adivinhei.

— Bem... É. Eu fiz algo errado?

— Não. Ela só anda meio esquisita. Depois passa — fui curta, sem querer entrar no assunto do banheiro.

Leticia deu de ombros e continuou o falatório.

— São todos tão engraçados e divertidos! E aquele garoto com quem tu sai... Gustavo... Ele é muito simpático! Tá aprovado. — Ela fez um sinal positivo com a mão. Eu sorri. — E Natan. Ele realmente tá muito mudado. Nós nos demos tão bem... E temos muito em comum também.

Leticia fez uma pausa e me olhou antes de continuar.

— E... Ele me convidou para sair.

Espera aí... O QUÊ?

Meu estômago deu uma reviravolta traiçoeira e eu respirei fundo, tentando manter a calma, tentando parecer indiferente.

— Nossa! — falei, sem encará-la, temendo me denunciar. — Mas... Já?

É claro que eu imaginava que uma hora isso aconteceria. Eu vira com meus próprios olhos que, desde que Leticia chegara, a atenção de Natan se focara nela. E mesmo que ele gostasse de mim, como Jullie dissera — o que, agora, eu passava a duvidar — talvez estivesse desistindo. Desistindo de mim.

A pergunta era: deveria eu fazer o mesmo?

A resposta se achava parada à minha frente. Leticia sorria de orelha a orelha, mais feliz do que eu já a vira desde que chegara. Ela não parecia perceber meu conflito interno e eu nem queria que percebesse.

— É... Tu acha cedo? Eu devia ter dito não?

— Você já disse sim? — deixei escapar.

Leticia ficou preocupada.

— Disse. Fiz mal? Eu devia ter dito outra coisa? Deveria ter dito que tava ocupada nesse dia para parecer difícil? Armaria, nega, me ajuda!

— Calma, Letícia! — Coloquei as mãos em seu ombro para que ela se tranquilizasse. Respirei fundo, enchendo-me de súbita coragem. — Me conta como foi.

Eu sabia que não gostaria de ouvir aquela resposta. Mas não podia ser fria com minha prima, nem mesmo mostrar que eu não queria saber, por isso fui em frente.

— Foi quando tu tava conversando com Jullie. Vocês se separaram e eu continuei a conversar com Jéssica por algum tempo até Natan vir até nós, falar comigo. Quando ele chegou, a Jéssica foi até os dois garotos que tavam à nossa frente e começou a conversar com eles. Nós ficamos alguns segundos em silêncio quando o Natan começou a dizer: “Sabe... Eu andei pensando... Sei que você já conhece o Rio, é claro, mas já faz um tempo desde que mudou pra Recife e não deve se lembrar de algumas coisas e até não conhecer outras... Eu poderia, você sabe, te levar para ver a cidade. Se você quiser.” Com esse sotaque carioca fofo de vocês, que é uma graça. Eu fiquei feliz, claro. Além de legal, Natan é lindo e não tem como não gostar dele quando tu conhece.

Eu que o diga.

— Ai, eu respondi: “Claro. Eu adoraria.” E ele pareceu ficar satisfeito com a resposta. Então, nós combinamos de fazer esse *tour* sábado que vem.

Leticia abriu um sorriso, empolgada.

— Duas semanas atrás, eu nem imaginava que voltar pro Rio podia ser tão maravilhoso!

Ainda sorrindo, ela virou o olhar para a tela da televisão onde passava uma comédia romântica que eu nunca havia visto. Eu suspirei derrotada e me virei também.

Não consegui dormir bem aquela noite. Revirei-me na cama por várias horas, tentando encontrar uma posição confortável. Levantei uma vez para pegar meu celular e ouvir música — talvez isso me deixasse sonolenta. Mesmo assim: nada. Tirei alguns cochilos, mas não duravam mais do que meia hora.

Por fim, desisti de ficar deitada e me levantei. Mesmo com as janelas fechadas, eu conseguia sentir o frio que fazia lá fora. Olhei através da janela; a rua estava praticamente deserta e ainda estava escuro.

O silêncio dominava e isso agora era agonizante. Eu precisava falar. Conversar com alguém ao invés de ficar sozinha e pensar. Pensar era a última coisa que eu precisava porque, por mais que eu não quisesse, meus pensamentos sempre caminhavam para algo triste, algo que eu estava tentando esquecer.

Andei até meu armário e peguei um casaco pendurado no cabide. Coloquei-o. Ele era tão grande que quase cobria o short do meu pijama. Desci as escadas silenciosamente, depois de pegar meu celular e jogá-lo no bolso, e abri a porta, sentando no degrau da varanda, como fizera na noite anterior.

Ali fora estava ainda mais gelado do que em meu quarto. Eu dobrei as pernas e apoiei o rosto em meus joelhos, me abraçando para evitar sentir mais frio. Encarei a rua à minha frente, sem realmente vê-la, pensando — inevitavelmente.

Eu realmente não entendo porque nós, seres humanos, somos tão sonhadores. Nesse mundo cheio de egoísmo, ódio e intrigas, de onde tiramos essa ideia boba de amar? Por mais lindo que seja, às vezes o amor só consegue nos complicar e nos fazer sofrer.

Desde pequena eu sonhava — assim como metade do mundo — em encontrar alguém que fosse aquela pessoa que marcaria minha vida inteira. Aquela com quem eu ficaria e mais ninguém importaria. Às vezes, eu conseguia ser realmente idiota. Isso era algo tão raro de se encontrar nos dias atuais que era quase como se nem existisse mais.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

Filmes e fotografias mostram rostos felizes como se sempre fosse assim. E isso só nos faz sonhar cada vez mais com histórias de amor que nunca existirão. Esquecem, porém, de nos avisar que o tombo é sempre alto quando a expectativa é muito grande.

Então, eu decidia, naquele momento, não mais criar expectativas. Talvez eu encontrasse alguém que marcasse minha vida, talvez não. Talvez essa pessoa fosse até o Gustavo; ou talvez nós nem durássemos tanto. Era tão comum ver casais que se diziam apaixonados terminarem depois de seis meses ou um ano. Davi e eu éramos a prova viva disso.

Eu estava cansada de ter uma vida feliz, depois algo vir e me fazer chorar, então ficar bem novamente, e outra coisa me derrubar. A vida é cheia de altos e baixos, mas não era por isso que me deixaria abater a cada momento triste. Garotas grandes não choram, não é mesmo?

Peguei meu celular, abrindo a agenda em seguida. Eu sabia que ainda era cedo demais, mas precisava fazer aquela ligação.

Deslizei a seta, passando nome por nome. Quando cheguei ao de Gustavo, encarei-o por algum tempo, mas continuei e pressionei o botão de ligar quando encontrei o de Natan. Esperava que ele atendesse, mesmo que demorasse, mas a ligação caiu na caixa postal e eu desliguei decepcionada.

Abri o telefone novamente. Eram cinco e quarenta da manhã agora. O céu continuava escuro, talvez até mais. O nascer do sol provavelmente ainda levaria mais um tempo.

Suspirei entediada e sem disposição. Eu queria levantar para fazer um pouco

de café, mas estava com preguiça, por isso permaneci sentada. Dei um segundo suspiro e, quando o fiz, meu celular vibrou em meu colo. Assustei-me, surpresa. Atendi sem nem mesmo olhar o identificador. Só poderia ser Natan, de qualquer maneira.

— Nael?

— Nina... Tá tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — Apesar da voz sonolenta, ele parecia preocupado.

— Não. Eu tô bem — apressei-me em dizer. — Desculpa te acordar tão cedo. É que... Eu não consegui dormir — admiti, envergonhada.

Em vez de ficar irritado como qualquer pessoa normal, ele riu.

— Ah, então você resolveu atrapalhar meu sono também? — disse, mas em tom de brincadeira.

— É claro. É como dizem: amigos são aqueles que tão com você à toda hora. À toda hora *mesmo*. — Eu sorri e não era difícil imaginar que ele havia feito o mesmo.

— Você quer que eu cante uma canção de ninar para você dormir, é isso? Sinto dizer, amor, mas eu não sou Edward Cullen.

Eu soltei uma gargalhada, depois me calei, com medo de acordar alguém.

— Você é ridículo.

— E você me ama mesmo assim, é claro.

— Não mesmo.

— Ok. Vou fingir que acredito. — Ele fez uma pausa. — E então? Você ligou só para ter alguém com quem conversar?

— Na verdade, eu tava esperando que você pudesse... Hm... Vir aqui. Se não tiver problema — acrescentei.

— Me dê alguns minutos — disse apenas.

Desligando o telefone, encostei a cabeça na fina pilastra ao lado da escada que sustentava a cobertura da varanda e esperei.

— Você tá com uma cara péssima.

Eu abri os olhos assim que ouvi a voz de Natan. Ele abria o portão, empurrando-o com a cintura. Tinha as duas mãos ocupadas, mas não consegui ver com o que — a mureta as escondia.

— Você demorou. — Abri o celular, certificando-me da hora e, para minha surpresa, ainda eram seis da manhã. Era incrível como o tempo demorava a passar, às vezes.

Natan ergueu o braço, sacudindo uma garrafa térmica que levava à mão. À outra, vinham dois copos, um encaixado no outro.

— Achei que você fosse precisar. — Ele caminhou até onde eu estava, agachando-se ao chegar ao primeiro degrau e colocando a garrafa térmica e os copos no último.

— Meu Deus, Nael, eu tô a centímetros de casa. Você não imaginou que eu poderia já ter feito café aqui?

Ele abriu um meio sorriso ao mesmo tempo em que tirava a tampa da garrafa e girava a abertura. Segurando um dos copos, ele despejou café ali e me entregou.

— Já tá com açúcar. — Então, repetiu o que havia feito, no outro copo. — Mas você fez, por acaso?

— Bem... Não... — Eu bebi um gole, tentando omitir a risada involuntária que soltara.

— Então pare de reclamar.

Natan se levantou e se sentou ao meu lado, segurando seu copo. Levou-o à boca, bebendo também, e olhou para sol.

— E lá vem o nascer do sol. — Eu disse ao seguir seu olhar. — Ei! Você se lembra daquela música que nós criamos num luau? Aquela coisa ridícula sobre o nascer do sol?

— *Olha o so-o-o-ol! Olha aí, olha o sol já nascendo por aqui* — cantarolou como resposta.

Não consegui conter a risada e fui acompanhada por Natan.

— *Abra sua janela e olhe para o céu!* — tentei, ainda rindo. — Eu não lembro o resto! — afirmei, indignada.

— Nem eu. Só lembro o começo.

— Nós tínhamos o que? Dez? Onze anos?

— Eu tinha acabado de fazer quatorze e você tinha onze.

— Bons tempos — comentei, sorrindo.

Eu encostei a cabeça em seu ombro e Natan passou o braço pelas minhas costas em um abraço. Continuamos a sorrir enquanto apreciávamos o nascer do sol em silêncio.

— Então... — Encarei a rua, agora clara, enquanto finalmente iniciava o assunto. — Minhas fontes tão erradas ou você convidou mesmo minha prima pra sair?

Natan demorou alguns segundos para responder e, quando o fez, não me encarou.

— É. Convidei.

Tentei falar alguma coisa, mas minha garganta se fechou em um protesto mudo. Eu podia sentir meus olhos marejando; sabia o que vinha a seguir. Porém, eu não podia chorar. Chorar seria tanto minha rendição quanto minha perdição.

— Tá a fim dela, é? — fingi empolgação ao conseguir, finalmente, falar.

— Tô — admitiu com a voz baixa. — A gente se deu bem...

Tentei sorrir. As lágrimas, entretanto, teimavam em querer sair. Suspirei, alto demais, atraindo sem querer a atenção de Natan para meu desconforto. Sua mão pousou em cima da minha.

— Nina? — chamou, preocupado. Seu tom foi tão intenso que causou um rebuliço em meu interior, quebrando quaisquer barreiras que ainda permitiam manter meu falso bem-estar.

Deixei as lágrimas deslizarem por sobre meu rosto e, tão logo as percebi, me apressei em me despedir.

— Cuida bem dela, tá? — pedi sem conseguir encará-lo.

Levantei e subi trôpega os poucos degraus até minha varanda. Tentei ser rápida, mais ágil do que Natan. Tudo o que eu menos queria naquele instante era ter que encará-lo, explicar o porquê daquela reação tão anormal.

No momento em que ele admitira estar a fim da minha prima eu soube o que tinha que fazer. Eu podia ver agora o quanto Jullie brincara comigo, com minha cabeça, ao dizer todas aquelas baboseiras sentimentais. Natan sofria tanto por mim quanto uma formiga. E o que quer que eu sentisse por ele tinha que sumir naquele instante.

Alcancei a porta ao ouvir meu amigo se levantar, chamando meu nome com apreensão. Entrei em casa sem respondê-lo, girando a chave na fechadura antes de me sentar ao chão e parar de tentar conter as lágrimas.

— Nina! — pude ouvi-lo exclamar em um sussurro desesperado do outro lado da porta onde eu me recostava. Podia até imaginá-lo, preocupado e agachado exatamente no local em que eu estava, do outro lado da porta. — Nina, o que aconteceu? Por que você tá chorando?

— Nada — ainda intentei, mesmo que os soluços me denunciassem. — Eu só... Sei lá, só tô meio sensível.

— Para de besteira. Fala comigo, Nina.

Fiquei em silêncio, chorando silenciosamente. Aquilo estava tão errado. Não deveria ter acontecido. Não deveria ser daquele jeito. Mas eu não conseguia me conter.

— Nina, por favor... — sussurrou, suplicante. — Foi algo que eu disse? É sobre sua prima? Você não quer que nós...

— Não! — interrompi, desesperada. Eu não arruinaria a felicidade da minha prima só porque estava sentindo algo que, agora eu percebia, nem mesmo era retribuído. E desembestei a falar. — Não! Eu só tô feliz, ok? É felicidade porque tá tudo se acertando. Você e Letícia. Douglas e Jullie. Gustavo e eu. Tá tudo perfeito. Mais que perfeito. Aliás, esqueci de te contar a novidade, né? Gustavo me pediu em namoro.

Sabia que não devia ter jogado a coisa assim. Gustavo e Natan não se batiam. Por que meu amigo haveria de gostar da “novidade”?

— Mas não é o que você quer, é? — perguntou e eu lembrei que ele era somente a pessoa que melhor me conhecia.

— Claro que é...

— Então por que você não aceitou ainda?

— Quem disse que não?

— Você disse que ele pediu, não que vocês tão namorando...

Eu respirei fundo.

— Eu... Queria falar com você primeiro — admiti, relutante.

— Por quê? Minha opinião muda alguma coisa?

— Sua opinião muda tudo — suspirei.

Ele ficou em silêncio enquanto os segundos se arrastavam.

— Eu só quero que você seja feliz. Não importa com quem...

Ao ouvir isso, minhas lágrimas se intensificaram. Por que ele tinha que ser tão perfeito? Tornava tudo tão, tão mais difícil.

— Nina — voltou a chamar em súplica. — Para de chorar. Me conta o que tá acontecendo! É minha culpa?

— Não, Nael, você não fez nada errado. E eu só quero que você seja feliz também, tá? — Eu acho que é melhor eu tentar voltar a dormir.

— Tá certo — respondeu após uma longa pausa. — Bons sonhos, Nina.

O farfalhar de seu levantar invadiu meus ouvidos. Esperei e esperei. Ouvi-o se afastar e, sem aguentar, pulei e abri a porta, sem me mover dali.

— Nael?

Ele se virou no mesmo instante, encarando meu rosto molhado. Seu olhar estava tão triste que quase cogitei a possibilidade de Jullie estar certa.

— Eu te amo, tá?

Natan relaxou, abrindo o sorriso que eu mais amava.

— Eu também te amo, Nina — avisou, quase como se achasse que eu não acreditaria. E então foi embora.

Assim que ele sumiu de vista, fechei a porta e me sentei no sofá, totalmente desperta. Esperei o tempo passar até um horário que julgasse ser cedo o suficiente para uma ligação.

E quando o ponteiro bateu as dez da manhã, eu peguei meu celular novamente e disquei o número de Gustavo.

— Bom dia — falou com a voz ainda um pouco sonolenta.

— Bom dia, meu lindo. Te acordei?

— Não exatamente. Eu tava me revirando na cama. — Pausou. — A que devo a honra da sua ligação matinal?

Eu sorri por baixo das lágrimas que ainda restavam.

— Eu só queria dizer que... Eu aceito namorar você.

Fazer escolhas é natural. A toda hora, mesmo quando não percebemos, estamos tomando decisões. Algumas não influenciarão nossa vida em nada, outras fazem a enorme diferença. E o mais engraçado é que, às vezes, essas que mudam totalmente nosso caminho nem mesmo pareciam de grande importância.

Quem nunca passou por uma situação onde se perguntou, por exemplo, que se não tivesse se atrasado naquela segunda feira porque decidiu tomar banho antes de sair, poderia ter sido vítima do assalto que aconteceu dez minutos antes ou conhecido aquela pessoa ao lado de quem sentou no ônibus?

A parte ruim de fazer escolhas é que você nunca sabe qual é a certa ou a que te decepcionará. Você está às cegas dentro de uma piscina de bolinhas: todas têm o mesmo formato, mas são de cores diferentes. E somente quando abrir os olhos saberá se fez a escolha certa... Ou não.

CAPÍTULO 20

O som prepotente do sinal do Honório de Paula ecoou por todo o colégio e, pela primeira vez, fiquei mais do que feliz em ouvi-lo. Levantei da carteira, retirando de cima dela a mochila já arrumada há mais de vinte minutos. Com a alegria de quem acabara de ganhar na loteria, virei instantaneamente e pulei em Gustavo, abraçando-o pelo pescoço. Nem soube quantas vezes gritei “férias!” em seu ouvido até soltá-lo. Só sabia que, quando o fiz, tínhamos em nossos rostos enormes e radiantes sorrisos.

— Isso tudo é felicidade de não ter mais a escola atrapalhando a gente por duas semanas? — perguntou, presunçoso, enquanto guardava seu material.

— Claro que sim, *namorado* — brinquei, ainda sentindo o coração palpar com a palavra, mesmo depois de um mês e meio para me acostumar.

O problema era que *não dava* para me acostumar. Meu namoro com Gustavo era, no mínimo, o mais incomum namoro que eu já vira. Não no sentido ruim, é claro. Namorá-lo era interessante e divertido, principalmente pelo fato de nunca ficar entediada. Ele era a pessoa mais surpreendente que eu já havia conhecido. Bem, até essa parte eu já sabia; porém, como namorado, descobri que ele era ainda pior — ou melhor, nesse caso. Chegava a ser raro quando eu *não* me admirava com algo que ele fazia. Mas eu amava as coisas exatamente dessa maneira.

Gostaria de poder dizer, no entanto, que namorar Gustavo me fizera enxergar que o que eu sentia por Natan era apenas carência do meu momento pós-término. Mas, infelizmente, ainda me pegava imaginando, vez ou outra, o que teria acontecido se eu tivesse lhe contado o que estava sentindo quando tivera a oportunidade.

Embora possa parecer loucura, eu não me arrependia da minha decisão. Gustavo era melhor do que qualquer “namorado perfeito” que eu já havia imaginado. Eu gostava dele, de verdade, e estava relativamente feliz — pelo menos, o quão feliz poderia ficar uma pessoa dividida.

Além disso, Natan estava bem agora, também. Ele e Letícia seguiam firmes e fortes e eu não duvidava nada que um namoro estivesse por vir. Estava na cara que eles se gostavam bastante — e que qualquer coisa que pudesse ter sentido por mim fora devidamente esquecido. E eu iria esquecê-lo também, era uma questão de tempo.

— Ei, vocês dois! Não se esqueçam da minha festa hoje à noite!

Desgrudei de Gustavo por alguns segundos, virando a cabeça para o lado e observei Jéssica passar por nós com o sorriso do tamanho do mundo.

— Nem por um decreto! — avisei.

Não bastassem as férias (que já era motivo o suficiente para estar feliz), sua

festa de 15 anos seria naquela noite e ela estava mais do que ansiosa. Aliás, todos estávamos. Sabíamos que o “economizar” de sua família não era nada em comparação ao significado real daquela palavra e independente de ser mais simples do que a maioria de seus eventos, ela ainda seria a festa do ano.

Jéssica aceitara a sugestão de Letícia sobre o tema Personagens da História, mas ninguém sabia ao certo a fantasia de cada um. Havíamos concordado todos em manter segredo até a hora da festa para aumentar a expectativa. E assim vinha sendo, sigilo total — apenas Letícia sabia sobre a minha, pois me ajudara a escolhê-la.

Esperei Gustavo guardar suas coisas enquanto observava a sala se esvaziar rapidamente. Encostada em minha carteira, vi Jullie carregar sua conhecida bolsa pré-férias (a que ela usava durante a semana anterior ao fim das aulas somente para levar o necessário, praticamente considerando-se de férias, já que não trazia nada escolar ali) para fora da sala de aula sem nem mesmo olhar para trás para se despedir — o que era de se esperar, pois não nos falávamos desde sua explosão no shopping.

Eu tentara conversar com ela depois, descobrir o que tinha acontecido e até me desculpar por qualquer coisa que eu pudesse ter feito sem notar. Percebi, no entanto, talvez tarde demais, que o problema de Jullie era ser o tipo de garota extremamente possessiva e intensa em seus relacionamentos. Seu ciúme por minha prima fora tão grande (e irracional) que a nossa amizade foi quebrada simplesmente por ela achar que eu defendia a garota e estava trazendo a discórdia diretamente de Recife — o que, é claro, não fazia o menor sentido.

Eu nunca tivera a oportunidade de descobrir como era a Jullie-namorada, pois minha amiga jamais tivera um relacionamento — pelo menos, não um sério ao qual ela se dedicasse tanto e com alguém por quem ela sentisse algo como sentia por meu irmão. Desde que começaram a namorar, há quatro semanas, no entanto, eu via a tendência piorar e até via ou ouvia, vez ou outra, as brigas bobas que os dois enfrentavam.

Logo após ela sair da sala, Davi cruzou meu campo de visão, vindo até mim ao mesmo tempo em que Gustavo encostava sua mão às minhas costas, indicando que terminara a arrumação de sua mochila. Caminhamos de encontro ao meu ex até ficarmos frente a frente.

— E aí, tudo certinho para hoje à noite? — perguntou sorridente enquanto voltávamos a andar e saíamos da sala.

— Claro! Festa do ano! — respondi empolgada. — E vocês? A Mayara vai mesmo, né? Aquela furona. ‘Tou tentando sair com ela há duas semanas!

Davi gargalhou com minha indignação.

— Se ela furasse, eu a levava nem que fosse arrastada pelos cabelos. Mas ela vai, sim. Ficou um ano pra escolher a bendita fantasia e não quer contar nem *pra mim*.

— Claro. Esse é o espírito da festa! Você acha que o Guto aqui sabe minha fantasia? — Olhei para o lado, abrindo-lhe um sorriso debochado.

Gustavo estapeou minha testa.

— Fala sério. O que custa contar? Sou eu! Não vou falar pra ninguém.

— Né!? Falei a mesma coisa pra Mayara.

Encarei os dois, balançando a cabeça em negação.

— *Garotos*. Vocês não entendem nada mesmo, né? — Saímos do prédio, atravessando o pátio até a saída. Senti-me até mais alegre por me livrar daquele lugar. — Bem, de qualquer maneira, a curiosidade chegará ao fim essa noite. Preparem-se! — avisei, misteriosa.

Os dois riram e Davi se despediu de nós, parando de nos seguir e voltando o caminho, provavelmente para encontrar alguém.

Continuamos a andar, parando aqui e ali para falar com nossos amigos, comemorando as férias, mas sem despedidas definitivas. Afinal, ninguém faltaria a festa de Jéssica, então não era exatamente a última vez que nos víamos em duas semanas.

Quase chegando à entrada, observei Jullie e Douglas tendo mais uma de suas discussões. Ninguém se preocupava realmente, mesmo que falassem em voz alta no meio do pátio do colégio: tornara-se rotina.

E quando cruzei a saída do Honório de Paula, a sensação de alívio foi tamanha que soltei um novo urro de comemoração. Gustavo riu ao meu lado antes que um grito conhecido me fizesse parar. Olhei para trás em tempo de corresponder ao abraço de Letícia, que pulara em meu pescoço, felicitando a chegada das férias de julho. A alegria era geral.

— Nem acredito que chegou. Já não aguentava mais! Por que estudar é tão chato?

— Porque já somos inteligentes demais pra ficarmos aprendendo baboseiras — presumi, risonha.

Letícia gargalhou.

— Boba. — Ela olhou para trás antes de voltar a falar. — Pera aí um pouquinho. O Natan parou ali atrás, vou chamar ele.

Concordei com a cabeça, ficando distante de repente com a menção de Natan. E era sempre assim agora. Háviamos nos afastado bastante e, apesar de achar que desse jeito o que sentia por ele sumiria mais facilmente, eu tinha saudade — e muita. Era impossível não ter.

Não fora nada premeditado. Eu não planejara que seria melhor assim, simplesmente *acontecera*. Natan andara ocupado nos últimos tempos: além das saídas com Letícia, ele estava se dedicando bastante aos estudos — terminaria o colégio no final do ano! As provas de vestibular se aproximavam e, por não fazer cursinho algum, era preciso esforço dobrado.

Às vezes, no entanto, era como se ele fugisse de mim. Talvez fosse verdade.

Depois da minha crise na porta de casa, eu ficaria surpresa se nossa amizade permanecesse a mesma. Tudo mudara. Não exatamente para melhor ou pior, mas mudara simplesmente sem nem mesmo percebermos. Não havia nada que pudessemos fazer. Seria como entrar na tempestade em vez de fugir dela. Tínhamos apenas que esperar que a calmaria viesse e o vento soprasse para outra direção.

Saí do transe em que me colocara ao notar a movimentação próxima. Observei Leticia se aproximar com a mão de Natan presa entre a sua. Cumprimentamo-nos com um sorriso fraco antes de ele e Gustavo se encararem por alguns segundos — já nos acostumáramos até com isso. Era quase uma rotina que ambos trocassem farpas por míseros milésimos de segundos sempre que se encontravam. Mesmo com o tempo, nenhum dos dois parecia disposto a assinar um tratado de paz.

Leticia e eu falamos muito durante o caminho de volta. Estávamos animadas e nem mesmo a presença de Natan ou o incômodo de Gustavo pela presença do outro mudaria isso. Não só a chegada das férias e a festa de mais tarde motivavam minha euforia, mas a percepção de que minha prima e eu conseguíamos nos aproximar tanto em tão pouco tempo elevava meu astral quase constantemente. É claro que morarmos na mesma casa e ainda dividirmos um quarto contribuía para que o nosso afeto crescesse acelerado, mas Douglas e eu convivíamos desde que nascemos e nem por isso tínhamos uma relação como a que tinha com Leticia. A verdade é que tínhamos muito em comum e com o afastamento de Natan e Jullie, ela se tornara minha mais nova confidente e melhor amiga.

Ao chegarmos em casa, tudo estava silencioso. Minha mãe, é claro, encontrava-se no trabalho, mas a novidade era: minha tia também! Ela conseguira um emprego na empresa da irmã duas semanas após a mudança. Minha mãe já vinha conversando com a chefe do departamento há um tempo enquanto procuravam outros nos classificados e na internet; contara a situação de minha tia, mostrara seu currículo e tudo mais, então, ela conseguiu. Tia Rosa ficara realmente feliz, não só pelo emprego, mas porque com ele “poderia juntar dinheiro e parar de perturbar”.

Largamos as mochilas em cima do sofá ao mesmo tempo em que seguia para o telefone, cuja luz da secretária eletrônica piscava.

— Vê a mensagem aí. Vou arrumando a mesa do almoço, tá? — avisou Leticia.

Concordei com a cabeça e apertei o botão do aparelho para ouvir a mensagem.

— Oi, meninas. É o Carlos. Sei que a essa hora a Tereza tá no trabalho, então quem tá ouvindo a mensagem provavelmente é a Anna. Mas avisa a sua mãe para ligar aqui para casa quando chegar? Meu celular pifou e eu estou precisando

falar com ela, mas perdi toda minha agenda. Enfim, é isso. — E um apito se fez ouvir, indicando o fim da mensagem.

Dei um sorriso enquanto anotava o recado do mais novo namorado de minha mãe. Não era exatamente um namoro oficial, mas os dois vinham saindo há quase três semanas e não era algo bobo para chamarmos de ficada - fora que isso era totalmente adolescente para eu usar com a minha mãe.

Desde a chegada de minha tia, ela parara de se lamentar pela partida do meu pai e resolvera sair mais. Em uma dessas, conheceu Carlos. Ela estava realmente feliz e isso para mim era essencial. Eu ainda não o conhecera (segundo minha mãe, ainda era cedo demais e eu concordava), mas já vira fotos na internet que ela me mostrara e falara com ele ao telefone, em uma de suas ligações lá para casa. Ao que parecia, ele era um cara legal.

Meu pai e meu irmão, no entanto, não se alegraram com a notícia. Meu irmão por pura implicância. Meu pai, por puro ciúme.

— Se você ainda gosta dela, por que não admite e a chama pra conversar? — perguntei a ele após sua crise ao descobrir sobre a notícia.

— Isso é assunto para adultos — foi só o que respondeu.

Eu dei de ombros e não toquei mais no assunto. Entendia que meu pai só fora grosso porque sabia que eu estava certa, mas se ele não queria fazer nada a respeito, o que *eu* poderia fazer? Mesmo que quisesse ver meus pais juntos novamente, a iniciativa precisava partir de ambos. E se ninguém a tomava, eu pelo menos podia ficar feliz por minha mãe estar bem. Se meu pai a quisesse, então teria que lutar por ela.

Sai da sala, indo até a copa ajudar Letícia com a mesa e, após o almoço, subimos para meu quarto para esperar o horário em que começaríamos os preparativos para a festa de Jéssica, ocupando-nos com conversas sobre a mesma.

Aguardávamos ansiosas e, vez ou outra, checávamos nossas fantasias e dávamos pulinhos de alegria. A festa seria no salão mais cobiçado de Botafogo — eu nem mesmo sabia como ela conseguira marcar um sábado para apenas dois meses depois! — e se isso não servia como razão para saber que seria uma festa estupenda, a enorme quantidade de pessoas que ela chamara e o convite nada extravagante — olá, ironia — davam um ponto final na história.

— Você sabe qual é a fantasia do Douglas? — perguntou Letícia quando o vimos chegar da escola, quase duas horas depois de nós, parecendo irritado. Eu só podia imaginar que a briga com Jullie não se resolvera.

— Não, mas tenho uma suspeita — respondi com um sorrisinho. Eu o vira passar alguns dias antes com uma sacola suspeita e dera uma boa espiada. Não conseguira vê-la por inteiro, mas o chapéu que estava para fora já havia sido o suficiente para denunciar a fantasia.

— Eu acho que ele deveria ir de Super Homem. Aquela roupa azul e a cueca

vermelha por cima, muito sexy — falou, rindo.

Eu soltei uma risada alta, imaginando. Jullie teria um acesso de risos, com certeza.

— Muito engraçado, isso sim.

Leticia, que estivera sentada em meu pufe com os cotovelos apoiados na coxa, esticou-se para trás, encostando-se à parede e se pôs a pensar por alguns segundos.

— Qual fantasia será que Natan escolheu?

Eu sorri involuntariamente. Essa era fácil.

— Batman ou Tarzan. Com certeza.

Leticia arqueou a sobrancelha.

— Tarzan?

Continuei sorrindo, lembrando as inúmeras vezes em que assistimos Tarzan e Batman quando éramos pequenos. Natan sempre dizia que, se pudesse ser um personagem, seria um dos dois. O Batman eu até entendia, mas o Tarzan? Quando lhe perguntei, ele disse:

— Claro, o Tarzan é um dos personagens mais inteligentes da Disney. — Eu franzi o cenho, sem entender. — O cara se fazia de burro só pra Jane ensinar as coisas para ele e passar mais tempo com ela. E ainda fazia isso de tanguinha!

Quando expliquei isso à Leticia, ela acompanhou minha risada.

— E tu acha que ele vai preferir qual?

— Sinceramente, acho que o Tarzan. Ele só gostava do Batman pelo Batmóvel e já que *esse* sonho é meio impossível de realizar...

— Ai, meu Deus! Tô imaginando Natan de tanguinha! — Leticia cobriu o rosto com a mão enquanto nosso riso ecoava pelo quarto.

Continuamos a conversar sobre a festa a tarde inteira, imaginando as fantasias de Gustavo, Mayara, Davi e todos os nossos amigos. Somente às seis da tarde nos levantamos para começar a arrumação.

Enquanto Leticia tomava banho, eu separava o necessário. Deixei à parte o secador de cabelo que usaria quando minha prima saísse do banheiro. Combináramos que faríamos o cabelo uma da outra e, por isso, precisamos começar com duas horas de antecedência. Se terminássemos a arrumação no horário estipulado, sairíamos de casa meia hora depois do marcado por Jéssica, chegando lá com um mínimo de atraso normal para qualquer festa de 15 anos. Tudo friamente calculado.

Quando minha prima terminou, vestindo uma roupa de ficar em casa para preparar o cabelo, eu me aproximei, segurando o secador como uma arma.

— Cheguei pra detonar — brinquei com a expressão séria, imitando uma vilã.

Sequei seu cabelo, alisando-o ao mesmo tempo e levando quase vinte minutos para terminar. Então, vooi para o banheiro, doida para tomar meu banho e começar minha própria arrumação. Foi Leticia, dessa vez, quem chegou munida

do aparelho, pronta para começar meu cabelo, que não seria alisado e, sim, ondulado.

Além do cabelo, uma fez a maquiagem da outra e também escolhemos os acessórios juntas. Por fim, às nove horas — um pouco depois do que pretendíamos — terminamos completamente a preparação.

— Você tá tão linda! — disse Letícia, com os olhos brilhando.

Eu fiz pose, brincando.

— Eu sei. Sou muito gata, né? Miau! — zombei. — Você também tá linda!

Nós pulamos animadas e pegamos a câmera, querendo, obviamente, guardar o resultado de todos os nossos esforços. Depois a colocamos em minha bolsa; afinal, não iríamos deixar de registrar aquela noite, não é mesmo?

Alguém bateu à porta na mesma hora em que eu terminava de fotografar Letícia. Imaginei que fosse meu irmão, por isso fui preparada com a câmera para pegá-lo de surpresa. Abri-a, cumprimentando-o com um *flash*. Seu rosto saiu engraçado, mas até em fotos espontâneas, Douglas ficava bonito.

Sorri para ele, observando-o de cima a baixo.

— Bela fantasia, Jack Sparrow.

Douglas sorriu de canto.

— “Deve haver um ‘capitão’ em algum lugar por aí” — citou o personagem, me fazendo gargalhar.

Então, ele notou nossa roupa e ergueu a sobrancelha.

— Aonde vocês pensam que vão com *essas* roupas?

Nós sorrimos — Letícia acabara de aparecer ao meu lado com a bolsa já segura em sua mão. Ela cruzou seu braço ao meu e fechou a porta com a mão do outro.

— À mesma festa que tu, *capitão* Jack Sparrow.

E rindo, nós o puxamos e descemos as escadas.

CAPÍTULO 21

— Eu ‘tou falando sério, Anna. Não tô gostando de você com essa roupa. Por que você não comprou uma fantasia de... Julieta? O vestido é longo, não tem decote...

Revirei os olhos, empurrando-o de leve.

— Se fosse a Jullie, você ia amar, né? — Leticia abafou uma risadinha.

— Jullie é minha namorada. Você é minha irmã! — indignou-se. — Mãe, como você deixa sua filha sair com essa roupa? E sua sobrinha! Como?! As mães de hoje em dia não se impõem!

Minha mãe deu de ombros, debochada, para seu pequeno aspirante a machista enquanto parava o carro em frente ao salão.

Havia um grande movimento do lado de fora. Dezenas de pessoas fantasiadas de personagens incríveis que compuseram a *minha* História ou até mais antigos. Havia Sininho, Chapeuzinho Vermelho, Homem Aranha, Super Homem, Peter Pan, Zorro, Fred, Pedrita... A criatividade estava à solta.

Eu abri a porta do Honda Fit prateado de minha mãe, respirei fundo, sorrindo, e saí. Assim que coloquei meus pés para fora, Victor, meu colega de classe, passou pelo carro em direção à festa. Ele parou quando me viu e assoviou alto. Meu rosto queimou como brasa quando, após o assovio, algumas pessoas olharam para mim — e alguns garotos permaneceram olhando.

— Se você não namorasse Gustavo, eu ia totalmente dar em cima de você — disse brincalhão, vindo até mim enquanto subia o olhar desde minha bota até minha máscara de Mulher-Gato.

Eu vestia uma calça *skinny* de couro preta que marcava toda minha perna e era coberta, na parte inferior, por uma bota cano longo e de salto fino. Na parte superior, eu colocara um top preto com bojo, deixando meus seios avantajados e a barriga à mostra, exceto onde uma correia se cruzava ligando o top à calça. Nos braços, havia uma luva também de couro que seguia até meu cotovelo. E no rosto, a máscara da personagem com orelhas de gato cobria meus olhos e parte da minha cabeça. Meus cabelos pretos apareciam por baixo dela, caindo em ondas bem feitas sobre meu ombro.

Sem graça, eu sorri.

— Ele vai me matar — comentei, referindo-me a Gustavo.

— Fica tranquila, gatinha. Acho que, com essa roupa, a única coisa que você não consegue forçar o Gustavo a fazer é virar gay.

Soltei uma risada alta e ouvi um barulho atrás de mim. Me virei, vendo que Leticia acabara de sair do carro. Ela parecia uma princesinha em sua fantasia. Eu realmente não sabia do que Douglas estava reclamando em relação a ela.

Fantasiada de Barbie Butterfly, Leticia usava um vestido de um rosa choque

muito bonito. Sem alça e com bojo, o vestido era bastante decotado — certo, dessa parte Douglas poderia reclamar —, o que dava um toque menos infantil à fantasia. A saia era da mesma cor e composta por várias camadas que se assemelhavam às pétalas de uma flor, armando como a saia de uma bailarina. No pé, calçava um peep toe preto e rosa bebê. O cabelo estava solto também e extremamente liso, sendo decorado por uma tiara trançada.

— Uau! É melhor eu sair daqui antes que *dois* queiram me matar. — Victor deu meia-volta e seguiu para a entrada da festa.

Quando virei novamente para Leticia, rindo, Douglas já estava parado ao lado dela e parecia ter se conformado com nossas fantasias. Atrás deles, minha mãe abaixava o vidro do carro.

— Não se esqueçam dos presentes! — Ela nos entregou três caixas embrulhadas, uma para cada. — Comportem-se, crianças. Venho buscar vocês às duas. — Dando partida, ela foi embora e nós seguimos juntos para a entrada.

O salão de festas que Jéssica escolhera era realmente lindo — e enorme. À frente, havia um jardim ornamentado por uma fonte em cascata que jorrava água e uma pequena ponte de madeira que ligava o portão de entrada à porta do salão. Este era pintado de branco, mas com uma textura diferente, que deixava o lugar com um efeito rústico. Atravessamos, dando de cara com a recepção, onde entregamos nossos convites e deixamos os presentes. Ali, havia também mesas de docinhos de vários tipos.

Duas funcionárias do local nos apontaram a escada que levava ao andar de baixo, onde a festa realmente acontecia. Nós agradecemos e seguimos a direção que indicaram. Mesmo antes de começarmos a andar, já conseguíamos ouvir a música alta que tocava. Havia muito barulho — vozes misturadas ao som da música e ao barulho da movimentação de cada convidado — e demoramos um pouco para nos acostumar.

Procurei Jéssica pelo salão e, enquanto passava os olhos ao redor, soltava risada de certas fantasias como a de um garoto vestido de Tinky Winky. Encontrei-a no meio da pista de dança, cercada de amigos, dançando, sacudindo a cabeça de um lado para o outro e dando risadas em sua fantasia de Alice.

— Vamos escolher uma mesa logo, depois a gente fala com a Jéssica.

— Eu vou procurar a Jullie — avisou Douglas antes de desaparecer no meio da multidão.

Enquanto caminhávamos em direção às mesas, encontramos vários amigos nossos e ao toparmos com outra colega, Paula, ela nos puxou para a mesa que estava, onde só havia bolsas, pois todos os seus ocupantes se encontravam dançando na pista. Deixamos as nossas ali também e seguimos com ela até Jéssica.

Quando esta nos viu, parou de dançar e veio nos abraçar aos pulos.

— Parabéns de novo! — gritamos Leticia e eu em meio aos abraços, nos

referindo às felicitações que demos mais cedo, no colégio. — Tudo de bom, amiga. Você merece!

— Obrigada, gente!

— Tu tá tão linda de Alice! Muito sexy. Vai seduzir todo mundo — brincou Leticia. Ela deu uma piscadela e a aniversariante riu.

— Na hora do cerimonial eu vou trocar. Vou virar Cinderela, mas ninguém sabe. É segredo! — cochichou em nossos ouvidos.

Então, ela pulou mais uma vez e agarrou nossas mãos.

— Vamos dançar!

Após sermos arrastadas para o centro da pista e começarmos a dançar, eu passei a vasculhar pelo local com os olhos à procura de Gustavo. Por ser começo de festa, a pista ainda não estava completamente cheia, ficando mais fácil procurá-lo. Mesmo assim, não o encontrei.

— Jéssica, você sabe se o Gustavo já chegou? — gritei para que me escutasse.

Ela sacudiu a cabeça negativamente.

— Acho que não.

— E Natan? — perguntou Leticia.

— Também não.

— Depois somos nós que nos atrasamos! — Ela riu.

— É verdade: “vocês demoram tanto; passar maquiagem, fazer cabelo, blá...”

— Anna! — gritou alguém atrás de mim no exato momento em que eu ria da citação de Leticia.

Girei nos calcanhares e encontrei Mayara parada à minha frente. Ela se fantasiara de Rainha de Copas e usava um vestido preto tomara-que-caia composto por uma saia armada vermelha e estampado com centenas de corações brancos. Vestia também uma meia-arrastão, sapato de salto vermelho e luvas brancas. Seus cabelos já não estavam mais vermelhos vivos como quando a conheci, mas desbotado, quase beirando à cor laranja. Ela o tingira novamente, dessa vez de um ruivo mais natural e estava extremamente bonita.

— May! — Abracei-a, animada. — Você tá ma-ra-vi-lho-sa!

— Obrigada, fofa! Você também. Tá me seduzindo totalmente.

Ela ergueu as sobrancelhas em rápidos movimentos e Jéssica me lançou um olhar sedutor antes de cairmos na risada.

— E aí, tudo bem?

— Tudo! E com vocês? — perguntou, direcionando a pergunta à Leticia também. Aparentemente, ela já cumprimentara Jéssica.

— Também! — respondemos.

— Você veio com Davi e Natan?

— Não. Davi me buscou em casa, mas não foi com Natan. — Leticia

suspirou.

— Já, já ele chega. — Mayara segurou minha mão. — Vem comigo, preciso ir ao banheiro.

— Ok Já volto — falei para Leticia.

Eu a acompanhei até o banheiro, que ficava no fim do salão. Era muito abafado ali, por isso resolvi esperá-la do lado de fora, encostada à porta. Olhava a movimentação enquanto a aguardava, notando mais e mais fantasias tanto engraçadas quanto criativa. Uma, no entanto, me chamou a atenção mesmo não sendo nem um nem outro. Não era exatamente diferente; era um Batman que, ao invés da usual roupa de tecido, vestia uma de plástico que o deixava praticamente idêntico aos dos filmes. O cinto dourado era do mesmo material; a capa era de couro e cobria os ombros e as costas inteiras. Além da roupa, que cobria seu corpo inteiro, havia uma luva preta do mesmo material. Em seu rosto, a máscara deixava à mostra somente a região da boca e terminava bem na ponta do nariz, deixando-o livre para respirar facilmente.

Observei-o descer a escada de entrada e contornar um grupo de pessoas até a pista de dança. Todos pararam para observá-lo e, quando falava, abriam a boca, surpresos, provavelmente ao descobrirem quem era. Ele foi cumprimentar Jéssica, que já não estava mais acompanhada de Leticia. Ele a levantou no colo para um abraço, que foi atrapalhado pela roupa; todos riram, inclusive eu. Eles trocaram algumas palavras, então o Batman misterioso se infiltrou no meio de um grupo de pessoas, sumindo por uns instantes e reaparecendo agora mais perto do banheiro.

Seus olhos procuravam alguém até cruzarem os meus e, quando o fez, ele paralisou, encarando-me de cima abaixo e deixando sua boca abrir alguns *muitos* centímetros. Eu corei, sentindo-me despida por aquela análise. Gustavo ia realmente me matar por vestir aquela fantasia.

Contra vontade, desviei o olhar e voltei a vasculhar pela festa, esperando pacientemente por Mayara, que deveria estar retocando a maquiagem ou na fila do banheiro. Encontrei novamente com os olhos do Batman e percebi que ele caminhava na minha direção. Eu gemi. Gustavo iria realmente, *realmente* me matar.

Ele parou à minha frente, o olhar me analisando novamente. Então, ergueu-o. E não teve como não reconhecer aquele par de olhos azuis intensos que eu conhecia tão bem.

— Nael?

Ele não conseguiu reprimir um sorriso e eu tirei minha dúvida na hora.

— Ai, meu Deus — arfei, rindo.

Talvez eu sentisse, de alguma forma, que era ele e por isso não conseguira desgrudar os olhos. Mas agora que eu tinha certeza era impossível não notar o quanto Natan combinara com a fantasia: ele era o Batman perfeito.

Eu me controlei, mordendo o lábio para evitar o sorriso, e bati em seu peito de plástico.

— Belos músculos.

Ele abriu ainda mais o sorriso.

— Obrigado. Bela... hm... *fantasia*. — Precisei abaixar a cabeça para sorrir de lado ao notar o tom desconfortável dele, seus olhos ainda encarando minha roupa.

— Obrigada — consegui dizer em uma mistura de vergonha e satisfação.

— Então... Parece que combinamos. — Ele sinalizou nossas fantasias com o dedo. Eu concordei com a cabeça, sorrindo. — Mas não foi de propósito, né? Porque você sabia que eu viria de Batman.

— Na verdade, eu pensei que você viesse de Tarzan. — Soltei uma risadinha. — E por que eu iria querer combinar com *você* de propósito? — perguntei, tentando soar presunçosa e superior.

— Já tá incorporando a personagem, é? Parece que vou ter que usar meu dom de super-herói pra te dar umas lições.

Eu gargalhei alto, levando um tempo para me recuperar. Natan me encarou com o olhar perdido.

— Que foi?

— Desculpa. É que isso tá parecendo conversa de filme pornô.

Natan estreitou os olhos, pensando na conversa, então, desatou a rir comigo.

— Que maldosa você! Eu nem penso nessas coisas!

— Ah, *claro* — concordei com deboche.

Ele sorriu de canto.

— Enfim... O que tá fazendo aqui? — perguntou, referindo-se à entrada do banheiro.

— Esperando a Mayara.

— Ah. Eles já chegaram?

— Não. A Mayara é apenas fruto da minha imaginação.

Natan correspondeu com um leve tapa em minha cabeça.

— Vou me lembrar disso — ameacei sem conseguir parecer má.

— Você precisa treinar sua personagem.

— Olha quem fala.

Apesar de a máscara esconder, imaginei que ele tivesse levantado a sobrancelha, desacreditando em minhas palavras.

Ficamos alguns minutos em silêncio, sem ter o que falar. Natan me encarava de um modo diferente, mas talvez fosse apenas impressão minha. Fazia tempo que não conversávamos daquela maneira, com as brincadeiras e a espontaneidade que sempre marcara nossa amizade. Provavelmente, eu só me desacostumara. Afinal, era somente aquele olhar intenso que ele *sempre* me lançava, não era?

— Então... Sabe onde tá a Leticia?

Leticia. Senti como se um balde de água fria tivesse sido jogado em mim e a sensação de culpa por ter ficado satisfeita com o olhar de Natan me invadiu.

Dei um passo para trás, tentando ficar longe dele.

— Eu não sei. Ela tava na pista de dança com a Jéssica... Deve ter voltado à mesa.

— Ah. — Ele pareceu desapontado. Não sei se comigo ou com minha fala. — Eu vou... — Foi interrompido, no entanto, pela chegada de Mayara.

— Que absurdo! Tá um calor absurdo lá dentro! E aquela fila? E... Ah. — Ela corou ao notar Natan, rindo de seu ataque de raiva. — Oi, Natan.

Acompanhei a risada do meu amigo, realmente achando a cena engraçada.

— Eu já tava indo, pode continuar a crise — avisou, virando-se. — *Adios!*

Natan jogou a capa com força enquanto se virava e voltou o rosto antes de ir, nos encarando com um olhar sério — uma péssima interpretação do Batman. Ele ergueu o dedo médio quando explodimos em risadas.

Mayara e eu seguimos para a pista novamente. No caminho, vimos passar o Capitão Jack Sparrow — meu irmão — e a Branca de Neve — Jullie, usando um vestido azul, vermelho e amarelo muito parecido com o da personagem (porém, bem mais curto), meias três-quartos brancas, uma sapatilha preta e uma peruca curta e preta com a tiara vermelha. Ela nem mesmo me olhou. Parecia, aliás, distante em pensamento e eu podia apostar que ela e meu irmão ainda estavam brigados. Os dois caminhavam lado a lado, em silêncio, e nem mesmo se encostavam.

Continuamos o caminho, conversando sobre as fantasias dos outros até encontrar Davi. Eu parei, sem conseguir conter a risada que fluía livremente.

— Ai, meu Deus! Não acredito que você tá fantasiado de Ash.

Ele estava idêntico: o chapéu vermelho e branco, a blusa azul marinho por baixo com outra de zíper, azul e branca, por cima, a calça jeans... Só consegui falar novamente após terminar de rir.

— Acho que eu vou fazer xixi nas calças de tanto rir — avisei, massageando minha barriga que agora doía devido às risadas.

Davi sacudiu a cabeça, sorrindo. Ele já estava com um braço na cintura de Mayara, abraçando-a de lado, e a cumprimentara com um selinho.

— Eu sei que você inveja minha criatividade.

— Demais! — concordei. — Bem, vou deixar o casal em paz.

Mande beijos com a mão e voltei para a pista de dança.

Assim que comecei a me mexer novamente, junto ao grupo de antes (exceto por Leticia), senti um par de mãos me segurarem pela cintura. Já ia protestar quando a pessoa falou em meu ouvido e eu reconheci sua voz.

— Isso devia ser proibido. É perturbação da ordem pública! Você tá sexy demais. — Virei-me com um sorriso e encontrei Gustavo sorrindo de volta, os

olhos cravados nos meus.

Abaixei o rosto para verificar sua roupa: Gustavo era o Príncipe Encantado. Eu sorri mais ainda; impossível fantasia melhor. Ele usava calça de casimira preta, botas pretas que cobriam a peça até a canela, camisa de seda branca rendada nos punhos e gola por baixo de um gibão dourado e um casaco azul marinho composto por uma carreira de botões ao longo da sua frente. Em seu pescoço, caindo à frente e misturando-se com a camisa, estava atado um lenço branco. Ele estava idêntico aos príncipes dos contos de fadas, incluindo até mesmo a espada. Meus olhos brilharam. Ele era *meu* príncipe encantado.

— Mesmo sendo a Mulher-Gato, acho que vou me meter em alguma encrenca essa noite para que você possa me salvar — brinquei. Fiquei nas pontas dos pés, jogando os braços ao redor de seu pescoço e lhe tasquei um longo beijo.

Nesse mesmo instante, o DJ começou com os *hits* do momento e todo mundo que ainda não estava na pista de dança correu, gritando de felicidade e se unindo para realmente começar a festa.

Tudo ia ótimo.

Gustavo e eu dançávamos na pista junto ao grupo agora praticamente completo — incluindo Natan e Letícia. Nós fazíamos uma rodinha no meio do salão e éramos, sem dúvida alguma, os convidados mais animados.

Letícia, Mayara, Jéssica e eu formávamos uma fila enquanto dançávamos, fazendo a coreografia da música em conjunto. Os meninos faziam as deles, atraindo olhares de muitas garotas — e nos deixando enciumadas. Pela atenção focada neles, é claro.

E assim se sucedeu tudo até o horário do cerimonial.

Jéssica já se separara de nós há quase uma hora para se trocar. Nós ainda estávamos na pista — com disposição total — quando o DJ parou a música. Percebendo que a tão esperada hora da valsa chegara, nós voltamos a nossa mesa, onde sentamos à espera.

Todas as meninas estavam sem sapatos. Dançar era legal, mas passar a festa inteira usando salto alto não era tão fácil assim. Nós os colocamos de volta ao sairmos da pista.

A música 1, 2, 3, 4 do Plain White T's começou a tocar no fundo e, então, Jéssica apareceu, esplêndida, subindo as escadas. Ela se balançava conforme o ritmo da balada, cantando baixinho. Usava um vestido incrível, como o de uma noiva: era branco e comprido, escondendo o sapato idêntico ao da Cinderela — apesar de duvidar que fosse de cristal — que aparecera uma vez quando ela pisou no degrau de baixo, cheio de pedrinhas refletindo as luzes coloridas do lugar. No busto, o decote se sustentava por uma fina alça trançada. À cabeça, uma tiara se perdia em meio aos fios cacheados.

É claro que todas as meninas já se desmanchavam em lágrimas antes mesmo

de o príncipe, um primo de Jéssica, aparecer, vestindo a mesmíssima roupa do príncipe da Cinderela, segurá-la pela mão e levá-la à pista de dança.

Após a valsa com o pai, irmão e tios, Jéssica fez as homenagens, entregando um buquê de rosas para várias amigas — incluindo eu mesma.

Quando ela pensou que havia terminado, vieram as surpresas. Em parceria com os pais da garota, seus melhores amigos haviam combinado homenagens para a aniversariante. Eles montaram um filme com fotos e vídeos de Jéssica e, enquanto ela chorava de emoção, sua melhor amiga, Camila, e seu primo-príncipe começaram a tocar — ele na guitarra e ela no vocal — *Hold You Down*, da Jennifer Lopez.

Eu observava tudo abobada, com lágrimas de emoção escorrendo por meus olhos. Sempre achei lindas essas surpresas de amigos, demonstrando tamanha amizade. Antes, porém, eu costumava sorrir e pensar que qualquer um que tivesse essa sorte, como eu tinha com Natan e Jullie, era a pessoa mais feliz do mundo. Naquele momento, eu só conseguia me entristecer. Pensar no quanto as coisas mudaram em tão pouco tempo era extremamente doloroso. E, se eu pudesse fazer um pedido qualquer, não seria para esquecer Natan ou para ficarmos juntos: eu só queria meus amigos de volta.

Então, o parabéns me acordou; meus amigos se levantavam, todos em direção à mesa do bolo para cantar as felicitações. Eu enxuguei as lágrimas, feliz por ter me lembrado de colocar rímel à prova d'água. E, quando voltei à mesa, o DJ recolocou a música, animando novamente a festa.

Eu permaneci sentada, no entanto. A conversa à mesa estava divertida e, mesmo estando em uma *festa*, nos distraíamos com brincadeiras. Nossos pés doíam após tanta dança e queríamos descansar um pouco.

— Júlia.

— Joana.

— Jerivaldo.

— Que?! — Nós olhamos para a cara de Gustavo enquanto ríamos.

Estávamos brincando de “stop!” sem papel. A letra caíra em “J” e decidimos que seria com nomes.

— Existe, gente! Vocês nunca viram?

— Eu não — falei com a sobancelha erguida.

— Pois existe! Continua.

— Juliana.

— Juliane.

— Assim não vale, galera — esperneou Carol, uma das participantes. — Imagina: Juliana, Juliano, Juliany, Juliani, Jerivalda, Jenevalda. Qual é?

Nós explodimos em risada com os dois últimos.

— Amores, esperem aí. Eu vou pegar alguma coisa pra comer.

Levantei da cadeira, sorrindo abobada por estar me divertindo tanto, e segui

até a mesa de frios.

Enquanto fazia um prato com alguns petiscos, notei Jullie com a expressão preocupada, vasculhando o salão com os olhos. Eu já a vira antes passeando pelo local à procura de alguém e eu podia apostar que era Douglas. Pensando bem, percebi que não o via desde antes do cerimonial e comecei a ficar apreensiva também.

Continuei a pôr petiscos em meu prato, no entanto, e, ao terminar, me virei e vi Natan e Leticia sentados em um dos pequenos pufes que havia no canto da pista de dança. Eles dividiam o mesmo lugar; Natan sentava em baixo e Leticia estava em seu colo. Eles trocavam carícias e selinhos enquanto sorriam um para o outro em meio a curtas frases. E pareciam tão felizes...

Eu suspirei e desviei o olhar. Quando já seguia de volta à mesa, porém, Leticia olhou em volta e, me vendo, me chamou com a mão. Resistindo ao impulso de ignorá-la, segui até eles.

— *Hello* — cumprimentei, arrastando um pufe vazio para o lado deles. Me joguei ali e sorri para os dois.

— Cansou? — Leticia deu uma risadinha.

— Sim. E a gente tava brincando de adedanha lá na mesa.

— Adedanha? Numa festa de aniversário? — Natan soltou uma risada. — Só você mesmo.

— Nem vem. Se você não tivesse dando uns amassos, ia adorar brincar também. E Leticia também — acusei. Ela levantou os braços, rindo.

— Eu nem falei nada.

Olhei para um grupo de adultos na pista, dançando desengonçadamente e sorri. Girei a cabeça novamente para Leticia e Natan, mas me arrependi. Os dois estavam com as mãos dadas agora, se beijando.

Como Natan e eu nos afastáramos depois do meu namoro, eu raramente via cenas como essa. E, quando acontecia, meu estômago se embrulhava, dando uma reviravolta esquisita. Exatamente como naquele momento. Desviei novamente o rosto e logo topei com Jullie, vindo em nossa direção.

Olhei-a com surpresa, sem conseguir evitar.

Ela estava *realmente* vindo em nossa direção. Parecia meio envergonhada e, por isso, suspeitei quealaria comigo.

Acertei.

— Oi, gente... — Natan e Leticia se desgrudaram ao serem interrompidos. — Er, Anna, você por acaso viu seu irmão por aí? — Ela coçou a cabeça, desconfortável, evitando me olhar.

— Na verdade, não. Eu não o vejo há umas duas horas — respondi sem ser rude nem nada. Naquele momento, não pensava em minha briga com Jullie. Minha cabeça estava em Douglas e na besteira que ele, com certeza, estava fazendo.

— Tô procurando ele há um tempão. Nem telefone ele atende.

— Você procurou lá em cima?

— Sim, mas já faz um tempo.

— Eu vou lá procurar de novo. Dá mais uma olhada pela festa — pedi, tentando evitar que ela subisse. Virei o rosto, trocando olhares significativos com Natan.

Julie não pudera ir a muitas das festas do ano anterior, mas meu amigo me acompanhara em todas e nós dois sabíamos tudo o que Douglas costumava aprontar. Principalmente quando estava com os amigos idiotas de sua turma.

— Anna. Eu não sou idiota, tá? Eu sei como o Douglas é. Eu vou com você.

Encarei-a por alguns segundos, mas vi que não haveria jeito. Me levantei e ela me acompanhou escada acima. Talvez, eu estando junto, conseguisse impedir que Douglas fizesse ou falasse qualquer burrada que o prejudicasse.

Só talvez.

CAPÍTULO 22

Olhei ao redor por desencargo de consciência, mas não havia ninguém. É claro que ele não estaria ali, na entrada do salão. Acho que nem era permitido.

Continuei seguindo ao lado de Jullie, atravessando a ponte que nos levava até a saída. Tentava escutar alguma coisa, mas o barulho da festa ainda era muito alto, mesmo ali fora. Parei em frente ao segurança, que se recostava ao portal e nos olhou ao perceber a aproximação.

— Com licença. O senhor pode nos dizer se viu algum garoto parecido comigo passar por aqui? Cabelo preto, um pouco mais alto do que eu...? — tentei. Não custava nada perguntar.

— Não é um daqueles ali? — perguntou sem nem pensar, com uma expressão de desaprovação, apontando para algo à esquerda além da minha vista.

Caminhei mais para frente, tendo uma ampla visão da rua e pude ver uma rodinha de garotos, alguns recostados à parede, outros ao carro à frente, a vários metros do salão. Distingui claramente Douglas entre eles.

— É, obrigada. — Sorri rapidamente para o segurança e olhei Jullie de esguelha. Ela aparecia aliviada por ele não estar fazendo nada demais.

O problema era que Douglas *estava* fazendo algo demais. Ele e seus amigos tinham ao chão e às mãos várias garrafas de energético, vodka e cerveja. Eles riam descontroladamente enquanto conversavam. Via-se claramente que estavam bêbados. E era aí que estava o perigo. Jullie não tinha muita experiência, mas eu conhecia meu irmão bem demais. Eu já presenciara suas bebedeiras com os amigos e eu já presenciara sua mudança de personalidade quando o álcool invadia seu organismo.

Há pessoas que choram quando bebem, outras que fazem coisas malucas. Bem. Douglas era do tipo que ficava com raiva. E a descontava em todo mundo. Não com agressão física, é claro — nem ele mesmo se perdoaria se o fizesse —, mas as coisas que ele falava talvez fossem até piores do que uma bofetada.

Jullie caminhou até a rodinha, e eu corri atrás dela, segurando-a.

— Jullie, por que você não volta para a festa e me deixa cuidar do Douglas?

Ela puxou o braço em que eu colocara minha mão e revirou os olhos.

— Não precisa. Obrigada por ter vindo comigo, mas eu consigo me virar. — E continuou a andar até ele.

Corri atrás dela, pensando em algo a dizer para que me ouvisse. Mas eu sabia que nada adiantaria.

— Douglas! — chamou do meio da rua, provavelmente não querendo conversar em frente aos amigos dele.

Douglas virou o rosto, só então nos percebendo ali. Ele caminhou

decentemente até a namorada. Isso era, certamente, uma das coisas que eu admirava em meu irmão. Ele era uma das poucas pessoas que conseguia parecer sóbrio mesmo quando ingerira litros e litros de álcool. Já sua boca, nem tanto.

— O que você tá fazendo? Eu tô te procurando há horas e você aqui bebendo com seus amiguinhos! — explodiu Jullie.

Se Douglas ainda pretendia ser decoroso com ela, ele mudara de ideia naquele instante.

— Que foi? Agora não posso mais ficar com meus amigos? Desculpa se você largou os seus por minha causa, mas é bom ficar longe de você de vez em quando!

Minha amiga ficou sem fala por alguns instantes.

— Douglas... — repreendi, fazendo menção de me aproximar.

Meu irmão estendeu a mão, sinalizando que eu não deveria continuar.

— Não, Anna! Deixa a gente conversar. Isso é entre a Jullie e eu! — Ele nem mesmo me olhara enquanto falava. Seu rosto estava focado na namorada.

— Bem, você nunca tinha reclamado disso antes, mas talvez seja apenas mais uma coisa pra colocar na sua lista — falou Jullie, ignorando minha tentativa de fazê-los parar.

— Há! Agora o reclamo sou eu? Claro, Juliana. Porque eu não ouço calado enquanto você implica com cada uma das minhas amigadas, meus atrasos, minhas falas, até minhas tentativas de te agradecer!

— Você é um grosso, estúpido!

— E você é uma possessiva chata! Não aguento mais! Não aguento mais isso tudo. Não aguento seu grude, suas reclamações! No dia que você voltar a ser a garota por quem eu me apaixonei, me dá uma ligada, beleza?

E dando as costas a ela, Douglas foi embora, pisando forte e soltando bufadas irritadas. Antes de desaparecer na rua à esquina, ele espatifou a garrafa de cerveja que segurava, atirando-a no chão com força.

Após a discussão, a rua ficou em silêncio, exceto pelos barulhos da festa. Todos os amigos de Douglas observavam a briga, calados, percebendo que dessa vez era sério mesmo.

Jullie paralisara no meio da rua, mas quando me aproximei para abraçá-la, ela se distanciou.

— Me deixa em paz, Anna.

E correu para longe, desaparecendo da minha vista em apenas alguns segundos.

— O que foi isso tudo? — ouvi uma voz atrás de mim e me virei automaticamente, encontrando o olhar surpreso de Natan.

— Você tava aí o tempo todo? — Franzi o cenho. Nem me dera conta de sua presença.

— Não, eu acabei de chegar. Vim procurar vocês. O que aconteceu? Douglas?

Suspirei, caminhando até onde ele estava parado ao mesmo tempo em que ouvi os amigos de Douglas voltarem a farrear, sem nem mesmo se preocuparem com o colega. Nós caminhamos lado a lado, voltando ao salão. Expliquei para ele, resumidamente, até chegarmos à ponte de volta.

Natan ia continuar para dentro do salão; eu, no entanto, parei.

— Não vai entrar? — perguntou ao perceber que eu ficara para trás.

Fiz uma careta. Não me sentia bem, depois de presenciar aquela briga, para voltar à bagunça. Para mim, a festa tinha acabado.

— Acho que vou ficar por aqui um pouco. Perdi o ânimo. — Dei de ombros. — Pode ir. Daqui a pouco eu entro.

Natan me olhou como se eu fosse pirada.

— E desde quando eu te deixo sozinha quando você tá mal?

Eu sorri, reconfortada. Era tão bom que, mesmo afastados, Natan não esquecesse nossa amizade e ainda me fizesse bem com suas frases de apoio.

Meu amigo andou até mim, passando o braço ao redor do meu pescoço em um abraço de lado, e nos guiou até o banco de madeira que havia no jardim do salão, bem ao canto. Nós nos sentamos em silêncio e eu segurei minha máscara, puxando-a para cima, agora me sentindo sufocada com ela. Pousei-a ao meu colo enquanto Natan fazia o mesmo com a sua.

Não falamos nada por vários minutos. De repente, toda aquela situação parecia me asfixiar: Douglas, Jullie, Gustavo, Letícia, Natan. Eu queria me livrar de tudo, toda aquela sensação de impotência diante da minha própria vida, do meu próprio destino. Era como se eu fosse uma espectadora e não pudesse mover um dedo para fazer com que o eixo mudasse, com o que o mundo girasse de modo diferente.

— Nina?

Virei a cabeça, que estava encostada no banco de madeira, para olhá-lo.

— Desculpa por ter deixado que a gente se afastasse. — Ele olhou para o chão enquanto eu avaliava sua expressão. Largou sua máscara ao seu lado, no banco, e entrecruzou as próprias mãos.

— Não é sua culpa, Nael.

— É. É sim — contrariou-me.

— Não é. Só foi mais fácil...

Natan ergueu a cabeça, encarando-me com confusão. Eu mordi o lábio, preocupada se deveria continuar ou não. Então, me decidi: se ficar calada não dera muito certo, talvez eu devesse simplesmente dizer a verdade.

Enchi-me de súbita coragem e completei:

—... Pra te esquecer.

Meu amigo piscou. Sua boca se abriu e eu percebi que elealaria alguma coisa. Fui mais rápida. Agora que começara, eu precisava terminar.

— Não diz nada, só me deixar falar, por favor — pedi, ajeitando-me no banco para que ficasse totalmente de frente para ele. — Eu sei que você não esperava isso. E talvez nem seja o melhor momento. Mas eu tô entalada há muito tempo e nada do que eu faço ou decido parece me ajudar a tirar de mim esses sentimentos.

“Nael... Eu te amo. E não é amor de amigo, é muito mais do que isso. — Respirei fundo, sentindo as palavras simplesmente saírem. — É uma coisa que eu não sei explicar como aconteceu. Eu acho que eu já sabia isso desde sempre, mas me enganava, dizendo que era só amizade. Nossa amizade é a mais incomum de todas que eu já vi e o que eu sinto por você não é normal, entende? Mas nós crescemos juntos e tinha para mim que você era como um irmão. E quando eu finalmente entendi tudo, foi um choque. Porque eu não sabia como lidar com esse sentimento recém-descoberto. Eu não sabia o que fazer com ele e é por isso que, desde então, tudo tem desandado.”

Sentia como se um peso tivesse sido tirado de minhas costas. Eu estava aliviada e até surpresa com tudo o que tinha dito. Havia coisas ali que eu nem mesmo reparara antes — ou não me tocara. Mas tudo saiu com tamanha facilidade que eu me assustei. E enquanto Natan assimilava o que eu acabara de revelar, parei para pensar no assunto.

Num momento de carência, eu começara a perceber o que sempre estivera bem na minha frente e eu, cega, não notei. Mas quando a verdade é jogada na sua cara desse jeito, nem sempre o resultado é bom. E é por isso que, depois da descoberta, tudo simplesmente desabou. Porque o que me ligava a Natan não era esse amor romântico que nutria quase inconscientemente. Era nossa amizade. E quando o amor entra no meio de um relacionamento como o nosso, é difícil fazer tudo voltar a ser como era antes.

Então, Natan reagiu. Ele se ergueu do banco, dando a volta e indo parar atrás dele, de costas para mim. Ele suspirou, pousando a mão em sua testa e escorregando-a por seus cabelos castanhos de uma maneira frustrada... E ri. Uma risada seca, sem humor. Do tipo que se dá quando, na verdade, queremos chorar.

Levantei, andando devagar até ele. Encarei suas costas com apreensão. Falar poderia ter sido um alívio, mas será que ouvir sua resposta também seria?

— Não acredito que você tá fazendo isso comigo, Anna. *Não agora.* — Mas foi um sussurro tão baixo que suspeitei que ele estivesse falando consigo mesmo.

Eu recuei, sentindo-me uma idiota. Toda a tranquilidade se esvaiu, deixando-me nervosa novamente.

— Desculpa. Eu... Eu não devia ter falado isso... — Engoli em seco. Meu coração batia a mil. — Droga.

Respirei desesperada e girei para ir embora. Natan me impediu, apressando-se para se aproximar e segurar minha mão.

— Não! Nina... — Eu virei, arfando. — Eu... Eu também te amo. Céus! Acho que você foi a única que nunca percebeu. Desde que eu te vi pela primeira vez, sentada naquele banco do colégio, parecendo um anjo de tão linda. Mas eu tinha sete anos! Eu não sabia diferenciar amor de amizade, não sabia nem mesmo o que era aquilo que eu sentia sempre que te via. A gente cresceu e, por vezes, eu achava que você sentia o mesmo. Mas você nunca disse ou tentou demonstrar nada. Então, veio o Davi, depois o Gustavo... E o que eu poderia fazer? Eu sempre tive medo de te contar.

Achei que meu coração fosse pular para fora tamanha força com que batia. Então... Jullie estava certa? Natan realmente me amava?

Encarei aqueles olhos tão intensos, quase me perdendo diante de tanto azul.

— Por quê? Se você tivesse me dito...

— O que teria acontecido, Nina? Você corresponderia? Corresponderia como naquele dia da Floresta da Tijuca?

Eu abri a boca, mas não proferi nenhuma palavra.

Natan deu mais um passo, segurando minhas duas mãos, sem quebrar nosso contato visual.

— Naquele dia... Eu prometi para mim mesmo que te daria uma chance de descobrir o que eu sentia. Eu tinha tudo planejado, mas amareleí. Não tive coragem de te contar, mas o beijo foi inevitável. Eu sei que fiz tudo errado. Só que eu tive medo de te perder — admitiu. Parecia muito difícil para ele falar, porém seus olhos demonstravam uma determinação que eu vira poucas vezes na sua vida. — Se eu tivesse dito e você não correspondesse só Deus sabe o que teria acontecido. Nós poderíamos, hoje, nem ser tão próximos quanto somos, Nina. E isso eu não conseguiria suportar. Eu não aguentaria ver nossa amizade desaparecer por conta de um sentimento idiota. Eu achei que, se deixasse de lado, ele sumiria. — E, então, sussurrou envergonhado: — Mas eu tava errado.

— Parece que nós dois fomos belos idiotas — brinquei apesar de não sentir a menor vontade de rir.

— Você jura que tá fazendo piada agora? — perguntou, rindo sem acreditar. Dei de ombros.

— Você me conhece, né?

Natan abaixou a cabeça.

— Conheço — confirmou, balançando-a afirmativamente. — É por isso que não consegui evitar me apaixonar por você.

Meu estômago deu uma brusca reviravolta com a declaração. Será que era possível morrer de felicidade?

Nós nos encaramos por algum tempo após sua revelação enquanto eu tentava engolir o que acabara de ouvir. Seus olhos me transmitiam uma paz jamais sentida. Ficamos assim por vários segundos até que não consegui mais me segurar e o puxei pela nuca para mais próximo de mim. Nossos lábios ficaram a

milímetros um do outro, praticamente se tocando, ao mesmo tempo em que respirávamos forte, nenhum dos dois querendo fazer nenhum esforço para impedir o que estava pra acontecer.

Eu sabia que era errado. Sabia que aquilo poderia acabar mal. Queria conseguir lembrar que estava prestes a cometer um erro terrível, que a qualquer minuto Gustavo ou Letícia — ou até mesmo os dois — poderiam aparecer e ver aquela cena, mas ainda assim não consegui me frear. Não quando eu passara os últimos três meses me torturando com aqueles sentimentos secretos. Agora que todas as cartas estavam jogadas à mesa, eu queria continuar e provar para mim mesma que contar fora o certo a ser feito.

Contra toda a minha racionalidade, deixei meus instintos falarem mais alto e acabei com qualquer espaço ainda existente entre Natan e eu. Encostei meus lábios nos dele, sentindo no exato instante uma corrente elétrica percorrer meu corpo inteiro. Até então, tudo o que eu fizera fora com lentidão, apreensão. No entanto, no momento em que nossos lábios se tocaram, toda a consciência que eu ainda tinha fugiu e, ao sentir a boca dele se abrir em resposta, correspondendo às minhas ações, aprofundi o beijo com urgência.

Lembrava-me vagamente do primeiro, no dia de nosso passeio, e minha ansiedade era tamanha para senti-lo novamente que tudo ficou acelerado. Minhas mãos não conseguiam se decidir onde queriam tocar Natan primeiro e ficava ainda mais difícil pensar quando sentia sua mão deslizar pela minha cintura e sua boca se movimentar tão habilidosamente sobre a minha.

Arrepios sucessivos eram sentidos a cada toque e meu coração crepitava como brasa. Por mais intenso e maravilhoso que fosse o beijo de Gustavo, ele jamais chegaria aos pés do beijo de Natan. Não era apenas um cru entrelaçar de línguas, era uma mistura de paixão, carinho, amizade, amor. Perto de Natan, tudo dentro de mim se embaralhava, perdia o sentido. Era como se eu não fosse eu mesma. Ou talvez eu só o fosse quando estávamos juntos.

Quase inconscientemente, começamos a caminhar para a lateral do salão, onde fui prensada na parede. Ainda nos beijávamos como se o mundo fosse acabar no dia seguinte e, por mais que precisasse de oxigênio para respirar, não tinha forças — ou coragem — para desgrudar de Natan. Se eu pudesse ficar ali para sempre, certamente o faria.

Porém, cedo demais, Natan se afastou, obrigando-me a ofegar e respirar fundo em busca de ar. Abri os olhos, encontrando seu rosto ainda perto. Minha mão elevou-se até seu rosto, acariciando-o. Sentia todo o meu corpo formigar e, por dentro, perguntava-me insanamente o que diabos estava acontecendo. Era tão estranho, depois de todo nosso histórico de amizade, estar beijando meu melhor amigo, mas ainda assim parecia... Certo. Como se fosse para ser e só eu ainda não tivesse enxergado.

Natan fechou os olhos, aproveitando o carinho. Ele ofegava assim como eu.

— Nina... — Não gostei de seu tom e sabia que ele traria de volta toda a racionalidade que eu permitira ir embora. — Você tem namorado.

Eu grunhi, odiando-o naquele momento.

— Eu sei, eu sei! Deus! Por que eu sempre tenho que ser tão idiota?

Observei seus olhos se abrirem e vi sua dor estampada.

— Você preferiu ele.

— Não! — Segurei seu rosto, desesperada por essa ideia ter sequer passado por sua cabeça. — Não! Eu gosto do Gustavo, mas... Ele não é você! Eu tava com medo pela nossa amizade, pela amizade da minha prima... Por isso aceitei namorá-lo. Achei que se ficasse com Gustavo, esqueceria tudo o que sentia, mas... Não foi bem assim. Eu não consegui ficar um segundo sem pensar em você.

Podia ver a batalha interna que Natan travava dentro de si. Ele queria simplesmente aceitar o que eu dizia, mas sabia que precisava ser sensato.

— Mas você tá com ele — falou com calma, suspirando.

— E quero estar com você — completei, sentindo-me confusa.

Por que tudo tinha que ser tão complicado?

Encaramo-nos com tristeza, confusos e sem saber o que fazer. Uma das mãos de Natan ainda segurava minha cintura enquanto a outra contornava os traços do meu rosto. Ele os desenhava como se gravasse cada detalhe meu. Parecia nem me ver realmente, só movia os dedos de um jeito carinhoso.

Fechei os olhos, ainda não acreditando na situação em que nos encontrávamos. Ia começar a pensar sobre isso quando os lábios de Natan se encostaram aos meus novamente, pegando-me desprevenida. Correspondi ao seu beijo, já voltando a sentir os arrepios se espalharem.

Nunca antes eu sentira igual felicidade. Era como se o mundo de repente se encaixasse, se consertasse. Dizem que quando você se apaixona, passa a ver tudo mais colorido. Naquele momento, eu podia afirmar com cem por cento de certeza que, quem quer que tivesse dito esta frase, estava tão apaixonado quanto eu.

Estar com Natan era como se meus sentimentos estivessem passeando em uma montanha-russa. Eu me desesperava, então, com seu toque, ficava bem novamente. Ia de cima a baixo com tamanha facilidade que era até engraçado. Naquele momento, eu estava no pico mais alto da pista e, por mais que soubesse que em alguns segundos, seria sugada pela descida, não consegui deixar de aproveitar quando as mãos de Natan alcançaram meu cabelo, segurando-o com leveza, e meu lábio inferior foi mordido por ele.

E aí, eu caí em mim.

— Ai! Você tá com minha prima — lembrei, de repente, após me separar bruscamente de seus lábios.

Bati minha cabeça em seu tórax, percebendo o quanto nossa situação era

realmente complicada.

— Nina, a Leticia é incrível, mas... *Ela não é você* — citou minha própria frase. — Se eu tiver que terminar com ela, eu termino. A questão é: você terminaria com Gustavo? Porque eu acho que você tem uma decisão a ser feita.

E, me pegando totalmente de surpresa, outra voz se fez presente, vindo de trás de Natan:

— Acho que ela já decidiu.

Somente quando meu melhor amigo se afastou, pude ver quem era. Mas aquela voz, eu a conhecia bem.

Encarei Gustavo enquanto tudo dentro de mim girava. Estava triste por aqueles minutos tão perfeitos terem acabado, por terem acabado dessa maneira, por ele ter nos encontrado e, principalmente, por ver a decepção claramente estampada em seus olhos.

Independente do que sentia por Natan, Gustavo ainda era importante para mim. Fora ele que me ajudara a enfrentar todas as minhas brigas com meu melhor amigo, ele alegrara meus dias mais tristes e me encantara com seu jeitinho. Não dava para negar que eu realmente gostava dele. E saber que toda aquela desilusão que via em seu rosto fora causada por mim era extremamente doloroso.

A sensação de culpa me atingia em cheio. Eu precisava dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Mas quando abri a boca, nenhum som saiu.

— Me poupa, Anna. — A voz de Gustavo era tão seca que eu quase não a reconheci. Ele parecia estar precisando de muito autocontrole para não explodir e eu não podia culpá-lo. — Nada do que você disser vai mudar isso.

— Gustavo... — Desencostei da parede, caminhando para mais perto dele. Assim que o fiz, ele deu um passo para trás. Parei. — Me... Me desculpa — gaguejei. Patético, eu sei.

— Eu não disse para me poupar? — explodiu. — Cada coisa que você diz parece aumentar essa sua hipocrisia. Me lembro de você toda triste porque tinha sido traída. Que legal, Anna. Tamanho drama pra agora fazer a mesma coisa?

A cada palavra que ele proferia um aperto se dava em meu coração.

Ele se virou para ir embora e eu tentei pará-lo. Não sabia o que dizer. Só que... Como eu poderia vê-lo sumir por aquela porta, sabendo que causara seu sofrimento?

— Espera, Gustavo! — Segurei em seu braço, forçando-o a parar.

— Não! Me esquece, Anna! — Ele pegou minha mão e a tirou de si quase como se tivesse nojo. — Fica aí com seu Batman porque o Príncipe Encantado aqui percebeu que tá no conto errado.

Então, ele se foi, me deixando para trás com o choro entalado na garganta. Senti as mãos de Natan envolverem as minhas, me puxando de volta ao canto do jardim. Ele me virou de frente, segurando meu rosto com carinho.

— Eu tenho a incrível habilidade de estragar tudo, não tenho? — perguntei, cabisbaixa.

— Claro que não, Nina. Seu erro foi não ter admitido o que sentia antes. Agora, pelo menos, ele sabe a verdade.

Natan me olhou, triste por me ver chateada, e me abraçou em consolo. Ele me apertou contra sua roupa de Batman quando retribuí o abraço. Ficamos naquela posição por quase cinco minutos; ele acariciava meus cabelos, deixando-me em um estado de profunda calma. Quando ia falar, porém, outra voz invadiu meus ouvidos, fazendo-me congelar.

— Anna? Natan? — Era Leticia. Reconhecia sua voz apesar de não poder vê-la de onde estávamos.

Afastei-me de Natan automaticamente com o olhar arregalado. Ele simulou uma respiração funda, como se me pedisse calma.

— Aqui! — ouvi-o gritar em resposta.

Em apenas alguns segundos, Leticia apareceu em nosso campo de visão.

— Eu tava ficando preocupada, já! Vocês demoraram. Aconteceu alguma coisa? — Ela franziu o cenho. — E cadê o Gustavo? Ele veio procurar vocês...

Respirei fundo, tonta diante de tantas perguntas.

— A gente brigou e ele foi embora. Você sabe como ele é com o Natan. — Fiz uma careta.

Eu não exatamente mentira para ela, mas me sentia mal de qualquer maneira somente por tê-la traído de tal forma e ainda precisasse omitir.

Leticia pareceu surpresa.

— Que besteira! — Ela fez uma pausa. — Mas tu tá bem?

Concordei instantaneamente.

— Tô, sim. — Só, então, reparei que ela tinha duas bolsas à mão. — Essa bolsa é a minha?

Ela olhou para baixo, lembrando que a trouxera.

— Sim. Já são quase duas horas, achei que pudesse precisar do telefone. Sua mãe não falou que vinha esse horário?

Concordei com a cabeça, aceitando a bolsa que ela estendia.

— Podem descer, vou ficar aqui mais um pouco. Te chamo quando ela estiver chegando.

Leticia deu de ombros e puxou Natan pela mão, voltando para festa. Ele me lançou um último olhar antes de acompanhá-la e eu sabia que não gostara de tê-lo dispensado naquele momento. Mas o que eu podia fazer? Se o pedisse para ficar, minha prima também o faria e a última coisa que eu queria naquele instante era ter que colocar minha máscara de volta.

Esperei eles sumirem porta adentro e, em vez de sentar e pensar, simplesmente atravessei a ponte para a saída enquanto pegava meu telefone. Não queria voltar para casa, nem muito menos continuar ali.

E só havia um lugar para me acalmar em momentos como aquele.

CAPÍTULO 23

“Enfim, sós” foi a única coisa que passou pela minha cabeça quando bati a porta do táxi e encarei aquela imensidão azul a minha frente. Caminhei até a faixa de areia, observando o vazio em que se encontrava a praia àquela hora da madrugada. Qualquer pessoa normal teria sentido medo. Eu mesma não conseguia acreditar que, depois do meu quase afogamento, tivera coragem de retornar. Porém, era inegável meu amor pelo local e, quando vasculhei em minha mente por lugares para onde ir naquele instante, o único que me pareceu realmente acolhedor era aquele que eu amava desde pequeninha.

Afundi meus pés na areia gelida. Ainda vestia a fantasia da noite anterior, porém tirara a bota preta e a correia e as segurava nas mãos juntamente com a máscara. Já era ruim o suficiente que estivesse só de top e calça de couro, andar por aí parecendo a Mulher-gato era pedir para ser assediada.

Meu celular tocava sem parar dentro da pequenina bolsa. Eu queria atendê-lo por saber quem era, mas ao mesmo tempo não queria por suspeitar que minha mãe me daria um belo de um sermão, perguntando onde eu estava, o que tinha acontecido e me mandando voltar para casa imediatamente.

“Eu tô bem”, digitei e enviei a mensagem. Em trinta segundos, recebi a resposta — que apesar de não conter emoções, quase conseguia parecer extremamente preocupada: “Onde vocês estão?”

Olhei por alguns segundos para a tela antes de desligar o celular. Meu irmão também não tinha aparecido, afinal. Ergui a cabeça, observando minha amada praia de Ipanema. Eram quase duas e meia da manhã. Eu não conseguia ficar na festa por nem mais um minuto e imaginar sentar ao lado de Letícia, tendo que fingir que nada acontecera, era quase insuportável. Eu sabia que minha mãe ficaria louca da vida quando descobrisse que eu já me fora, mas não estava realmente preocupada — pelo menos, não naquele instante.

Caminhei até mais à frente, onde as ondas quebravam. Observei a água quase quente deslizar pela areia até meus pés descalços e voltar para o mar com a mesma rapidez que viera. Fechei os olhos por alguns segundos e o vento de inverno vindo do oceano atingiu meu rosto com tamanha leveza que senti que poderia dormir em pé, ali mesmo.

Olhei para a extensão à minha frente. Algumas pessoas ainda se encontravam no local: alguns participavam de luaus, outros estavam lá sem rumo, assim como eu, outros ainda simplesmente sentiam-se bem por estar ali. Ninguém me notou. Eu, no entanto, foquei meu olhar no garoto a alguns metros à frente. Com as mãos para trás e o corpo inclinado, seus cabelos arrepiados bagunçavam sempre que o vento o atingia, mas ele parecia distraído em observar as ondas quebrarem.

— Somos mesmo irmãos, afinal — disse sorrindo sem vontade ao sentar ao

lado de Douglas. Eu não estava surpresa por encontrá-lo.

Douglas deu de ombros e, só então, notei a tristeza em seu rosto - e seu cheiro de álcool. Seu olhar caído era de dar dó em qualquer ser com coração. Estava cabisbaixo, calado... Tudo o que Douglas normalmente não era; ele parecia arrasado.

— Eu sou um idiota, não sou? — perguntou sem me olhar.

Cogitei a possibilidade de mentir para consolá-lo. Mas desde quando eu amenizava as coisas para que Douglas se sentisse bem? Talvez esse fosse o motivo de tanta implicância. No fim das contas, porém, sempre procurávamos o outro para nos obrigar a enxergar a verdade.

— Quando você quer, sim. — Ele me encarou rapidamente, revirando os olhos.

— Valeu — agradeceu com deboche.

Eu sorri um pouco surpresa por tê-lo chateado.

— Você podia não ter sido tão rude... — expliquei. — Mas a Jullie tava precisando ouvir algumas coisas.

— Não foi culpa minha, você sabe — murmurou, constrangido, olhando-me de canto de olho. Eu sabia que ele se referia à bebida, mas neguei com a cabeça.

— Foi, Douglas. Se não tivesse bebido, não teria dito nada daquilo. Pode ser que você não tivesse a mesma coragem, mas não a teria magoado. — Suspirei. — Mas não se preocupa. Você não foi o único a cometer erros essa noite.

Douglas me analisou por alguns segundos, pensativo.

— O que *você* fez?

Mesmo que eu não tivesse dito nada, sabia que Douglas perceberia algo errado. Éramos irmãos, não éramos? Tínhamos uma relação conturbada, embaraçada e até agressiva, mas ninguém podia negar que nos amávamos. Eu podia querer bater em Douglas a quase todo segundo em que estávamos juntos, mas isso não significava que eu conseguiria viver sem ele. Tortura, sim. Morte, jamais.

— Me declarei pro Natan.

Douglas virou o rosto bruscamente, surpreso.

— Finalmente?

Eu franzi o cenho.

— Como assim “finalmente”?

Meu irmão riu, a primeira risada verdadeira que ele dava naquela madrugada.

— Ah, qual é, Anna? Todo mundo via que havia alguma coisa. O Natan praticamente caía de quatro por você.

— É sério isso? — perguntei, o olhar arregalado.

— Claro que é. A gente fez até uma aposta de quando vocês ficariam juntos.

Ergui a sobrancelha. Ele fez uma *aposta*?

— “A gente” quem?

— Jullie, minha mãe e eu.

— *Minha mãe?! — quase berrei.*

Douglas começou a gargalhar com vontade.

— É. — Ele afinou a voz para citá-la. — “Ai, faço tanto gosto desse namoro. O Natan é um amor de pessoa. Por que minha Anninha não enxerga isso?”

Sacudi a cabeça, ainda sem acreditar que minha própria mãe fizera uma aposta sobre meu relacionamento com Natan. É claro que mães sempre sabem, mas... Céus! Dez anos e eu só descobria tudo aquilo naquele momento? Se somente eu tivesse notado mais cedo, talvez as coisas fossem diferentes.

— De qualquer maneira... Por que se declarar foi um erro? — questionou após alguns segundos.

— Me declarar não foi o erro — neguei como se aquilo fosse óbvio.

— Não? O que foi, então?

Aparentemente, não era óbvio.

— O erro foi a gente ter se beijado.

Meu irmão arregalou ainda mais os olhos. Ele ficou perplexo e quase pude ver sua cabeça oca utilizar os poucos neurônios restantes para somar um mais um.

— Gustavo e Letícia viram? — perguntou ao entender toda a situação.

— Só Gustavo. — Pausei, mas logo continuei sem querer pensar muito mais na lembrança. — Mas foi ruim de qualquer maneira.

— Uau. E eu achando que essa noite não poderia ficar mais estranha. — Eu ri sem humor.

Desviei meu rosto do de Douglas e encarei o céu sem estrelas acima de mim. Eu não queria pensar em nada naquele instante, mas parecia impossível que meus pensamentos não fossem automaticamente guiados para tudo o que ocorrera aquela noite.

Apesar da decepção de Gustavo, uma parte de mim não podia deixar de ficar feliz. Eu não conseguia acreditar que me declarara para Natan e não só isso: que ele me correspondera. Era simplesmente mais do que eu poderia imaginar.

— Ai, não quero mais pensar — declarei, jogando os braços acima da minha cabeça. — A vida é uma droga e pronto. Sério, por que tudo sempre acaba mal? — perguntei com uma espécie de melancolia que não me pertencia. Douglas suspirou.

— O problema, Anna, é que você sempre pensa na felicidade dos outros antes da sua própria. — Ele me olhou. — Por que você não pode lutar pela sua ao invés de se preocupar com a dos outros? Você acha que foi melhor ficar com Gustavo e traí-lo agora do que se tivesse dito que gostava de Natan?

— Mas eu gosto de Gustavo... Também. Eu fiz minha escolha. Só que...

— Não foi a certa — completou. Eu concordei com a cabeça. — Talvez a

vida esteja te dando uma nova oportunidade.

Ergui-me da areia, apoiando em meus cotovelos.

— E como ficam Letícia e Gustavo?

— Acho que, com o Gustavo, você não tem mais nenhuma chance. — Douglas ergueu a sobancelha significativamente. — Quanto à Letícia, é uma decisão sua. Mas você vai saber o que fazer. Você sempre sabe. — Ele jogou o braço direito ao redor de meu pescoço e me puxou, quase me enforcando. — Você é a mais esperta da família.

— Obrigada... Eu acho — grasei com falta de ar. — Pode me soltar agora?

Ele sorria de lado e afrouxou o aperto.

Apreciamos o momento com seu braço ao redor do meu pescoço e minha cabeça recostada em seu ombro. A maresia parecia funcionar para mim, limpando quaisquer pensamentos inconvenientes que pudessem aparecer e me tranquilizando a cada segundo.

Após quase dez minutos, Douglas quebrou o silêncio.

— Anna... — chamou-me em um sussurro. — Jullie e eu tínhamos um relacionamento complicado e eu sei que ninguém vai entender, mas ela é a primeira garota por quem eu me deixo envolver. Por quem eu me apaixono e... Não sei se consigo ficar sem ela.

— Mas eu não sei se a mereço.

— Como assim, Douglas? Você tem sido um namorado muito melhor do que eu poderia imaginar. A Jullie é que estragou tudo.

— Eu fiz isso com ela. Eu a tornei assim. — Ele abaixou a cabeça, consternado.

— Douglas, olha pra mim. — Segurei em seu rosto, forçando-o a me encarar. — A única coisa que você tem culpa é de ter permitido que ela fizesse o que fez com o relacionamento de vocês. Você foi um ótimo namorado! Nenhum de nós poderia imaginar que ela seria assim.

Puxei-o para um abraço.

— Não sei... Eu nunca a vi assim antes, com ninguém.

— Você é o primeiro namorado sério dela. Não tinha como sabermos. Você não tem culpa! — frisei, me afastando para olhá-lo novamente.

— Mas o que eu faço? Não quero desistir de ter *aquela* Jullie de volta.

— Então, não desiste. Luta por ela — disse simplesmente. Como se fosse fácil.

— Como?

— Quando você descobrir, me conta.

Nós rimos com cumplicidade.

— Eu vou te ajudar, ok? — prometi.

— Obrigado. — Ele pausou. — Se você precisar de mim, sabe que pode falar comigo. Mesmo com toda aquela história de irmãos e tal. Eu posso fingir ser seu

amigo por quinze minutos. — Acertei-lhe um bofetão na cabeça. Era de se esperar que fizesse alguma piadinha.

Douglas massageou o local onde fora acertado.

— Cara, você tá ficando fortinha demais!

— Preciso treinar muito ainda. Para quando você tentar fazer uma daquelas barbaridades comigo — falei, fazendo bico.

— Barbaridades, é? Você vai ver o que é barbaridade quando eu tomar coragem para levantar daqui. — Ele deu um sorriso de lado.

— Você não é nem louco.

Ou achava que não fosse.

Mas quando ele se levantou, puxando-me até o mar e derrubando-me lá dentro, eu me arrependi de ter aberto a boca.

— Você não pode ser civilizado por cinco minutos, Douglas? — gritei mesmo sem estar tão irritada quanto queria aparentar. Na verdade, fora até gostoso cair naquela água de roupa, provar que eu ainda podia aproveitar o oceano sem medo apesar do que acontecera ali.

— Com você? Nem pensar!

Tentei puxar Douglas junto e soltei uma gargalhada quando fracassei.

Eu sacudi os cabelos molhados enquanto saía da água e me joguei na areia, grudando-a em cada parte do meu corpo.

— Posso morrer aqui? Ninguém perceberia.

— Eu perceberia. Você tá no meu caminho.

Fuzilei-o com um olhar.

— Você realmente não tem coisa melhor para fazer, não é?

Ele gargalhou.

— Não mesmo.

A qualquer minuto as veias da minha mãe estourariam, eu tinha certeza. Elas pulsavam devido ao seu nervosismo e, pela primeira vez, senti medo de sua reação.

— Vocês têm ideia do tamanho da minha preocupação? Vocês sabem o que eu senti quando cheguei naquela festa e Leticia me contou que vocês tinham simplesmente sumido? — falava ela, tentando controlar sua raiva. Ocasionalmente, fechava os olhos e respirava fundo antes de continuar. — E quando liguei para vocês, mas ninguém atendeu? Aliás, Anna, ótima ideia essa de me mandar uma mensagem contendo um “eu tô bem”. Me tranquilizou muito! — acrescentou, irônica.

Abaixei o olhar, sentindo a culpa invadir cada parte de mim.

Douglas e eu estávamos parados, lado a lado, ambos de pé na sala, em frente à minha mãe. Era a primeira vez que via meu irmão calado durante um sermão — e não era para menos. Tínhamos feito algo realmente impulsivo e

merecíamos cada palavra que nossa mãe nos direcionava.

— Eu não posso acreditar que depois de dezoito anos sendo mãe, serei obrigada a botá-los de castigo pela primeira vez! — Ela estava completamente transtornada. — Um homem como você, Douglas, agindo feito criança? E você, Anna, sempre sensata, fugindo de uma festa às duas horas da manhã? Graças a Deus, não aconteceu nada! Mas posso pensar em mil e uma barbaridades que poderiam.

Eu concordei com a cabeça, sabendo que ela tinha razão. Ela tinha toda a razão do mundo. Este seria o castigo mais bem merecido da face da Terra.

— Eu acho que ‘tou sendo até boazinha demais, mas nada de festa, balada ou qualquer saída noturna durante as férias. O horário de chegada de vocês é às oito e se isso for ultrapassado, estenderei o castigo até depois da volta às aulas. De resto, vocês deverão me perguntar primeiro e somente com um “sim”, serão permitidos saírem de casa.

Ela respirou fundo.

— Mas esse final de semana vocês vão ficar em casa para pensar no que fizeram. E só sairão domingo, com o pai de vocês. — Concordamos em silêncio apesar de ter visto, pelo canto do olho, a boca de Douglas se apertar em uma tentativa de evitar qualquer protesto. — Agora podem subir.

Meu irmão se virou em direção à escada. Eu, no entanto, permaneci no mesmo lugar, torcendo as mãos antes de ir até minha mãe.

— Não vou voltar atrás com minha palavra, Anna — adivinhou com a expressão mais chateada que eu já a vira usar comigo.

— Eu sei. Mas é sério, mãe. — Tomei fôlego. — Você tá certíssima e eu sinto muito por ter feito o que fiz, mas é que...

— Não, nada de “mas”.

— Me escuta, por favor? — quase implorei. — Depois você diz o que acha.

Ela me encarou com o olhar desconfiado e acenou com a cabeça para que eu continuasse.

— Douglas e Jullie tiveram uma briga horrível. Ele falou um monte para ela e eu sei que a gente tá afastada, mas somos amigas há quase cinco anos. Como posso deixar minha melhor amiga mal por um final de semana inteiro?

Soltei a respiração que nem mesmo percebi que estivera prendendo. Observei o rosto de minha mãe, sem conseguir imaginar o que ela estava pensando. Sua expressão era impassível. Por quase um minuto inteiro, ela me encarou em silêncio.

— Duas horas, ouviu bem? Vou te deixar e te buscar. E quando ligar dizendo que tá na hora, é para aceitar calada!

Concordei apressadamente, segurando-me para não comemorar.

— Vai se arrumar — ordenou, apontando a cabeça para o andar de cima.

Ela não precisou dizer duas vezes. Subi correndo até meu quarto e escancarei

a porta até perceber que minha prima estava deitada em minha cama, dormindo. Paralisei, esquecendo, em minha euforia, que poderia esbarrar com Leticia no meio do caminho. E, então, o que eu diria? Por que sumira? Por que Gustavo e eu brigáramos?

Pé ante pé, andei até meu armário, tomando cuidado para não fazer nenhum barulho e, ao separar minha roupa, rumei ao banheiro, fechando a porta com cuidado e entrando para meu banho enquanto torcia para que ela não acordasse até que eu estivesse fora.

Consegui ficar pronta em apenas vinte minutos e saí acompanhada de minha mãe, com a felicidade de não ter tido que enfrentar Leticia pelo menos até voltar.

Entre no carro e cinco minutos depois, parava em frente à porta da casa de Jullie.

— Duas horas, hein? — lembrou minha mãe da janela do carro. — Vou ligar quando estiver vindo.

Concordei com a cabeça e rumei à entrada. Bati à porta e esperei alguns segundos até ela ser aberta pela mãe da minha melhor amiga.

— Bom dia, senhora Mattos — cumprimentei-a. Ela ficou surpresa em me ver; e feliz também. — A Juliana tá aí?

— Sim! Graças a Deus você tá aqui, Anna. Eu não sei mais como cuidar desses problemas adolescentes de vocês!

Ela se afastou da porta, permitindo minha passagem. Após fazê-lo, me acompanhou até o quarto de Jullie enquanto tagarelava a situação.

— Ela chegou toda mal, não sai do quarto desde então, não quer conversar comigo, não comeu nada. Eu não sei mais o que fazer!

Eu sorri para ela tranquilizadamente.

— Não se preocupe. Eu vou conversar com ela — prometi.

A senhora Mattos suspirou aliviada e voltou para a sala, deixando-me à porta do quarto de minha amiga.

Bati.

Torci as mãos, imaginando o que Jullie faria quando me visse. Será que ela simplesmente aceitaria ou tentaria brigar novamente? Apesar de ter tentado falar com ela novamente, depois de tudo, eu não exatamente conversara com ela. Não fazia a menor ideia do que se passava em sua cabeça ou se o tempo mudara seu jeito de pensar. Só me restava esperar.

— Já falei que não quero comer, mãe! — ouvi-a gritar de dentro do quarto.

— Comer faz bem de vez em quando — brinquei, para descontraír. E não consegui parar devido ao nervosismo. — Principalmente chocolate. Sorvete de chocolate, então... Faz milagres! Acompanhado de filmes idiotas e conversas sem sentido é melhor ainda. Oh! Tiro e queda. — Parei instantaneamente ao ver a porta se abrir. Quando finalmente Jullie apareceu, eu falei, envergonhada: — Oi.

Analisei seu rosto enquanto ela me encarava. Jullie estava péssima: os olhos vermelhos e inchados, o cabelo desarrumado, a roupa ainda de Branca de Neve suja e desengonçada. Senti um nó em minha garganta. Ver uma amiga minha naquele estado doía em mim. Odiava vê-la tão mal e, ainda por cima, por algo que ela mesma provocara.

E, então, antes que eu percebesse, Jullie estava chorando e me abraçando com força.

— Eu achei que você não viesse nunca, sua idiota! Não faça mais isso comigo! — Eu apertei o abraço, consolando-a.

— Eu não sabia se você me queria aqui! — choraminguei. — Eu senti tanto a sua falta, Jullie!

— Eu também! — Ela fungou em meu ouvido, ainda sem quebrar o abraço. — Desculpa ter te afastado, amiga. Por ter afastado praticamente *todo mundo*. Eu fui uma idiota por ter agido dessa maneira com as pessoas que mais me ajudaram, mas com você principalmente. Naquele dia, eu estava irritada com seu irmão, com ciúmes da sua prima, com raiva de você por causa do Natan. Acabei agindo da maneira mais imbecil possível.

Esperei alguns segundos, pensando no que responder.

— Você foi *mesmo* uma idiota.

Jullie riu rapidamente, dando um tapa em meu ombro enquanto se afastava.

— Chata.

— Chorona.

As lágrimas diminuíam pouco a pouco após ela sorrir com essa declaração.

— Olha quem fala. — Eu sorri de volta.

Jullie se afastou, permitindo que eu entrasse em seu quarto bagunçado. Nem mesmo olhei para o tão conhecido cômodo. Apenas me direcionei para sua cama e, ao sentar, bati minha mão em minhas coxas, chamando-a para deitar e chorar o quanto quisesse. Ela caminhou até onde eu estava e se posicionou em meu colo, olhando para frente em vez de para mim.

— Jujuba — comecei, usando o apelido que Natan e eu a dêramos quando a conhecemos — você sabe que ele tava certo, não sabe?

Ela gemeu, inconformada.

— Eu sei. Eu sei! O problema não foi o que, mas *como* ele disse. — Sua voz tremeu ao tocar no assunto. — Ele foi grosso e rude, um estúpido! Eu sei que ele tava certo, mas era o tipo de coisa que tínhamos que sentar para conversar e não ser gritado no meio da rua da festa de nossa amiga para todos os coleguinhas ridículos dele ouvirem.

Concordei com a cabeça enquanto via o quanto minha amiga estava indignada com a situação. Percebi que ela necessitava desesperadamente daquele desabafo quando continuou sem nem respirar.

— O jeito como ele simplesmente jogou tudo na minha cara, me chamando

de possessiva, chata, que reclama de tudo. A insensibilidade dele me pegou desprevenida, entende? — Ela virou o rosto, olhando para mim. — Não imaginava aquilo vindo dele. Apesar de conhecer o Douglas, ele comigo sempre foi incrível. Mesmo quando a gente brigava, era ele que vinha falar comigo, me fazer enxergar o que tinha feito de errado.

Seu olhar entristeceu ainda mais com as lembranças. Devia ser realmente doloroso — principalmente para Jullie, que jamais conseguira gostar de ninguém o suficiente para ter uma relação séria. E términos eram simplesmente ruins demais para serem vivenciados.

Levei meus dedos ao seu cabelo, fazendo cafuné durante seu silêncio.

— Não fica assim, Jujuba. Vocês vão se acertar. O que o Douglas fez foi horrível, mas ele tinha bebido. Ele sempre fica assim quando bebe. Foi por isso que eu fui atrás. Eu sabia que ele faria alguma besteira.

Ela negou com a cabeça.

— Bebida não é desculpa, Anna. Ele nunca bebia quando tava comigo, não o suficiente para ficar bêbado. E se ele fez isso na festa, mesmo sabendo que ficaria assim, foi porque quis. — Ela pausou. — Além disso, não dizem que quando o álcool entra, a verdade sai? Ele disse o que queria dizer. Mas escolheu o pior jeito para fazer isso: com a ajuda do álcool.

Afaguei suas costas em consolo.

— Não pensa mais nisso por agora, tá bem? Você precisa comer alguma coisa. Sua mãe disse que você não botou nada pra dentro.

— Tô sem fome — apressou-se em dizer.

— Mas tem que comer de qualquer jeito.

Segurei-a pelos ombros, fazendo-a levantar.

— Depois eu posso comprar um pote de sorvete para você enquanto você toma um banho. O que acha?

— Não podemos pular para a parte do sorvete? — perguntou marotamente com um sorrisinho. Eu ri.

— Não, bobona.

Puxando-a pelo braço, levantei da cama e a arrastei casa adentro, conduzindo-a até a cozinha. Lá, preparei um sanduíche com suco para ela — algo bem leve. Jullie aceitou apesar de ter comido pouco. O suficiente, pelo menos.

Ao vê-la melhor e se esforçando para fazer algo descer, a senhora Mattos ficou completamente aliviada. Antes de abrir a porta para que eu fosse comprar o pote de sorvete, como prometido, ela me agradeceu dezenas de vezes e disse que não sabia o que seria de Jullie sem pessoas como Natan e eu.

Ouvir coisas como aquelas me deixava sem graça, porém satisfeita. Saber que as mães aprovavam minha amizade com seus filhos só me dava a certeza de que eu era uma boa amiga — ou que, pelo menos, fazia um bom esforço para

isso.

Levei apenas dez minutos para ir e voltar, mas, quando entrei em seu quarto, não a encontrei. Jullie ainda estava no banho e aproveitei sua ausência para dar uma organizada em seu quarto, tornando-o habitável novamente.

Ela voltou, algum tempo depois, parecendo mil vezes melhor. Eu a puxei para a cama e até penteei seus cabelos molhados enquanto ela pegava o pote de sorvete e a colher que eu trouxera da cozinha para já começar a comilança. Quando terminei, sentei junto a ela e com a colher restante aproveitei a fossa junto a minha melhor amiga.

Com o clima de tristeza no ar e o silêncio que se seguira, voltei a pensar inevitavelmente na noite anterior. Eu ainda não contara a Jullie sobre meu beijo com Natan nem meu término com Gustavo, mas percebia que aquele era o momento ideal para isso. Além de tirar Douglas dos pensamentos de Jullie, eu também poderia aproveitar sua ajuda.

Pensava um modo de começar quando ela mesma poupou meu tempo.

— E como vai Gustavo? — perguntou entre uma colherada e outra.

— Provavelmente com muita raiva — respondi vagamente, sem saber exatamente como continuar.

Ela franziu o cenho, extremamente aturdida.

— Com raiva? De quê? Por quê? Como assim?

Eu ri sem humor de sua confusão. Dava para ver os pontos de interrogação estampados em sua expressão.

— De mim. De Natan. — Suspirei, olhando-a no rosto. — De nós dois por a gente ter se beijado — soltei, finalmente.

A reação de Jullie foi basicamente um grito assustado. Ela perguntou um “QUê?” extremamente alto e sua mãe até veio ao quarto perguntar o que estava acontecendo.

Eu escondi meu rosto com vergonha enquanto minha melhor amiga se recuperava do choque da confissão. Quando ela se acalmou, eu tomei fôlego e lhe contei sobre minha declaração, sobre o beijo e a descoberta dele por Gustavo.

Durante todo meu falatório, Jullie permanecera calada. Várias vezes, ela abriu a boca, fazendo menção de falar, mas eu a silenciara com um olhar de alerta. Agora que eu começara a desabafar, era bom que ela esperasse para me ouvir ou eu não conseguiria colocar tudo para fora.

Ao fim, porém, ela ficou sem palavras por algum tempo.

— Você realmente disse para ele? Tudo? Tudo, tudo? — perguntou finalmente, um pouco apreensiva.

— Disse — respondi, cansada. — Você não vai me julgar, não é?

— Claro que não! — apressou-se em dizer. — Você poderia ter escolhido um lugar e hora melhores, mas pelo menos falou. Já tava mais do que na hora, aliás.

— Eu sei. Eu simplesmente explodi! — expliquei. — A gente tava lá depois da sua briga e ele começou a dizer que sentia muito por termos nos afastado e tudo mais, eu não aguentei. Me afastei dele para justamente não cair na tentação de jogar tudo para o alto e foi preciso apenas um dia pra eu fazer exatamente o que temia.

— Mas, Anna, você não tá... Feliz?

Dei de ombros.

— É uma felicidade parcial. É bom saber que ele me corresponde e tirar esse peso das costas. Mas eu traí meu namorado depois de julgar Davi por isso e ainda enganei minha própria prima. — Pausei. — Quão feliz eu poderia estar?

Ela soltou um muxoxo, triste por perceber que eu estava certa.

— Eu sei que é complicado, mas... Ao menos você foi sincera. Agora vocês sabem o que o outro sente. Com a amizade de vocês, mentir só ia continuar a detoná-los.

Eu respirei fundo e fechei os olhos, acenando com a cabeça em afirmação. Era horrível a sensação de culpa que me atingia.

— E você já ligou para Gustavo? — perguntou Jullie, alguns segundos depois.

— E dizer o que? “Desculpa por ter beijado Natan”? Acho que não vai dar muito certo.

— Que tal “desculpa por ter achado que você era o cara certo para mim”? — sugeri, me olhando de esguelha com um sorrisinho solidário. — É um pouco mais verdadeiro, considerando que parte de você não se arrepende de ter beijado Natan.

Concordei, mas sabia que esse não era o único problema.

— Ele não vai me atender.

Jullie abriu o sorriso maroto.

— Ele não desconfiará quem é se ligar de outro número. — Ela pegou o fone de seu telefone e o sacudi a minha frente.

Eu mordi o lábio inferior, dividida.

— Você acha que devo?

— Para de ter tanto medo e liga logo — ordenou, estendendo o braço e me oferecendo o telefone sem fio.

Hesitante, eu peguei.

— E se a mãe dele atender? — perguntei, desesperada por uma desculpa. Eu não estava preparada para aquilo. — Ela vai saber que sou eu e o Gustavo não vai querer falar.

— Se for ela, você me passa que eu o chamo. — Jullie revirou os olhos enquanto eu finalmente discava.

Não foi preciso passar a ela a ligação, no entanto. Quem atendeu foi Gustavo.

Eu quis desligar. Queria não precisar ser tão sincera, mas era melhor assim do que continuar com as mentiras. Gustavo sempre fora especial e merecia ao

menos aquilo de mim.

Enchi-me de súbita coragem e inspirei fundo antes de soltar:

— Desculpa por ter achado que você era o cara certo para mim — repetindo exatamente as mesmas palavras de Jullie.

Por um momento, pensei que ele desligara ou até mesmo não ouvira. O telefone ficou mudo e eu esperei por alguma resposta sua por vários segundos.

— Isso não muda nada — ouvi-o dizer em um tom frio e distante que não combinava com o Gustavo que eu conhecia.

— Eu sei que não, mas é o melhor que posso dizer agora — declarei, forçando-me a ser o mais sincera possível.

Ele suspirou, quebrando a indiferença em que se envolvera desde o começo da ligação, mas não a estendeu por muito mais tempo. Ele aparentemente não tinha mais nada a dizer — e nem a ouvir.

— Não resolve muita coisa, mas obrigado de qualquer jeito. — E, dito isso, desligou.

Coloquei o telefone de volta à base, sendo observada por uma Jullie que mordida o lábio inferior.

— Muito ruim? — perguntou quando me virei novamente.

— Um pouco menos do que eu esperava.

— Ele vai superar — consolou-me.

— Eu sei que vai. — Joguei meu corpo para trás, deitando na cama de Jullie e bufando alto. — Isso não diminui minha culpa. Acho que talvez a aumente, considerando que ele não demonstrou nem metade da grosseria que deveria. Eu não queria ter magoado ele. Ele sempre foi bom demais para mim.

— Você foi honesta — lembrou, tentando aliviar minha culpa.

— É... Acho que sim.

— Mas lembre-se de ser honesta *antes* da próxima vez.

— Engraçadinha. — Dei língua para ela como uma criancinha. — Espero que não haja próxima vez.

Ela riu e demos o assunto por encerrado.

Nós conversamos por mais vários minutos sobre quaisquer coisas menos os fatídicos acontecimentos da noite anterior até faltar apenas vinte para o horário estipulado por minha mãe.

Eu estava esparramada na cama de Jullie enquanto ela ia ao banheiro, quando o telefone tocou. Sendo praticamente de casa já, não me importei em atender.

— Alô? — disse, deitando-me de bruços.

— Nina?

Parei, sentindo todas as sensações da noite anterior me invadirem novamente. Com tantos pensamentos e acontecimentos, eu nem mesmo tivera tempo de falar com Natan.

Ele parecia confuso no telefone e eu podia imaginar sua expressão franzida e

até seus pensamentos, perguntando-se se ligara para a casa certa.

— Oi — falei somente, xingando-me mentalmente. Desde quando eu ficava envergonhada com Natan?

Ah é, desde que eu me declarara para ele e ainda o beijara.

— Eu liguei para o número certo, não liguei? — perguntou, confirmando minha dedução.

Soltei uma risada.

— Calma, você ainda não ficou maluco — brinquei e fiquei feliz por perceber que a timidez fora apenas momentânea.

— Fizeram as pazes, então?

— É claro. Depois da briga de ontem, eu tinha que ver como ela tava, né? — expliquei como se fosse óbvio. E bem... Era.

— Queria saber como ela tá também. Ela parecia bem chateada ontem — disse com uma voz triste. E era sempre assim conosco. Se um estava triste, o outro também estava. Como poderíamos, aliás, ficar feliz quando um de nós estava para baixo?

— E ela ainda tá. Mas eu dei uma melhorada no astral dela, comprei sorvete, a distraí. Aos poucos ela vai melhorando...

— É, eu sei. Mas não gosto de vê-la assim. Desculpa, mas seu irmão é um imbecil.

Dei de ombros apesar de ele não poder ver. Era difícil para mim escolher um lado. Também odiava ver minha amiga daquele jeito, mas Douglas era meu irmão. Era igualmente doloroso para mim.

— Acho que ele concordaria com você. — Fiz uma pausa. — Ele tá bastante arrependido do que fez, mas Jullie também tem cometido erros desde o início do relacionamento.

— Bem, de qualquer jeito, agora já era. Independente de quem errou, só quero que ela fique bem. Pensei em dar uma passada aí, vocês se importam?

— Por que nos importariamos? — perguntei, rindo.

— Ah, sei lá, é que... — Ele parecia sem graça. — Na verdade, eu também queria saber se você ia... hm... Ficar aí. Me esperar.

Sorri ao perceber que eu era o motivo do seu incômodo.

— Infelizmente, não posso. — Fiquei triste em desapontá-lo. Se ao menos ele tivesse ligado mais cedo... Mas agora, já estava quase na hora de minha mãe me buscar. — Minha mãe abriu uma exceção pra Jullie, mas... Tô de castigo.

Nesse mesmo momento, minha melhor amiga adentrou o quarto novamente e olhou para mim com a sobrancelha erguida, provavelmente me perguntando com quem diabos eu poderia estar falando no telefone de sua casa.

Então, fez-se a luz. Ela abriu a boca, tendo uma ideia.

— Natan?

Confirmei com a cabeça enquanto voltava a atenção a ele apesar de notar a

felicidade de Jullie com a minha afirmação.

— Pela cara da sua mãe ontem, eu já bem imaginava. — Ele pausou. — Onde você foi?

— Praia — respondi, já imaginando sua reação.

— Àquela hora? Você é maluca, Nina? No meio da madrugada, você sozinha andando pelo Rio de Janeiro? Pirou?

Soltei uma risadinha por vê-lo tão preocupado. Não que fosse uma exclusividade do nosso relacionamento pós-declaração, mas eu não consegui evitar. Eu sempre ria quando ele dava uma de protetor.

— Não é pra rir — ralhou e eu me calei rapidamente.

— Desculpa! Ficarei quieta.

— Não, quieta não! — pediu e eu voltei a rir. — Quando termina seu castigo?

— No fim das férias. — Suspirei. — Mas só não posso sair até domingo. Depois eu tô proibida de saídas noturnas e chegar em casa depois das oito.

Dessa vez, foi Natan quem riu.

— Sua mãe tava brava mesmo, hein?

— Nem fala. — Rolei os olhos. — Mas, segunda a gente pode fazer alguma coisa. — Parei para tomar coragem de mencionar a noite anterior. — Eu acho que... Eu acho que a gente precisa conversar, né?

— É, eu sei.

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Nael... E a Leticia? — soltei, finalmente, sem conseguir mais aguentar aquela pergunta dentro da minha cabeça.

— Eu vou falar com ela, fica tranquila — garantiu. — Vou terminar primeiro e depois a gente decide como contar a ela.

— Tá certo, então. — Era realmente melhor daquele jeito. Dá-la um tempo para aceitar o fim para depois contar sobre nós dois.

— Até segunda, Nina — desejou quase com ansiedade. — Avisa a Jullie que eu vou passar aí?

— Aviso, sim. — Pausei. — E até segunda.

Estava quase tirando o fone do ouvido quando ele falou novamente.

— Nina?

— Diga — falei com um sorriso bobo somente por imaginar nosso encontro.

E sorri ainda mais quando ele respondeu:

— Eu te amo.

CAPÍTULO 24

Havia algo estranho naquele domingo. Um quê de decisivo, como se importantes escolhas estivessem prestes a serem feitas.

Ignorei as sensações que me atormentavam e me levantei da cama, sentando na beirada, de costas para Leticia. Suspirei, lembrando a conversa com minha prima no dia anterior. Eu evitara ao máximo aquele encontro, mas enquanto voltava da casa de Jullie, percebia que não havia mais como escapar. Somente após uma conversa com minha mãe, porém, é que eu ficara mais tranquila.

Eu deveria estar com a pior cara do mundo, pois, assim que ela estacionou o carro em nossa garagem, virou-se para mim e disse:

— Certo. O que aconteceu?

Encarei minha mãe, cogitando se deveria contá-la ou não. Por melhor que fosse nossa relação, era simplesmente esquisito demais pensar em contar-lhe toda a burrada que eu fizera na festa de Jéssica. Entretanto, quando pensei pela segunda vez, percebi que era exatamente disso que precisava: a seriedade e experiência de alguém que tinha muito mais história para contar do que eu sequer imaginava viver.

E foi assim que ficamos, por quase uma hora, sentadas em seu carro, conversando.

Contei-lhe tudo, detalhe por detalhe, desde meu término com Davi e o que comecei a sentir por Natan a partir de então (ou que só nesse período entendi) até minha declaração na festa e nosso beijo flagrado.

Foi realmente um alívio poder contar tudo — tudo mesmo — que vinha acontecendo comigo, inclusive meus pensamentos jamais relevados, nem mesmo para Jullie. Ainda por cima, para alguém que eu sabia que seria imparcial e me ajudaria a fazer o certo.

Minha mãe suspirou quando eu terminei.

— Eu realmente tenho perdido muita coisa, hein? — brincou antes de começar com os conselhos. — Você sabe que deveria ter vindo falar comigo antes de tudo, mas agora não adianta mais ficar se lamentando. Você realmente fez tudo errado, querida, mas só porque não pode mudar as coisas, não quer dizer que não possa consertá-las. Nunca é tarde para fazer o certo, não é o que dizem? — Concordei com a cabeça, em silêncio. — A Juliana tava certa quando te fez ligar para Gustavo. Afinal, ele merece saber que você se arrepende, mesmo que ainda não aceite. Espere que ele fique mais tranquilo, que as coisas se acalmem, para então conversarem de verdade.

“A questão com a sua prima, já é mais complicada. — Ela coçou a cabeça e somente sua expressão já me fez ver que realmente não havia escolha. De um jeito ou de outro, Leticia sairia magoada. — Eu acho que você deve chamá-la

para conversar e explicar tudo o que sente por Natan. A amizade de vocês é de longa data e vocês têm muito mais história para contar do que eles tiveram. Não se compara dois meses com dez anos. Mas... Você tem que entender que ela pode não ser tão compreensiva. Ainda mais depois de vocês terem se beijado na festa. Uma coisa é sentir algo por ele, outra é beijá-lo. Aquilo foi traição, filha, e você sabe muito bem o quanto magoa. Não vá esperando perdão.”

Joguei minha cabeça para trás, batendo-a no encosto do banco. Por que eu não falara com a minha mãe antes? Seus conselhos eram tão mais corretos do que as decisões que eu vinha tomando que eu teria evitado toda aquela dor de cabeça.

— Obrigada, mãe — agradei com franqueza. — Não sei o que seria de mim sem os seus sermões.

Ela sorriu, me puxando para um abraço.

— Desculpa mesmo por ontem, tá? Eu só tava tão chateada que acabei saindo da festa e não pensei nas consequências. Eu prometo que nunca mais vou fazer algo assim.

Minha mãe suspirou e se afastou.

— Não prometa algo que você não vai cumprir — ralhcou com um sorrisinho. — Você é adolescente e é nessa época que mais cometemos erros. E não precisa agradecer por meus sermões. Eu os dou com prazer.

Gargalhei alto, empurrando-a de leve.

— Boba.

— Olha o respeito, hein? — disse, mas sem severidade. — E não ache que isso te tira do castigo. Você e Douglas terão longas férias pela frente.

Eu apenas revirei os olhos enquanto saía do carro.

— Fazer o que, né? — falei apenas, assim que dei a volta no carro e parei novamente ao lado dela. Nós caminhamos até a entrada de casa juntas e, quando ela abriu a porta, a primeira coisa que vi foi Letícia esparramada no sofá, assistindo televisão.

Minha mãe afagou minhas costas carinhosamente.

— Bom dia, querida — desejou à sobrinha, dando-lhe um beijo na testa. — Vou deixar as meninas conversarem. Preciso arrumar algumas coisas ainda.

Com um sorriso amoroso, ela subiu as escadas em direção ao seu quarto e eu fechei a porta antes de caminhar até Letícia.

— Onde tu tava a essa hora da manhã, nega? — perguntou, encarando-me com curiosidade. — Aliás, onde tu andasse desde a festa? Eu fiquei preocupada, sumisse de repente.

Deixei-me cair no sofá, sentindo o cansaço me abater pela primeira vez naquele dia. Pensando bem, eu finalmente percebia que estava mais de um dia inteiro acordada! Não era à toa que eu estivesse sentindo tamanho peso no corpo.

— Eu tava na Jullie agora. Ela e o Douglas tiveram uma discussão feia ontem

na festa e eu tinha que ir ver como ela tava.

— Fizeram as pazes, então?

— Sim, é claro. Eu não ia deixá-la lá sozinha depois de terminar — respondi, arrastando as palavras. — E ontem... Eu fui pra praia, tava precisando espairar depois da briga com Gustavo.

Ela pareceu se lembrar sobre a discussão que eu lhe falara e se ajeitou no sofá, virando-se totalmente para mim. Leticia estava com aquela cara de quem queria ajudar a amiga e isso só serviu para aumentar minha culpa.

— Mas o que aconteceu entre vocês? Vocês tavam tão bem...

Eu suspirei, sabendo que amarelaria. Não era hora de ter aquela conversa com ela e Natan me pedira para terminar primeiro. Afinal, o que precisávamos poderia ser exatamente isso: tempo para acalmar os nervos.

— Prima, eu prometo que te explico tudo, detalhe por detalhe, depois — avisei, sabendo que isso teria que ser feito, mas que não aconteceria com tanta facilidade. — Mas agora eu preciso muito dormir.

Finalmente percebendo meu cansaço, ela acenou freneticamente com a cabeça.

— Claro! Que besteira a minha. — Deu-se um tapa em sua testa. — Tu não dormiu nada, deve tá caindo de sono.

Confirmei sem abrir a boca.

— Vai deitar, vai.

Ela me puxou, praticamente carregando-me escada a cima e me empurrou para dentro do quarto, onde caí em minha cama e apaguei em apenas alguns segundos.

Ao fim da tarde, porém, quando acordei, Leticia não estava em casa. Ela tinha saído com a mãe e, por mais que odiasse enrolá-la, senti-me feliz por isso. Dizer a verdade para ela poderia ser ruim, mas era ainda pior o que eu fizera mais cedo, usando meu sono como desculpa para arranjar tempo. Apesar de querer sentar e contá-la toda a verdade, eu precisava ao menos daquele final de semana para esquecer os problemas.

Dormi novamente antes de ela chegar mesmo tendo apagado por praticamente a tarde inteira. Meu corpo ainda pedia por mais cama, mais descanso. Era bem capaz de o meu cérebro ter se cansado de pensar e, somando isso ao fato de que eu não dormia desde a manhã do dia anterior, enviasse alertas de sono para meus olhos.

Então, lá estava eu, sentada em minha cama, lembrando o dia anterior. Relembrando minha conversa quase mínima com Leticia. Relembrando o quanto eu era covarde. Somente lembrando durante aquele domingo de clima estranho.

Olhei para o relógio sob a cabeceira e percebi que já eram dez horas. Douglas e eu combináramos com nosso pai ao meio dia. Ele viria nos buscar,

mas, pela primeira vez desde que alugou o apartamento, almoçaríamos fora em vez de ir ao seu prédio. Ele dissera que estava tudo muito bagunçado e que ficaríamos mais a vontade em um restaurante apesar de eu não entender como um apartamento de meia dúzia de móveis poderia estar assim. Dei de ombros, pensando que talvez ele só quisesse nos levar para um lugar diferente.

Me forcei a me levantar e rumei diretamente ao banheiro. Precisava de um banho que tirasse o peso de minha cabeça causado pelo excesso de descanso. Deixei as gotas de água massagearem meu corpo e, depois de quase dez minutos assim, saí de lá muito mais calma e leve.

Leticia só acordou quando eu já tomava café da manhã com minha mãe, minha tia e Douglas. Ela nos cumprimentou com um sorriso, mas parecia ainda sob efeito da lerdeza pós-despertar. Sentou-se à mesa onde nós comíamos e se juntou à nossa refeição silenciosa.

Assim, na correria de me arrumar, não tivemos outra oportunidade de conversar. Agradei mentalmente por isso, especialmente quando surgiu uma, mas fomos interrompidas.

Abri a porta e dei de cara com meu pai, surpreendendo-me por ele ter vindo até a porta em vez de buzinado como de costume.

Ele me olhou dos pés à cabeça.

— Ah! Já tá pronta? — perguntou, mas não esperou resposta. — Acabei chegando cedo e achei que ainda iam tá se arrumando... E o Douglas?

— Eu! — gritou meu irmão da copa. Troglodita como era, ele já estava comendo de novo. — Já tô indo.

Em cinco segundos, ele apareceu com seus cabelos pretos arrepiados de modo desordenado e mastigando algo que provavelmente roubara da cozinha. Pegou a carteira e uma chave que se encontravam em cima da estante e caminhou em nossa direção.

— Tchau, mãe! — gritei para ela, como sempre fazia.

Poucos segundos depois, ela apareceu no portal que dividia a copa da sala e veio até nós, nos dar um abraço.

Achei estranha sua atitude, pois normalmente ela evitava esbarrar com meu pai. Aliás, nem lembrava a última vez que os dois tinham se visto — mas eu também não poderia afirmar, afinal, os dois ainda tinham dois filhos em comum para criar. Eles se lançavam olhadelas esquisitas e até hostis da parte de meu pai e isso só me fez franzir o cenho ainda mais.

Finalmente, ela nos deixou ir e, com um beijo jogado para Leticia, saí de casa com meu pai e Douglas ao meu lado.

Nós levamos pouco mais de vinte minutos para chegar ao restaurante escolhido por meu pai. Seguimos o caminho conversando sobre ele, como ia sua vida e seu trabalho até sentarmos à mesa e pedirmos nossos pratos. Quando estes chegaram, porém, ele tentou mudar o assunto.

— Mas deixemos de falar de mim, me contem como vocês estão. E o Gustavo, filha?

Eu pousei meu talher, suspirando alto. E eu achando que aquela seria uma tarde para se distrair.

— Terminaram — contou Douglas, poupando-me de falar.

Meu pai torceu a boca e eu sabia que ele estava tentando não dizer nada alegre demais por ver minha expressão triste. Mas ele me preferia solteira a comprometida, o que era até compreensível, considerando que era meu pai.

— Certo. Não tocar mais nesse assunto — anotou mentalmente, fazendo-me rir. — E a Jullie?

Não consegui evitar um sorriso de canto, percebendo o quão irônico aquilo era. Douglas e eu começáramos a namorar praticamente na mesma época e termináramos exatamente no mesmo dia. Nós éramos *mesmo* irmãos.

— Terminaram — repeti, quase rindo da ironia.

Foi a vez de o meu pai pousar seu talher e nos encarar.

— Certo, alguém pode me explicar o que tá acontecendo?

Não houve como não rir diante da confusão do meu pai. Era compreensível que ele estivesse atordoado. Até o domingo anterior, nossos namoros iam de vento em poupa e, agora, ambos terminados. Mas, bem, relacionamentos não eram assim mesmo? Imprevisíveis?

— Vamos dizer que... Fomos a uma festa que não fez nada bem às nossas relações — tentei explicar, sem alastrar muito o assunto.

— Andem. Me contem. Que asneira vocês fizeram?

Douglas e eu nos entreolhamos, rindo da expressão usada por meu pai e também da situação. Parecia que havíamos descoberto de onde viera nosso dom de cometer erros idiotas.

Excetuando-se a parte em que tivemos que explicar ao nosso pai a tragédia da festa de Jéssica, a tarde fora tranquila. Meu pai, vez ou outra, tornava-se esquisito e evitava tocar em certos assuntos, mas achamos que poderia ser estresse e o aconselhamos a procurar alguém. Eu já vira casos desse tipo destruir a saúde de uma pessoa. Ele nos ignorou, porém, dizendo que estava tudo bem e não era nada daquilo. Diminuíra sua carga no trabalho; só estava cansado, pois no dia anterior tivera um caso importante para estudar. Então, mudávamos o assunto e tudo ficava normal novamente.

Por volta das três da tarde, ele nos deixou em casa e, dessa vez, não foi até a porta. Seria ainda mais esquisito se o fizesse, já que ele nunca sequer saía do carro.

Abri a porta de casa e encontrei tudo vazio. Havia um bilhete de minha mãe, no entanto, grudado próximo à televisão, dizendo que ela e tia Rosa resolveram dar uma volta e que ligássemos quando chegássemos. Quando o fizemos,

perguntei de Leticia e quase paralisei quando minha mãe avisou que ela saía para encontrar Natan.

Passei o restante da tarde sentada em meu quarto, esperando. Leticia chegaria chateada e, disso, eu tinha certeza. Mas quão mentirosa eu conseguiria ser para consolá-la sem lhe contar a verdade? Que Natan estava terminando o que quer que eles tivessem por minha causa?

Eu inspirei fundo quando ouvi a porta do andar de baixo bater com força, mas prendi a respiração quando a minha porta se abriu. Vi a silhueta de minha prima ser refletida pela luz do pôr-do-sol, mas quando encarei seu rosto inchado havia tristeza nele — mas também raiva.

— A culpa disso tudo é tua! — foi a primeira coisa que disse quando adentrou o quarto com passadas fortes.

Eu me assustei, é claro, pois não esperava uma acusação. Gelei dos pés a cabeça e me perguntei se Natan falara alguma coisa. Ele não prometera esperar?

— Do que você tá falando? — desconversei.

— Me poupa, Anna. Tu sabe do que eu tô falando! — Ela respirou fundo. — Do Natan, é óbvio!

Eu abri a boca para me defender, mas ela continuou.

— Tu acha que eu sou burra? Acha que eu não percebi? — Eu franzi o cenho para ela, perguntando-me que diabos ela tinha percebido. — Não faz essa cara de sonsa! Desde que eu cheguei aqui, tava estampado na cara dele que ele gostava de tu. Mas você disse para mim que não havia nada. Ainda veio com o discursinho de “ai, só porque somos de sexos opostos não podemos ser só amigos?” Que falsidade, hein! Só amigos uma ova! Foi só tu terminar com o Gustavo para ele ir correndo atrás. Vocês sumiram por quase meia hora antes do Gustavo subir pra procurar. Tavam fazendo o que? Se declarando? Cansou do namorado e resolveu que queria o Natan? Eu fiz vista grossa na hora porque nunca imaginei que você fosse fazer algo assim comigo, mas sabe de uma coisa? Cansei de ser panaca! Quero que olhe nos meus olhos agora e me diga que não tem nada a ver com isso! Diz, Anna!

Eu pisquei atordoada com tudo o que ela dissera. Nunca antes eu imaginaria que Leticia pudesse ter percebido o que se passava. Não que eu achasse que fosse burra, mas mantive minha distância de Natan durante seu relacionamento justamente para não trair nem minha prima nem meu namorado.

Os grandes olhos azuis de Leticia continuavam a me fuzilar, esperando uma resposta. E eu sabia que seria melhor se negasse, mas, depois de tudo o que lhe causara, não ia conseguir continuar a mentira.

— Desculpa — pedi em um murmúrio, abaixando minha cabeça. Eu estava com vergonha de mim mesma por não só ter feito Natan e ela terminarem antes mesmo de alcançarem algo mais sério quando eu via o quanto minha prima

gostava dele, mas também por tê-lo beijado mesmo os dois estando juntos.

Eu pulei de susto quando o urro de raiva de Leticia precedeu o novo discurso dela.

— Eu sabia! Eu sabia! Desde que comecei a sair com ele, vocês pararam de se falar, como se tu tivesse com raiva! — Ela bateu com o pé como se impedisse a si própria de atirar outra coisa em mim. — Tu podia ter me contado! *Eu era sua amiga!* Mas você deixou as coisas chegarem a esse ponto para quando eu finalmente gostasse dele, tu tirasse ele de mim!

Jamais vira tanta hostilidade nos olhos bondosos da minha prima e saber que era minha culpa só me deixava ainda pior. Eu nunca quis magoar ninguém, mas acabei fazendo isso da pior maneira possível.

— Eu te odeio! — gritou ela antes de se virar e sair do meu quarto, descendo as escadas de minha casa e me deixando só com meu arrependimento.

CAPÍTULO 25

E a insônia voltara.

Eu deveria imaginar que, com o retorno das minhas preocupações, isso aconteceria.

Era como se minha mente bloqueasse qualquer vontade que eu pudesse ter de me distrair e me mantivesse acordada, alerta e inquieta.

Já eram nove da manhã e eu praticamente não pregara o olho aquela noite. Olhei para o lado vazio da cama, que estava desarrumado. Era de se esperar que Leticia não quisesse nem mesmo dividir o quarto comigo — e eu acho que não seria uma boa ideia, de qualquer forma — por isso ela dormira com tia Rosa no quarto da minha mãe enquanto esta viera me fazer companhia.

Mas, àquela hora, minha mãe já saía para trabalhar. E, assim, lá estava eu, sozinha com minha insônia, tentando descobrir qualquer coisa que tirasse essa tortura dos meus pensamentos. Eu ainda ouvia os gritos de Leticia ecoarem em minha cabeça, sua raiva estampada em cada frase que dizia. Se eu continuasse pensando naquilo mais um minuto sequer, eu definitivamente piraria. Foi por isso que fuzei minha mente à procura de novos pensamentos e, após algum tempo, eles se direcionaram a Douglas e Jullie.

Eu prometera a meu irmão que o ajudaria. Ainda que não o tivesse feito, eu queria ajudá-los. Se Jullie conseguisse mudar suas atitudes durante o relacionamento, eu sabia que eles poderiam dar ainda mais certo que protagonista de novela em capítulo final. Eles eram simplesmente perfeitos um para o outro e não havia dúvidas.

Por vários minutos, pensei. Criei cenas em minha cabeça com mil e uma maneiras de fazê-los se acertarem até que cheguei a uma ideia. Não era brilhante nem nada, mas eu sabia que agradaria Jullie.

Pé ante pé, eu me levantei. Abri a porta o mais silenciosamente possível e segui até o quarto de Douglas. Entrei sem bater. Ele não ouviria porque provavelmente estava dormindo. Seu quarto estava escuro, com as janelas e as cortinas fechadas, e cheirava a algo que eu não conseguia decifrar o que era. Eu odiava entrar em seu quarto — na verdade, em qualquer quarto de garotos — porque eles têm uma mania terrível de deixar coisas sujas espalhadas por todo canto, inclusive meias. E meias fedem.

Olhei ao redor do quarto, vasculhando-o com o olhar. Eu sabia que Douglas ainda tinha o que eu precisava. Deveria estar guardado em alguma parte. Mas onde?

Procurei silenciosamente em seu armário e não foi difícil encontrar. Ela estava em pé em cima da única prateleira da lateral esquerda. Peguei-a com um sorriso travesso. Fazia tempo que eu não irritava Douglas dessa maneira. E, além

de me distrair com as implicâncias usuais, poderia acordá-lo para contar a ideia que tivera.

Fui até sua cama, subindo ajoelhada, e aproximei a corneta que achara em seu armário, segurando-a com firmeza. E não hesitei em assoprar.

O grito de susto de Douglas foi simplesmente a coisa mais engraçada do mundo. Eu rolei de rir, sentindo-me subitamente mais leve do que me encontrava há alguns minutos, e corri quarto afora enquanto meu irmão pulava da cama para vir atrás de mim.

Eu desci as escadas com rapidez, rindo histericamente. Douglas me xingava de todos os nomes que conseguia lembrar. Entrei no escritório ao lado da escada e tranquei a porta, já sem fôlego.

— Mas que merda, Anna, abre essa porta! Você me paga! — gritava com raiva.

— Desculpa... Eu... Não... Resisti! — arfei, ainda rindo e respirando fundo.

Ele bateu com força algumas vezes à porta antes de parar.

— Que droga! São nove da manhã, cara! — Sua voz ia ficando mais longe.

Eu abafei uma risadinha e destranquei o cômodo, abrindo a porta lentamente. Coloquei a cabeça por entre uma fresta da porta. Douglas acabara de se jogar no sofá para tentar cochilar. Caminhei devagar e me debrucei sobre o encosto.

— Sabe, eu tava pensando... Em um plano. — Abri um sorriso maroto quando Douglas se remexeu no sofá para me encarar.

— Plano de quê? — rugiu sem conseguir esconder a curiosidade.

Dei a volta pelo sofá em pulinhos, sentando-me ao seu lado.

— Para fazer Jullie te perdoar. — Interessado por completo agora, ele me olhava ansioso pelo resto. — Uma festinha para depois do castigo... Você sabe, só para descontraír...

Douglas esperou ansioso enquanto eu lhe contava tudo.

— Bem... Acho que dessa vez eu tô com você. Só dessa vez — acrescentou severamente. — Finalmente uma boa ideia!

— Engraçadinho! — Dei língua para ele.

Meu irmão passou o braço pelo meu, puxando-o para cima ao mesmo tempo em que deslizava a perna até minha bunda e empurrava-a rapidamente. Eu gritei de dor quando atingi o chão.

— Eu disse que você ia me pagar. — Ele sorriu satisfeito enquanto eu tentava me recuperar do baque.

— Estamos quites, então? — tentei esperançosa.

Douglas apoiou a cabeça em cima dos braços cruzados e dobrados e me olhou com uma expressão que poderia chamar de angelical não fosse a pessoa a quem ela pertencia.

— Nem perto disso.

Eu levantei do chão, franzindo os lábios, e sentei em suas costas, sabendo que

não o machucaria de qualquer maneira.

— Podemos discutir sobre os planos agora? — perguntei rabugenta.

— Claro. — Com aquele sorriso travesso e idiota, ele se ergueu do sofá, derrubando-me para o lado, e acrescentou: — Mas vamos tomar café. Eu tô morrendo de fome.

Segui Douglas até a sala de jantar, onde a mesa já estava completamente posta.

— Então, o que tem em mente? — Sorrindo, comecei a lhe explicar o que planejara antes em meu quarto.

Ficamos por quase vinte minutos discutindo ideias, brigando e trabalhando em conjunto — o que foi um avanço tremendo. Conseguira, inclusive, tirar toda a história Natan-Leticia-Gustavo da minha cabeça até o telefone tocar.

Levantei sem vontade, mas, quando cheguei ao portal, vi minha prima caminhar em direção ao aparelho. Ela estava vestida como se estivesse pronta para sair e não percebeu minha presença até atender a ligação. Seu rosto ficou lívido, mas fiquei em dúvidas se por minha causa ou pela pessoa do outro lado da linha. Talvez os dois, pois logo após ela gritou:

— Não tenho absolutamente nada pra falar contigo! — E encaixou o fone com força de volta no aparelho. Ela se virou para mim e avisou, com um tom debochado: — Era teu namorado. — Então, saiu de casa.

Suspirei, perguntando-me quanto tempo mais eu aguentaria aquilo.

— Ela tá muito brava — comentou Douglas atrás de mim. Eu girei nos calcanhares, encarando-o de frente. — Você contou pra ela? Porque eu ouvi os gritos ontem e eles não eram nada legais.

— Não. Mas o Natan terminou com ela e aparentemente “tava na cara demais pra que ela não reparasse” — expliquei cabisbaixa, virando-me novamente e seguindo até o telefone.

Digitei o número do meu melhor amigo e foi preciso apenas dois toques para que ele atendesse.

— Alô?

— Oi, Nael.

— Ah, oi, Anna. — Ele também parecia chateado, mas depois do surto da Leticia, não era para menos. — Bom, pelo menos ela passou o recado.

— Na verdade — comecei, odiando cortar seu fiapo de esperança —, eu tava na sala e ouvi. Ela não tá nem olhando na minha cara direito, quanto mais falando.

Natan suspirou.

— A gente ainda vai se encontrar hoje? — perguntou, parecendo se controlar para não estender o assunto por telefone.

— Acho que sim. Preciso falar com minha mãe, mas acho que, se eu explicar a situação, ela deixa. Vou ligar pra ela e depois te aviso pra gente

combinar, tá?

Ele concordou com um murmúrio e desligamos para que eu pudesse telefonar para minha mãe. Ela não relutou, principalmente por já ter sido atualizada da briga do dia anterior. Sabia que eu precisava conversar com meu melhor amigo e, por isso, disse que sim.

Combinei com Natan no parquinho próximo à nossa casa. Não queria ir para muito longe, mas ficar dentro de qualquer residência naquele instante me causaria uma sensação quase claustrofóbica. Eu precisava de ar fresco.

Duas horas depois, então, eu subia a escada da casinha de madeira, sendo acompanhada por Natan, segurando o sorvete que comprara para mim na soverteria da esquina. Ele caminhou na frente, sentou, apoiando-se à parede de madeira, e me chamou para acompanhá-lo. Eu me aconcheguei perto dele, encostando minhas costas em seu tórax, e segurei sua mão.

Quase não conversáramos e era compreensível que evitássemos falar de coisas ruins antes mesmo de aproveitarmos um ao outro. Ficamos por não sei quanto tempo em silêncio. Talvez quinze ou vinte minutos; não importava. A tranquilidade que eu sentia só de estar com ele era tudo o que valia pensar naquele momento.

Eu cheguei a quase dormir; a mão de Natan acariciava a minha, os dedos deslizando pela palma como se a desenhasse, sua respiração compassada batia em meu rosto apoiado em seu ombro, perto demais do dele, e de vez em quando ele depositava alguns beijos em minha bochecha ou simplesmente ficava a me observar, a expressão mais serena do que nunca.

Era maravilhoso estar ali com Natan. O que eu sentia naquele momento era muito difícil de explicar. Amor? Paz? Felicidade? Era como se algo me dissesse que tudo ia ficar bem; que tudo finalmente ia dar certo. Talvez fosse só uma sensação. Eu não poderia dizer e não estava preocupada em contrariar nenhum sentimento bom que viesse, de qualquer maneira. Principalmente o amor.

Às vezes, ficava a me questionar: O que é o amor? O que o define? O que o torna tão especial? Tão invejado? Tão difícil de alcançar? Por que um simples sentimento pode mudar vidas, destruir obstáculos, realizar sonhos? Sinceramente, eu não sabia explicar. Acho que, na verdade, ninguém nunca vai saber colocar em palavras o que é amar. Mas sentindo o que eu sentia quando estava com Natan, eu poderia quase entender esse sentimento tão desejado. Que era tanto simples quanto complexo. Tanto bom quanto ruim. Tão *único*.

Cercada por seus braços, era como se eu estivesse sendo protegida de tudo e de todos. E isso era algo que não trocaria por nada nesse mundo. Infelizmente, precisávamos conversar uma hora ou outra. E foi por isso que eu comecei, odiando-me por quebrar a calmaria na qual nos envolvêramos.

— Nael... Eu acho que a gente precisa conversar.

Ele suspirou em meu ouvido e eu me ajeitei, desencostando dele e me

apoiando na pequena coluna de madeira na beirada da casinha para poder encará-lo.

— Me conta o que aconteceu quando você foi conversar com ela — pedi, já sentindo meus nervos à flor da pele novamente.

Só de pensar em Leticia, eu esquecia a sensação que tinha quando estava com Natan, seja em silêncio, seja falando besteiras como sempre fazíamos. Era como se a culpa fosse ainda maior do que meu sentimento por ele.

— Eu a chamei para conversar. Expliquei que não dava mais, que achava melhor a gente parar de se ver... Mas ela simplesmente surtou — contou sem me olhar. — Começou a dizer que ela foi muito idiota, porque desde o começo sabia que tinha alguma coisa entre nós. E que nunca teria se metido entre o que havia entre nós se a gente tivesse se aberto com ela. Que nós dois tínhamos sido completos imbecis por não ter contado antes... E eu nem falei nada.

Eu balancei a cabeça, tensa.

— Ela chegou como um furacão lá em casa. Eu não sei o que fazer, Nael. — desabafei, encostando a cabeça na coluna. — Eu tô me sentindo um lixo; como é que eu pude fazer isso com ela? Eu sei que vocês não eram namorados nem nada, mas ela não é só minha prima, ela é minha amiga. E garotas têm tipo uma regra implícita de nunca, jamais, sequer olhar pro garoto que a amiga gosta.

— Bem... — Ele me encarou, dando de ombros. — Tecnicamente, foi ela que quebrou a regra.

Eu ri debochada, sem conseguir achar graça.

— Há-há. Engraçadinho.

— Sério, Nina, para de se martirizar tanto.

— Não consigo, tá? Eu trai uma amiga, minha própria família, e isso pra mim é a pior coisa que existe. Seria como se você roubasse a namorada do Davi — falei sem pensar e então parei, quando Natan começou a rir, percebendo o que dissera. — Tá bom, você entendeu. E o Davi bem quis te dar um soco quando soube do dia da Floresta da Tijuca.

Sua risada parou um pouco e ele me revelou algo que, até então, eu não fazia a menor ideia.

— Bom... Ele quase conseguiu.

Eu ergui a sobrancelha, encarando-o estarelecida.

— Como assim ele quase conseguiu? — praticamente gritei. Não estava acreditando que os dois tinham realmente brigado!

— Calma, Nina, já faz tempo isso — tentou me tranquilizar. Eu, porém, continuei olhando-o, esperando uma resposta. Natan suspirou. — Davi chegou um dia em casa todo irritado, dizendo que não acreditava que eu tivesse beijado você e tudo mais. Eu acho que ele já tava chateado com a história da Mayara e quando descobriu isso... Não sei o que deu nele, ele simplesmente veio com tudo. Mas eu segurei o braço dele e perguntei se ele tinha pirado. Depois disso, ele caiu

em si e nós conversamos como pessoas civilizadas.

Levei minha mão até a testa, massageando-a de preocupação.

— Não acredito que fiz vocês brigarem. Mesmo que não tenha sido nada demais, vocês quase nunca brigam. Não assim. — Apoiei meu corpo no braço que acabara de colocar no chão de madeira. — Viu? Viu o que acontece quando se trai a confiança de um amigo e, principalmente, de alguém da família? Não quero isso pra mim, Nael, não quero.

Natan ficou calado e eu o olhei, estranhando seu silêncio após quase um minuto.

— O que foi?

Ele me encarou, parecendo ressentido. Só então, entendi o que eu dissera.

— O que você quer, então, Anna? Porque eu já desisti de praticamente tudo, já quase briguei com meu irmão, terminei com sua prima e, ainda assim, você parece não se decidir. — Abaixei a cabeça, envergonhada por tê-lo magoado.

Antes mesmo que percebesse, Natan pulara do alto da casinha de madeira e pousou ao chão, parando ali por alguns segundos.

— Você pode me procurar quando se decidir, mas... Depois desse tempo todo, eu não sei se ainda vou tá esperando por você.

CAPÍTULO 26

Olhei para o meu celular pela milésima vez. Encarei-o como se a qualquer minuto ele pudesse tocar ou que, subitamente, eu descobrisse que se encontrava no modo silencioso, fazendo-me perder as ligações importantes. Mas, ao abrir a tela, não encontrei nada ali, exceto meu plano de fundo.

Eu respirei fundo, tentando inutilmente esquecer aquilo. Fazia uma semana já; no entanto, sempre me pegava, vez ou outra, encarando o aparelho na esperança de uma ligação, como se a culpada não tivesse sido eu mesma.

Era melhor assim, tentei me dizer. Era melhor sem toda a complicação. Tudo vinha desmoronando desde a descoberta dos meus sentimentos por Natan, mas era quando algo acontecia entre nós que as coisas ficavam cem vezes pior. Mesmo ainda pensando nele quando estava com Gustavo, eu estava bem porque tinha outra pessoa para ocupar minha mente, e agora...

— Ele ainda não ligou? — ouvi minha mãe perguntar. Elevei os olhos e a encontrei, parada no portal do meu quarto.

A primeira coisa que reparei foi sua roupa: minha mãe estava bem arrumada. Não arrumada para uma festa, mas como se esperasse uma visita ou fosse dar uma volta. Eu dei de ombros, porém, pensando que talvez fosse se encontrar com seu novo namorado, Carlos.

— Não. — Suspirei. — E nem deveria, depois da minha mancada. Mas eu sinto saudade, você sabe.

Ela andou até a cama onde eu estava deitada e se sentou na beirada, acariciando meu cabelo.

— Acho que você tá precisando de um tempo de tudo — falou, como se tentasse iniciar um assunto. — Já faz uma semana e você não desgruda desse telefone.

— É, eu acho que sim...

— Bem, eu andei pensando... — Mas parou ao notar a presença de Douglas no corredor.

Nós o observamos adentrar o quarto e se jogar na cama sem pedir permissão.

— E aí, mãe? Vai sair com o Carlos hoje? — perguntou, observando sua roupa.

Minha mãe olhou para si mesma, parecendo, só então, perceber que estava arrumada.

— Ah, não. — Ela ficou sem graça e parecia pensar em um modo de mudar o assunto, mas percebendo que a encarávamos, querendo uma resposta, ela disse somente: — Teremos uma visita, só isso.

— Ah, é? — perguntei, erguendo a sobrancelha novamente. — Quem?

— Vocês vão ver — respondeu com uma piscadela que, eu supus, deveria ser

descontraída. Porém, ela estava tensa e aquilo me fez franzir o cenho enquanto trocava olhares com meu irmão.

Douglas deu de ombros, entretanto, e mudou o assunto.

— A gente queria te pedir uma coisa, mãe — começou com a voz suave.

Minha mãe estranhou, encarando-o com a testa franzida, e eu a imitei.

— Queremos? — perguntei em dúvida. Douglas balançou a cabeça positivamente e eu me pus a pensar. Então lembrei. — Ah! Sim! Queremos!

Com todos os meus pensamentos voltados para Natan e Leticia — Gustavo também, mas a esse, ao menos, eu já conseguira dizer o que realmente queria e esperava que, mais tarde, pudéssemos ter uma conversa decente —, eu esquecera meus planos para Jullie e Douglas.

Durante aquela semana, vínhamos discutindo os preparativos para a festa que eu propusera, querendo ter tudo anotado e pensado antes de realmente falar com nossa mãe.

Mamãe continuou a nos encarar, esperando.

— Bem, como você sabe, dia dez é o aniversário da Jullie. Nós estivemos pensando em fazer uma festa surpresa pra ela aqui, mas, é claro, queremos pedir sua permissão.

Ela parou para refletir e Douglas não se conteve.

— Por favor, mãe! — pressionou. — É minha chance de tentar me acertar com a Jullie, sabe?

Ela suspirou.

— Tem uma condição. — Seu rosto se desviou para mim. — Mas ela depende de você. É pegar ou largar.

— Topo qualquer coisa! — apressei-me em dizer. Mas me arrependi. Era óbvio que não vinha boa coisa.

— Sua tia e eu estamos preocupadas. Leticia quase não fala mais com ninguém aqui depois do que aconteceu e só consegue ficar irritada e brigar com a Rosa. Eu sei que você tentou pedir desculpas, mas nós não queremos esperar as coisas piorarem para tentar dar um jeito. — Eu escutava com atenção, esperando a pior parte. — Então, nós conversamos e decidimos que tava na hora de intervir nessa história. — Arqueei a sobancelha. — Nós vamos viajar juntos, final de semana que vem. Nós cinco. E você tem que prometer que vai *tentar* fazer tudo o que tiver ao seu alcance para voltarem a se falar.

— Sério? Sério mesmo? — choraminguei. Do jeito que Leticia ficava quando estávamos próximas, um final de semana inteiro com ela e eu não voltava viva para casa.

— Espera. — Nós duas olhamos para meu irmão. — Você disse “nós *cinco*”?

— Disse.

— Ah, que ótimo!

Ele deixou o corpo cair à cama, bufando de raiva. Minha mãe o ignorou.

— O que me diz, Anna? — Ela parecia esperançosa.

Eu olhei dela para Douglas, considerando se ajudá-lo valia meu atestado de óbito, e suspirei derrotada.

— OK! Tudo bem! Eu vou tentar, mas você sabe que vai depender dela, não sabe? Eu quero muito que ela aceite minhas desculpas.

Minha mãe sorriu alegremente, dando-me um abraço apertado.

— Obrigada, querida.

A campainha soou lá embaixo e eu franzi o cenho, confusa. Não estávamos esperando ninguém, estávamos? Então, olhei para a roupa da minha mãe, lembrando que ela estava bem vestida demais para simplesmente ficar em casa e suspeitei que talvez estivéssemos, sim. Quando abri a boca, porém, para mandar Douglas abrir a porta, minha mãe me interrompeu.

— Anna, você pode ir lá abrir?

Eu revirei os olhos, mas obedeci, descendo as escadas com rapidez enquanto checava se a roupa estava OK para receber visitas.

Parei em frente à porta e fiquei surpresa ao puxar a maçaneta.

— Pai?! — Encarei a figura alta do meu pai, parado na varanda com uma expressão desconfortável. — O que você tá fazendo aqui?

Ele ergueu a sobancelha.

— Sua mãe não avisou que íamos conversar? — perguntou, sem entender.

— Na verdade, eu tava esperando você chegar — minha mãe se intrometeu e eu girei nos calcanhares, encarando sua expressão indecifrável.

Meu rosto virou de um para o outro e tudo o que eu pensava era no que diabos estava acontecendo. Pude ver minha própria confusão refletida no rosto de Douglas. Nós nos encaramos antes de eu dar espaço para meu pai entrar e ele se direcionar ao meu irmão, dando-lhe um abraço. Então, após se afastar, ele e minha mãe trocaram olhares significativos e ela seguiu até o sofá em um pedido mudo para que a seguissemos.

Sentei-me em silêncio, mas, em minha cabeça, milhares de perguntas se passavam. Meu coração batia acelerado com aquela reunião. Será que meus pais iam... Reatar? Eu queria que fosse verdade. Apesar de Carlos e da melhora que ele obviamente lhe fazia, minha mãe ainda não esquecera meu pai e isso estava estampado em seu rosto, pelo simples modo como ela o olhava. Afinal, eu conhecia minha progenitora melhor do que ninguém.

Meus pais se sentaram no mesmo sofá enquanto Douglas e eu, em poltronas separadas. Nós continuamos calados, esperando. Pela maneira como meu pai olhava minha mãe, ela parecia ser a porta-voz.

— Bem... Eu sei que isso pode ser uma surpresa pra vocês, mas seu pai e eu temos conversado bastante nessa última semana. Deixamos o tempo agir e nossas vidas mudarem de rumo pra ver se ela acabaria nos levando até a resposta do que fazer quanto a esse casamento, mas decidimos essa semana

parar de esperar e tomar uma decisão. — Eu observei seu nervosismo, seu torcer de mãos e, principalmente, a expressão do meu pai e, por um segundo, tive uma sensação ruim. — Vai ser difícil nos adaptarmos a isso, mas o tempo passa e conserta tudo... E talvez nem seja mais tão complicado assim depois desses três meses separados...

Eu já quase não ouvia o que minha mãe dizia. Encarava-a sem realmente vê-la, sem saber o que pensar de toda aquela situação.

Meu pai pousou a mão em seu joelho ao perceber que ela se enrolava com as palavras, não conseguindo jogar a verdade em nossas caras, e a fez se calar.

— *Sua mãe* acha que as coisas melhoraram depois desse tempo em que ficamos separados e que é assim que tudo deveria continuar — resumiu meu pai sem expressar emoção alguma. A ênfase que dera quando mencionou minha mãe, me fez perceber que ele não estava exatamente de acordo com a sua opinião. — E é por isso que decidimos nos divorciar.

Sabe quando somos pequenos e vemos aqueles filmes de contos de fadas? Sabe como sempre comparamos nossos pais aos príncipes e princesas com finais felizes e achamos que eles são para sempre? A sensação que tive quando meu pai finalmente nos disse a verdade foi como a que senti quando descobri que Papai Noel não existia. Suas palavras foram como facas atacando repetidamente a única crença que eu ainda mantinha da minha infância.

Mesmo quando os dois não eram mais os mesmos pais de antes, eles ainda estavam *juntos*. E, no fundo, eu sempre acreditei que era assim que eles continuariam. Que superariam tudo o que passaram e reatariam.

Mas eu me enganei.

— Isso é ridículo! — meu irmão se revoltou. — Pra que deram aquele tempo, então? Você não queria que meu pai mudasse? Bem, ele mudou e até *eu* percebi isso. Se não queria voltar, por que nos deixou ter esperanças de que isso ia acontecer? Bela mãe que você foi! Nos fazendo acreditar que tudo ia voltar ao normal quando só queria que meu pai saísse de casa!

— Douglas, olha como fala com a sua mãe — ralhou meu pai, se levantando. Meu irmão o imitou, mais irritado do que nunca.

— Que é? Vai defender agora? Como se você quisesse esse divórcio! Porque parece que nossa querida mãe só tá pensando em si mesma com essa decisão!

— Não se atreva a dizer isso! — interferiu minha mãe, finalmente quebrando seu silêncio. — Tudo o que eu tenho feito nesses últimos meses... Não! Nesses últimos anos... É pensando em vocês! Por anos, tive que aturar o afastamento do meu pai e jamais considerei a separação porque sabia o quanto isso ia machucar vocês dois!

Eu apenas encarava a cena como se não fizesse parte dela. Naquele momento, eu não sabia o que pensar ou o que fazer. Se não estivesse paralisada, talvez fizesse coro a Douglas. Não que eu concordasse com o que dizia; eu sabia

que tudo o que saía da sua boca era simplesmente um modo de demonstrar a dor que sentia com a notícia. Mas eu ainda não a sentira e por isso não conseguia agir. Era como se ainda não tivesse caído a ficha. Eu não entendia direito porque todos gritavam um com o outro.

E, por vários minutos, eles continuaram discutindo e esbravejando como se despessem tudo o que estivera entalado em suas gargantas. E eu apenas os encarava.

Levantei-me, de repente, mas eles não pareceram notar. Não até que eu tivesse chegado à porta e ouvisse meu pai falar por cima das vozes do meu irmão e da minha mãe:

— Anna, aonde você vai? — Não respondi. — Anna, volta aqui!

Apenas bati a porta com toda a força que encontrei dentro de mim e fugi daquela casa que, ao menos naquele instante, parecia me sufocar. Quase pude ver as paredes se moverem, se apertarem, como se fossem me esmagar caso ficasse por mais um minuto sequer lá dentro.

A noite lá fora já ia alta. Havia dezenas de estrelas no céu, brilhando quase insuportavelmente. Parecia até irônico que estivesse tão bonito lá em cima quando, para mim, parecia haver uma nuvem negra me seguindo.

Minhas pernas fizeram meu caminho quase sem comando algum. Elas apenas me levaram até lá antes que eu pudesse desviar. Parei no portão, observando a casa de Natan com uma mistura de medo e saudade. Eu queria me frear, mas a quem mais eu poderia recorrer em um momento como aquele? Jullie, talvez, mas ela viajara na terça-feira anterior para a casa dos tios em Búzios e só voltaria no domingo antes da volta às aulas. Se ela estivesse em casa, pelo menos, eu poderia tentar me impedir de entrar — ainda que eu soubesse que seria difícil conseguir.

Atravessei o jardim florido de Denise Borges e, ao chegar à varanda, toquei a campainha. O som alto pareceu me despertar do transe em que eu entrara durante a briga da minha família. Então, eu finalmente entendi. *Meus pais iam se divorciar.*

Meu olhar estava focado na porta da casa enquanto ouvia passos do outro lado dela. Não aguentei, entretanto, esperar ser atendida para desmoronar. O choro veio sem pedir licença, irrompendo por meus olhos e lavando meu rosto com uma rapidez assustadora. Eu o afundei em minhas mãos no mesmo instante em que a porta foi aberta.

— Anna? — A voz surpresa e assustada, porém, não era de Natan.

Senti minhas mãos serem afastadas do meu rosto e, por entre as lágrimas, vi o rosto de Davi me encarando com apreensão.

— Anna, o que aconteceu? — perguntou, colocando um braço ao redor do meu corpo enquanto me puxava para dentro. Eu não respondi, pois agora que começara, não sabia como parar o choro. — Natan! Natan, vem cá *agora!* —

gritou Davi com urgência.

Passos apressados. Vozes assustadas. Até a mãe dos meninos apareceu para me ajudar. Meu Deus! Eu estava bagunçando aquela família inteira e nem ao menos me dava conta disso!

Fui conduzida até outro cômodo e posta para sentar em algo macio. Somente quando a voz de Denise nos interrompeu novamente, porém, dizendo que buscaria água para mim, que percebi que me encontrava no quarto de Natan.

— Anna, olha pra mim — disse ele após se agachar à minha frente.

Natan segurou meu rosto, forçando-me a encará-lo ainda que por baixo de lágrimas. No entanto, olhá-lo só fez o volume delas se intensificar. Porque, não bastasse meus pais, eu também tinha que me lembrar dos acontecimentos da última segunda feira e do quanto eu vinha estragando nossa amizade desde o fim do meu relacionamento com Davi.

Além do mais, ele me chamara de Anna. Não havia coisa pior do que Natan me chamar de Anna.

— Anna — continuou, tentando me tirar daquele estado em que eu me encontrava. — Para de chorar, Anna. Olha pra mim. Por favor, *Nina, olha pra mim*.

Eu respirei fundo, soluçando sem querer. *Nina*, ele dissera. Então, estava tudo bem.

Percebendo que conseguira me acalmar, Natan inspirou com mais tranquilidade. Nesse mesmo instante, sua mãe adentrou o quarto com o copo d'água que fora buscar e caminhou até o lado de Davi, que me observava com preocupação, os braços cruzados ao peito.

— Respira fundo — comandou. Fiz o que ele dissera. — Agora bebe isso aqui. — E pegou o copo da mão de Denise, oferecendo-me em seguida. Eu aceitei, virando alguns poucos goles. — Se sente melhor?

Eu acenei com a cabeça, parecendo uma criancinha que ralara o joelho. Todos me olhavam com evidente apreensão e eu me senti na obrigação de dizer alguma coisa.

— Obrigada — agradei com uma timidez que não me convinha. Pelo menos, não quando eu estava com Natan.

Olhei para o chão, encabulada, tentando pensar no que dizer para aqueles olhos curiosos. Não sabia, porém, se deveria expor um assunto tão particular assim... Mas, não. A família Borges era praticamente uma extensão da minha própria e não havia problema algum em contá-los o que quer que fosse. Meu medo mesmo era não conseguir falar sobre aquilo sem abrir novamente o berreiro. E por mais acostumada que estivesse em chorar na frente de Natan e Davi, eu estava com vergonha de fazê-lo diante da mãe deles.

— Nina, me diz o que aconteceu — pediu meu melhor amigo, quase em uma súplica.

— Eu... Foram... Alguns problemas lá em casa e... — Eu gesticulava, como se minhas mãos pudessem ser as portadoras da notícia. — Vocês sabem... Eu... Só não devia ter vindo assim... Atrapalhar vocês desse jeito... Desculpa... É melhor eu ir embora...

Comecei a levantar, mas a mão de Natan me impediu de ir muito longe. Ele me segurou pelo braço, puxando-me de volta para a cama.

— Tá maluca? É claro que você não vai sair daqui assim. Nós não precisamos falar sobre o assunto, OK? — disse, olhando em meus olhos.

Concordei com a cabeça.

— Eu vou deixar vocês conversarem — avisou Denise —, mas me chamem se precisar, está certo? — Então, se dirigiu a mim. — E, querida, você pode ficar, se quiser. Você sabe que é sempre bem-vinda nessa casa. Eu posso ligar para sua mãe e avisar a ela.

Acenei novamente e me perguntei se minha mãe não piraria e viria me buscar. No entanto, não me permiti negar. Da última vez que eu fugira, ficara duas semanas de castigo. Por mais que não quisesse voltar para casa naquele momento, também não queria deixá-la na preocupação.

Sorri para Denise e agradei antes de ela se retirar.

Assim que o fez, Natan se ergueu do chão, sentando-se ao meu lado na cama. Davi o imitou, ocupando o lugar restante. Os dois envolveram minhas costas com seus braços, em um abraço triplo.

— Foi alguma coisa com a Letícia? — perguntou Davi, sem se refrear.

Pelo canto do olho, vi Natan o fuzilar com o olhar.

Não me importei, entretanto. Agora que a mãe deles se fora, eu podia desabafar sem vergonha de chorar na frente dela. Nunca fora tímida com os dois irmãos, por que agora seria diferente?

— Não — neguei, respirando fundo. — Foram meus pais. Eles... — Minha voz tremeu e eu podia sentir meu estômago se revirar enquanto as lágrimas voltavam. — Eles vão se divorciar.

Pronto. Dissera. Colocara aquilo em palavras. No entanto, ao fazê-lo, tudo se tornou mais sério. Como se, só agora, fosse real.

Meus olhos marejaram novamente e eu senti a tristeza voltar. Alguns poderiam não entender porque eu ficara tão triste com aquela notícia se meus pais nem moravam mais na mesma casa. Mas a verdade é que, no fundo, sempre esperei seu retorno. Quando eles fizeram aquela escolha de se separar, eu aprovara porque não conseguia mais conviver com um pai daqueles. Mas, agora, meu pai não era mais o mesmo. Ele mudara, ele se tornava pai de verdade novamente. E, para mim, aquilo era a única coisa que os impediam de reatarem.

As mãos de Natan apertaram meu corpo levemente contra o dele enquanto Davi afagava meu braço. E ainda que as coisas estivessem indo de mal a pior,

durante aquele breve instante, eu me senti como nos velhos tempos...

— Davi, eu posso matar a Mayara? — perguntei, deslizando meu lábio inferior para baixo, em uma expressão de dar dó, enquanto ele erguia a sobrancelha. — Antes de vocês se conhecerem as coisas eram mais fáceis.

Ele riu, me empurrando de leve. Do jeito que eu estava mole, porém, acabei me deixando tombar na cama, enfiando a cara no travesseiro de Natan. Davi riu ainda mais. Respirei fundo, quase me embriagando com o cheiro que meu melhor amigo deixara ali, antes de levantar novamente, me ajeitando.

— As coisas podiam ser fáceis, mas não tavam *certas* — falou, sem perceber minha recaída momentânea.

Eu espremi os olhos, analisando seu ponto.

— Acho que eu ainda prefiro as fáceis. — Eu balancei a cabeça, forjando uma expressão distante.

— Eu acho é que você tá com saudade dessa minha boquinha linda — declarou, fazendo bico enquanto se aproximava de mim.

Eu coloquei minha mão espalmada em seu rosto, empurrando-o para longe.

— Ih, vem não, garoto. Vou contar pra sua namorada, hein! — ameacei, rindo.

— Vai contar o que pra Mayara? — perguntou Natan, se intrometendo após entrar no quarto, carregando uma bandeja.

— Nada, fofoqueiro. — Dei língua para ele ao mesmo tempo em que observava o prato de sanduíches que ele trouxera. — Opa, isso é tudo é pra mim? — perguntei antes de pegá-lo e abraçá-lo enquanto me distanciava dos dois.

— Claro que não, gulosa. Deixa um pouco pros magricelos aqui.

— Magricelos? Há! Essa é boa — zombei.

Natan revirou os olhos e pegou o prato de volta, recolocando-o na bandeja. Separou os guardanapos que trouxera e colocou um sanduíche em cada, nos entregando em seguida. Eu aceitei com um sorriso rápido e comecei a mastigar em silêncio. Mesmo com tudo o que se passara entre Natan e eu, era bom saber que ainda podia contar com ele como amigo. Eu estava bem naquele momento — um pouco melhor, pelo menos —, mas sei que não teria ficado com tanta facilidade se não tivesse ele e Davi para me ajudar.

Por quase cinco minutos, ficamos todos calados, somente comendo. Quando comecei a pensar novamente na situação dos meus pais, no entanto, fui interrompida pela voz de Davi.

— Quanto tempo a gente não fazia isso, né? — Olhei para ele, franzindo o cenho. — Isso. — Seu dedo apontou de Natan para mim e então para ele mesmo. — Se juntar assim e ficar falando besteiras.

Eu sorri, perdida em nossas lembranças.

— É verdade...

Eu apoiei meu queixo em meu joelho, pois mantinha a perna esquerda dobrada, em cima da cama, e encarei o chão, totalmente absorta em meus pensamentos.

Até Davi percebera o quanto nós tínhamos mudado e aquilo era realmente triste. Naquele momento, tudo o que eu queria era uma máquina do tempo.

Desviei meu rosto ao ouvir um estalo forte e olhei para Davi, que massageava a cabeça. Natan lhe dera uma bofetada e agora sacudia a cabeça em negação.

— Imbecil — xingou, recolhendo os pratos para levá-los de volta à cozinha. — Falar disso pra que, coisa inteligente? — resmungou antes de sair do quarto com a bandeja.

Eu ergui a sobancelha, não conseguindo evitar sorrir.

— Tá aí uma coisa que não muda. Parece só que fica cada vez mais violento — reclamou Davi, ainda massageando a parte de trás da cabeça.

— Liga pra ele, não, meu lindo — falei com voz de bebê, puxando-o para um abraço esmagado. — É que ele sabe que eu fico toda sentimental quando falo de antigamente.

— Para de saudosismo, garota, olha para o futuro!

Soltei uma gargalhada.

— Saudosismo? Alguém tá prestando atenção nas aulas de português... — comemorei, cutucando sua barriga, fazendo se afastar. — Mas é que o passado era mais legal. Cada vez que eu tento olhar pra frente, só vejo mais coisa ruim.

Davi entortou a cabeça, dando-me uma olhadela engraçada.

— Você não entende, né?

— O quê? — perguntei, erguendo a sobancelha.

Ele suspirou, me deixando ainda mais confusa sobre o que falava.

— Você tá em uma fase de transição — me explicou, mas não obtive muito sucesso no entendimento da coisa. — Você costuma dizer que antes sua vida era perfeita. Mas não tem como ficar parada no tempo, Anna. As mudanças são necessárias. E pra que elas aconteçam, existe uma fase de transição, de adaptação.

“Perfeição não existe. Você sabe disso. Sua vida não era perfeita. Ela só era o suficiente para a antiga Anna. Mas você cresceu. As pessoas a sua volta cresceram. E aí as nossas vidas já não era mais o suficiente. Me diz se você queria continuar a viver com um pai que não te dava atenção — pediu e eu neguei rapidamente com a cabeça. — Me diz se você queria que meu irmão guardasse pra sempre o que sentia por você e você jamais descobrisse o que sentia por ele. — Neguei novamente. — Então. Nada mudou. Mas *tá mudando*. E quando você puder dizer isso no passado, talvez seja porque elas finalmente se acertaram.”

Encarei-o, piscando. Desde quando Davi era tão... Profundo?

— Eu acho que... A Mayara tem te feito bem — admiti com um sorriso.

Ele se encabulou, ficando vermelho. Soltei uma risadinha, abraçando-o de lado.

— Obrigada, Davi. Fico feliz que as coisas entre nós *tenham mudado* — declarei, erguendo a sobrancelha para fazê-lo entender o sentido de minha frase.

— Eu também — suspirou, sorrindo. — Porque quando elas estavam mudando, eu me sentia um lixo por ter magoado você. E agora que passou, sinto como se jamais tivesse sido diferente.

Eu abri a boca para responder, mas o telefone da casa tocou nesse instante, interrompendo minha conversa com Davi. Ele se levantou, me dando um beijo na testa.

— Deixa eu atender; deve ser a May. Ela sempre liga essa hora... — E saiu do quarto, me deixando sozinha novamente.

Girei meu olhar pelo cômodo, observando os objetos pertencentes a Natan. Fazia tempo que eu não visitava aquele lugar. Primeiro, devido ao término com Davi. Depois, nossa briga. E, então, meu namoro com Gustavo.

Deslizei para trás, me sentando mais ao centro da cama, para depois inclinar meu corpo para o lado e deitar. Sentia-me em um estado de torpor, absorvendo todos os conselhos de Davi e tentando fazê-los me acalmarem, na garantia de que tudo ficaria bem. Respirei fundo, cada vez mais tranquilizada. Meus olhos pesavam e meu corpo caía em um estado de semiconsciência por alguns segundos antes de acordar novamente.

Já era a terceira vez que fazia aquilo e percebia que não demoraria muito para finalmente dormir. Entretanto, a porta se fechando atrás de mim me despertou e eu virei na cama, ainda deitada, olhando para a silhueta do dono do quarto.

Natan caminhou tranquilamente até a beirada da cama, onde se ajoelhou e deitou também, no lado oposto ao meu, mas virado para mim. Ele fez um movimento quase brusco com a mão, como se fosse erguê-la até onde eu estava, porém, freou-se e a manteve parada.

— Tá melhor? — perguntou, analisando meu rosto com o olhar intenso que só agora, depois da declaração, eu conseguia traduzir. Era uma análise profunda que fazia de mim, tentando, em silêncio, entender o que se passava comigo, dentro de mim. Tentando me descobrir.

— Um pouco — respondi categoricamente. — Eu surtei na hora porque não esperava, mas... Ainda não é fácil.

Abaixei meu olhar, desviando-o do dele, não querendo que Natan visse minha tristeza. É óbvio que ele veria, mesmo assim. No segundo seguinte, sua mão parou em meu braço, sem tentativa de refreamento, afagando-o da maneira carinhosa que só ele tinha.

Fechei os olhos, aproveitando o toque de Natan. Seus dedos agora caíam para meu ombro e, então, acariciavam meu rosto.

— Sinto sua falta — admitiu com a voz suave, porém escondendo um fiapo de nervosismo.

— Eu também. — E inspirei fundo. — Desculpa por segunda. Eu não quis dizer que não queria ficar com você, mas que eu precisava consertar as coisas com a minha prima *antes de qualquer coisa*.

Natan suspirou. Ele pareceu se aproximar apesar dos nossos corpos não se tocarem, exceto por sua mão em meu rosto. Quando falou, porém, senti seu hálito bater em meu rosto com ainda mais força do que antes.

— Eu sei o que você quis dizer. — Agora eu podia sentir o rosto de Natan a milímetros do meu e nossos narizes praticamente se tocavam. — Eu também tenho que pedir desculpas... Por ter sido egoísta a ponto de pedir que você escolhesse. Eu prometo que vou ser paciente. Eu vou te esperar.

Franzi os lábios, agora mais lerdos do que o normal. O sono ia e vinha por vários segundos, deixando-me tonta e devagar. Ou talvez fosse a presença de Natan.

— Não quero que você me espere — comecei com calma para não embolar as palavras — se for para atrapalhar sua vida.

Uma risadinha. Alguns segundos de silêncio.

— Eu sempre espero, afinal.

E, então, eu apaguei.

CAPÍTULO 27

Eu não tinha um bom pressentimento sobre aquela viagem.

Enfiar dois adolescentes que acabaram de descobrir que os pais iam se divorciar, uma mãe irritada pela discussão sobre o assunto, mais uma prima traída em um mesmo carro para um lugar isolado da civilização era como nos mandar para a forca. E não era apenas uma metáfora.

Suspirei enquanto observava os viajantes daquele carro. Minha tia parecia até deslocada diante de tamanho desacordo. Ela era a única ali que não estava emburrada ou brigada com alguém. E, apesar disso, minha mãe ainda insistiu no final de semana do terror.

— Nós não precisamos de mais tempo para pensar. O que precisamos é de um tempo juntos e esforço para fazer dar tudo certo — dissera ela, tentando ser categórica. No entanto, eu podia ver uma veia do seu pescoço querendo pular enquanto conversava conosco; mais especificamente com Douglas.

Não sei que desfecho teve a discussão em nossa casa, já que eu fora para a residência dos Borges, mas acredito que não tenha sido nada legal. Durante o restante da semana, Douglas e minha mãe quase não se falaram — apenas o essencial.

E agora estávamos indo, naquela sexta-feira ensolarada, para Visconde de Mauá.

Minha mãe dissera que só levaria duas ou três horas de viagem caso não houvesse trânsito, e adivinha só? Havia trânsito.

Eu ia ao meio, entre Douglas e Letícia, no banco traseiro do carro, porque minha mãe me obrigara. Ela me puxara antes de entrar e dissera:

— Lembre-se de tentar se reconciliar com ela. — Apesar do tom baixo, parecia uma ordem. Nem usei discutir. Além disso, eu estava com sono. Eram sete horas da manhã — sete!

No rádio, um CD gravado por minha mãe tocava em alto e bom som. Atrás, nós íamos em silêncio, todos completamente sonolentos, enquanto Tereza — eu realmente não conseguia chamá-la de mãe naquele momento, ela estava envergonhando nossa família! — e Rosa — idem — cantavam Akon com euforia. E desafinação.

— *“I wanna make up right now, na na! I wanna make up right now, na na! Wish we never broke up right now, na na! We need to link up right now, na na!”*

Eu revirei os olhos. Parecia que sua irritação conosco a incentivara a nos fazer passar vergonha. Nossa sorte era que estávamos em um carro fechado, onde não havia ninguém de fora para assistir *aquilo*.

“Socorro!”, digitei no celular, “Minha mãe + tia Rosa cantando Akon = Anna se enforcando”. Enviei, em seguida, a mensagem para Jullie. Eu não esperava

resposta imediata, ainda era cedo demais para minha amiga estar acordada.

— “*Tell I get you back, I’m gonna cry. I miss you much.*”

— Mãe! — exclamei irritada. — Por que você não coloca uma música calma, tipo Colbie Caillat, nos deixa dormir e depois — dei ênfase à palavra — nós cantamos todos juntos animados? — Abri um sorriso amarelo.

Ela analisou a situação, olhou para mim, depois para Douglas e Letícia e suspirou alto.

— Tudo bem! — Seu braço se estendeu para o rádio, trocando a música.

— Obrigada. — agradei já de olhos fechados, a cabeça apoiada no banco.

Não dormi, porém. Ao menos, naquele instante. Agora que o silêncio se instalara, meus pensamentos voltaram para Natan, como sempre faziam quando estava só. Parecia ter se tornado um *hobby* meu. Frequente como um vício, no entanto.

Lembrei da última vez que nos víamos na terça-feira. Não exatamente “nós” já que, quando eu acordei, meu amigo ainda dormia. Mas ainda assim...

Eu abria os olhos, sentindo como se tivesse sido atropelada por um trem. Tinha uma dor de cabeça infernal e meus olhos estavam inchados do choro da madrugada, após o despertar de um pesadelo que tivera. Passara quase uma hora chorando no colo de Natan, que acordara com meus soluços, me consolando com seu talento incrível de me acalmar.

— Vai dar tudo certo, meu anjo — dissera com a voz serena. — Vai ser melhor assim, não vai? Seu pai tá mudado, sua mãe tá feliz...

Solucei, sabendo que ele estava certo, mas ainda sem conseguir expulsar aquela tristeza.

— Eu sei — admiti, limpando inutilmente as lágrimas que caíam. — Mas eles tão juntos há tanto tempo que eu não consigo imaginar eles separados de verdade! Eu achei que... Eu achei que fosse tudo provisório.

— Eu sei que você achou. — Ele acariciou meus cabelos enquanto falava. — Provavelmente, eles acharam também. Mas o tempo foi necessário para que tomassem suas próprias decisões, não foi? Há muito tempo essa situação tava ruim, Nina. Você via, você odiava. E agora tá se resolvendo, mesmo que não seja da maneira que todos vocês esperavam.

Balancei a cabeça em afirmação, concordando com o que ele falara. Como sempre, Natan estava certo.

Inspirei fundo, recebendo uma boa dose do cheiro dele em minhas narinas. Eu tinha a cabeça encostada em seu tórax e deslizei minhas mãos até seu pescoço, puxando-o para um abraço. Ele apertou os braços que contornavam meu corpo até minhas costas e ficamos assim por vários minutos.

Mantive os olhos fechados e a respiração quase silenciosa — e talvez por isso Natan tenha pensado que eu dormira. Ele se mexeu, me ajeitando de volta ao colchão e fez menção de voltar para a cama improvisada que fizera ao chão.

Porém, não soltei seu pescoço, fazendo-o quase cair quando tentou ir para trás, e abri os olhos novamente, mostrando-o que estava acordada.

— Fica aqui — pedi, manhosa. — Só um pouco.

Seus olhos analisaram meu rosto triste e ele acenou com a cabeça, deitando-se na cama ao meu lado antes que eu deslizesse para perto, apoiando meu rosto em seu ombro e pousando meu braço por cima da sua barriga. Ouvi-o suspirar baixo, mas, agora que parara de chorar e ainda o tinha perto de mim, o sono voltou rápido, não me dando tempo para analisar sua reação.

Quando acordei, a choradeira da madrugada finalmente me abatendo, ele ainda se encontrava na mesma cama — provavelmente, tendo apagado rápido. Nossas mãos estavam entrecruzadas e seu rosto bem próximo ao meu.

Observei cada traço já tão conhecido e senti meu coração despedaçar lentamente. Eu estava bagunçando tanto a vida de Natan e nem ao mesmo mostrava me importar. Dissera-o que não queria aquilo e decidira que era melhor tê-lo longe enquanto não conseguia resolver as coisas com Letícia, mas sempre acabava voltando a ele, amansando-o, fazendo-o esquecer o que eu fizera.

Descruzei nossas mãos para sentar à cama, olhando o relógio. Mesmo sendo cedo, fiquei feliz por isso. Todos estavam dormindo ainda e era melhor ir embora antes que Natan acordasse e eu não tivesse coragem de dizer não novamente.

Levantei e procurei rapidamente por um pedaço de papel e uma caneta. Não sabia o que escrever, mas devia uma explicação. Lembrei, então, a conversa com Davi e rabisquei um textinho simples, porém verdadeiro.

“Ainda não está na hora daquele nosso tempo de melhores amigos ficar somente no passado. Mas quando eu estiver pronta para a mudança, você saberá.”

E saí do quarto, me forçando a não olhar para trás.

Pensando nisso, naquele momento, em um carro em direção a Visconde de Mauá, eu sabia que fizera uma boa escolha. Só esperava que essa viagem realmente me ajudasse com Letícia. Não sabia por quanto tempo conseguiria fugir de Natan.

Com os pensamentos nele por tanto tempo, acabei pegando no sono sem nem mesmo perceber.

Quando acordei, meu irmão e minha prima dormiam. Minha mãe e tia Rosa estavam em silêncio; no rádio tocava uma música que eu não conhecia.

— Falta muito? — perguntei, me espreguiçando o máximo que o espaço do carro permitia.

— Uma hora, uma hora e meia, por aí — respondeu tia Rosa.

Eu fiz uma careta.

— Ainda?

— É. Culpa do trânsito, né? — Ela deu de ombros.

Somente suspirei enquanto voltava a me encostar ao banco e tentava aceitar o fato de que ainda teria uma longa hora de tédio pela frente.

— Ca-ram-ba — foi a única coisa que consegui dizer quando minha mãe estacionou o carro no estacionamento da pousada.

Era lindo, não havia dúvidas. Era como o paraíso.

Foi um longo caminho — quatro horas de estrada, uma estreita serra onde eu passei a maior parte do tempo com os olhos fechados para não passar mal e mais quarenta minutos em uma estrada esburacada que me deixara com dor de cabeça. Mas todos os contratempos e problemas do caminho valeram a pena. Com toda a certeza.

A pousada na qual ficaríamos era esplêndida. A casa principal era um grande chalé de madeira onde, ao redor, centenas de chalés idênticos, porém menores, estavam dispostos. O verde inundava a paisagem; árvores formosas, flores diversificadas, o riacho, o som da cachoeira... O melhor som de toda a Terra! Mas não poderia me esquecer de mencionar o canto dos pássaros. Era a perfeição. Definitivamente.

— Esperem aqui. Vou pegar as chaves e tudo mais. — Minha mãe tirou os óculos escuros enquanto caminhava até a porta de vidro do chalé principal. Lá, uma senhora simples de aparência bondosa mexia em alguns papéis sem notar a nossa chegada.

— Bom dia — foi só o que conseguimos ouvir antes da porta de vidro se fechar, abafando o som.

A senhora ergueu o olhar, sorrindo de repente e falando algo que não pudemos ouvir. Eu me sentei na escadinha que levava a essa pequena recepção, colocando meus próprios óculos até então guardados e fechando os olhos.

Apesar do inverno, nós tivéramos sorte. Fazia um calor estupendo. O vento morno que balançava a folhagem densa das árvores era maravilhoso. Eu mal via a hora de me atirar nas águas — provavelmente tão cristalinas quanto as do riacho atrás da pousada — de uma das cachoeiras que havia ali perto.

Não fossem as vozes, mal teria notado a volta de minha mãe, agora acompanhada pela senhora — que eu imaginava ser a dona da pousada.

— Olá! Bom dia pra todos — cumprimentou com uma voz baixa apesar do notável vigor.

Todos a responderam com sorrisos e “bom dia” animados — inclusive Leticia. Parecia que a natureza estava realmente ajudando.

— Vocês tiveram sorte. A família que tava nos chalés onde vocês vão dormir foi embora ontem! Senão não ia ter chalés próximos pra vocês. Nas férias isso aqui fica cheio, mas, com o frio que andou fazendo por aqui, muitos desistiram.

Nós paramos à frente de um dos chalés. Acima dele, uma pequena placa com o número cinco estava pendurada.

— Esses três são os de vocês. — Ela apontou para o que estávamos parados e para os outros dois à esquerda. Depois, retirou do bolso traseiro três chaves, cada chaveiro marcado com o número do seu respectivo chalé, e entregou à minha mãe. — Qualquer coisa que precisarem, é só chamar. O café da manhã é de seis às dez e o almoço de meio dia às três.

Com um último sorriso no rosto, ela cambaleou de volta para a recepção.

Eu encarei os três chalés que minha mãe pedira e fiz as contas mentalmente somente para confirmar meu medo. Três chalés. Cinco pessoas. Duas mães. Duas primas. Um garoto. Tudo bem que minha mãe queria que Leticia e eu fizéssemos as pazes, mas será que ela não tinha medo da filha ser atacada à noite?

Apesar do drama em minha própria cabeça, fui poupada de dizer qualquer coisa. Leticia abriu a boca na mesma hora, dizendo tudo (e um pouco mais) que eu pensava.

— Vocês só podem tá brincando! — exaltou-se, virando-se para a mãe e a tia. — Vocês não querendo pensando em colocar a gente no mesmo quarto, né? — Ela apontou de si mesma para mim.

— É claro que estamos. Ou tu quer dividir o quarto com o Douglas? — perguntou minha tia, fazendo uma careta.

— Poxa, tia, obrigado. Acho que vou considerar isso um elogio — falou meu irmão, debochado.

— Mainha, não vou ficar no mesmo quarto que Anna! Não vou! — esperneou como uma criança de sete anos.

Eu finalmente me irritei, não acreditando que ela estava fazendo tanta pirraça para tão pouco caso.

— Então, você pode dormir debaixo da árvore porque eu tô muito cansada pra esperar a madame dar uma de mimada. — E, dizendo isso, puxei a chave da mão da minha mãe antes de empurrar minhas malas para nosso chalé e abrir a porta, emburrada.

E meus pressentimentos só continuavam se confirmando.

Eu queria muito fazer as pazes com Leticia. Entretanto, se ela continuasse agindo feito filhinha de mamãe, acabaríamos discutindo ainda mais. Não tinha paciência para aquilo e ainda menos quando estava morrendo de sono, por isso não consegui me frear.

Após cinco minutos, minha prima entrou no quarto batendo pé com sua única mala de carrinho. Ela foi até a cama restante, mas se virou para mim antes de fazer qualquer coisa.

— É melhor tu ficar longe — avisou, irritada.

— Ui! Que medo — revidei, revirando os olhos.

Ela não disse mais nada e, durante as próximas duas horas, nós nos acomodamos em nossos respectivos chalés, guardando algumas roupas e objetos no armário e nos arrumamos para o começo do dia. Eu estava esfofada. Aguentei, porém, até todos terminarem de tomar banho e se vestir para irmos até o restaurante da pousada. Aproveitei para tirar um cochilo enquanto aguardava e, enfim, tive minha tão esperada refeição.

Encontramos lá outros hóspedes da pousada. Eles conversavam animados (muitos vestindo roupas de banho) enquanto almoçavam. O aroma que me atingiu quando chegamos era divino. À mesa de comida, via-se uma diversidade que me deixou com água na boca. Não hesitei em pegar um prato e colocar tudo o que eu encontrei pela frente.

Levamos quase duas horas para finalmente sair de lá e a essa altura do campeonato eu já estava quase tombando devido ao meu sono. Acordar sete horas da manhã, almoçar em um lugar como aquele, pegar o carro logo em seguida e ainda estar em uma cidade silenciosa e calma como Visconde de Mauá era querer que eu dormisse a viagem inteira.

Nós seguimos de carro até o centro, onde andamos e conhecemos praticamente tudo que havia por ali em poucas horas. Sempre discutindo e se batendo de frente, fizemos o tour até não aguentarmos mais a situação em que nos encontrávamos e resolvermos voltar para a pousada. Estavam todos cansados e necessitando de descanso, podíamos muito bem aproveitar o passeio no dia seguinte.

E assim foi.

Chegamos à pousada cedo ainda, por volta de sete, oito horas, mas eu apaguei imediatamente. Estava tão cansada que se continuasse de pé, eu provavelmente dormiria daquele jeito. Caí na cama de roupa e tudo e esqueci até mesmo de Leticia e das preocupações que tinha por ficarmos no mesmo quarto.

Amanheci muito mais disposta e até de bom humor — o que era uma raridade. Sabia que ainda era cedo para sorrir, mas não me contive. Uma noite de sono bem dormida e acordar sem ninguém me chamando e sem escola para ir era incrivelmente relaxante.

Espreguiceei-me na cama, ouvindo vários ossos se estalarem em alto e bom som. Olhei para o lado antes de levantar, percebendo que Leticia ainda dormia. Aproveitei a calma para fazer minha higiene matinal, tomar banho e me preparar para o dia antes que a agitação da minha família começasse. Quando terminei, decidi sair para aproveitar o clima da pousada, sentar em um banquinho às margens do riacho e não pensar em nada — exatamente como eu amava fazer.

Andei até a porta e me assustei quando não consegui abri-la. Não havia chave na fechadura apesar de estar trancada. Girei e puxei a maçaneta de todas as maneiras que pude, mas nada a desemperrava. Virei, procurando com os olhos

por todos os cantos do quarto, e, não encontrando, comecei a vasculhar gavetas e armário.

— Que barulheira é essa, hein? Eu 'tou tentando dormir — reclamou uma Leticia irritada.

— Não tô encontrando a chave — expliquei, sem olhá-la.

Era só o que me faltava: ficar trancada no quarto com minha prima!

— Ela tá na fechadura — falou como se fosse óbvio.

— E você acha que eu sou cega? Não tá lá!

Leticia bufou e jogou o edredom para frente, descobrindo-se ao mesmo tempo em que se sentava.

— Tá lá! O Douglas passou aqui ontem e eu falei pra ele deixar a porta... — Sua voz foi diminuindo conforme sua expressão ficava lívida. — Aberta. — Ela deu um pulo da cama, correndo para a porta e puxando a maçaneta com todas as forças que tinha.

Apesar da noite bem dormida, eu ainda estava tentando processar o que acontecera.

Minha prima ficou por um minuto inteiro forçando a porta e, quando desistiu, começou a socá-la.

— Douglas, seu idiota, abre essa porta! — gritou o mais alto que pôde.

E, só então, eu entendi.

Fiquei branca enquanto algo se agitava dentro de mim. Douglas era imbecil ou o que? Como ele tivera coragem de me trancar no quarto com Leticia? Comecei a entrar em desespero, e corri até a janela, tentando abri-la, mas estava emperrada.

— Não acredito que eles fizeram isso com a gente! — urrei de raiva, finalmente desistindo.

Joguei-me no chão, me sentindo mais impotente do que nunca. Olhei para minha prima que parara de socar a porta e chocava suas próprias costas contra a parede. Ela me encarou com raiva e eu percebi o quanto estava ferrada. Esperava que minha mãe tivesse ido preparar meu caixão porque eu com certeza só saia dali morta.

Esquerda. Direita. Esquerda. Direita. Bufada. Leticia me lançava um olhar irritado antes de voltar a marchar. Era sempre assim. E ela estava naquilo há meia hora.

— Ai, caramba! Você tá me deixando tonta! — avisei, sem conseguir me conter.

Eu estava deitada em minha cama, lendo o livro que trouxera para a viagem, mas ficava difícil me concentrar naquela situação.

— Problema é teu. Eu só quero sair logo daqui.

E voltou a andar.

Joguei meu livro para o lado, levantando-me de supetão. Cansara-me daquela situação e, já que estávamos presas ali, era melhor aproveitar o momento. Precisávamos resolver aquilo de uma vez por todas. Fosse para ficarmos brigadas para sempre, fosse para fazermos as pazes.

— Você tá sendo bem idiota, sabia? — falei em tom alto, fazendo-a parar.

Minha prima me lançou um olhar debochado.

— Idiota? E como tu queria que eu reagisse? — perguntou, andando até parar à minha frente. — Que eu dissesse que tá tudo bem? Tu acha que tá tudo bem minha própria prima e amiga mais próxima que tive desde que cheguei ao Rio roubar o garoto que eu gosto?

Bom ponto.

— Você acha que eu não me arrependo, Let? Você acha que eu tô feliz com essa situação? Você nem quis escutar a minha versão da história — soltei. — Acha que eu queria ter feito essa bagunça toda? Eu quase fiz ele brigar com o próprio irmão, magoei Gustavo, magoei você. Pensa que eu tô vibrando de alegria? Pois eu não tô! Não tô! — falei ainda mais alto, virando-me de costas e cruzando os braços.

Leticia parou e ficou em silêncio por alguns segundos. Achei que ela tinha finalmente me escutado, mas quando voltou a falar foi para perguntar algo que fez meu estômago se revirar.

— Tu nunca me contou... O motivo de ter terminado com o Gustavo.

Encarei a parede, lívida. Eu nunca a contara. Nunca a contara que eu não apenas me declarara para Natan. Eu nunca a contara que eu o havia beijado.

Respirei fundo e girei nos calcanhares, encarando-a novamente. Seu olhar não era curioso. Era apenas ansioso. Como se esperasse que eu confirmasse algo que ela já sabia anteriormente.

— Vocês se beijaram, não foi? — perguntou quando não respondi. — Foi por isso que tu e o Gustavo brigaram.

Negar ou dizer a verdade? Fazer as pazes ou arriscar nunca mais ter o perdão dela? Não cheguei a me decidir realmente, pois ela conseguiu ver a verdade em minha indecisão.

Leticia me deu as costas e de repente estava chorando. Eu ouvia os soluços e o balançar dos seus ombros e fiquei parada algum tempo, me perguntando o que fazer. Sabia que nada realmente ia mudar a minha traição.

Tentei me aproximar dela para consolá-la, mas fui impedida antes de envolvê-la com meus braços. Minha prima me empurrou de supetão, me pegando desprevenida. Caí no chão antes de conseguir me equilibrar.

— Não encosta em mim! Eu não quero a tua pena! Não importa que tu esteja arrependida! Na hora, ninguém pensou em mim! Ninguém pensou em quantas pessoas ia machucar!

Leticia continuou a chorar enquanto eu me levantava.

— Por que vocês fizeram isso comigo, Anna? — perguntou, soluçando alto. — Tava tudo indo bem. Tava tudo perfeito...

Lágrimas escorreram pelo meu rosto ao ouvir seu desabafo quase desesperado. Ela colocou as mãos no rosto, cobrindo-o depois de se permitir cair ao chão, sentada.

— Eu não tava pensando na hora! — choraminguei sem encará-la. — São dez anos, Let! E eu nunca tinha imaginado que o que eu sentia por ele era mais do que amizade. E quando eu descobri, eu pirei, entende? Ele me beijou uma vez, antes de você vir pro Rio, e a gente brigou. Foi horrível! Eu achei que se eu continuasse a sentir isso por ele, nossa amizade ia desmoronar! E, então, tinha o Gustavo. Eu gostava dele... Eu *gosto* dele... E ele gostava de mim. Achei que seria melhor estar com ele do que arriscar minha amizade com o Natan. — Pausei enquanto meu coração se apertava ainda mais. — Mas não deu certo. E quando você começou a sair com Natan qualquer coragem que eu pudesse ter de confessar tudo foi embora. Eu vi vocês dois se dando bem e Gustavo estava ali, me pedindo em namoro. Eu me afastei pra não magoar ninguém! Mas foi tão ruim quanto, porque eu tava *me* magoando. Fora que o propósito de tentar esquecer tudo era preservar minha amizade com ele. Mas estávamos cada vez mais distantes, cada vez mais separados. E mesmo assim o que eu sentia por ele não ia embora. Aí veio a festa...

Encarei o teto, ficando em silêncio. Minha garganta estava seca, mas eu precisava continuar apesar de não me atrever a olhar Leticia.

— Eu explodi — confessei, baixinho. — Em um minuto a gente tava pedindo desculpas por termos nos afastados e no outro eu tava confessando o que sentia. Eu não aguentava mais guardar aquele segredo, sabe? Na hora, eu não pensei em ninguém, porque eu reprimi tanto esse sentimento pensando nos outros que na hora que eu deveria pensar, não consegui. Mas daquele momento em diante não houve um só dia que eu não me arrependesse por não ter feito tudo diferente. Não na festa, mas *antes*. Por não ter te confessado que achava que sentia algo por ele quando você me perguntou se era só amizade. Eu não disse nada porque não conseguia admitir nem pra mim mesma. Mas eu devia ter admitido. Não posso fazer nada agora para mudar isso.

Terminei meu discurso e, finalmente, virei o rosto para encará-la. O olhar de Leticia estava fixado ao chão. Ela não soluçava mais, mas deixava cair lágrimas silenciosas. Não disse nada. Eu também não, e ficamos naquela mesma posição por toda a manhã, caladas.

Na hora do almoço meu irmão resolveu que tínhamos ficado tempo suficiente por lá. Minha mãe e minha tia estavam paradas às suas costas e a presença delas me fez entender que fora tudo uma armação, não só de Douglas, mas dos três.

Leticia e eu encaramos suas expressões ansiosas sem dizer uma só palavra.

Minha mãe resolveu se manifestar.

— Hm... Almoço?

CAPÍTULO 28

Encarei a cachoeira em formato de escorrega e suspirei. Em dias normais, somente aquela visão teria me animado, porém, o clima que nos envolvia era terrivelmente silencioso.

Largamos nossos pertences na borda da piscina natural sem dizer uma só palavra. Douglas lançava olhares nervosos para cada um de nós, provavelmente impaciente. Ele jamais conseguira ficar um segundo em silêncio e devia estar doído para quebrar o momento mórbido.

Eu tirei a roupa que colocara por cima do biquíni, sentindo-me um pouco melhor após me livrar da sensação sufocante que lugares fechados me causaram naquele dia. O sol atingia minha pele, dando vida a cada parte do meu corpo novamente, e antes que eu pudesse fazer qualquer outra coisa fui empurrada para a água por um par de mãos grandes.

— Caramba, Douglas! Seu imbecil! — gritei quando voltei à superfície.

Ele sorriu, aliviado somente com o som da minha voz. Em seguida, empurrou Leticia.

— Douglas Schwartz! — berrou com uma raiva descomunal, ainda pior do que a minha, já que ela usava roupas. — Eu. Vou. Te. Matar. — E eu suspeitava que ela não estivesse se referindo somente ao seu empurrão.

Nadei até a borda, preparando-me para subir.

— Então, você vai ter que desenterrá-lo porque eu vou fazer picadinho de Douglas! — gritei enquanto subia de volta e meu irmão percebia que não estávamos brincando.

Eu corri atrás dele apesar de ser bem mais lenta. No entanto, Leticia o encurralou, aparecendo a sua frente, e avançamos, segurando-o pelos braços e arrastando-o até as árvores. Eu olhei da terra para Leticia e ela acenou com a cabeça ao entender o que eu queria fazer.

No segundo seguinte, Douglas tinha a cara enterrada no chão.

Não o deixamos por muito tempo lá, é claro; eu não queria matar meu irmão de verdade. Mas quando ele levantou, tentando tirar a terra molhada que grudara em todo o seu rosto, a expressão irritada, eu achei que havia sido punição suficiente.

Girei nos calcanhares, preparando-me para voltar para onde nossas mães se encontravam, mas parei ao dar de cara com Leticia. Nossos olhares se encontraram por vários segundos. Não era um olhar raivoso ou rancoroso, era apenas... Pensativo. Então, ela se virou e seguiu para a borda da piscina natural.

Eu suspirei aliviada. Por um segundo, havíamos nos unidos contra Douglas. Depois da nossa desavença matinal, aquilo já era muito mais do que eu sequer poderia esperar.

Como se um quilo de chumbo tivesse sido tirado das minhas costas, olhei para meu irmão por cima do ombro, que ainda cuspiu terra, e abri um meio sorriso antes de voltar correndo para onde estavam nossas coisas e dali pular na piscina natural, afundando por vários centímetros. Quando voltei à superfície, encontrei os rostos sorridentes da minha mãe e minha tia, que só agora começaram a aproveitar o lugar.

— Ah! Tá gelada! — reclamou minha tia depois de se jogar na água.

Minha mãe, que estivera se preparando para pular também, parou.

— Tá? — perguntou, hesitante.

Eu revirei os olhos e os virei para Douglas, parado atrás dela. Eu ergui a sobrancelha significativamente, mas, mesmo tendo entendido que eu queria que ele jogasse nossa mãe à água como fizera comigo, ele apenas deu de ombros e pulou.

Suspirei, lembrando que nem tudo estava resolvido ainda. Eu já nem estava mais chateada com minha mãe depois de tantos acontecimentos naquela manhã, mas Douglas e ela tiveram uma discussão tremenda e não seria esquecida tão facilmente.

— Ai! Gelada! Gelada! — gritou minha mãe quando os pingos levantados com o pulo do meu irmão a acertaram.

Eu ri, tacando água em suas pernas.

— Deixa de ser fresca, tia — zombou Letícia, que tirara as roupas molhadas e voltava à piscina.

Minha mãe respirou fundo e desceu juntamente com minha prima, fazendo careta devido à temperatura. Ela se afastou de nós indo até tia Rosa, que estava perto das pedras.

Letícia, no entanto, ficou parada, sem saber o que fazer ou para onde ir.

— Ei! Vocês querem descer? — perguntou meu irmão ao perceber o incômodo.

Sem entender, eu franzi o cenho para ele, que apontou para a cachoeira. Olhei para trás, para o cartão postal de Visconde de Mauá; a Cachoeira do Escorrega era um tobogã natural que desembocava exatamente na piscina natural onde nadávamos.

— Com certeza! — concordei, sorrindo.

Letícia deu de ombros.

— Claro.

— Não tá com medo?

— Há-Há.

Nós subimos as pedras com agilidade, mas parei à beirada para tomar coragem. Respirei fundo e fui.

Era impressionante descer aquele tobogã, a adrenalina era incrível. Depois que você descia uma vez, não conseguia parar. Nem sei quantas vezes seguidas

fomos. Cinco? Seis, talvez. Até minha mãe e minha tia ficaram com vontade, mas o medo falava mais alto.

A sensação era maravilhosa. Causava um frio na barriga e ao mesmo tempo uma tranquilidade boa. O vento batia com força; a água tornava tudo ainda melhor. Não havia como descrever.

Leticia e eu voltávamos a nos falar pouco a pouco. Às vezes ela não me respondia direito ou me ignorava, mas, conforme passávamos o dia juntas, ela parecia ficar mais à vontade comigo. Minha prima podia dizer que o motivo era sua mãe ou a viagem, mas eu via, claramente, que grande parte disso tudo era vontade própria. Assim como eu, ela queria esquecer e voltar ao que éramos antes.

Isso — é óbvio — me deixou feliz. Porque significava que por mais difícil que fosse aceitar o que eu dissera, ela tinha me escutado. E estava me dando uma nova chance.

O restante da tarde foi tão divertido quanto seu início. Nós ficamos na piscina por mais quatro horas conversando e brincando até bater a vontade de voltar. O sol já começava a se pôr quando chegamos à pousada. Minha mãe e tia Rosa resolveram tirar um cochilo antes de jantar e saímos para conhecer a outra vila da cidade. Entretanto, por volta das oito da noite já nos aprontávamos e nos preparávamos para terminar o dia de uma maneira definitivamente melhor do que como ele começara.

Faziam exatas duas horas desde que saímos do centro de Maringá, onde jantamos e conversamos um pouco, vendo o movimento do lugar. Entretanto, agora, por volta de duas da manhã, eu estava deitada na cama, coberta até o último fio de cabelo — apesar do calor matinal, à noite fazia um tremendo frio — ouvindo o barulho da chuva bater no telhado do chalé; o som compassado parecia uma canção de ninar para mim.

Eu estava quase pegando no sono quando tudo ficou escuro de repente, transformando a claridade baixa em breu total.

— O que é isso? Faltou luz? — perguntei a Leticia, mesmo sendo óbvio. Eu não sabia se ela estava dormindo ou não, mas eu realmente esperava que estivesse acordada.

Agora o som da chuva era grotescamente medonho. O vento lá fora fazia portões e janelas abrirem e fecharem, enchendo o quarto de um rangido irritante. O som do próprio vento chegava a ser assustador pra mim.

— Provavelmente — respondeu minha prima com uma voz sonolenta, como quem está praticamente dormindo. Eu suspirei aliviada porque pelo menos ela ainda não apagara.

— Lori... — chamei-a com o apelido que costumava usar quando éramos pequenas.

— Oi? — Sua voz saiu arrastada e sem forças.

— Eu tenho medo de escuro — admiti. Eu precisava admitir. Na verdade, eu só precisava mantê-la acordada. Estava desesperada já. Mesmo meus olhos se acostumando com a escuridão, tornando o local à minha volta cada vez menos oculto, havia outros fatores a influenciar minha fobia: através da janela, eu via sombras estranhas que nem deveriam existir, os sons pareciam assustadoramente altos.

Então, Leticia riu.

— Tá falando sério? — perguntou soltando uma gargalhada.

— Tô! — exclamei em uma mistura de medo e vergonha. Mesmo assim, não evitei rir também. Era ridículo, mas o que eu poderia fazer? Medo é medo. Nós sentimos e pronto.

— Daqui a pouco volta a luz. Dorme que passa.

Eu esperei, então. Esperei e esperei. Mas o sono não voltou.

— Lori... — chamei novamente, olhando para a porta à minha frente, tentando ignorar as sombras e os sons que via e ouvia.

— Hm? — Eu senti a impaciência em sua voz, mas a ignorei. Pode parecer egoísmo, mas... Bem, na verdade era mesmo.

— Por que tá falando comigo de novo? — perguntei, corajosamente.

Levou quase um minuto para que Leticia me respondesse. Achei até que havia dormido, mas antes que eu decidisse falar novamente ela começou:

— Porque eu sei o que é gostar de alguém e não poder estar com essa pessoa — revelou, me deixando surpresa.

Virei o rosto para a cama dela, observando seu perfil sério.

— Quem? — perguntei. — Aquele garoto...?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, eu não menti para você. Aquele garoto era só um rolo mesmo. — Leticia respirou fundo antes de continuar. — Ele gostava de mim, mas eu só tinha olhos para outra pessoa.

“A gente namorou por uns três anos. Todo mundo ficava surpreso por ter dado tão certo, principalmente por conta da minha idade. Ele tinha 16 anos na época e tava no segundo ano. Então, veio o terceiro ano. E ele já não tinha mais tanto tempo pra gente. Estudava tanto. Queria passar pra medicina na Federal. Passou e começou o primeiro semestre na faculdade. Começou a trabalhar. A gente se distanciou, sabe? A gente terminou e eu tentei ficar com outros garotos. Mas sempre pensava nele. Era dele que eu gostava de verdade. — Ela deu de ombros. — E aí, eu vim para o Rio.”

Estendeu-se o silêncio após sua revelação. Senti pena dela e quase pude imaginar sua dor. Não era a mesma situação, nem de longe, mas ambos se gostavam e a vida os atrapalhou. Assim como Natan e eu.

— Natan foi o primeiro garoto por quem eu consegui sentir algo mais do que

uma simples atração, entende? — declarou em voz baixa.

— Sim — respondi, sem saber exatamente o que dizer. — Mas você ainda gosta dele? Quer dizer, do seu ex?

— Não sei, talvez. Será que a gente deixa realmente de gostar de alguém quando ama essa pessoa?

Eu não sabia como respondê-la, por isso fiquei em silêncio, apenas refletindo.

— Além disso, — pude ouvi-la fungar rapidamente antes de começar com a voz alta e um tom de falsa diversão — eu basicamente tive que escolher entre “parar de criancice” e voltar a falar contigo ou ficar de castigo.

Não gostei da mudança de assunto, mas conhecia Letícia o suficiente para saber que ela preferia não estender assuntos que a deixavam para baixo.

— Bem... Você não foi a única. — Ela riu. — Mas tenho que admitir que não foi só por minha mãe que tentei me aproximar novamente — admiti sem ficar envergonhada.

Letícia se remexeu em sua cama.

— É. Eu sei.

Fiquei em silêncio por um tempo, quase esquecendo minha fobia.

— Desculpa por mais cedo — pediu, parecendo combater uma luta interna para dizer aquilo em voz alta. — Eu sei que exagerei.

Gargalhei com o pedido de desculpas.

— Não posso deixar de concordar. Minha bunda tá doendo ainda.

Letícia acompanhou minha risada.

— Bom, digamos que tu também deixasse umas belas marcas em mim — falou, agora sem muita alegria.

— É, acho que eu mereci... — concordei, cabisbaixa.

Ficamos em silêncio, ouvindo os barulhos já não tão aterrorizantes da chuva. Lembrei nossa infância e sorri com uma das memórias.

— Você se lembra de uma vez... Quando tínhamos quatro ou cinco anos... A gente tava em uma pracinha com o Douglas, brincando no parquinho. — Girei na cama, virando para o outro lado, e olhei para Letícia. Ela exibia um sorriso divertido, pensando na situação que eu mencionara. — E ele fingiu que tinha morrido?

— Lembro! Ele tinha caído do balanço, não foi? — Eu confirmei com a cabeça. — Ainda lembro direitinho... Ele caiu e ficou lá, estatelado.

— A gente começou a chorar, lembra? Aí ele levantou, um minuto depois, dizendo que era um zumbi e que ia nos assombrar de noite quando a gente tivesse dormindo.

— Douglas é tão bobo! Eu tremi toda. Corri pra nossa mãe e você começou a gritar atrás de mim, me mandando te esperar.

— Claro! Tu fugiu e me deixou lá com um zumbi!

Letícia e eu demos várias gargalhadas. Douglas era — e continuava sendo —

extremamente idiota. O que mudara agora era que ele estava pior.

Continuamos a mencionar momentos de nossa infância por mais meia hora, rindo como se não nada tivesse acontecido.

Eram três horas da manhã quando alguém bateu à porta. Eu pulei assustada com o barulho, me lembrando de repente do meu medo de escuro. A luz ainda não voltara.

— Quem é? — perguntou Letícia com o cenho franzido. Quem poderia ser àquela hora?

Ninguém respondeu.

— Quem é? — repeti a pergunta de Letícia.

Ao invés de uma resposta, ouvimos o girar da maçaneta da porta. Um rangido se deu quando ela começou a abrir lentamente. Eu pulei para a cama de Letícia instantaneamente, quase que literalmente morrendo de medo.

Com um baque, a porta bateu rapidamente à parede e uma silhueta irreconhecível devido à escuridão estava parada ao portal. Eu gritei. Letícia gritou. E o dono da silhueta riu. Gargalhou.

É. Ele se sentou no chão, ao lado de um guarda-chuva provavelmente trazido pelo próprio, rindo aquela risada ridícula impossível de não ser reconhecida.

— Que droga, Douglas! Você é tão babaca! Idiota! — choraminguei tremendo dos pés à cabeça.

— Cara... — tentou falar, morrendo de rir. — Você... E Letícia... — Ele ergueu as mãos e soltou um grito agudo nos imitando, sem conseguir parar de gargalhar.

Nós permanecemos paradas, encarando-o com irritação. Meu coração tentava voltar ao ritmo normal, pois se acelerara consideravelmente com o pequeno susto de Douglas.

Quando ele finalmente parou, secando a quantidade numerosa de lágrimas que escorrera por seu rosto, Douglas se levantou, fechando a porta e sentando em minha cama.

— Vocês deviam ter fechado a porta.

É, devíamos. Eu ia me lembrar disso na próxima vez.

— O que você quer? — perguntei com a voz dura e o coração quase de volta ao ritmo normal.

— Nada. Queria ver se vocês tavam acordadas porque esse barulho de chuva tá me irritando e não tá me deixando dormir. Então, vim perturbar vocês. — Seus lábios se repuxaram em um sorriso maroto.

Eu revirei os olhos.

— Ah, não, pode voltar pro seu quarto. — Eu levantei, contornando a cama até ficar de frente pra Douglas e segurei em seu braço, tentando puxá-lo da cama. Foi inútil.

— Parece uma formiga querendo levantar um elefante — zombou.

— Ninguém mandou ser gordo.

— Ninguém mandou ser fricote. Franguinho.

Soltei seu braço, desistindo de puxá-lo. Bati os pés no chão.

— Douglas! — choraminguei. — Vaza daqui!

— Cadê a educação, maninha?

Coloquei a mão na cintura, impaciente.

— Pode ir embora, por favor? — pedi com uma falsa educação.

— Não.

Ele se jogou em minha cama, espreguiçando-se e sorriu. Permaneceu lá até o dia amanhecer, falando besteira e esgotando nossa paciência — mas em geral nos fazendo rir até demais.

A volta para casa foi difícil. Por passarmos a noite inteira acordados, Leticia, Douglas e eu estávamos mortos de cansaço. Precisávamos urgentemente de nossas camas e uma tarde inteira de sono. Por mais que pudéssemos cochilar no carro, o sacolejar, o espaço e o barulho do trânsito não eram nada reconfortantes. Fiquei por quase uma hora acordada, tentando encontrar uma posição boa ou algo para pensar que me fizesse dormir. Somente quando me pus a observar a paisagem e a felicidade por finalmente ter voltado a falar com minha prima me invadiu foi que consegui apagar. Adormeci com o rosto encostado ao vidro da janela, os pensamentos a uma velocidade surpreendentemente rápida.

Acordei já no Rio de Janeiro. Reconheci minha cidade maravilhosa instantaneamente, é claro. Estávamos na zona sul e, dez minutos mais tarde, chegávamos em casa.

Saí do carro com pressa, espreguiçando-me assim que pisei no chão. Todos fizeram o mesmo, igualmente cansados de ficarem sentados.

Entramos em casa, carregando nossas malas, e levando cada uma para seus respectivos quartos. Fiquei ainda mais feliz por ser acompanhada por Leticia de volta ao meu cômodo. Pousamos nossas malas ao chão antes de colocar uma roupa confortável e deitarmos na cama. Eu estava tão cansada que nem a fome que sentia foi o suficiente para me manter acordada.

Quando acordei à noite, tinha as energias totalmente renovadas. Ainda que a volta às aulas no dia seguinte não fosse exatamente o melhor dos pensamentos, não consegui ficar triste. Lembrei o que Davi me falara naquelas férias, sobre minha fase de transição, e suspeitei que ela estivesse finalmente chegando ao fim.

Aquilo me fez sorrir. Eu realmente esperava que estivesse. Queria poder finalmente acordar feliz, sorridente, cheia de expectativas como sempre fora. E não faltava muito para aquilo.

Levantei da cama, vendo que Leticia ainda dormia, e a primeira coisa que fiz

foi ir à cozinha. Meu irmão estava sentado no sofá, vendo televisão, e encontrei minha mãe na copa, comendo. Parei no caminho ao perceber a mesa posta e me sentei ali mesmo, esfomeada.

Ao terminar, subi ao meu quarto e peguei meu telefone. Estava morrendo de saudades de Jullie e não podia esperar pelo dia seguinte para falar com ela. Disquei seu número e esperei alguns poucos toques até ouvir sua voz.

— Oi, Jullie minha, linda do meu coração! — cumprimentei sorridente enquanto saía do quarto para não atrapalhar o sono da minha prima.

— Nossa! Alguém voltou da viagem de bom humor! — falou, rindo. — Fez as pazes com a sua prima?

— Sim — respondi nem acreditando no que eu falava.

— Sério? — Jullie parecia surpresa e eu ri ao perceber que sua pergunta anterior era, na verdade, um deboche. — *Sério?*

— Sério, amiga. Eu sei que é inacreditável, mas é verdade.

— Uau! Que passo!

— Bem, depois de a gente quase cair no tapa, se ela não me perdoasse, íamos definitivamente nos odiar pra sempre.

— Vocês brigaram?! — assustou-se, elevando a voz.

— Eu disse *quase*! Você não vai acreditar no que o Dou... — Eu parei, percebendo que estivera prestes a falar de algo que eu não tinha exatamente certeza de que Jullie estava pronta para ouvir. — No que nossas mães fizeram — terminei, ouvindo-a soltar a respiração. Tentei continuar rapidamente para que esquecesse meu deslize momentâneo. — Eu acordei, né? E quando resolvi sair, a porta tava trancada! Acredita nisso? Nossas mães trancaram a gente no mesmo quarto!

— Ho-ho, tô surpresa por ela não ter te matado.

— Acredite, eu também — concordei, lembrando que esse era realmente meu maior medo durante a viagem. — A gente ficou em silêncio a maior parte do tempo, é claro, mas chegou uma hora que não deu. A gente precisava tirar aquilo a limpo, sabe? Era tentar ou tentar.

Encostei na parede do corredor enquanto contava. Eu sentara no meio da escada, sem ter mais para onde ir. Não poderia falar com Jullie na sala, onde meu irmão estava, e nem queria entrar em seu quarto. Minha mãe ocupava o dela e a cozinha e a copa estavam definitivamente longe demais para que sequer pensasse nelas.

— A gente discutiu, eu acabei contando sobre o beijo — Jullie ofegou — e começamos a briga. Acho que ela enfim ouviu o que eu tinha a dizer. E, então, simplesmente voltamos a nos falar.

Minha amiga ficou em silêncio por poucos segundos.

— Quantos acontecimentos para um final de semana! — brincou, descontraída. — Vocês tavam realmente precisando de um desse. Despejar toda

a tensão.

— Eu bem sei... — Pausei. — E Búzios, como tava?

— Incrível, como sempre, né? — Senti, porém, que nem a admirável cidade praiana conseguira levantar seu humor.

— Mas...? — perguntei, não conseguindo evitar mencionar o assunto. Éramos amigas e eu me preocupava com seu bem estar.

— Ah, você sabe, né, Anna? Quer dizer, foi bom, eu me diverti e tirei algumas preocupações da minha cabeça. Mas agora tô de volta. E as preocupações não ficaram em Búzios.

— Amanhã você ganha um abraço bem apertado, tá? — tentei fazê-la se sentir melhor.

Ela riu.

— Ai, amanhã. Odeio volta às aulas.

— Nem me fale!

— Amanhã vai ser um dia turbulento — declarou minha amiga, pensativa.

Ergui a sobrancelha.

— Por quê?

— Ora, não sabe? — perguntou, como se fosse óbvio. E, quando falou, percebi que realmente era. — Eu vou ver seu irmão... Você vai encontrar Gustavo pela primeira vez desde a festa. E vai ver Natan, agora já acertada com sua prima. — Me surpreendi por ainda não ter pensado nisso. — Aliás, já sabe o que vai fazer?

Franzi o cenho.

— Não realmente. — Senti algo em meu estômago se embrulhar e se agitar como se milhares de formigas estivessem passando por ali. — Jullie. Eu fiz as pazes com a minha prima.

— Eu sei! — exclamou divertida. — Anna, tá tudo bem?

Mas a verdade é que não estava. Estava tudo mais do que bem. Porque eu ainda não percebera que voltar a falar com Leticia significava que eu finalmente poderia ficar com Natan. Significava que não haveria mais nada entre nós dois, nos atrapalhando. Significava que eu seria feliz de verdade depois de tanto tempo.

Eu sorri. Abri um sorriso maior do que julgava possível e mal me agüentei de ansiedade na espera pelo dia seguinte. O dia em que tudo finalmente mudaria.

CAPÍTULO 29

— Você ligou pro DJ?

— Liguei antes da viagem.

— E tá tudo certo?

— Tá.

— E o resto? Tudo pronto?

— Douglas! — Dei um passo ágil, ficando à sua frente, e ergui as duas mãos, pedindo-lhe que parasse. — Eu já cuidei de tudo semana passada. E hoje vou ligar para confirmar. Então, fica tranquilo. — Abri um sorriso encorajador. — Vai dar tudo certo. A festa da Jullie vai ser um arraso.

Douglas respirou fundo, tentando se manter calmo. Se ele estava assim na segunda feira, nem queria imaginar na sexta, dia da festa.

— É muito ridículo eu tá nervoso?

— Não — respondi com um sorriso irônico. — É fofo.

Estiquei as mãos, apertando suas bochechas. Douglas franziu o cenho.

— Fofo? — perguntou, fazendo careta enquanto tentava se desvencilhar. — Me larga, Anna. Não sou bichinho de pelúcia.

— Ainda bem. Se fosse, ia mofar nas prateleiras.

— Pelo menos eu ia sair da fábrica. Você ia ser jogada no lixo porque iam pensar que tava com defeito com essa cara aí.

Dei língua para ele, batendo em seu braço, antes de fazer sinal para nosso ônibus, que eu acabara de avistar.

Leticia, Douglas e eu entramos e sentamos nos bancos livres ao final do automóvel. Olhei ao redor, achando terrivelmente esquisito que estivéssemos tão só. Ao longo daqueles últimos meses, tínhamos estado terrivelmente solitários. Brigáramos tanto uns com os outros que nos dividíramos em grupos pequenos e perdêramos o real significado de nossa amizade como quando estávamos juntos.

Mas agora as coisas estavam prestes a mudar. Era nisso que eu precisava acreditar. Eualaria com Gustavo, me acertaria com Natan e ajudaria a Douglas e Jullie a serem um casal novamente.

Respirei fundo enquanto descia da minha pequena viagem para o colégio. Alunos cansados e nada animados para as aulas seguiam o mesmo caminho que o nosso. Avistei uma conhecida cabeleira loira em meio à multidão e me virei para inventar uma desculpa para Douglas para que pudesse ir até Jullie. Ele, no entanto, já a vira.

— Sexta-feira — lembrei-o com uma tapinha solidária.

Meu irmão inspirou demoradamente para depois acenar com a cabeça em concordância.

— Sexta-feira — murmurou. — Sexta-feira tudo se resolve.

— Isso — concordei com um sorriso. — Eu vou até lá, ok? — avisei, indicando minha amiga com a cabeça.

— Certo. E tenta amansar a fera até sexta — pediu com um meio sorriso carinhoso.

— Deixa comigo. — Pisquei para ele, rindo.

Chamei Leticia para me acompanhar, mas minha prima negou.

— Pode ir. Acho que ela deve tá precisando da amiga. Sozinha.

Dei de ombros, pensando que ela provavelmente estava certa. Além do mais, sem Leticia por perto, eu ficava muito mais tranquila para falar sobre Natan. Jullie definitivamente tocaria no assunto e eu ainda não sabia muito como conversar perto dela sobre isso sem me sentir desconfortável.

Segui até minha amiga, pulando em suas costas.

— Bom dia, Jujuba — deposei um beijo em sua bochecha antes de passar para seu lado.

— Bom dia, amiga. E aí? Preparada? — perguntou significativamente.

Soltei um suspiro, nervosa.

— Nem um pouco — admiti. — Não faço ideia do que falar!

— Pra quem? — questionou em dúvida enquanto atravessávamos os portões do colégio.

— Pros dois! — exclamei ainda pior.

Pensei em Gustavo nesse instante, me sentindo terrivelmente mal. Eu não dedicara muito tempo para pensar em meu ex, mas agora iríamos nos ver! Éramos da mesma sala, frequentávamos o mesmo grupo de amigos. Teríamos que nos falar eventualmente, não era?

Jullie e eu caminhamos em direção à sala e, conforme nos aproximávamos, minha ansiedade crescia.

A primeira pessoa que vi foi Davi. E, é claro, meus pensamentos voaram instantaneamente para Natan. Porque se um irmão já chegara, o outro provavelmente também já estava lá. Porém, a expressão preocupada do meu colega de classe prendeu minha atenção. Ele parecia nervoso enquanto conversava com os amigos.

Ja seguir em sua direção quando meus olhos se cravaram no rosto de Gustavo. Ele estava sentado de modo desleixado, o olhar cravado ao chão em uma expressão entediada. Nem mesmo se mexeu quando eu adentrei a sala, parecendo não me notar.

Andei até as mesas mais próximas à parede com Jullie, pronta para deixar minha mochila ali e falar com Gustavo. Enquanto caminhava, porém, pude ouvir algumas garotas da sala cochicharem e tive uma estranha sensação de que estavam falando de mim.

Larguei minha mochila e fiz menção de me virar, mas a professora entrou na sala no exato momento, jogando no lixo quaisquer planos meus para aquele

momento.

Decididamente o colégio estava brincando com a minha cara. Não bastassem as aulas já normalmente chatas, nem mesmo tivemos tempo para respirar, pois os professores emendavam uma aula à outra. Não satisfeito, ainda decidi transformar meu primeiro dia em um verdadeiro inferno.

Pelo menos, foi a essa conclusão que cheguei quando Jullie, que estivera cochichando com alguém atrás de si, me cutucou em meio à última aula antes do recreio.

— Tenho péssimas notícias — sussurrou em meu ouvido.

Desviei os olhos do caderno, perguntando o que havia acontecido, mas sem prestar totalmente atenção.

— Alguém descobriu o que aconteceu na festa da Jéssica. Então, a história meio que... Se espalhou.

Eu arregalei os olhos, virando para trás sem nem mesmo verificar se o professor estava olhando. Para minha sorte, ele não estava.

— Quê? — exclamei, tentando ser discreta. Pelo canto do olho, vi alguns colegas me lançarem olhares nada moderados e, mesmo enquanto pronunciava a frase seguinte, sentia que eu seria decepcionada. — Você não pode tá falando sério.

— Queria não estar. — Ela fez uma careta. — Jéssica acabou de me contar.

— Ai, que ótimo!

Afundi meu rosto em minhas mãos, apoiadas na carteira. Era só o que me faltava! Não que eu me importasse com o que os outros pensavam... Mas o colégio inteiro não precisava saber sobre o meu ridículo feito.

Não falei mais nada até o fim da aula e, assim que o sinal bateu, fui diretamente até Gustavo.

— Não foi você, foi? — perguntei, hesitante.

— Claro. Eu realmente contei pro colégio inteiro que fui traído. — Ele abriu um sorriso zombeteiro.

Encarei-o por um segundo. Eu podia estar apaixonada por Natan, mas Gustavo ainda conseguia me tirar o fôlego com aquele sorriso.

— Desculpa por isso — pedi, sem graça.

Ele revirou os olhos, levantando-se da carteira onde sentava e para onde eu tinha rapidamente ido sem nem lhe dar tempo de fugir.

— Pelo menos eu sou *só* o coitadinho da história.

Ele cruzou os braços, encostando-se à carteira. Parecia escondido sobre uma máscara de indiferença que não lhe pertencia.

Um silêncio desagradável tomou conta do lugar enquanto a sala se esvaziava gradativamente até não restar mais ninguém.

— Você vai me odiar para sempre? — perguntei sem conseguir me segurar.

Não o encarava, apenas observava o chão da sala, percebendo o quanto aquela conversa era terrivelmente mais difícil do que eu imaginara.

— Eu não sei. Você estragou tudo, sabia? — acusou-me com um suspiro.

Parecia igualmente ruim para ele falar sobre aquilo. E eu não só imaginava como sabia o que ele estava sentindo. Eu passara pela mesma situação alguns meses antes.

Acenei com a cabeça em concordância para sua pergunta, ainda que retórica. Eu estragara tudo. Essa era uma das minhas maiores certezas naquele momento da minha vida.

— Eu sei. Eu tenho esse dom — concordei. — Eu sei que deveria ter sido sincera com você, mas, como sempre, deixei de fazer o certo para não magoar mais alguém. E, é claro, acabei magoando todo mundo.

Gustavo suspirou, passando a mão pelo rosto enquanto escolhia as palavras certas para usar em sua resposta.

— Vai ver a culpa foi minha mesmo por ter me metido nessa história — constatou, desencostando-se da carteira e ficando de pé. — Eu sempre soube que tinha algo não resolvido entre vocês dois. E eu fui idiota o suficiente para ficar no caminho.

Ele fez menção de sair, mas segurei em seu braço, forçando-o a ouvir o que eu ainda tinha a dizer.

— Eu sei o que você tá sentindo, e você sabe que não é mentira. E a coisa mais importante que eu posso te dizer é: não faça isso. Não culpe a si mesmo. Você foi um namorado incrível e é um amigo ainda mais. Você fez os últimos meses mais suportáveis, mesmo que tudo na minha vida tivesse desmoronando. Eu sei que não mereço seu perdão e que dificilmente você vai poder oferecê-lo nesse momento com sinceridade. Mas eu preciso que você saiba e acredite que eu nunca tive a intenção de te magoar, eu gosto de você, de verdade. Só que...

— Eu não sou *ele* — completou quando pausei, não sabendo como explicar. — Pode deixar que eu entendi o recado. E sinto muito que suas ações não saibam se igualar às suas boas intenções. É o que dizem, né? De boas intenções, o inferno tá cheio.

Ele se virou em seguida para sair da sala. Quando já estava praticamente na porta, falei novamente, engolindo todo o orgulho e a vontade de responder seu passa-fora:

— Sexta-feira é aniversário da Jullie e Douglas e eu estamos organizando uma festa surpresa pra ela na minha casa. Às oito. Se quiser ir...

Ele parou, sem olhar para mim.

— Ok — disse somente, saindo da sala em seguida.

Voltei para o meu lugar, me sentindo pouco disposta para sair para o recreio. Não queria olhares me seguindo, nem fofocas ao meu respeito. E *definitivamente* não estava pronta para falar com Natan. Pelo menos, não com o desânimo que

se instalara em mim após essa conversa.

Deitei a cabeça na mesa, a última frase de Gustavo presa em meus pensamentos. Ele ainda estava irritado, era óbvio, e não podia culpá-lo por dizer tais coisas. Mas eu me chateava — não com o que falava e, sim, por ser o motivo de sua irritação.

Entrei em um estado de profundo torpor, dividida entre estar desperta e a inconsciência. E assim fiquei por todo o intervalo, rezando para que aquele dia acabasse o mais cedo possível. Nem me surpreendi por tudo estar dando tão terrivelmente errado. Era sempre assim, afinal, não era? Eu desejava que as coisas dessem certo e finalmente se ajeitassem, mas nada acontecia. E eu ainda conseguia ter esperanças...

Ouvi o burburinho crescer pouco a pouco, indicando a entrada dos meus colegas de classe, mas não ergui a cabeça. Só a levantei quando Jullie tocou meus cabelos e me chamou.

— Tudo bem, amiga? — perguntou, preocupada.

Dei de ombros, não sabendo exatamente como responder sua pergunta. Será que estava tudo bem?

— Foi muito ruim?

Acenei com a cabeça e desviei meu olhar do dela por um segundo antes de retornar. Avistei Davi entrando na sala. Lembrei-me de sua expressão preocupada e que pretendia falar com ele. E, mais uma vez, fui atrapalhada.

A professora entrou em sala, nos mandando sentar, e eu rolei os olhos. Murphy estava me seguindo ou o que?

— Mas você tá se *sentindo* bem, Anna? — sussurrou Jullie depois de se sentar. — Porque você tá meio pálida.

Eu fiz uma careta.

— É só um pouco de dor de cabeça — respondi apenas.

No entanto, conforme o dia passava, a dor de cabeça aumentava e se transformava em algo definitivamente pior. O que quer que eu tivesse se espalhara por meu corpo, deixando-me com uma terrível leveza.

Quando o sinal da saída bateu, arrumei meus pertences apressadamente, me esquecendo que queria falar com Davi, e corri para fora da sala de aula sem nem mesmo esperar por Jullie. Saquei meu celular enquanto atravessava o pátio em direção à saída.

— Let, você já saiu?

— Já sim. Tô aqui fora. — Ela pausou antes de continuar. — Tá bem, Anna? Tua voz tá esquisita.

— Eu não tô passando muito bem — expliquei, fechando os olhos por alguns segundos. — Me espera aí, já tô chegando.

Desliguei o telefone e, assim que o fiz, fui praticamente atirada contra o chão. Sem coragem para me levantar, apenas fiquei lá, sentada, respirando fundo.

Olhei para cima no mesmo instante em que o autor do desastrado esbarrão falou.

— Ah, desculpa — pediu Natan, completamente enrolado.

Ele ajeitou a mochila no ombro antes de erguer a mão livre para me ajudar a levantar. Sua outra estava ocupada com dois grossos livros.

Observei-o, meio abobada enquanto era erguida. Era inacreditavelmente patético como eu ficava perto dele. Era absurdo! Como alguém poderia sentir o turbilhão de coisas que eu senti quando meu olhar encontrou sua silhueta e então seu rosto *tão perfeitamente lindos*? O pior de tudo é que eu gostaria de pular nele, beijá-lo e gritar para o mundo que eu o amava, mas não podia — não ainda.

— Eu tava distraído. Nem te vi passar.

Encarei-o novamente, só então percebendo que tinha algo completamente estranho nele. Havia olheiras profundas debaixo de seus olhos e sua expressão estava cansada e distante apesar de seu ritmo acelerado. Era como se ele tivesse virado a noite acordado e tomado litros de café para assim permanecer. Natan parecia nem mesmo se lembrar de tudo o que se passara entre nós dois ainda na semana anterior.

— Nael, calma. Respira — tentei, esquecendo momentaneamente meu próprio mal estar devido à preocupação. — O que houve?

Ele, porém, olhava para os lados, impaciente e distraído.

— Nada — falou, mesmo sendo claramente uma mentira. — Olha, Anna, eu tenho que ir. Desculpa. Depois a gente se fala.

E ele se foi no mesmo ritmo, me deixando ainda mais confusa. Não somente com sua partida, mas também com sua distância. Ele me chamara de Anna. E Natan só me chamava de Anna quando algo estava terrivelmente errado.

Certo. Será que o mundo resolvera virar de cabeça para baixo durante a minha viagem?

CAPÍTULO 30

Era de se esperar que eu ficasse doente.

Cheguei em casa naquela segunda-feira ainda pior do que quando saíra do colégio. Estava tomada por uma forte tontura, mal estar e febre alta. E, à noite, comecei a vomitar.

Minha mãe ficou extremamente preocupada e faltou o trabalho no dia seguinte para me levar ao hospital, onde fui diagnosticada com uma virose que eu provavelmente pegara na viagem. Isso significou, é claro, três excelentes dias de repouso. Não fosse meu medo de ainda estar mal no aniversário de Jullie, teria ficado realmente aliviada.

Já me acostumara, nos últimos meses, a nunca estar completamente feliz e esperançosa. Infelizmente, voltar a falar com Leticia me trouxe uma falsa sensação de mudança — de boas mudanças. Assim, minha decepção por tudo dar errado naquela volta às aulas foi ainda pior do que deveria ter sido.

Passei a terça-feira praticamente inteira deitada, levantando apenas para tomar banho.

Ao fim da tarde, recebi a visita do meu irmão, que se jogara do lado vazio da cama, de bruços.

— Liguei pros caras da festa e confirmei tudo — avisou, orgulhoso da própria eficiência.

Douglas tomara meu caderno de anotações da minha mão na noite anterior, dizendo que terminaria todos os preparativos ainda que eu tivesse insistido em ligar. Só porque eu estava doente não significava que não pudesse falar. Mas meu irmão simplesmente me ignorou e se comprometeu em finalizar as arrumações.

— E falei com todo mundo pra confirmar presença. Mas... — Ele mordeu o lábio inferior, indeciso entre continuar ou mudar de assunto.

— O quê? — questionei com curiosidade antes de revirar os olhos. Se ele começara, era óbvio que teria que terminar a fala.

— Não acho que Davi e Natan vão poder vir — soltou de uma vez.

Franzi o cenho, agora realmente preocupada. Para ambos faltarem o aniversário da melhor amiga, algo sério devia estar se passando.

— Por quê? O que aconteceu? — perguntei, ansiosa.

— Não sei, o Natan não quis falar direito porque a gente tava no meio do colégio e ele tava com pressa. — Douglas deu de ombros. — Mas acho que eles tão com algum problema. Ele tava com uma cara meio abatida.

Encostei no espelho da cama, franzindo a sobrancelha em apreensão. Queria saber que diabos estava acontecendo e não hesitei em pegar o telefone no mesmo instante para ligá-los. Ninguém atendeu, porém, em sua casa, e seus celulares estavam desligados.

Suspirei decepcionada.

— Nada? — perguntou meu irmão quando coloquei o telefone de volta ao gancho. Neguei com a cabeça. — Sexta você fala com eles no colégio.

Concordei, dando de ombros. Que mais eu poderia fazer? Apenas esperar.

Nesse mesmo instante, ouvi a campainha tocar. Olhei curiosa para a porta apesar de não poder ver nada no andar de baixo e esperei, imitada por Douglas. Não fazia ideia de quem poderia ser e torcia para que tivesse a sorte de ser visitada por pelo menos um dos irmãos Borges para que ele me explicasse o que estava acontecendo.

Ouvi passos subirem a escada e, um segundo depois, acompanhei meu pai entrar em meu quarto, seguido por minha mãe.

Fiquei surpresa. Após a briga com a notícia do divórcio, eu não falara mais com ele. E sua presença ali, com minha mãe e meu irmão no mesmo cômodo, me fez esperar uma nova discussão.

Ainda assim, meus pais pareciam tranquilos, quase amigáveis. Douglas, porém, mantinha a cara fechada quando me virei para olhar sua reação.

— Oi, minha princesa — cumprimentou meu pai, se sentando na beirada da cama e depositando um beijo em minha testa. — Como se sente?

— Um pouco melhor que ontem — falei, sem graça. Meu pai saíra do trabalho para ver como eu estava? Ele definitivamente estava mudado. — Como soube...?

— Sua mãe me avisou — explicou, olhando-a rapidamente.

— Claro. Ele é seu pai e tem que ficar informado de tudo, né? — falou para mim, sorrindo.

É claro que Douglas tinha que tentar estragar o momento.

— Quer dizer que vocês agora são amiguinhos?

Eu revirei os olhos, tacando-lhe uma almofada em seguida. Eu, no entanto, não o deixaria estragar nada.

— Dá um tempo, Douglas — falei, tomando fôlego para começar meu discurso. — Você só sabe reclamar de barriga cheia! Sabe quantos filhos gostariam que os pais, mesmo separados, tivessem uma boa relação? Sabe quantos gostariam de ter o que nós temos? Sabe quantos casais ainda tão presos naquela nossa fase ruim? Então, se não tiver satisfeito, vai procurar outra família porque eu tô muito bem com a minha. Obrigada.

Calei-me, sendo precedida por um momento de silêncio. Todos me encaram, surpresos. Mas o que mais eu deveria fazer? Já era ruim o suficiente que eu estivesse cheia de problemas, não ia deixar Douglas tornar aquilo muito maior do que realmente era.

Separação dos pais era algo difícil. No começo, fora realmente complicado entender, assimilar, aceitar. Mas conforme o tempo passou, eu parei para analisar a situação de modo racional e não pude deixar de perceber o quanto minha mãe estava certa. Ela deixara de viver tanto quando estava com meu pai

que agora era hora de recuperar o tempo perdido. E, olhando para ambos, naquele momento, eu podia perceber que a decisão os fizera bem.

Aproveitei o choque para continuar.

— Agora, eu tô doente e entediada. Então, por favor, arranjem algo pra me distrair.

Olhei para todos os rostos, esperando a reação. Sabia que se não mudasse o assunto rapidamente, Douglas tentaria retrucar e isso era tudo o que eu menos queria. Só precisávamos dar tempo ao tempo e um empurrãozinho na situação para que as coisas dessem certo.

— Que tal um jogo? — propôs minha mãe, sendo a primeira a quebrar o silêncio.

— Apoiada!

Ela sorriu e correu para buscar algo em meu armário.

Enquanto a observava, senti a mão de meu pai segurar em minha própria e apertá-la. Encarei-o com um sorriso sapeca e ele retribuiu, voltando a olhar para minha mãe quando esta se reaproximou.

Apesar de ainda estar distante, Douglas pelo menos não falara nada e tirara a expressão emburrada do rosto. Fiquei feliz por isso e principalmente quando ele se dirigia aos meus pais, sem raiva nem nada, por menor que fosse a quantidade de vezes que ele o tivesse feito naquela noite. Aos poucos, eu tinha certeza que ele voltaria ao normal.

Senti uma espécie de felicidade aquecedora quando lembrei das brincadeiras e risadas, como nos velhos tempos, mais tarde, antes de dormir. Tudo mudara e, ainda assim, conseguíramos que fosse como antes novamente. E por mais que tivesse demorado, eu sabia que faltava pouco para tudo voltar a ficar em paz em nossa família.

Os dois dias seguintes se passaram em uma monotonia revigorante. Tive poucas notícias de meus amigos, apenas sabia o que Douglas me contava ou Jullie, ao telefone. Ela também não tivera novidades quanto a Davi e Natan, pois ambos andavam terrivelmente afastados e praticamente incomunicáveis. O mais novo apenas lhe falara, sobre uma correria afobada, que “essa semana estava sendo muito apertada, mas que eles a explicariam o que acontecia logo, logo”.

Eu planejava abordá-los na sexta, na espera de estar melhor da virose. Quanto a isso, no entanto, não precisei me preocupar. Já na quinta, eu me sentia praticamente recuperada e levantei no dia seguinte cheia de coragem para enfrentar a escola.

O que me motivava, é claro, era a perspectiva de ver Davi e Natan, pois considerando que, da última vez, eu soubera que o colégio inteiro descobrira sobre a minha traição, deveria estar querendo me esconder para sempre dentro de casa.

Além disso, era aniversário de Jullie. Eu não poderia faltar e deixar minha

melhor amiga sozinha. Combináramos de sair após o colégio; eu passaria o dia inteiro mimando-a — sejamos sinceros, ela merecia — e a levaria para minha casa, pois a convidara para “dormir” lá. Ela dormiria, realmente, mas só depois da festa, da qual não sabia nada até agora.

Sexta-feira chegou, então, e eu já avisara a Douglas que ele teria que ir sozinho para o colégio. Sendo aniversário de Jullie, iria buscá-la em sua casa e seguiríamos juntas. Eu tornaria seu dia perfeito. O melhor aniversário da sua vida.

Quando minha amiga abriu a porta de casa, eu pulei em seu pescoço, abraçando-a com força, e iniciei uma série de pulinhos e gritinhos junto a ela, me esquecendo que ainda era cedo demais para aquilo.

— Parabéns, BFF! Parabéns! Parabéns!

— Não quer falar um pouco mais alto, não? — ironizou Jullie depois de me soltar do abraço. — O cara da esquina ainda não ouviu.

Eufórica, abri um sorriso para ela.

— Preparada pro seu dia? — perguntei, ignorando sua pergunta. Puxei-a pelo braço sem esperar resposta, fechando a porta para ela. — Eu vou mimá-la até não poder mais!

— Ah! E eu vou amar isso!

Quem não amaria?

Seguimos para o ponto de ônibus, onde, após entrar, expressei minha apreensão quanto à notícia da festa de Jéssica.

— Eles já até esqueceram o que aconteceu, Anna. Já é notícia velha — tentou me tranquilizar apesar de eu não acreditar muito.

Deixei para lá, no entanto, pois não queria pensar em coisas ruins naquele dia.

— Tô tão feliz por termos voltado a nos falar antes do meu aniversário! Não aguentaria ficar sem presentes — brincou, me abraçando de lado em seguida.

Acertei seu braço esquerdo com uma bofetada, fazendo-a me soltar.

— Há-Há. Engraçadinha. — Fiz uma pausa. — Falando em presente...

— Oba! — exclamou sem me deixar terminar.

Revirei os olhos, tirando uma caixa embrulhada com papel de presentes prateado da mochila.

— Não se desaponte, esse é só o primeiro do dia.

Jullie abriu um sorriso extremamente grande ao puxar o presente de minhas mãos e abri-lo. Seus olhos brilharam ao ver a caixa de chocolate da Ferrero Rocher. Ela não hesitou antes de destampar a caixa e pegar um chocolate.

— Eu definitivamente tenho a melhor amiga do mundo — falou sorrindo. Ela estendeu a caixa, oferecendo-me um chocolate. Aceitei de bom grado.

— Bem, sua melhor amiga que me desculpe, mas sou eu quem tem a melhor amiga do mundo.

Jullie soltou uma risada.

— Elas podem dividir o primeiro lugar, não podem?

— Posso pensar nesse caso.

Nós sorrimos e, então, Jullie me puxou para outro abraço.

— Obrigada, amiga.

— Você merece!

Mais felizes do que nunca, nós continuamos a conversar e planejar nossa tarde.

Ao descer do ônibus, comecei a ficar nervosa novamente, involuntariamente. Jullie notou, obviamente. Seus lábios se contorceram em um sorriso reconfortante antes de um de seus braços voarem ao redor do meu pescoço.

— Esquece — disse somente. Eu abri a boca para falar, mas ela me impediu.

— Hoje é meu aniversário. Eu mando. — Com aquele mesmo sorriso, ela me puxou para continuar o caminho e nós atravessamos o portão do Honório de Paula.

Senti o nó em minha garganta desapertar a cada passo dado. Jullie estava certa. Não havia nada com que se preocupar. É claro que algumas pessoas ainda cochichavam, mas sempre fora assim, não era? Antes, por simplesmente ser amiga de Natan. Agora, porque o beijara. Seria sempre daquela maneira e eu já estava, na verdade, acostumada.

Ao longo do caminho, várias pessoas vieram até nós, nos cumprimentar e felicitar Jullie. Chegamos à sala rapidamente e fomos recebidas por um coro de “Parabéns pra você” para Jullie, do qual tomei parte no mesmo instante.

Quando todos bateram palmas, eu dei uma rápida olhada ao redor. Não vi Davi em nenhum lugar. Fiquei decepcionada. E assim foi pelo resto do dia, pois nem ele nem Natan apareceram no colégio.

— Vamos lá! Escolhe! — pedi novamente.

Jullie continuou com os lábios franzidos, dividida entre aceitar e não aceitar o presente. Encarei-a com paciência, demonstrando apenas com o olhar que não aceitaria “não” como resposta. Seus olhos percorreram mais uma vez a loja, se demorando um segundo a mais nas roupas que — eu tinha certeza — mais gostara e depois voltaram para mim.

— Qualquer coisa? — perguntou, se rendendo.

— Qualquer coisa.

Ela abriu o sorriso empolgado que já virara marca registrada daquele dia e pulou em meu pescoço, eufórica.

— Você é demais!

E, então, correu até onde havíamos deixado o catálogo da loja, acima do balcão, e pediu as roupas que mais gostara para a vendedora. Eu corri atrás dela, puxando-a até o provador à espera das roupas.

Foram quase cinco horas de provas, troca-troca de roupas e lojas, e de

compras – além de umas besteirinhas para tapear a fome. Nunca havia visto minha amiga tão feliz e eu bem sabia o quanto ela estava precisando daquilo.

Às seis e meia, nós nos sentamos em uma mesa da Starbucks para um café e ficamos por lá até as oito, horário que eu havia marcado a festa surpresa. Esperava, porém, a mensagem do meu irmão, avisando que tudo estava pronto e que nossa mãe estava indo nos buscar. E, quando a recebemos, Jullie e eu pagamos a conta e fomos para a entrada do shopping aguardá-la.

Assim que seu Honda Fit prateado apareceu, nós corremos para o banco traseiro, entrando rapidamente, carregada de bolsas.

— Oi, meninas! — Ela se virou para nós. — Nossa! O dia foi bom, hein? Depois quero ver todas essas compras!

— Tem cada coisa mais linda do que a outra, Sr^a Schwartz! — Os olhos de Jullie brilhavam mais do que nunca. Isso porque ela nem sequer esperava a festa surpresa. Pelo menos, eu esperava que não.

Durante o caminho conversamos sobre coisas banais até surgirmos com o assunto amor. Minha mãe falava sem parar sobre o quanto os jovens sempre pensavam que aquela pessoa que conhecera era o amor da vida deles e tudo aquilo que pais adoravam falar sobre romances adolescentes, sem perceber que Jullie se calara.

— Mãe! — exclamei, chamando sua atenção.

Ela olhou para trás rapidamente, percebendo a chateação de Jullie, e franziu os lábios em um pedido mudo de desculpas. Ela não tinha culpa, é claro, mas ainda assim, poderia ter se segurado.

Olhei para minha melhor amiga, puxando-a para um abraço. Qualquer um que conhecesse Jullie saberia o quanto ela sentia falta de Douglas. Apesar disso, minha amiga era orgulhosa demais para aceitar conversar com ele. Eu até precisei dizer que meu irmão dormiria fora de casa para que ela aceitasse meu convite! Era por isso que eu os ajudava agora. Eles se amavam. Para que complicar tudo?

— Vamos, garotas? Quero que vocês experimentem todas essas roupas pra mim! — minha mãe tentou animar quando estacionou na garagem.

Jullie sorriu.

— Para com isso, sua boba! Hoje é seu aniversário. Você merece ficar feliz.

Nós, então, saímos do carro. Limpei os vestígios de lágrimas de seu rosto — não queria que ela aparecesse em sua festa surpresa com cara de choro! — e passei o braço direito por seu pescoço, puxando-a para a porta. Minha mãe vinha atrás, mais sorridente do que nunca, carregando nossas bolsas.

Eu abri a porta de casa, acendendo rapidamente a luz e revelando, no mínimo, umas setenta pessoas — eu nem me lembrava de ter convidado tanta gente!

Minha sala estava completamente mudada. Não havia mais estantes — elas

foram colocadas dentro do escritório para aumentar o espaço do cômodo. Os sofás tinham sido arrastados para os cantos; algumas pessoas estavam sentadas neles. Onde ficava a televisão, agora havia uma pequena mesa na qual o DJ esperava o início da festa para tocar as músicas. E, por fim, várias mesinhas foram espalhadas aqui e ali com comida e bebida.

— Surpresa! — foi o que gritaram assim que acendi a luz.

Jullie piscou, surpreendida e admirada, olhando as pessoas. Depois, se virou para mim, abriu um sorriso e pulou em meu pescoço. Quando ela me soltou, os convidados — entre eles, membros da sua família e outros amigos não tão próximos a mim, mas que eu pedira para sua mãe chamar — vieram cumprimentá-la, dar parabéns e desejar “tudo de bom, paz, saúde e amor”.

Douglas não estava entre eles. Havíamos combinado que ele só apareceria depois do início da festa. Jullie e eu subíamos para tomar banho e nos arrumar, e, quando descêssemos, ele faria sua parte da surpresa. Agora, provavelmente, estava em seu quarto, se preparando.

A maior parte das pessoas já falara com Jullie, restando apenas os amigos mais próximos, que preferiram esperar. Os colegas de nosso grupo escolar a abraçaram novamente e puxaram para uma comemoração grupal rápida. Fiquei de fora, apenas sorrindo, e quando desviei o olhar pela festa, encontrei Davi e Mayara, aguardando a bagunça para falar com a amiga.

Fiquei surpresa com sua presença. Não esperava vê-los, principalmente após o sumiço e toda a confusão, e franzi o cenho para Mayara quando nosso olhar se encontrou. Ela fez sinal com os dedos de que depois me contaria, mas, pela sua cara, certamente não era nada bom. Perguntei, em tom baixo, porém claro para uma leitura labial, se Natan estava com eles. A ruiva negou, no entanto, com a cabeça.

Terminados os cumprimentos, nós subimos para o meu quarto, onde as compras que havíamos feito mais cedo já estavam depositadas. Antes de chegar ao fim da escada, porém, vaguei o olhar pela sala à procura de uma pessoa. Demorei um longo tempo até perceber que não estava ali. Eu realmente tinha esperanças de que Gustavo fosse, mas não podia obrigá-lo. Não era como se o que eu havia feito fosse uma “bobeira perdoável”.

Encontrei, no entanto, em meio a minha procura, Leticia. Ela sorriu para mim, me dando um aceno simpático. Fiquei feliz que ao menos um dos prejudicados naquela festa houvesse me perdoado.

Assim que chegamos ao andar de cima, ouvimos a festa começar de verdade ao início da primeira música posta pelo DJ.

Jullie entrou rapidamente em meu chuveiro e eu corri para o quarto de minha mãe, para tomar banho no dela. Não poderíamos perder tempo esperando. A diversão lá embaixo estava à nossa espera.

Eu nunca havia me arrumado tão rápido quanto nessa sexta. Assim que

terminei o banho, coloquei a roupa que usava antes — só para não ter que sair de toalha do quarto da minha mãe — e corri para meu. Jullie já começava a vestir sua roupa. Eu vesti a minha rapidamente — desde o shopping já sabia qual seria — e comecei a maquiagem. Em meia hora nós duas estávamos prontas.

Nós nos olhamos por algum tempo através do espelho. Jullie usava um vestido tomara que caia branco na parte superior e arroxeadado na inferior e calçava um sneaker preto. Alguns colares davam um ar ainda mais *fashion* à combinação recém comprada.

Já eu usava uma saia caqui de cintura alta sobreposta a uma blusa branca. Um colete de renda bege e um coturno dourado fechavam o vestuário.

Jullie e eu sorrimos uma para outra e saímos do quarto. Mandeí ela parar ali, no alto da escada, e desci correndo até a mesa do DJ, já atraindo a atenção de alguns. Pedi a este que interrompesse a música e peguei o microfone acima da mesa. O som foi diminuindo gradativamente e os convidados focaram sua atenção em mim.

— Boa noite, galera. Queria agradecer a presença de todos... Vocês tão se divertindo? — perguntei em tom animado. Um urro alto se seguiu à minha pergunta. Eu sorri. — Uma salva de palmas para a aniversariante! — pedi, apontando pra Jullie no alto da escada.

Ela riu e desceu as escadas como se fosse algum tipo de celebridade. Uivos, palmas e assobios inundaram a sala.

— E que a festa continue! — exclamei, erguendo o braço e devolvendo o microfone à mesa do DJ. Mais palmas antes de Ellie Goulding começar a tocar para animar a festa.

Corri até Jullie que mantinha no rosto um sorriso de orelha a orelha.

— Meu Deus! Tô me sentindo como uma rainha! — gritou para que eu conseguisse escutá-la.

— Era essa a intenção! — Jullie sorriu mais ainda. — Vamos dançar!

Puxei-a pela mão até onde um aglomerado de pessoas dançava animadamente. Nós nos infiltramos entre eles, deixando a música tomar conta do nosso corpo.

Honestamente, para mim, não havia outra opção: dançar era a melhor terapia.

CAPÍTULO 31

— O que aconteceu? Você devia ter aparecido há quinze minutos! — exclamei para Douglas assim que entrei em seu quarto.

Parei na entrada e olhei para meu irmão. Ele andava de um lado para o outro com uma expressão preocupada no rosto. Vestia uma calça jeans clara e uma blusa de manga preta amassada; o tênis que deveria estar usando fora posto no pé da cama com as meias socadas dentro e o cabelo estava molhado, bagunçado.

— Douglas? — chamei, fitando-o. Ele ergueu o olhar desamparado. No mesmo instante, entendi o que se passava. — Ah! Você não vai amarelar agora, não! Vamos logo.

Caminhei até ele e o segurei pelo braço antes de puxá-lo.

— Não! — resistiu. — E se der tudo errado? E se ela me humilhar na frente de todo mundo? E se ela me rejeitar?

— Pelo menos você vai saber que fez o que o podia! — recitei.

— Eu não quero saber que fiz o que podia! Eu quero conseguir!

— Meu filho, se você não tentar, não vai conseguir! Sem tentativa não tem erro, mas também não tem acerto! — Dei um passo à frente, podendo ficar cara a cara com ele. — Eu sei que às vezes é complicado acreditar que as coisas vão dar certo, mas a gente tem que acreditar. A gente tem que ser confiante e correr atrás do que queremos porque nada vem de bandeja. Você tem que fazer por merecer. Nós organizamos essa festa pra que você pudesse tentar e é isso que você vai fazer. Vai lá. Agora! — ordenei, colocando as mãos na cintura e fechando a cara enquanto esperava uma atitude da parte de meu irmão.

Ele fez uma careta e seguiu desanimado até a porta.

— Pera! — Ele parou assustado, virando-se para mim novamente. — Você podia pelo menos se arrumar direito antes de tentar reconquistar sua namorada, né?

Ele abaixou a cabeça, dando uma boa olhadela em si mesmo, e então riu de verdade.

Cinco minutos depois, com o tênis nos pés, a blusa passada e o cabelo penteado, Douglas seguiu novamente à porta, sem ser interrompido dessa vez.

— Pronto? — perguntei, atravessando a porta e caminhando até a escada, sendo seguida por ele.

— Não — foi sincero.

Rolei os olhos.

— Vai lá e mostra que você é o cara certo para ela, ok? Confia em si mesmo.

— Sorri para encorajá-lo.

Quando finalmente desceu, Douglas parecia mais confiante. A cada passo que ele dava, rostos se viravam lá embaixo para ele; cochichos eram dados, provavelmente já esperando o que aconteceria a seguir.

Assim que pisou na sala, as conversas cessaram e os convidados se postaram a observar. Douglas caminhou até a mesa do DJ que, percebendo o silêncio repentino e as atenções todas voltadas para o garoto que andava até ele, diminuiu o som — eu pedi para Douglas avisá-lo sobre isso antes da festa começar, para que ele já soubesse o que fazer.

Lá no centro do cômodo, vi Jullie encarar meu irmão e depois olhar para mim em uma mistura de sobressalto, confusão e receio.

— Oi — a voz de Douglas ecoou pela sala. Ele estava visivelmente nervoso; suas mãos trêmulas seguravam o microfone que acabara de pegar na mesa. — Acho que todo mundo deve saber por que eu tô aqui... — Douglas fez uma pausa e olhou para mim.

— Continua — sussurrei devagar para que ele entendesse.

— Alguns meses atrás, todo mundo me considerava um...

— Canalha — ouvi uma voz conhecida completar. Era Jullie. Ela agora estava mais perto, parada à frente da mesa de som, com os braços cruzados. Douglas a encarou por dois segundos e depois soltou uma risadinha nervosa.

— É. Um canalha. — Cinco segundos de silêncio. — E eu realmente era... Eu ficava com várias garotas e nunca queria nada com a vida... Um completo babaca.

“Mas quando eu comecei a gostar de Jullie, as coisas mudaram. Eu ainda era um canalha, mas ser um canalha não parecia mais tão divertido.”

Todos à nossa volta riram.

— Eu demorei muito pra admitir pra mim mesmo que estava realmente gostando de alguém e, quando o fiz, veio outro problema: o que fazer? Eu era só um canalha, o que poderia saber sobre gostar de alguém?

“Anna, como uma boa irmã, me ajudou e eu não poderia ser mais agradecido a ela... Mas, cá entre nós, ela não fez quase nada; eu conquistei Jullie com meu charme mesmo” brincou, arrancando mais risadas — até mesmo de Jullie, que revirou os olhos, mas não evitou sorrir.

Fez uma pausa até que todos silenciassem novamente.

“Todos os dias que passei ao lado dessa garota — dessa garota incrível — foram os melhores. É claro que a gente brigava, e brigava, tipo, muito. Mas, em nenhum momento do nosso relacionamento, eu cogitei a possibilidade de terminar com ela. Porque Jullie me mudou; me fez perceber que há muito mais na vida do que só ‘ficar’ com várias garotas e ser popular. E eu não falo essas coisas da boca pra fora, não. Ela foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida e eu fui um completo idiota por perdê-la.”

Douglas olhava diretamente para Jullie agora. Ele contornou a mesa e andou até ela, parando à sua frente.

— Eu não sou um romântico... Não sou poeta, odeio falar em público e deves-to expor meus sentimentos. Mas eu te amo, Jullie. Eu realmente amo. Tá

estampado na minha cara, mas se você não consegue acreditar, eu não me importo em dizer. Eu faria qualquer coisa pra passar um minuto feliz ao seu lado de novo. Qualquer coisa que você pedisse, eu faria por você.

Todos os olhares se voltaram para Jullie. Ela chorava ainda mais do que eu — sim, eu estava chorando — se é que isso era possível. Mas sua cabeça balançava com uma resposta. Uma resposta negativa.

— Você me magoou muito, Douglas! Eu errei também e peço mil desculpas por isso, mas não sei se vou aguentar essa incerteza do que vai acontecer no dia seguinte. Será que você vai beber de novo e dizer coisas horríveis que nunca teria coragem de dizer sóbrio? Talvez confessar que eu sou só mais uma? Que não me ama tanto quanto diz?

— Jullie. — Sua mão livre segurou o rosto dela de modo carinhoso. — Se eu não te amasse tanto quanto digo, acha que estaria agora lutando por você? Acha que eu taria falando o que eu sinto na frente de tanta gente, algumas que eu nem conheço? Na frente dos seus pais? Eu te amo, Jullie! E, sim, eu fiz besteira. Mas quem nunca errou uma vez na vida? Eu sinto, de verdade! É só o que eu posso dizer. Eu só tenho palavras agora, Jullie. Eu tô fazendo tudo o que tá ao meu alcance pra você perceber o quanto eu me arrependo do que fiz.

Jullie só continuou balançando a cabeça negativamente enquanto as lágrimas escorriam. Douglas engoliu em seco. Ele colocou o microfone na mesa atrás de si, estendeu as mãos e segurou o rosto dela, fazendo-o parar de negar e olhar para ele.

— Você me ama? — perguntou, olhando-a nos olhos.

— Claro que amo.

— Isso costumava ser o suficiente.

Eles se encararam por quase um minuto. Cada movimento, cada suspiro sendo observado por todos os convidados. Então, Jullie abaixou o olhar.

— Você promete ser sincero comigo? Independente do que seja? Vai ser sincero, sem bebida, sem grosseria? — perguntou, insegura.

Douglas sorriu.

— Você promete ser sempre a Jullie por quem eu me apaixonei?

Minha amiga riu e finalmente balançou a cabeça em uma afirmação, sorrindo em meio às lágrimas.

Jullie levou uma das mãos até o rosto de Douglas e afagou a maçã de seu rosto antes de se esticar, ficando na ponta dos pés, até encostar seus lábios nos dele.

Enquanto observava meu irmão levar as mãos até sua cintura, algumas pessoas aplaudiram, outras gritaram, outras assobiaram. Eu, no entanto, só sorri. Andei até o DJ e pedi a ele que voltasse com a música. Aproveitando o clima romântico, *Nothing But a Song*, do Tiago Iorc, entou e alguns casais começaram a dançar.

Olhei para os lados, me sentindo estranhamente solitária. Ver tantos casais dançando juntos e apaixonados causou em mim uma espécie de carência desesperada. Senti de repente uma saudade absurda de Natan, de nós dois, do nosso relacionamento — amoroso ou não. Se ele estivesse ali, ele me animaria. Ia me colocar para cima, como sempre fazia.

Eu suspirei e fiz menção de continuar a andar, mas fui impedida por Letícia. Ela segurou em meu braço e falou em meu ouvido, para que eu pudesse escutá-la.

— Viu quem tá aí?

Vaguei meu olhar pelos convidados, procurando pela cabeleira castanho claro de Natan. Já me decepcionava por não encontrá-la quando outra surpresa se fez presente aos meus olhos. Só então, percebi que era sobre isso que Letícia falava. Tolicie a minha pensar que, ainda que tivéssemos feito as pazes, ela entregaria o ex-namorado assim, de bandeja.

Mesmo não tão feliz quanto estaria se fosse Natan, abri um sorriso animado e corri até onde Gustavo se encontrava.

— Você veio! — exclamei, animada, não evitando pular em seu pescoço para abraçá-lo.

Surpreendido, Gustavo ficou dividido entre retribuir ou não e, por fim, deu apenas algumas tapinhas desajeitadas em minhas costas.

— Vim pela Jullie — lembrou quando o soltei, sorrindo sem graça.

— Não importa — bufei. — Você veio!

Gustavo rolou os olhos, mas transformou involuntariamente o sorriso envergonhado em um verdadeiro e riu. Isso certamente me animou ainda mais. Por Jullie ou não, o importante era que ele estava lá, o que já era um enorme passo para nossa reconciliação — se ele conseguia frequentar os mesmos lugares que eu, talvez não estivesse mais tão irritado.

E, então, eu o fazia rir! Aquilo era o suficiente para alguém que se desacostumara a ter esperanças.

— Já falou com a Jullie? — perguntei, ainda sorrindo.

Ele, porém, não compartilhava da minha animação.

— Sim, cheguei pouco antes da entrada triunfal de Douglas. — Ele deu de ombros.

— Ah! Que bom que não perdeu. Foi incrível, não foi? — Ergui as sobrancelhas várias vezes, mas nem isso o fez sorrir novamente.

Eu desisti, então, quando ele apenas concordou com a cabeça, os lábios franzidos.

— Tá bem. Melhor eu ir dar uma checada na festa... — falei, percebendo que não conseguiríamos ter uma conversa muito construtiva.

Virei-me, tentando aceitar que pelo menos ele estava lá, o que era muito, dadas as circunstâncias. Antes de começar a me afastar, no entanto, fui pega de

surpresa pelo chamado do garoto.

— Pera! Anna! — falou em voz alta para que eu o ouvisse por cima do barulho da festa.

Girei nos calcanhares, rápido demais até, com medo que ele desistisse de falar o que quer que fosse. Encontrei Gustavo com um olhar indeciso e envergonhado e as mãos afundadas nos bolsos da frente da calça.

— Na verdade, hm... Eu queria conversar com você. Será que podemos?

Senti meu coração saltar enquanto o encarava perplexa. Gustavo queria conversar comigo? De verdade? E o dissera, não de um modo duro, com raiva, mas envergonhado? Será que ele queria fazer as pazes?

Suspirei para me acalmar e ignorar qualquer pontada de esperança que surgisse. Sem esperanças, prometi a mim mesma.

— Claro. — Acenei com a cabeça para o andar superior. — Vamos lá pra cima. Tá muito barulho aqui.

Ele concordou, acanhado. Fiz sinal para que fosse à frente. Segui-o pela escada, subindo com calma para tentar controlar a expectativa. Quando cheguei à metade do caminho, porém, parei.

Com o olhar focado na entrada da casa, pude sentir meu coração se acelerar enquanto cada partícula de mim se agitava. Não acreditei no que estava vendo. Pisquei várias vezes para confirmar. Mas quando abri os olhos pela última vez, Natan ainda estava lá.

Chegava a ser repetitivo o modo como todas as vezes o descrevia. Mas o que eu poderia fazer? Ele estava lindo como sempre. Ainda era o mesmo Natan de segunda: cansado, distante, acanhado até. Talvez mais. Entretanto, por baixo de todo aquele desleixo, via-se claramente sua beleza.

Fiz menção de descer novamente ao vê-lo, parecendo tão perdido ali no portal, sem saber o que fazer, porém Gustavo me chamou à realidade.

— Anni, você vem? — questionou, confuso com minha hesitação. Ele provavelmente não vira Natan e era melhor que continuasse assim.

Eu suspirei, sabendo que precisava resolver um problema de cada vez. Esperava, no entanto, que Natan não estivesse ali apenas para uma visita rápida. Nós precisávamos desesperadamente conversar.

— Claro. Sim, sim. Vamos — concordei.

Voltei a subir enquanto o grito de Jullie invadia meus ouvidos por cima da música.

— Ah, Natan! Você veio! — e foi tudo o que ouvi antes de entrar em meu quarto com Gustavo. Assim que o fiz, indiquei-lhe a cama para que se sentasse.

— Então... Como tem passado? — perguntou, como se enrolasse para chegar ao ponto.

Ele se acomodou na cama, olhando para mim na espera da resposta de sua pergunta quase retórica.

— Bem... — Gustavo abriu um sorriso rápido e nada verdadeiro. Ele parecia nervoso. Mantinha as duas mãos entrecruzadas e o olhar sobre elas. — *Você tá bem?* — perguntei, dando ênfase à primeira palavra enquanto franzia o cenho.

Ele descrezou as mãos e olhou para mim com determinação, como se tivesse acabado de se encher de coragem.

Ele me surpreendeu com o que disse em seguida.

— Eu te amo, Anna — desabafou tão rápido que eu quase não entendi. — É isso. Pronto. Falei. Eu te amo. Não posso mudar isso. Achei que ficando longe de você eu ia superar, mas não superei. E eu sei que sou um idiota por estar fazendo isso agora, principalmente depois de você me trair, mas eu tô ficando maluco e precisava fazer alguma coisa.

Encarei-o, desorientada e sem palavras. Por *essa* eu não esperava. Ansiei pelas pazes, mas estava mais inclinada a ouvir palavras ofensivas, talvez até outra discussão... Mas uma declaração? Não mesmo.

Abri a boca para dizer algo, entretanto, nada saiu. O que se diz para um garoto quando ele se declara para você e você não sente exatamente o mesmo? Tentei vasculhar minha mente, mas tudo o que lembrava era a raiz quadrada de 169. *Que droga eles andam ensinando na escola que não nos prepara para momentos como esse?*

— Anni? — ouvi-o me chamar, mordendo o lábio inferior. Ele devia estar terrivelmente arrependido.

— E-eu... Eu não sei o que dizer — admiti, envergonhada.

Não era como se tudo o que sentia por Gustavo quando namorávamos tivesse desaparecido. Porém, as coisas mudaram... Eu finalmente admitira para mim mesma e aceitara o que sentia por Natan. E isso enfraquecera todos os sentimentos que eu tinha pelo primeiro.

— Então... Você não sente mais nada por mim? — perguntou como se para confirmar sua decepção.

Soltei um suspiro, caminhando até ele e me sentando ao seu lado. Segurei suas mãos, encarando seu rosto com carinho.

— É claro que eu sinto — confessei, vendo seus olhos brilharem com a resposta. — Você é uma pessoa muito especial pra mim, Gutinho. — Ele revirou os olhos e sorriu de lado.

Continuou a me encarar, esperando o restante. Ele sabia o que vinha a seguir. Eu também sabia. Porém, não pude me forçar a continuar. O olhar de Gustavo se tornou triste de repente e ele abaixou os olhos antes de perguntar:

— Mas...?

Suspirei.

— Mas eu amo o Natan — fui sincera. Da última vez, mentir não tinha dado muito certo, então tomei uma posição honesta.

— Vocês parecem meio distante nos últimos tempos... — comentou,

esperançoso. — Vocês não tão juntos?

Franzi os lábios, me entristecendo com sua pergunta. Nosso distanciamento era realmente tão verdadeiro que se tonara quase palpável.

— Não — confessei cabisbaixa.

Quase pude ver o sorriso de canto se formar na boca de Gustavo.

— Você poderia, pelo menos, fingir que tá triste por mim — falei sem parecer dura, no entanto.

— *Tô* triste por você. — Ele segurou em meu queixo, me forçando a olhar diretamente em seus olhos. — Mas também tô feliz por mim, não entende? Você falou que ainda sente algo... — Tentei abaixar novamente o rosto, mas ele não permitiu. — Então, tenho chances, não tenho?

— Gustavo... — quis negar. Ele me interrompeu, porém, ansioso por qualquer oportunidade de me ter novamente.

— Não pode me dar uma chance? — pediu com os olhos enormes me encarando. Podia ver neles o quão ardentemente desejava um sim.

Parei por um momento para pensar, mas ao fim de cinco minutos inteiros, permaneci em silêncio.

— Um beijo — implorou ao perceber que eu não o respondia. — Um beijo e se você não sentir nada, eu te deixo em paz. A gente volta a ser como era antes. Bem, não... Nós recomeçamos. Só amigos. Só me dá essa chance.

Tentei considerar. Eu queria o perdão de Gustavo, não queria? E não era isso que ele me oferecia agora? Não estava disposto a me perdoar em troca de uma oportunidade de saber o que eu sentia de verdade?

Olhei-o, mordendo o lábio inferior.

— Tudo bem — concordei, finalmente. Ele sorriu, mal contendo sua própria felicidade.

Sua mão, que antes segurava meu rosto, deslizou pela minha mandíbula até meu pescoço, onde se embrenhou na parte de baixo do meu cabelo. Seus olhos focaram minha boca, como se ansiasse por aquilo, enquanto eu somente fechava os olhos. Não era como se o beijo de Gustavo fosse ruim. Ele só não era... Quem eu realmente queria.

Sua boca se encostou à minha, a língua pedindo passagem para um beijo que, eu sabia, só o decepcionaria. Tentei retribuir, no entanto. Segurei em sua nunca, beijando-o de volta com o todo o sentimento que ainda tinha por ele. No fim das contas, porém, o momento ainda estava muito cru, sem emoção. Era um beijo e nada mais.

— Desculpa — falei, me afastando dele.

Gustavo suspirou derrotado antes de reabrir os olhos.

— Nada?

Neguei com a cabeça, me sentindo mal por precisar admitir.

— Eu beijo tão mal assim?

Soltei uma risada, me sentindo leve de repente por vê-lo brincando apesar do fora que eu acabara de lhe dar.

— Não se preocupa, Gutinho. Você beija espetacularmente bem — brinquei, dando-lhe uma tapinha no ombro.

Ele encheu o peito com orgulho e eu ri novamente, balançando a cabeça sem acreditar que tudo se resolvera. Gustavo se levantou, sorrindo de um modo acolhedor.

— Eu sabia que isso podia acontecer, mas precisava tentar. — Ele deu de ombros.

— É. E eu tô feliz que você tenha feito isso. — Levantei também, passando o braço ao redor de seu pescoço e dando uma olhadela de lado com um sorriso. — Bem... Eu acho que tem uma festa bastante animada acontecendo lá embaixo.

— É mesmo? — perguntou, franzindo o cenho. — E o que ainda támo fazendo aqui?

Rindo, nós saímos do quarto. Parei, no entanto, ao perceber uma pessoa no corredor, encostada à parede em frente ao meu quarto.

Natan mantinha os braços cruzados, o olhar seco enquanto corria os olhos de Gustavo para mim.

— As coisas mudam muito, né? — falou, extremamente frio.

Ouvi Gustavo pigarrear baixo ao meu lado.

— Fui — avisou baixinho antes de descer a escada.

— Nael... — comecei, mas fui interrompida por ele.

— O que você quer, Anna? — Ele se desencostou da parede. — Você pelo menos sabe? Porque eu tô ficando cansado de tentar descobrir.

Natan me deu as costas após sua frase e desceu as escadas com rapidez, não me dando tempo de refletir sobre o que dissera. Quando percebi, ele já estava no andar de baixo, se direcionando à saída.

Corri atrás dele, saindo de casa e fechando a porta com rapidez para que ninguém precisasse assistir nossa milésima briga do ano.

— Natan, volta aqui! Espera! — gritei antes de acelerar o passo para alcançá-lo no portão da minha casa. — Me escuta! Não é nada disso que você tá pensando. Gustavo me pediu...

— Não! Para! Você quer saber? Eu não pensei em *nada* — gritou, irritado. — Ou melhor, *pensei*: pensei que era melhor não ter acontecido nada entre nós. Pensei que a gente devia ter continuado como sempre fomos: apenas amigos; e que eu fui idiota por achar que a gente podia dar certo como algo mais do que isso. E pensei também que era melhor você ter ficado com ele — ele apontou para a casa enquanto falava — de uma vez, já que nós não íamos ficar juntos de qualquer maneira.

Ele parou, respirando forte, e me encarou, esperando uma reação.

— Para com isso, Natan. Você sabe o que viu lá dentro. Então, por que tá

arranjando desculpas pra a gente não ficar bem?

Observei-o andar nervoso de um lado para o outro, sem me responder. Ele passou as mãos pelos cabelos em uma frustração extremamente preocupante e depois as escorreu para o rosto.

— Nael, olha para mim — pedi com carinho.

Afastei suas mãos do rosto e depois firmei-as entre as minhas para que ele não tentasse desviar o olhar e mentir.

— O que aconteceu?

Pisquei, esperando. Eu conhecia Natan e definitivamente conhecia aquele estouro. Quando Natan estava sob profundo estresse, ele explodia. Quando ele estava abalado ou se sentindo pressionado, qualquer oportunidade de despejar toda sua tensão era bem aproveitada. E eu sabia que havia algo sério acontecendo em sua vida que ele ainda não me contara, mas que eu podia sentir que era importante.

É claro que eu o desarmeí completamente. Ele me encarou, surpreso, e desabou. Simplesmente apoiou a cabeça em meu ombro e começou a chorar como nunca fizera antes.

Haviam sido poucas as vezes que eu vira meu melhor amigo tão vulnerável. Ele sempre fora o protetor, o paciente, o carinhoso, o estourado às vezes, mas *nunca* (ou quase nunca) o sensível. Ele gostava de se fazer de forte para os outros e encontrá-lo assim, tão abalado, também *me* abalava.

Eu o abracei, tentando conduzi-lo à escada da minha varanda para fazê-lo sentar. Quando consegui, afaguei suas costas de leve, fazendo carinho até que se sentisse melhor o suficiente para desabafar.

Por quase cinco minutos, ele apenas chorou, seus soluços e fungadas sendo abafados pela música dentro da minha casa. Então, quando eu menos esperava, ele começou.

— É meu pai, Nina. — Ele parou, tomando coragem para continuar enquanto eu assimilava a informação. — Ele tá com câncer, mas eu não faço ideia há quanto tempo isso começou ou o quão sério é. Ele é um cabeça dura idiota e só nos contou porque *deixou escapar!* — Natan soltou uma risada seca. — Ele “deixou escapar” que tava doente, Nina! Você imagina como a gente ficou? Foi horrível e ele dizendo que não tinha nada com que se preocupar. — Ele soltou um palavrão alto, completamente revoltado. — Nada com que se preocupar? Meu pai tá com câncer e quer que a gente não se preocupe? Que continuemos nossa vidinha sem mover um dedo para ajudá-lo? Essa doença deve ter esclerosado a cabeça dele, não é possível!

Ele afundou o rosto em suas mãos, os cotovelos apoiados em seus joelhos. Encarei-o boquiaberta. De todas as coisas que eu podia imaginar, aquela notícia certamente não estava entre as opções.

— Mas ele não tá fazendo tratamento? Nada? — perguntei, sem saber

exatamente o que dizer.

— Tá, claro — concordou, sem me olhar. — Eu só não sei se porque quis ou porque o pessoal do Exército o obrigou.

Aproximei-me dele, passando meu braço ao redor de suas costas. Puxei-o para mais perto, sentindo meu coração despedaçar a cada lágrima que meu amigo deixava cair. Conforme sua dor se mostrava ainda mais evidente, eu começava a senti-la em mim mesma.

— Pra piorar as coisas, eu ainda recebi a nota do vestibular da estadual. — Ele afastou a cabeça das mãos, revelando seu rosto choroso. — D, Anna. Eu tirei um D, você sabe o que é isso?

Não, eu não sabia. E me surpreendi. Natan era sempre um aluno exemplar e esforçado, totalmente o oposto de seu irmão. Tirar D para ele era inesperado e quase impossível.

— Acontece que... A gente fez tudo errado, entende? A gente meteu os pés pelas mãos e deixou esse sentimento tomar conta da nossa vida. — Desencostei meu braço do seu corpo, me afastando ligeiramente conforme ele falava e encarando-o intrigada, sem saber aonde ele queria chegar com aquela conversa. — A gente brigou e fez besteira e brigou de novo. E no fim das contas nos esquecemos que tinha muito mais acontecendo. Eu tô cansado de tanto drama, Nina. Tô cansado de brigar, de viver pra isso. Nós mudamos muito e acho que não podemos voltar a ser como a gente era antes.

Observei-o boquiaberto. Do que ele estava falando?

— Não, eu não acho. Eu tenho certeza disso — afirmou, virando o rosto para olhar em meus olhos. — Tem muita coisa acontecendo na minha vida agora. Eu preciso estudar pra tentar outras universidades, já que na estadual eu definitivamente não entro. E eu preciso cuidar do meu pai — contou de repente, como se deixasse o pior para o final. — Não dá para me mudar agora e nem quero. Mas não podemos deixar ele sozinho e ele não quer vir pro Rio de jeito nenhum. Vou ter que usar meus dias durante a semana pra estudar e nas sextas vou direto pra Santos.

— Você tá maluco? Você não vai aguentar! — retruquei, ainda mais impressionada.

— E daí? O que você quer que eu faça? Que eu deixe meu pai lá sozinho?

— Não, mas... E o Davi? — perguntei, sabendo que ele definitivamente pirara.

— Davi é muito novo ainda, Anna. Ele já cuidou o suficiente do nosso pai quando eu não tava lá. E agora é minha vez.

Ele se levantou, agitado e tão perdido quanto estivera desde segunda-feira.

— Eu sinto muito que você não entenda, mas eu queria deixar as coisas claras pra você agora. A probabilidade de a gente dar certo antes já era pequena. Mas agora, ela é nula, entendeu? Não dá mais pra fechar os olhos pra minha vida,

Anna. E não dá manter nossas idas e vindas com tudo o que tá acontecendo. Eu espero que você consiga abrir os seus olhos também e ter uma vida boa sem tanta confusão.

Natan se afastou da escada, me dando as costas.

— Desculpa ter bagunçado seus últimos meses. Eu prometo que você não vai mais precisar se preocupar com isso. E obrigado por ter sido uma boa amiga — completou, antes de atravessar o portão da minha casa.

Encarei o ponto onde um minuto antes ele estivera, sentindo um vazio enorme se alastrar em mim. Não havia nada em meus pensamentos e era bem provável que meu coração também estivesse mais lento.

Porque ele tinha ido embora. Depois de tudo o que fizéramos para ficarmos juntos. Depois de todas as mágoas que deixamos nas pessoas à nossa volta. Depois de todo o sacrifício, o mundo conspirara contra nós novamente.

Ele se fora. E eu estava mais uma vez sozinha.

CAPÍTULO 32

Alguma vez você já sentiu como se sua vida tivesse parado? Como se todo mundo ao seu redor tivesse uma vida perfeita, menos você? Como se lhe faltasse uma parte e você não soubesse o que fazer para recuperá-la? Era assim que eu me sentia. Mesmo que já tivessem se passado quase cinco meses desde falara com Natan pela última vez.

É claro que nos *víamos*. Afinal, a gente estudava na mesma escola; e eu ainda era amiga do seu irmão. Mas nunca passava de um cruzar de olhares, talvez até um “oi” meio cansado da parte dele. Ele não tinha mais tempo para nada e, quase sempre, estava atolado de livros e cadernos para lá e para cá pela escola. Tudo o que eu sabia sobre seu pai era o que me contava Davi, que uma vez por mês ia com Natan visitá-lo e ajudar o irmão.

Mesmo sem as notas oficiais do vestibular, ele parecia estar indo bem de acordo com os gabaritos publicados. Era isso, pelo menos, que Davi me contava sempre que a data de alguma prova passava e eu corria para perguntá-lo. Informava-me sobre o dia do vestibular de cada faculdade graças a Douglas, que, apesar de não estar tão interessado nos estudos quando Natan, precisava fazê-las.

Quando o fim das aulas chegou, então, com a aprovação direta de todos nós, soube que Natan havia ido para Santos. Para ficar. Não a vida toda, é claro, mas as férias inteiras. Ele ainda tinha que vir para o Rio para as provas restantes, mas na maior parte do tempo era no litoral paulista que se encontrava.

Os primeiros meses tinham sido difíceis. Vê-lo tão perto e ainda me sentir tão incrivelmente distante era doloroso, talvez até cruel. Era como colocar um prato de comida na frente de um morto de fome. *Simplesmente não se faz.*

Aos poucos, porém, eu aceitei.

Não gostava. Não queria. Mas entendia.

Eu entendia que se era complicado para mim, era mil vezes mais complicado para Natan. Porque o pai dele estava doente e se tratando de um tumor descoberto não tão cedo quanto deveria ter sido. Porque, mesmo com isso para se preocupar, ele também precisava dedicar seus tempos aos estudos para realizar seus sonhos. Porque, por mais que nos amássemos, ele tinha que pôr sua própria vida à frente de tudo. E porque, naquele momento, não havia espaço nela para mim.

Eu sabia que não era justo. Não era justo conosco e, principalmente, com ele próprio. Não era justo que tivesse que enfrentar tudo isso sem nem ao menos ter alguém para estar ao seu lado...

Mas ninguém nunca disse que a vida era justa – mesmo que, esperançosamente, eu tivesse achado que ela poderia ser. Que mesmo tendo seus altos e baixos, ela um dia daria um sorriso como se dissesse: obrigada por ser

paciente, aqui está a felicidade pela qual você tanto esperou.

Só que não era.

E confesso que, apesar de tudo, apesar de aceitar, apesar de entender, eu meio que deixara de acreditar que o amor podia um dia dar certo. Afinal, cinco meses deveria ser tempo o suficiente para esquecer alguém, não deveria? Porém, naquele tempo todo eu me pegara pensando nele mais do que o normal. Em nossos momentos juntos, quando ainda éramos amigos, quando não existiam complicações. E, ainda assim, cinco meses se passaram. Cinco meses talvez não infelizes, mas incompletos.

E eu passara a detestar tudo aquilo que o amor me fazia sentir. Passara a detestar aquele sentimento miserável, que me fazia sofrer tanto sem nem um pingo de piedade. Eu percebia cada vez mais que ele era a arma mais poderosa que podia existir no mundo. Enquanto, para algumas pessoas, tinha o poder de curar corações destrocados, para outros, podia destruir tudo o que uma vida inteira demorou a construir.

Então, era oficial: eu odiava o amor. Odiava amar. Odiava aqueles casais estúpidos que eu via a cada esquina, a cada canto, a cada lugar que ia. Aqueles casais se beijando e trocando promessas de amor enquanto eu estava ali, sem a pessoa que eu mais desejava. Pra que acreditar nisso? No final, tudo dava errado de qualquer jeito.

Bem, talvez não para Douglas e Jullie, que continuaram firmes e forte, mesmo brigando o tempo todo. Nem para Davi e Mayara que só faltavam se fundir, tamanho grude. Mas *pra mim*? Não havia esperanças.

Apesar dos pequenos obstáculos iniciais, meu irmão e minha melhor amiga finalmente estabilizaram o relacionamento. Brigavam e muito ainda, porém eram brigas leves e bobas, que jamais chegavam ao término propriamente dito. Estavam juntos havia sete meses — eles costumavam não pensar no tempo que passaram separados, como se nem houvesse existido briga — e parecia que ainda continuariam por muito mais tempo. Isso era fácil de ver nos olhos dos dois.

Já Davi e Mayara eram inseparáveis. Sempre que os via pareciam ainda mais apaixonados. Constantemente, era eu quem falava com os dois quando havia alguma briga, o que só nos uniu ainda mais do que antes. Eu os considerava até demais atualmente.

Havia outra pessoa também, outra de quem me aproximei de modo surpreendente. Por sorte, essa pessoa não namorava e desistira do amor igualmente. E estava ao meu lado mais do que qualquer outro: Gustavo.

Ele desistira de mim, como prometera. Havia me dito também que aquela experiência fora o suficiente: o amor não prestava e estava fora de cogitação se apaixonar novamente. E então fez o que todo garoto idiota faz quando tem uma desilusão amorosa: passou a *iludir* as garotas.

— Para de besteira, Gustavo! Foi só uma decepção. Logo você conhece outra pessoa e vai esquecer — era o que eu falava apesar de não pensar exatamente dessa maneira. Éramos amigos e era isso que os amigos faziam. Além do mais, não podia deixar ele ficar maltratando as garotas só porque teve um coração partido... Por mim.

Já Letícia...

Todos os desentendimentos e brigas relacionadas a Natan tinham enfraquecido nossa amizade. Não era como se tivéssemos parado de nos falar, só não havíamos nos reaproximado tanto quanto eu esperava. Ela e tia Rosa saíram da nossa casa pouco menos de um mês depois do aniversário de Jullie. Tinham conseguido um apartamento em Ipanema, o trabalho de sua mãe ia de vento em popa e ela estava mais do que bem na escola. A gente se falava, no entanto, mais no colégio do que fora dele.

E, por fim, havia meus pais. Com o divórcio em andamento, era como se ambos estivessem tirando um peso das costas. Era desgastante, mas o que queriam — talvez minha mãe mais do que meu pai, mas a decisão fora tomada em conjunto. Além do mais, eles pareciam mais melhores amigos agora do que jamais tinham sido nos últimos cinco anos. Ela, inclusive, o apresentara a Carlos, seu namorado.

No fim das contas, então, eu estava bem. Relativamente bem. Tinha uma família mais unida do que nunca e amigos incrivelmente maravilhosos, que levantavam meu astral sempre que percebiam que eu precisava daquilo. Se eu parasse para pensar, estava quase como era antes do término com Davi.

Quase.

Mas, bem... Quem precisa do amor? Eu estava legal assim e não precisava de mais nada.

Era nisso, pelo menos, que tentava acreditar enquanto conversava com Jullie naquele dia de Natal.

— Queria poder fazer alguma coisa — ela dizia depois de mencionar o fato de que eu nunca mais olhara para outro garoto após o término com Natan, se é que poderia assim chamar.

— A culpa não é sua, Jujuba, nem de ninguém. Não tem nada que vocês pudessem ter feito — falei, dando um abraço carinhoso nela.

Ela estava na minha casa há pouco mais de cinco minutos, apenas. Tínhamos combinado de nos encontrar depois do almoço de Natal para passarmos o restante do dia juntas, como fazíamos desde... Sempre.

— Eu sei, mas é que eu não gosto de te ver assim: tão afastada das pessoas.

Ergui a sobrancelha, estranhando o que dissera.

— E desde quando eu tô afastada das pessoas? Eu tô bem — menti.

Minha amiga, porém, revirou os olhos e largou a bolsa no sofá, finalmente se separando dela.

— Você certamente não tá bem ainda, mas não foi exatamente isso que eu quis dizer. — Ela se levantou para começar a andar de um lado para o outro na minha frente. — Você se afastou dos garotos, entende? Não deixa mais que eles te conheçam. Nem fica só por ficar!

— Eu nunca gostei disso, você sabe — retruquei apesar de saber que ela estava certa.

— Sim, mas você tá pior agora. — Jullie parou, colocando as mãos à cintura e encarando meu rosto erguido para que pudesse vê-la de onde eu estava sentada. — E eu queria que você pelo menos tentasse mudar.

— Eu 'tou tentando.

— Não, não tá — negou, cruzando os braços em seguida. — Olha, o Ano Novo tá chegando, é Natal, você tá a menos de três meses dos seus 16 anos e... Precisa olhar pra frente e esquecer o que aconteceu! Todos nós queremos o Natan de volta, mas nem ao menos sabemos se ele vai voltar. Você sabe que ele andou fazendo vestibular em São Paulo também. Estamos todos torcendo pra que o pai dele melhore e tudo se resolva, mas se precisar ficar por lá por muito mais tempo é até lógico que prefira ir pra alguma universidade paulista, não acha? E você não pode deixar sua vida à mercê da dele, na espera de uma certeza que até agora se mostrou muito pouco inclinada a ser real.

Jullie parou para respirar, me olhando com insegurança. Ela parecia ter precisado de muita coragem para dizer tudo aquilo e agora me encarava com ansiedade, querendo saber o que eu pensaria sobre o que falara.

Devo admitir que, em um primeiro momento, suas verdades me magoaram muito. Só que ela estava certa, admitindo eu ou não. E eu realmente precisava mudar e seguir em frente.

Por fim, eu finalmente concordei.

— Será minha promessa de ano novo, ok?

E, então, tudo começou. Com dez pessoas, duas vans e muita bagunça.

Parecia até chamada de sessão da tarde, mas era apenas a imagem de todos nós no dia seguinte ao Natal. Estávamos acomodados em duas vans, partindo em direção à cidade de Cabo Frio para a casa de praia dos Borges. Denise convidara minha família e a de Jullie para passar o final do ano com ela e Davi, com a desculpa de que a casa era grande demais para os dois sozinhos, já que Natan passaria a virada do ano com o pai, em São Paulo. E nós havíamos nos encarregado de arrastar Gustavo para dentro dessa. Tentei convidar Letícia, é claro, pois apesar do afastamento, eu ainda a considerava muito. Mas como sua mãe não aceitara vir conosco, pois não queria incomodar alguém que ela nem conhecia, era bem óbvio que a filha ficaria junto.

Eu arrumara minha mala ainda no dia anterior junto com Jullie. Armáramos uma tremenda festa, caprichando na bagunça enquanto escolhíamos, para mim,

as melhores roupas para levar. Haveria eventos na praia e baladas para ir e minha melhor amiga queria garantir que eu me divertiria tanto que nem pensaria em Natan. E eu esperava que sim, pois realmente queria cumprir com minha promessa.

Às sete da manhã, já estávamos todos à frente da casa de Davi, colocando as malas nos carros que contratáramos para nos levar. Quando a arrumação chegou ao fim, Jullie e Douglas gritaram que um dos carros devia ser somente para os jovens e nós rimos com a perfeita sincronia em que o fizeram. Os adultos concordaram rapidamente, como se estivessem ansiosos em se livrar de nós e da nossa euforia exagerada.

Rapidamente nos acomodamos no carro e nos preparamos para as horas — e dias — seguintes de muita festa e comemoração. Já na viagem, eu percebia o quanto todos estavam ansiosos e felizes por se desligarem de seus problemas. Principalmente, Davi e eu.

Aproveitamos o percurso para entregarmos os presentes de Natal. Douglas foi o escolhido para iniciar o troca-troca. Ele me entregou o primeiro e, quando o abri, encontrei o livro *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy. Perguntei-me por um instante se fora alguma piadinha sem graça sobre minha situação, já que o livro retrata a história de uma garota sofrida, que passa por várias provações na vida, incluindo ser abandonada pelo cara que ama. E também porque Douglas não entendia nada de literatura. Mas, ainda assim, me permiti acreditar que estava ficando paranoica, até porque não havia *tanta* semelhança assim, e guardei-o bem, sem falar nada. Ele definitivamente seria uma boa leitura.

Para meu irmão, eu comprei um relógio prateado, mas não podia perder a oportunidade: dei-lhe primeiro uma coleira com o nome “Jullie” gravado. Todos morreram de rir e eu comprovei minha teoria de que, mesmo na pior situação, não há como perder o humor. Depois pedi desculpas, ainda sorrindo, e o entreguei o relógio.

Da minha melhor amiga, ganhei um scarpin preto e, em troca, presenteei-a um perfume Calvin Klein. Ganhei também um vestido maravilhoso da Mayara, outro livro — *A Menina Que Roubava Livros* — de Davi e um colar de Gustavo. Agradei a todos com presentes tão bons quanto os deles.

Depois de tanto brincar e perturbar, nos cansamos, é claro. Aproveitei o momento de silêncio para encostar minha testa à janela da van e observar a paisagem do lado de fora que me indicava a chegada na cidade da Região dos Lagos. Abri um pouco o vidro antes disso, para que pudesse sentir o vento forte em meu rosto, jogando meus cabelos para trás, e o cheiro de maresia. Exatamente como amava.

Pensei em tudo o que havia acontecido na minha vida alguns meses antes e, apesar de tudo, me senti sortuda. Eu tinha amigos incríveis e especiais. Como alguém poderia ficar triste tendo isso estampado bem na sua cara todos os dias?

Levou mais de três horas para que todos conseguissem se instalar e se acomodar. Havia, no total, quatro quartos na casa, um para cada membro da família, além do quarto de hóspedes. E eles foram divididos para que todos tivessem um bom espaço. Os pais de Jullie ficariam no quarto de Natan enquanto minha mãe dividiria o de Denise com a dona. Os garotos, no quarto de Davi. E as meninas no quarto de hóspedes.

Seguimos para nossos destinos assim que concordamos com a separação dos quartos e, depois disso, travamos uma perfeita batalha para descobrir quem seria o primeiro a tomar banho. No meu quarto, Jullie foi a vencedora, tendo entrado no banheiro tão rápido que, quando eu consegui achar a toalha dentro da mala, já podia ouvir o barulho da água caindo lá dentro. E, ao sair, quase briguei aos tapas com Mayara para decidir quem seria a próxima. Mas ela venceu.

Naquele dia, nós não saímos. Aproveitamos para descansar e dar um jantar de comemoração ao que esperávamos ser a melhor viagem de Ano Novo.

E realmente estava sendo. Durante toda a semana nós mantivemos uma rotina: ir à praia pela manhã, onde ficávamos até o pôr do sol, e voltar para casa para um banho purificador antes de jantar e cochilar para partir renovados para o começo da noite. Por volta das oito, nós íamos para o Forte, área principal da cidade, para algum barzinho ou ficar nas ruas mesmo, o que por si só já era bem divertido.

E o tempo pareceu correr.

Fiquei feliz por perceber que quase não pensara em Natan naqueles últimos dias. E Jullie fazia de tudo para que eu realmente não o fizesse. Vez ou outra, ela me incentivava a conversar com algum garoto e cheguei a me interessar de verdade por um, apesar de não ter acontecido nada demais. Apenas trocamos telefones.

E num piscar de olhos já era véspera de ano novo.

Tínhamos combinado de chegar à praia cedo para não nos preocupar com trânsito ou qualquer coisa que atrapalhasse nossa noite. Por isso, desde as quatro da tarde já estávamos lá.

Sentamos em rodinha, tomando o cuidado de ficar bem longe do palco de atrações que estava montado há dias. Não queríamos tumulto, apenas a bagunça e alegria que nós mesmos nos proporcionávamos.

— Gente, eu queria propor um brinde — falei, erguendo a taça que de espumante que nossos pais haviam acabado de encher — a vocês. Queria agradecer por tudo, especialmente pela amizade de vocês. Vocês são demais! — declarei antes de partir para um abraço grupal.

Eu não podia deixar de fazer aquilo para as pessoas que mais estiveram comigo quando eu precisava. Ali, naquele momento, eu estava mais feliz do que sequer poderia imaginar desde que Natan fora embora naquela sexta-feira de

agosto.

Eles haviam sido mais do que apoios – foram a base da minha vida naqueles últimos meses.

Cada vez mais ansiosos conforme os minutos passavam, às dez, ainda sentávamos em rodinha, tendo nos dividido, no entanto, entre adultos e os jovens.

Na nossa, apenas Mayara, Davi e eu ainda permanecíamos decentes. Douglas e Jullie se atracavam em seus lugares e Gustavo não aguentara esperar para dar em cima de uma garota próxima a nós.

Às dez para meia-noite, a praia estava lotada e isso era visível mesmo do lugar afastado onde nos encontrávamos. Grupos conversavam, riam, bebiam. Nossos pais e nós esperávamos juntos ansiosamente a explosão de fogos.

— Dez minutos! — alguém gritou ao longe.

Todos urraram de felicidade.

Eu, porém, estarreci naquele momento. Algo ao longe me chamou a atenção, levando embora o sorriso que inundava meu rosto.

— Meu Deus, por que vocês tinham que ficar *tão* longe? Sabem o sacrifício que foi chegar aqui antes da meia-noite? — disse *ele*, tentando parecer emburrado. Seu sorriso, porém, aquele sorriso deslumbrante e odiosamente apaixonante, estava estampado em seu rosto com a felicidade que devia estar sentindo por conseguir chegar a tempo de passar o Ano Novo com os amigos e a família.

Encarei Natan, boquiaberta, enquanto ele se aproximava com o pai.

Eu só havia visto Pedro Coelho em fotos. No entanto, podia dizer o quão visivelmente diferente o pai dos garotos estava. Magro, careca, pálido; ele vinha apoiado no filho, caminhando lentamente. No entanto, mantinha um sorriso em seu próprio rosto também. Um grande e animado sorriso que fazia qualquer um perceber de onde Natan herdara parte da sua beleza.

— Filho! — ouvi sua mãe gritar, correndo até ele e abrindo os braços para um abraço desajeitado, na tentativa de evitar machucar o ex-marido. Ao mesmo tempo, Davi a seguia, sorrindo de orelha a orelha. — O que tá fazendo aqui? Achei que vocês não vinham!

— A gente não vinha! Mas meu pai pirou ontem, disse que queria passar o Ano Novo com vocês! — contou, animado.

— Acho que estar doente acaba fazendo a gente perceber nossas prioridades... — disse o senhor Coelho, dando de ombros. — Foi um sacrifício arranjar as passagens tão em cima da hora, mas digamos que os doentes têm suas vantagens — declarou, como se contasse um segredo.

Assim que terminou de falar, o filho mais novo caminhou até ele para lhe dar um abraço. Pude ver Davi derramar lágrimas *de alegria* enquanto dizia o quanto estava feliz pela decisão do pai.

— Tem mais! Mas a gente deixa pra amanhã — avisou, com uma piscadela.
— Olha! — Ele analisou seu relógio antes de continuar. — Cinco pra meia-noite.
E foi também nesse instante que o olhar de Natan encontrou o meu.

O que eu senti foi inexplicável. Tive que controlar meu coração com urgência para que mantivesse a pulsação normal. Ver Natan parado à minha frente tão *presente*, depois de cinco meses de um afastamento praticamente total, definitivamente fez algo saltar dentro do meu peito tão forte que eu achei que não fosse aguentar.

Ele estava maravilhoso, como sempre. Talvez até mais do que antes — se é que isso era possível. Vestia uma calça jeans clara, uma regata rosa — não pude evitar lembrar que, no ano novo, rosa era usado por quem buscava amor — e estava descalço. Seu tênis estava seguro em sua mão esquerda, pois a outra se apoiava nas costas do pai. Em seu rosto, havia pequenas olheiras abaixo dos olhos e seu cabelo estava jogado de qualquer jeito para todos os lados. Notei também que ele parecia mais magro.

Não houve sorrisos ou conversa, apenas uma troca de olhares. Não era o momento para aquilo. Naquela hora também, todos resolveram seguir até ele para abraçá-lo ou ajudar o senhor Coelho a se aproximar do grupo. Tentaram sentá-lo, mas o homem apenas retrucou dizendo que queria comemorar junto a todos.

Natan não desviou o olhar até que gritassem:

— Um minuto!

Dali em diante foi um pulo para a contagem regressiva.

— Dez...! Nove...! Oito...! Sete...!

Olhei ao redor e sorri. A presença repentina de Natan me deixara nervosa e ansiosa, mas, por pior que tudo pudesse ser, eu não consegui me desligar dos sentimentos que sentia até antes de sua chegada. Pela primeira vez em muito tempo, eu estava feliz sem me preocupar com o que podia acontecer.

— Seis...! Cinco...! Quatro...! Três...! Dois...!

Um.

Os fogos iluminaram o céu, assim como os gritos, abraços e comemorações preencheram a paisagem praiana. Aquela mesma festa de todos os finais de ano...

O céu brilhava com as explosões. Os gritos eram mais altos do que eu jamais ouvira. Os abraços não foram demorados, mas passaram uma sensação gostosa. Antes que eu pudesse me esbarrar com Natan, porém, Jullie me arrastou até a beirada da praia.

— Você ainda tem uma promessa cumprir — alertou, me encarando com um sorriso misterioso.

— Quê? — perguntei, confusa.

— Você prometeu que seguiria com sua vida. — Eu abri a boca para retrucar,

pensando na presença inesperada de Natan e me sentindo acuada com a promessa de repente, mas ela continuou. — Não importa o que pode acontecer: quero que me prometa que vai seguir com sua vida. Quero que me prometa que vai se permitir ser feliz. *Com ou sem Natan.*

Parei, finalmente entendendo o que ela queria.

— Ahh... — fiz. Porque Jullie só queria minha felicidade. E queria que eu promettesse que não me deixaria abalar por qualquer decisão que Natan e eu pudéssemos tomar nesse reencontro. — Mas é claro, *milady*. Seu desejo é uma ordem — brinquei, sorrindo. — Que tal oficializar nossa promessa?

Aponte para o mar e, de mãos dadas, seguimos até a parte da areia onde a água já nos alcançava. Encaramos a faixa preta que era o oceano àquela hora. Fechamos os olhos, inalando o cheiro de maresia e sentindo nos pés descalços a água gélida do anoitecer.

— O que passou, passou. E o que está por vir, eu não posso prever — falei, como se iniciasse um ritual. De certa forma, era. — Esse ano vai ser tudo diferente. Eu prometo pensar mais no presente e deixar as coisas acontecerem no seu momento, sem me descabelar antes do tempo. Eu prometo me permitir ser feliz com o que a vida puder me dar.

Olhei de lado para Jullie, vendo-a sorrir para mim.

— Mais perfeito impossível — opinou antes de darmos sete pulinhos sobre as pequenas ondas que quebravam ao nosso pé enquanto fazíamos nossos desejos em nossa cabeça.

Nos abraçamos fortemente, sorrindo com felicidade. Então, nos viramos.

E demos de cara com Natan.

Seus olhos estavam fixos nos meus e suas mãos, escondidas nos bolsos das calças. Ao perceber a tensão do momento, Jullie saiu de fininho. E, assim que o fez, Natan indicou a cabeça para o lado, como se me pedisse para acompanhá-lo.

Caminhamos lado a lado em silêncio e, depois de nos afastarmos o suficiente do tumulto e do grupo, ele parou, se sentando na areia em seguida. Acompanhei sua ação, respirando fundo para impedir que meu coração acelerasse mais do que o recomendado.

— Então... Como tem passado? — perguntou finalmente e eu fiquei nervosa simplesmente por ouvir sua voz *falando comigo* após tanto tempo. Era a mesma voz de sempre. A voz que ainda parecia o melhor som do mundo para mim.

— Bem... — declarei, sem querer me estender muito sobre a tortura que foi estar sem ele durante aqueles meses. — O quanto a vida permite. E você?

Ele suspirou, sem me olhar. Forcei a mim mesma a encarar o horizonte quase não discernível pela escuridão. Se o observasse demais, podia me esquecer de pensar com clareza.

— Cansado. Esgotado. De tudo um pouco. — Ele soltou uma risada sarcástica.

— Seu pai não tá melhor? — perguntei, mordendo o lábio para me frear de abraçá-lo.

— Ah, sim. Ele tá. Graças a Deus, o tratamento tem dado certo. Acho que tô só acabado depois dessa maratona.

Ficamos em silêncio por vários minutos até que Natan abaixou a cabeça, apoiando-a em seus joelhos dobrados, e decidiu quebrar o tabu sobre o nosso relacionamento.

— Você tá chateada comigo? — perguntou com a voz abafada.

Eu fechei os olhos e respirei fundo. Pensei naqueles cinco meses, em todo o meu sofrimento com seu afastamento, e pela primeira vez me perguntei: eu o culpava por tudo? Eu estava chateada com ele?

Natan entendeu mal meu silêncio e ergueu a cabeça para me olhar.

— Nina?

Com os olhos ainda fechados, eu sorri. Pela primeira vez, o uso daquele apelido não causou um rebuliço no meu coração. Naquele momento, eu me senti em paz e sabia a resposta que deveria dar.

— Seria muito egoísmo da minha parte ficar chateada. Sei o que teve que fazer pelo seu pai, sei do que teve que desistir e sabia das dificuldades que ia precisar passar. E eu o apoiava, mesmo com a consciência de que ia ser muito difícil pra você. Porque eu sabia que você não ficaria em paz consigo mesmo se não fizesse o que fez. Aliás, não seria você se não o fizesse — me corrigi. Natan ainda estava com a cabeça apoiada nos joelhos, mas seu rosto estava virado para mim. — Mesmo que você não soubesse, eu sempre tive do seu lado. E a qualquer sinal de que você tava precisando de mim, eu taria lá pra você. Acho que, no fim das contas, você sabia disso também... O que me entristeceu não foi o que você precisou fazer, nem o quanto isso nos afastou. Foi você ter achado que eu não poderia estar com você naquele momento, mesmo que não ficássemos juntos do jeito que eu queria. Você cortou laços comigo e simplesmente desapareceu. Você não acreditou na nossa amizade — admiti, sem remorsos. Eu realmente não estava mais chateada, mas queria que ele entendesse o que senti nos últimos tempos.

— Você ainda não entendeu, Nina? Eu precisava me afastar *justamente* pela nossa amizade. Quando eu descobri sobre o meu pai, eu passei por uma reviravolta na minha vida. E tive um daqueles momentos em que a gente passa a analisar tudo que fizemos, nossos erros e acertos. Foi aí que eu percebi que andamos tão presos nessa montanha-russa que era o nosso relacionamento, que deixamos de lado coisas importantes, como nossa amizade. — Ele ergueu a cabeça, ajeitando-se de forma a ficar de frente para mim, e segurou minhas mãos. — Nossas vidas não deveriam depender de um relacionamento e estar à mercê disso. Estudo, trabalho, família. Tudo isso importa também.

“Nós somos muito mais do que aquilo que a gente tava se tornando. São

apenas 18, 15 anos de uma vida inteira, com muito mais a acontecer do que apenas essas brigas bobas. Eu precisava estudar muito para começar uma boa faculdade e você tá começando o ensino médio, que é uma época maravilhosa. A gente tem que aproveitar tudo, porque não vamos poder viver nada de novo. Se a gente fizer a besteira de deixar a vida passar sem tirar o máximo dela, já era. Só que a gente *tava* deixando outras coisas tomarem conta da nossa vida, sabe? Nós temos ainda o mundo inteiro para ganhar e a gente tava desperdiçando tempo choramingando pelos cantos por um amor que não tava dando certo. Eu sei que doeu ficar separado. Doe em mim também. E ainda dói muito. Mas a doença do meu pai, minha nota na estadual e, depois, esse semestre afastado me fizeram crescer. Serviu pra abrir meus olhos pra realidade: que a gente tava deixando de lado tudo o que é mais importante por algo que o universo inteiro tava dizendo que não era pra ser, pelo menos não naquela hora. Sabe por quê? Porque a gente ainda era muito imaturo praquilo. Não estávamos prontos pra lidar com as consequências. Sem tá preparado, uma hora a gente ia cansar, ia ficar se perguntando se fez a coisa certa ou enfim ia perceber que podíamos ter tudo aquilo que tínhamos deixado de lado. A gente não ia conseguir se contentar com pouco e não era o que eu iria querer pra minha vida, nem pra sua. Eu te conheço e você me conhece. A gente quer mais do mundo, quer viajar, ser grande. E como buscaríamos isso se teríamos deixado de lado todo o restante pra ficar junto? Deixamos de lado até o amor próprio, Nina! — Ele fez uma pausa, respirando fundo. — Eu ainda amo você. Mas eu quero o pacote todo. Não quero ficar que nem a Jullie tava no começo do namoro com seu irmão. Deixando tudo de lado por uma imaturidade. Não quero me perder, deixar ciúmes nos separar, do amor acabar porque nos cansamos. Será que você ainda não percebeu que amizades verdadeiras são pra sempre? Mas a gente tava destruindo a nossa e muitas outras com atitudes idiotas. E tudo isso porque não conseguíamos encarar as coisas com maturidade.”

Eu suspirei, abaixando o olhar, que tinha se mantido preso ao seu. Sabia que ele estava certo. E como sabia! Mas isso não fazia da verdade menos decepcionante. Eu o queria como nunca quisera alguém antes e perceber que ele também tinha a noção de que o universo conspirava contra nós, que não era nosso momento, era muito doloroso.

— Nina, olha pra mim. — A mão de Natan pousou em meu queixo e eu percebi que ele tremia um pouco com aquele toque. Em seguida, ergueu meu rosto, para que o encarasse novamente. — Eu não posso ir sem saber que você entende meus motivos e compreende o que eu tô dizendo.

— Ir...? Embora? — perguntei, lívida.

Se ele queria ir embora, de que importava qualquer coisa?

— Claro. — Ele deu um sorriso de lado que eu não entendi até que continuasse sua frase. — Eu preciso buscar minhas coisas em Santos, né? Meu

pai decidiu finalmente se mudar pro Rio.

Abri um sorriso verdadeiro no mesmo instante e aquilo me bastou para entender tudo. Entender o quanto eu sentira falta de Nael, meu melhor amigo. Das brincadeiras, dos momentos juntos.

De repente, tudo o que ele falara antes fez ainda mais sentido. De que serviria minha vida se eu não tivesse a amizade dele para me apoiar? Eu queria crescer, viajar, conhecer o mundo, como ele dissera. E como conseguiria tudo aquilo se continuava a deixar os sentimentos ruins atrapalharem? Parando para pensar, meu ano realmente havia sido focado naquilo. Eu não fizera nada útil da minha vida. Sofrera, choramingara. Mas, além disso, que mais tinha sido feito dos meus últimos meses? E eu sabia que Natan sentia o mesmo. Ele não se contentava com pouco; queria se superar a todo o momento, passar para uma boa faculdade e ser alguém na vida. Mas para seguir nossos sonhos, não dava pra deixar nada atrapalhar.

— Eu acho que não posso prometer que nossa amizade vai ser a mesma — comecei, fazendo o sorriso que brotara no rosto de Natan sumir. — Depois de tudo o que passamos, não tem como ela continuar igual. Mas...

Parei, porém, quando ele revirou os olhos e inclinou o corpo sobre o meu. Senti meu coração acelerar por um momento, mas ele apenas bateu com o punho na minha cabeça de leve.

— O que andaram colocando nessa sua cabecinha esses meses? — questionou, debochado. — Eu não quero ser só seu amigo. Acha que, depois desses anos todos, eu conseguiria?

Franzi o cenho, não entendendo, então, aonde ele queria chegar com todo o discurso anterior.

— Ué, do que...?

— Eu amadureci, Nina. Eu não sou mais o mesmo de seis meses atrás. E agora eu entendo as burradas que tava fazendo na minha vida. Não vou deixar mais nada atrapalhar meus sonhos e meus planos para o futuro. Mas você também tá incluída nisso. Eu só queria que você entendesse o porquê de eu ter ido embora. Não foi por eu não te amar. Foi por eu te amar demais que eu percebi que tava faltando um pouco de amor próprio — Ele sorriu, meio envergonhado. — Mas agora eu tô trabalhando nisso. E não tem nada mais pra atrapalhar a gente. Eu quero você. Só peço que comecemos devagar. A gente precisa parar de ser tão afobado, de achar que nosso mundo gira em torno disso. — Ele balançou o dedo, apontando-o primeiro para mim, depois para ele próprio. — Um passo de cada vez. Vamos deixar as coisas acontecerem do jeito que o universo quiser. E se tiver que dar certo, *vai dar*.

Pude ver o brilho no olhar de meu melhor amigo antes de começar a sorrir como uma boba.

Então, ele queria ficar comigo?

Natan se ergueu do chão, me puxando em seguida pela cintura e me abraçando tão forte que quase me sufocou. Eu soltei uma gargalhada e o ouvi suspirar em meu ouvido. Ele distribuiu beijos pela minha bochecha e, para minha surpresa, encontrou minha boca. Sem pensar, acabei retribuindo, abrindo passagem para que a língua dele encontrasse a minha.

Era como se fosse a primeira vez novamente. Havia, porém, uma mistura de urgência e saudade ali que eu não consegui evitar. Queria que ele entendesse o quanto sentira sua falta – do toque dele, do carinho, da voz, *da presença dele na minha vida*.

A mão direita de Natan encontrou minha nunca enquanto a esquerda me puxava para mais perto, apertando minha cintura como se dependesse daquilo. As minhas seguravam seu cabelo, impedindo-o de parar.

Nós nos afastamos, muitos minutos depois, tontos e ofegantes. Precisei de um tempo para me recuperar e reencontrar minha voz.

— Eu pensei que quisesse ir devagar.

— Eu quero — confirmou, meio dividido. — Mas acho que podemos começar amanhã. Não posso fazer nada se você me deixou viciado. — Ele rolou os olhos como se aquilo fosse óbvio. — E ainda fico seis meses sem isso! Quase morri! — dramatizou.

Encarei-o dividida entre boquiaberta e divertida, mas me soltei dos seus braços e ajeitei minha roupa, me recompondo.

— Nah, nah, não. Eu não posso fazer nada se você foi embora. — Balancei o dedo de um lado para o outro enquanto me afastava lentamente para trás. — Você tá certo, a gente tem que ir devagar. Vai ter que esperar o quinto encontro agora.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Quinto?!?!

Uma expressão desesperada se formou em seu rosto.

Confirmei com a cabeça com uma expressão de pena.

— Que quinto o quê! Vai ser no segundo e olhe lá!

— Que safado! Faz aquele discurso todo de ir devagar e agora quer se aproveitar da minha inocência! — brinquei, indo até ele para estapeá-lo, como sempre fazia quando Natan falava alguma besteira.

Percebendo o que eu faria, ele correu.

— Vou é te dar um fora no segundo encontro, ouviu?! — gritei enquanto o perseguia.

Corri mais alguns segundos até cansar e Natan se aproximou, rindo, antes de me agarrar e me derrubar na areia. Aproveitei a proximidade para dar umas tapas em seu braço.

— Ai! — Natan se massageou, rindo ao mesmo tempo em que fazia uma careta de dor. — Você tá mais forte ou é impressão minha?

— Claro. Entrei pra aula de boxe. Tinha que saber como lidar com você quando te encontrasse de novo, né?

Nós sorrimos juntos até o clima de brincadeiras passar e um silêncio nada incômodo se instalar entre nós. Eu sabia que ele estava apreciando nosso reencontro tanto quanto eu.

— Eu senti muito sua falta, sabia? — admiti, feliz por ter meu melhor amigo (e agora, futuro pretendente) de volta.

— Eu também... Você não tem ideia do quanto.

Olhei para ele, que deitara ao meu lado na areia, e me virei para abraçá-lo. Sem beijos e brincadeiras dessa vez. Eu só queria matar a saudade do meu amigo.

— Não faz mais isso comigo, tá? — pedi, sabendo que não aguentaria outra ida.

— Pode deixar. Eu prometo.

Quando nos separamos, meu coração acelerou de uma maneira diferente. As famosas borboletas se agitaram no meu estômago. Eu sabia que esses sinais queriam me dizer alguma coisa. Não era sobre meu amor por Natan, como sempre. Era algo diferente, que, até aquele momento, eu julgara conhecer.

Todo o meu ser me mostrava que eu finalmente estava conhecendo a verdadeira felicidade. Felicidade trazida pela coisa mais bonita que uma pessoa podia ter: a amizade incondicional.

Eu não sabia como seriam as coisas dali pra frente. Minha amizade com Natan realmente se perpetuaria? Conseguiríamos ficar juntos? A gente não ia deixar o amor destruir as outras coisas importantes da nossa vida? Todas as respostas ainda eram incógnitas para mim, mas eu sabia de uma coisa: eu o tinha naquele momento e isso já era suficiente. O restante só dependia de nós. Estava na hora de parar de pensar e simplesmente deixar o destino traçar meu caminho do jeito que quisesse. Tendo meu melhor amigo ao meu lado, eu estava disposta a enfrentar tudo o que a vida me trouxesse. Porque, apesar dos altos e baixos do amor, quando você o sente, tudo parece valer a pena. Eu precisei sofrer muito para ser recompensada, mas não importava. A vida estava sorrindo para mim. E eu definitivamente estava sorrindo de volta.

AGRADECIMENTOS

Todos os dias, nós travamos batalhas em nossas vidas. A essência de cada ser humano é resultado direto não apenas das derrotas e vitórias dessas lutas, como também daquilo que precisamos fazer para chegar até esse fim. E foi por causa de uma dessas guerras que eclodem em nosso mundo sem esperarmos que comecei a escrever *Além da Amizade*.

Sempre gostei muito de ler e escrever, e fui estimulada desde criança pela minha mãe a continuar nesse caminho. Com 8 anos, escrevi meu primeiro livro e, desde então, me arrisquei a redigir músicas, criar contos e inventar histórias. Mas foi só com 15 anos que entrei de cabeça nessa ideia, quando descobri o submundo da escrita na internet.

Eu queria esquecer alguns problemas pessoais por algum tempo. Por isso, escrevi. Mergulhei nas tramas de uma carioca de 15 anos, como eu, que tinha a vida que eu gostaria de ter. E adicionei à mistura todo o amor, esperança, garra e força que eu desejava não apenas para a minha vida, mas para a de todas as garotas e garotos da minha idade que procuravam livros como refúgio.

Minha recompensa veio em forma de leitores e comentários de incentivo que eu jamais esperaria um dia. No final, a comunidade no Orkut de *Além da Amizade* juntou cerca de seis mil membros, a história conquistou trinta mil comentários em seu tópico numa comunidade que reunia vários escritores e suas criações e levou muita felicidade a uma pequena tijucana solitária que nutria o sonho de ser reconhecida.

Mesmo tanto tempo depois desse início, com mudanças *on-lines* rápidas demais para eu acompanhar, alguns dos meus pequenos sonhadores ainda ficaram por perto para me lembrar que a história de Anna Schwartz, Natan Borges e seus outros companheiros não poderia ficar esquecida numa rede social já falecida. A vocês, o meu mais sincero agradecimento. É por vocês e pela expectativa de poder ajudar tantos outros como eu mesma já fui ajudada, que hoje publico *Além da Amizade*.

Mas o maior “obrigado” vai para a mulher que me deu a vida. Você sempre acreditou que eu podia mais; me deu amor, livros e esperança. Graças ao seu esforço, sua dedicação e determinação sou o que sou hoje, e é por você que acredito que meus sonhos podem se tornar realidade. Obrigada, mãe!

Desejo que cada palavra desse livro fortaleça a vida de todos que o leem, e ajude a passar pelas dificuldades da vida com sabedoria, reflexão e felicidade.

Com amor,
Clara Alves